FÁBIO HENCKEL

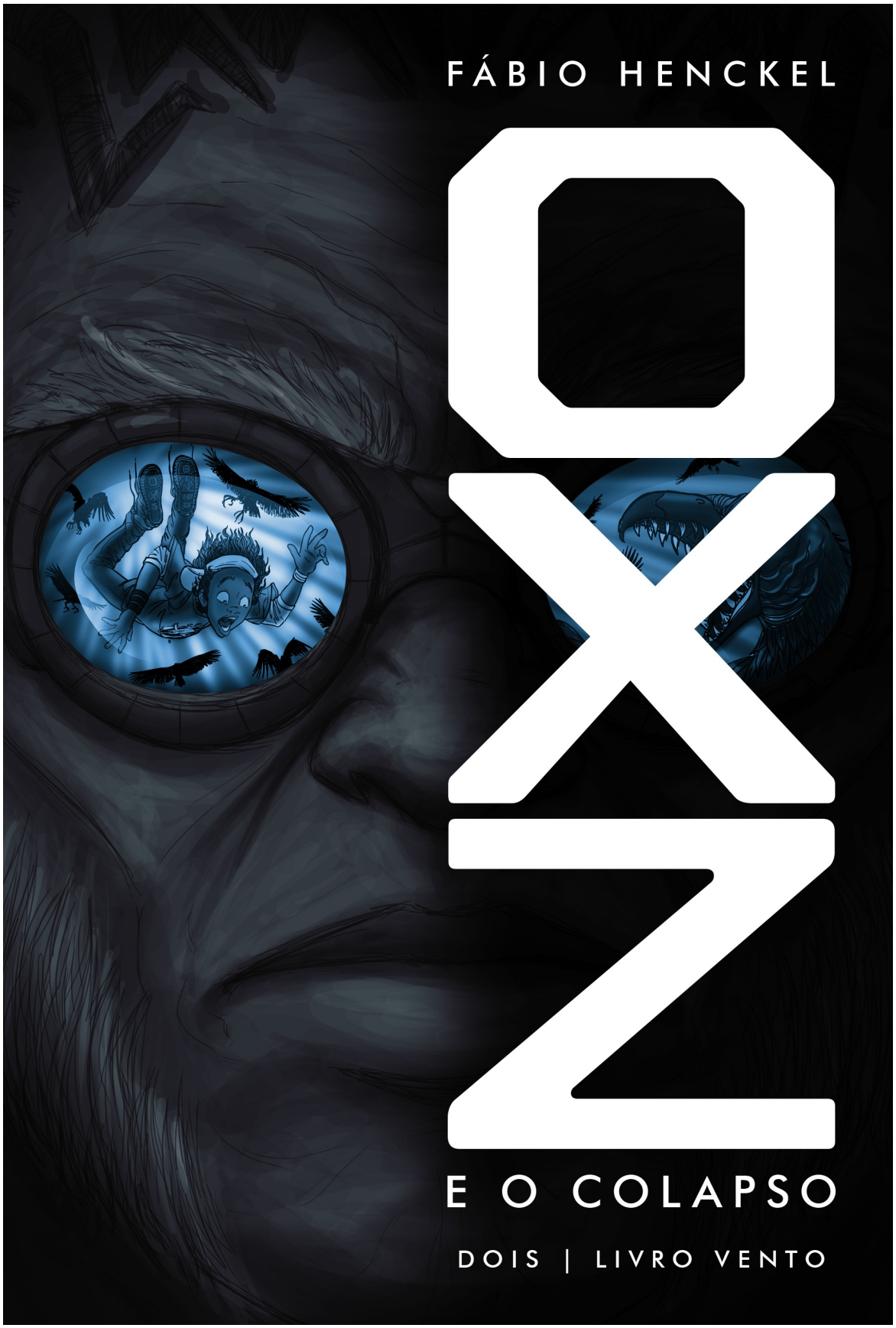


# OXIGÊNIO

## E O COLAPSO

DOIS | LIVRO VENTO

FÁBIO HENCKEL



# 0 X 2

## E O COLAPSO

DOIS | LIVRO VENTO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

# O.X.Z
# e o Colapso

2 | Livro Vento

Versão E-book

Outubro, 2015

Contatos:

Fábio Henckel

fabiohenckel@gmail.com



English Title: OXZ and the Colapse

Copyright 2012 Original by Fábio Henrique Henckel Lourenço

Translation Copyright 2012 by Fábio Henrique Henckel Lourenço

Copyright Publication E-pub 2015 by Fábio Henrique Henckel Lourenço

Written by ‘Fábio Henckel’

Cover design: Jonas Correa Blauth

Cover Ilustrations: Joel Nunes

Illustrations: Augusto Lima and Joel Nunes

Review: Fábio Henrique Henckel Lourenço

Contact: fabiohenckel@gmail.com


Network
68.3 kb/s
1.4 kb/s
CPU
28
0.00
21 August - Saturday
1213 47
11:21
RAM

# RESPIRE FUNDO. E PREPARE-SE PARA INICIAR

# A SEGUNDA HISTÓRIA DE OXZ

**3**

**2**

**1**

0.1

(visão)

Eu vi um gigante caído.

Vi um clone ser a última esperança.

Vi a sorte nas mãos do inimigo.

E a morte em uma canção de criança.

Vi o adeus de um mito.

E o choro do pai arrependido.

E não vi mais luz alguma, havia sangue em meus olhos.

0.2

(o hino de Falahcia)

Ciganos-fantasmas

Enganos fantásticos

Fazemos a festa

É o que nos resta

Imundos rebeldes

Sem rumo

Sem rastro

Somos de fato

Feito a fumaça

Corram com pressa

Façam suas preces

Jamais pegarão

O povo de Falahcia

Que ergue sua taça e canta a canção Lá, lá, lá

Lá, lá, lá

Falahciahhhhhhh

# CAPÍTULOS

1 – A menina com olhos d’água

2 – A visão das nýsticas

3 – Medo de fantasmas

4 – Cascudóptero

5 – O ataque do Polvotrom

6 – Fabulosa Falahcia

7 –O castelo dos Reis Mortos

8 – O outro gênio

9 – O aprendiz de bardo

10 – A garota prometida

11 – Os adoráveis cocatrixes

12 – O código perdido

13 – Abutres mordedores

14 – O anel de fogo

15 – O golpe do jardineiro

16 – Adeus Doutor Branco

17 – Elixir do esclarecimento

18 – A rave cigana

19 – Sob olhos de gato

20 – O Ladrão Delicado

21 – O Duelo dos Doutores

22 – Dois frascos para morte

23 – O barqueiro cego

24 – Plano de fuga

25 – O androide de duas cabeças

26 – Segredo felino

27 – A família do pirata

28 – O cavaleiro sem corpo

29 – O fim do mito

30 – Os jogos de Aleph

31 – O labirinto do rei criativo

32 – A morte do herói

33 – O rosto no espelho

34 – O outro clone

35 – O que sobrou é céu

36 – Dias de resistência

# CAPÍTULO UM
# A menina com olhos d’água.

Nuvens negras e trovões rabugentos anunciavam a tempestade. O vento quente sacudia os arbustos da beira da estrada. Outro temporal começava em Utoppy.

A estrada estava completamente deserta.

E o ônibus acelerava sobre o asfalto quente.

O motorista Gil tentou inclinar o corpo para olhar as nuvens. Mas sua barriga avantajada trancou na grande direção e ele não pôde dar uma olhadela para o céu. Talvez precisasse parar antes que a chuva caísse pra valer.

O homem lembrou das três torradas de ovo, o sanduíche de presunto, o bolo de leite condensado e o refrigerante light que esperavam na chegada do presídio. Ponderou sobre estas coisas importantes e sobre como o queijo da torrada iria perder a elasticidade se esfriasse. Por isso, decidiu que chuva nenhuma ia atrasar aquela viagem.

O regulamento pede que o motorista encoste o ônibus em caso de tempestade. Mas, o esfomeado motorista concluiu que seu estômago não aguentaria. Já fazia uma hora desde o café da manhã. Precisava de um lanche. Precisava chegar em Alcatrix. Precisava descarregar os prisioneiros. Pre-ci-sa-va comer.

- Ploft – A primeira gota de chuva caiu no para brisas. Gil não teve medo. Pensou nas torradas e acelerou.

- Ploft – Outra gota caiu. Mais pesada, mais perigosa. Gil afundou o pé. O ônibus quase voava sobre a longa linha de asfalto.

- Plaf – A terceira gota foi menor. E mais perigosa.

Como uma agulha, a terceira gota perfurou o para-brisas.

Era preciso ser uma gota realmente incomum para perfurar o vidro de um

ônibus.

Aquela gota sabia ser perigosa.

O esfomeado motorista não viu o furo. A gota já estava no interior do ônibus, escondida em algum lugar próximo aos pés do motorista.

- Plaf. - Outra gota atravessou o vidro.

A nova gota foi direto para o velocímetro que já registrava mais de cem quilômetros por hora.

Desta vez, foi impossível o motorista não ver. - Pela Origem, que chuva é essa?!!? – Gil ergueu uma sobrancelha.

Outra vez, o motorista espremeu a barriga contra o volante. Precisava dar uma olhada naquela tempestade. Com muito esforço, comprimiu o volume de sua simpática pança e conseguiu enxergar as nuvens. Não viu gotas. Nem mesmo viu água. O que descia pelo céu eram milhares de pequenas lombrigas de ferro, foi nisso que o apavorado Gil pensou quando viu aquelas criaturinhas caindo.

- *Uma tempestade de lombrigas de ferro!*

Uma nova lombriga furou o vidro do ônibus, furando também a perna direita do motorista.

Em pânico, Gil gritou. Como um tiro, outra lombriga de ferro perfurou a coxa esquerda do pobre homem. A 120 km/h e embaixo daquela tempestade mortal, Gil era puro desespero.

O homem se abaixou, tentando esconder o rosto. Mas não adiantou. Sobre seu pé esquerdo, rastejava outra lombriga assassina. A lombriga olhava para Gil com todo ódio que pode ter uma lombriga. Ela pulou direto no olho do motorista. Gil quis gritar. Mas assim que abriu a boca, outra lombriga vinda dos céus invadiu sua garganta, descendo esôfago abaixo.

Não havia mais chances.

As lombrigas de ferro agora viajavam dentro do corpo do pobre. Todas queriam chegar ao mesmo local. Todas queriam um espaço privilegiado naquela aconchegante, espaçosa e confortável barriga.

Em seu último pensamento, Gil lembrou mais uma vez do lanche que jamais comeria. Ele jamais saberia o gosto das as três torradas de ovo, o

sanduíche de presunto, o bolo de leite condensado e o refrigerante light.

Morreu com fome.

Uma lástima.

A tempestade acabou. Mas o barulho dos trovões avisava: as coisas estavam longe de se acalmar.

Sem motorista, o ônibus desgovernado errou a estrada.

O destino inicial era Alcatrix, a penitenciária de segurança máxima de Utoppy.

Mas agora, o caminho tinha mudado. Qualquer destino era melhor que Alcatrix. E os prisioneiros agradeciam a sorte de estar dentro de um ônibus que capotava barranco abaixo.

Cambalhotas e cambalhotas depois, o ônibus descansou.

De ponta-cabeça. O veículo de transporte de condenados dormia sobre o banhado dos cactos, ao pé do desfiladeiro.

O primeiro prisioneiro abriu os olhos. Olhos azuis com sobrancelhas perfeitamente delineadas. Ele encarou as algemas que prendiam seus pulsos no banco dos passageiros. E surgiu seu primeiro pensamento. - Argh. Que pulseiras horríveis. - O corpo inteiro estava pendurado. Com o ônibus virado, o corpo balançava como um pêndulo preso aos bancos. O homem olhou para sua gravata lilás que continuava corretamente em harmonia com o cinto e os sapatos.

Ao seu lado estava outro prisioneiro. Era um homem mais jovem, também muito bem penteado, usando um terno alinhado e cílios tão longos que era difícil acreditar que fossem verdadeiros. O homem acordado chutou o outro mais jovem.

- Eliah, acorda. - Disse num misto de cochicho com grito. – Você é meu assistente. Não admito que fique dormindo enquanto EU estou acordado.

Desobediente, o assistente continuou desmaiado.

O chefe se sacudiu, furioso. - Eliah Well, acorde agora. Eu sou o governador.

- Ex-governador. - Uma voz fina e arranhada, que lembrava o som de um velho caixa automático, interrompeu o chilique do homem. – Meu caro Patrick Shwartz, você agora é um prisioneiro da Aliança. Nem você, nem seu pupilo são homens de poder. Vocês dois são iguais a mim. São prisioneiros.

Shwartz olhou para o fundo do ônibus. Lá, o dono da voz mecânica se debatia, tentando livrar as mãos de um par de algemas. Era um homem muito magro. Tão magro quanto é possível ser. Aliás, mais magro que isso.

- Eu igual a você? – O ex-governador forçou uma risada irônica. – Você é falsário inútil que já não serve para nada. Eles deviam desligar você.

- Logo vou me livrar destas algemas. Aí a-a-a-ca-cabo com a su-sua car-car- ca-caça. - O homem magro estava cheio de raiva.

Mesmo dependurado pelas mãos, Shwartz ainda era arrogante.

– Você não é mais o mesmo Mitus Fake. Logo você, que foi o maior dos mentirosos, agora gagueja sempre que mente. Um falsário que gagueja. É ridículo.

- Tudo bem, eu menti quando disse que ia matar você. Mas disse a verdade quanto a me livrar das algemas. Você não sabe do que eu sou capaz.

- Sei tudo sobre você, Mitus Fake. Conheço até seus criadores. Você foi programado para ser o maior falsário do Grande Oceano. A você foram confiados segredos indizíveis. E, fiel à Aliança, agia como infiltrado no exército rebelado. Mas, por algum motivo triste, perdeu a capacidade de mentir. – Shwartz soprou a própria franja, tentando tirar alguns cabelos que escondiam seus olhos. Quando o penteado estava corrigido, voltou a falar. – Você foi treinado para mentir. Mas, perdeu essa capacidade. E, por ser um covarde, passou a contar a verdade a Xenon. Que coisa triste. Agora foi capturado e será condenado por traição à Aliança. Não é uma história ridícula?

- Eu con-con-consigo me-men-mentir... – Mitus tentou falar, mas foi interrompido por uma risada enorme de Shwartz.

- Você realmente é hilário. Um espião que não consegue mentir. Os Doutores fizeram bem em prender você.

- Não sou o único preso por traição. Não é? – Disse o dono da voz metálica.

- É verdade. Mas quem prendeu você? Justamente aqueles que você considera aliados. - O ex-governador tentou cuspir em Mitus, mas tudo o que conseguiu foi melecar a própria gravata. Esperneou. - Imbecil. Vou desmontar

você.

Os gritos de Shwartz incomodaram seu assistente Eliah Well, que balbuciou alguma coisa, enquanto continuava desacordado.

Shwartz chutou os pés do rapaz outra vez, tentando despertar o coitado. Não adiantou, o elegante assistente continuava inconsciente.

Irritado, o ex-governador olhou outra vez para o fundo do ônibus, tentando ver Mitus. Não viu. Só enxergou algemas penduradas e nenhum homem preso a elas.

Mitus havia escapado.

- *Para onde ele foi?*

Os olhos azuis do ex-governador percorreram todos os cantos do ônibus capotado. Onde Mitus tinha ido parar? A respiração de Shwartz se alterou.

De repente, Mitus surgiu, como se estivesse na frente do ex-governador o tempo inteiro. O homem estranhíssimo encarou Shwartz. Agora, tão próximo, era possível observar suas feições em detalhes.

Mitus Fake era tão magro quanto é possível imaginar. E não importa quantas vezes Shwartz já tinha visto Mitus, ele sempre pensava: - Nossa, como ele é magro! – Parecia um mosquito humano. Usando uma camiseta de longas listas pretas, tinha um braço que devia ter a espessura de uma caneta. As mãos tinham longuíssimos dedos finos e sua cabeça parecia uma bola de futebol americano, principalmente por conta do queixo comprido e fino. Na ponta deste queixo, um estranho cavanhaque duplo. Dividido em dois grupos de compridos fios azuis, o cavanhaque do homem não parecia nem um pouco natural. Na verdade, parecia ter sido colado ali de modo grosseiro. Sua pele era tão branca que não parecia pele. Enfim, considerando todo o aspecto estranho daquele homem, nada podia ser considerado humano.

O homem palito, Mitus Fake, desferiu um potente soco na barriga de Shwartz

- Isto foi uma cortesia deste aliado da Aliança, querido ex-governador.

Tossindo muito, até de modo exagerado, o governador falou cheio de arrogância.

- Então você continua fiel àqueles que te condenaram? Não entende que a Aliança está condenada?

- Do que você está falando? – Mitus estava confuso. - Hefesto Xenon perdeu a guerra. Ele está sozinho. Acabou.

O ex-governador soprou a franja e falou.

- Se a guerra realmente tivesse acabado eu estaria em Alcatrix, pagando por minha traição. Não é mesmo? Oh! Que coisa estranha, eu não estou lá. O ônibus foi interceptado. Ora, ora. Parece que as coisas não são tão simples.

Mitus baixou a cabeça. Shwartz achou que o homem magro fez este movimento por submissão, ou algo assim. Mas Mitus estava analisando o chão, algo rastejava por ali, algo pequeno, algo nervoso, algo que lembrava minhocas mecânicas.

Shwartz abriu um imenso sorriso branco.

- Ora, ora. Parece que meu grande Imperador ainda tem suas armas, não é?

O céu voltou a tremer.

Um forte trovão assustou os dois prisioneiros. A tempestade começou outra vez.

Salpicando o fundo do ônibus capotado, a chuva trazia mais do que água. Era como se toda gota fosse uma mortal partícula de aço. O ônibus não aguentaria muito tempo. Ninguém ia sobreviver àquela chuva.

Foi a vez de Mitus sorrir. – Você tem razão, Xenon ainda tem suas armas. Mas não parece que ele está muito preocupado com a sua segurança.

O ex-governador começou a se sacudir como nunca. Precisava arrancar as mãos daquelas algemas. Mas só ia conseguir isso se tivesse mãos finas como as de Mitus.

- Conhece a expressão queima-de-arquivo, Shwartz? Talvez esta tempestade tenha sido enviada para evitar que você chegue a Alcatrix e conte o que sabe para a Aliança.

- Não, meu Imperador jamais faria isso comigo. Ele confia em mim.

- Então você realmente conhece um segredo de Hefesto Xenon? – Mitus mexia em seu cavanhaque azul. – É claro que ele não confia em você. Quem confiaria? Conte logo, o que Xenon está planejando?

Shwartz ignorava as perguntas. Com força, tentava arrancar as mãos das algemas enquanto a tempestade metálica quase furava o fundo do ônibus capotado.

- Não seja cego. Nem este seu assistente idiota confia em você, Shwartz. Seu Imperador quer acabar com a sua vida. Conte agora o que sabe. - Os olhos de Mitus percorreram o fundo do ônibus. Logo aquele veículo se tornaria uma peneira cheia daquelas criaturinhas terríveis. Não havia mais tempo para interrogatórios. Precisava sair dali. E tinha que ser rápido.

Mas como fugir? Lá fora, a tempestade era terrível. Intensa, cromada e mortal.

- Pela Origem... – Mitus disse para si mesmo. - Que tempestade é essa?

- São mecanossugas. Pequenos robozinhos que atacam quem não consegue ficar com a boca fechada. Geralmente usadas para eliminar cidadezinhas irritantes onde as pessoas comem demais. Dependurado, o ex-governador olhava assustado para o assoalho, onde uma mecanossuga rastejava na sua direção.

O falsário ainda alisava seu cavanhaque azul.

- Já que você ia abrir a boca para contar os segredo de Hefesto Xenon... acho que hoje elas vieram especialmente para você, não foi?

Uma pequena mecanossuga saltava o mais alto que podia, mas não alcançava os pés do ex-governador.

- Anda logo, me tira daqui. Meu assistente inútil não vai acordar. – Schwartz chutou outra vez Eliah, o prisioneiro desacordado.

- Por que Hefesto Xenon quer matar você? O que você sabe? – Mitus observava a mecanossuga tentando alcançar os pés do ex-governador.

- Me tira daqui. Eu te conto.

- Primeiro você conta. Não confia em mim?

- É claro que não.

Outra mecanossuga já estava embaixo do ex-governador. Agora eram duas tentando saltar.

- Acho que você não tem opção. – Mitus alisava seu cavanhaque azul.

- Tudo bem. – A voz do ex-governador já tinha tom de choro. - Existe um cara. Alguém. Um autor. É isso. Um autor de músicas.

Uma das mecanossugas finalmente alcançou um dos sapatos do burocrata. Mitus deu um peteleco no bichinho.

- É melhor falar a verdade Shwartz. Nem sempre sou bonzinho.

- É verdade. É algo muito sofisticado. Ele compõe músicas. Mas uma destas músicas é na verdade um software com inteligência artificial, um IA. Se esse IA chegar até a Internet da Aliança, toda a defesa dos Doutores será desabilitada...

- Um IA rebelde nunca vai entrar no computador da Aliança. Porque Hefesto ia perder tempo com isso?

- Preste atenção, seu inútil. – Shwartz continuava olhando para o chão. Agora, meia-dúzia de mecanossugas tentava alcançar seus sapatos. – É um arquivo de música. Parece ser apenas música. Este arquivo já está na internet. Está espalhado por todo lugar. Esse autor faz muito sucesso. E ninguém desconfia que esta música possui inteligência artificial. Eu não entendo direito esse troço. Mas, todo mundo acha que é uma música comum. Mas não é. É algo que está dentro da composição. Cada som é um código, sei lá.

- En-en-ente-tendo.

- Você não entende nada. Não minta. Você não se importa. Quer ter as informações para sobreviver. Quer negociar com a Aliança.

- Esse era o seu plano Shwartz?

O ex-governador ficou quieto. Balançou o corpo com fúria outra vez, tentando arrancar as mãos das algemas.

Mitus se abaixou e pegou uma das mecanossugas nas mãos. – É interessante como funcionam esses bichinhos. Seguem ordens, direitinho, não é? Eles simplesmente não se importam comigo. Querem apenas pegar você. – Com um estalar de dedos, o homem magro quebrou a mecanossuga que se debatia entre seus dedos finos.

Um barulho seco sobressaiu-se ao pipocar de mecanossugas que continuava tentando invadir o fundo do ônibus. Foi um tiro.

- Bum!

Shwartz e Mitus se surpreenderam. Um homem com uma escopeta acabava de entrar no ônibus.

Em silêncio, o homem deu alguns passos. A luz revelou seu rosto. Era Yvan, o fiel motorista do ex-governador Shwartz.

- Ahá!!! – Shwartz aproveitou a distração de Mitus e chutou seu rosto magro. – Agora eu quero ver quem vai torturar quem.

Yvan se aproximou de ambos.

O motorista cutucou Eliah Well, o assistente desmaiado.

Para surpresa de todos, finalmente o assistente abriu os olhos e gritou com Yvan. - Anda logo idiota, me tira daqui.

Mitus e Shwartz se surpreenderam com o despertar repentino do assistente.

- Você estava fingindo? – Shwartz trocava chutes com seu assistente, enquanto gritava, com a voz ainda mais fina. - Traidor, traidor, traidor.

Eliah revidava os chutes, ressentido.

- Você é egoísta, egoísta, egoísta...

Mitus aproveitou a distração para tentar sair do ônibus, mas um tiro no chão fez o farsante gago parar.

Shwartz e Eliah se recompuseram.

O ex-governador soltou um grito agudo. – Yvan, atire logo na cabeça dele.

O motorista de limusine se aproximou de Shwartz. O funcionário tinha um estranho sorriso no rosto. Surpreendentemente, desprendeu um golpe no queixo de seu chefe, usando o cabo da escopeta.

Eliah arregalou os olhos, cheio de pânico.

Ainda sem dizer uma única palavra, o motorista Yvan atirou para cima.

O buraco causado pelo tiro da escopeta era tudo que as mecanossugas precisavam para invadir o ônibus.

Algumas das mecanossugas caíram diretamente sobre Eliah. O assistente entrou em colapso, gritava e sacudia o corpo como louco. As criaturinhas entraram pela boca e ouvidos do pobre rapaz.

Frio, o motorista apontou outra vez a escopeta para cima. – Bum.

Outro buraco.

Outra leva de mecanossugas caiu sobre o assistente.

Eliah nem foi capaz de reagir. Era seu fim. Toda sua pele se transformou numa espécie de chuveiro de sangue .

Com as mãos na cabeça, Mitus perguntou confuso.

- Afinal, de que lado você está?

O motorista Yvan não respondeu, apenas exibiu um leve sorriso maldoso.

Em seguida, mirou pela terceira vez na parte alta do ônibus.

Foi a vez de Shwartz entrar em pânico.

- Não faça isso. Não. Sou seu chefe. Estou mandando. Por favor, Yvanzinho.

Yvan ignorou a súplica e atirou no teto, logo acima de Shwartz.

Outra centena de mecanossugas caiu, agora sobre o ex-governador.

Com um gesto, Yvan convidou Mitus para sair dali.

Mitus Fake obedeceu.

- Se-se-rá um pra-prazer a-a-acompa-panhar vo-você.

O motorista sequer olhou para trás.

Os dois caminharam para fora do ônibus, ouvindo os gritos horripilantes de Eliah Well e Patrick Shwartz, que ainda agonizavam.

E foi a última vez que se ouviu falar daquela dupla.

A chuva cessou. Mitus Fake e o motorista Yvan saíram do ônibus capotado e entraram em uma comprida limusine.

Mitus Fake sabia que aquilo não havia sido em vão. Por isso, puxou um assunto com o silencioso chofer.

- Cara, não sei porque você fez isso. Mas eu realmente te agradeço.

O motorista encarou Mitus com uma seriedade assustadora. Do bolso do paletó, tirou uma foto. Na foto, estava o próprio motorista e ao seu lado uma jovem menina sorridente.

- Que menina linda. Quem é? Sua filha?

Yvan não respondeu. Apenas segurou firme a foto, fazendo Mitus fixar na memória a imagem daquela menina. Era uma criança bonita. Cabelos negros encaracolados e olhos tão claros que lembravam a água. Eram olhos d’água.

O motorista continuou em silencio dirigindo de modo obstinado, como se dirigisse para a morte.

Mitus Fake insistiu. – Olha. Você foi muito gentil me salvando, mostrando

fotinhos da família e essa coisa toda, mas eu preciso saber onde a gente está indo?

Repentinamente, Yvan freou a limusine. Agarrou o colarinho e apontou a arma para a cabeça do falsário. Naquele instante Mitus ouviu uma das poucas palavras que já saíram da boca do silencioso motorista Yvan.

- Ela não tem culpa de nada. Você deve protegê-la. Leve-a até Binno OXZ. - O motorista voltou a acelerar pela estrada deserta.

Mitus teve certeza de que estava no carro de um louco.

Durante o resto da viagem, silêncio. E as únicas palavras de Yvan ecoavam na cabeça de Mitus.

- *"...Você deve protegê-la. Leve-a até Binno OXZ."*

# CAPÍTULO DOIS
# A visão das nýsticas.

- Todos têm um lado maligno, não é OXZ?

O garoto olhou para os lados. - Quem disse isso? - Binno só viu o asfalto cinza e o jardim florido.

Empurrando a própria cadeira de rodas, um homem velho surgiu por trás de uma roseira. Calmamente, se curvou para arrancar uma flor do chão. Falou:

- Disseram que era irreversível. Mas não é verdade. O corpo de seu amigo continua vivo. E a consciência pode ser encontrada. Junte corpo e consciência. Assim, Gabriah a vida de volta. – Os olhos fundos de Adamastor encararam Binno. - Você rastejaria pelo lodo do Grande Oceano para ajudar seu amigo?

O jardineiro estava falando do melhor amigo que Binno já teve. Mas perdoar a traição não é uma tarefa fácil. Ainda sentia a dor de uma faca gelada em seu peito quando se lembrava de tudo o que Gabriah traiu. Traiu a amizade de Kira Bella, o Príncipe Megazila, Madame Anay Cy-ficcion, Orion Sirineu, Ítalo Bella... Todo o Grande Oceano esteve à beira do caos graças às ambições do garoto de cachos loiros que cresceu na distante Cidade das Palafitas: Gabriah.

- Não. - Os pensamentos de Binno se tornaram voz enquanto continuava encarando o velho Adamastor. - Eu não quero ajudar Gabriah. Ele escolheu seu destino.

Com um sorriso irônico no rosto envelhecido, o jardineiro apontou na direção do sol nascente.

Binno se virou. E o sol forte de Utoppy quase cegou o garoto. Alguém se aproximava. Era um homem. O homem trazia alguém nos braços. Parecia... não podia ser… ou podia? Um corpo sem vida.

O corpo ainda sangrava. E na medida em que o homem se aproximava, um rastro de sangue ficava para trás. Era o corpo de alguém com cabelos amarelos e cacheados, Binno não quis acreditar.

O homem continuava se aproximando.

O corpo quase morto vestia a camiseta dos Salmões Palacianos.

Era Gabriah!

Num impulso, Binno tentou correr para ajudar o garoto, mas suas pernas não obedeceram.

O home que trazia Gabriah nos braços chegou ainda mais perto. E seu rosto adulto se revelou.

Encarando o homem, Binno simplesmente não piscava. Seus olhos se encheram de espanto.

Era como se Binno estivesse olhando um espelho e visse seu próprio futuro.

O homem era um Binno OXZ adulto.

O rosto era seu, mas envelhecido, marcado de dor, de ódio, de sofrimento. Era um rosto pouco confiável. Era o próprio rosto da maldade. Um homem com o rosto pesado de um Binno maligno.

O velho Adamastor continuava às costa de Binno. Mas, o garoto só conseguia olhar para o rosto daquele homem. Aquela versão envelhecida e cruel dele mesmo.

- Se essa é uma visão do futuro, Gabriah não devia estar velho também?

Binno se perdia em uma tempestade de pensamentos quando o velho Adamastor, ainda às suas costas, falou.

- Quem morre jovem permanece jovem. Porém, Binno OXZ, você ainda está vivo. E envelhecerá com o peso desta morte em seus ombros.

O corpo de Gabriah sangrava de modo absurdo e irreal.

A imagem era terrível.

Maldade.

Morte.

Sangue.

Binno sentiu tudo escurecer lentamente.

Então, o jardineiro Adamastor empurrou sua cadeira de rodas para mais perto.

Com os olhos negros brilhantes, Adamastor encarou o garoto. Depois, sussurrou:

- Encontre o barqueiro.

Olhando para o Binno adulto carregando o corpo de Gabriah, o jovem Binno sentiu a luz fugir de seus olhos.

Tudo era escuridão.

Totalmente cego, o garoto ouviu o jardineiro outra vez:

- Todos têm um lado maligno, Binno OXZ.

- Nããããããããããããããããão!

O garoto arregalou os olhos assustado.

Suado e desorientado, acordou daquele pesadelo sem ter certeza de onde estava.

Tentou se mover, mas sentiu fraqueza e falta de ar.

Suas mãos foram barradas por estreitas paredes transparentes. Aquela não era sua cama.

Era uma parede de vidro, ou algo assim.

Seus olhos pretos encararam o próprio reflexo como se estivesse vendo o próprio rosto pela primeira vez. Um garoto de quatorze anos. Dentes muito brancos, cabelos maiores que da última vez que tinha prestado atenção. Despenteado. Roupas largas. Pulseira de couro, no punho esquerdo. Tênis que pareciam maiores que seu pé.

Lentamente, o garoto voltou a consciência. Estava preso dentro um tubo sem ar. E agora lembrava.

- *Estou no tubo de desoxigenação*! - Em um segundo, todas as lembranças voltaram a sua mente. – *Estou no meio de um julgamento. Não passei na prova. Vou morrer. Sou o único cara que tem um pesadelo horrível, mas quando acorda... A vida real é pior ainda.*

Era o tubo onde ficavam aqueles que estão sendo julgados. No Grande Oceano, o julgamento o dura o tempo que durar o fôlego do réu.

Não havia oxigênio.

E as paredes eram transparentes.

A visão turva mal permitia enxergar o que estava acontecendo fora do tubo.

Uma pequena criatura se aproximava. Com o máximo de 24 centímetros de altura, a criatura parecia estabanada e atrapalhada com as vestes pomposas que exibia. Usava um manto real, digno de um monarca.

O sujeito deu diversos cutucões no tubo.

Binno reconheceu o amigo. Era o jovem príncipe do povo mimm, Megazila Mimm.

Megazila tentava manter a calma, mas não conseguia disfarçar o nervosismo.

- Pela Origem, você está bem?

Binno balançou a cabeça negativamente.

O príncipe desistiu de esconder o pânico.

- Eu não acredito! Você dormiu? Estamos no meio do seu julgamento e você dorme?

- Meu julgamento?

- Sim, Binno OXZ. O que houve com você? Você foi reprovado pela terceira vez na Prova Maior. E está sendo julgado por isso. Você é acusado de ser um clone defeituoso. A Prova Maior era sua chance de ser absolvido. E, não entendo porque, foi reprovado três vezes seguidas. Para mim, nem um clone mal feito seria tão burro.

- Tá bom, bom. Eu lembrei onde estou. Não precisa ofender.

- O que aconteceu? A sua vida sendo decidida pela comissão de Juízes e você dorme? – Megazila falava do jeito mais discreto que podia. Mas, estava tão nervoso que não conseguia manter o tom baixo.

- Eu apaguei. – Disse Binno, com as mão na testa, como se pudesse controlar uma terrível dor de cabeça.

Megazila, o jovem defensor, falou alto para que todos naquele tribunal ouvissem.

- Isso é um absurdo. Meu amigo acaba de desmaiar. Por sorte, conseguiu acordar. Sejam sensatos, caros Juízes. Talvez não aja uma nova chance. – Megazila falava de modo trôpego e apressado. – Há menos de uma semana ele

foi condecorado por ter impedido esta Aliança de entrar em uma guerra contra IAs. E agora vocês permitirão que ele morra?

Na plateia dezenas de pessoas se dividiam entre aplausos e vaias.

Porém, na mesa dos Juízes todos continuaram quietos.

E era com aqueles líderes que Binno estava preocupado. Aquela mesa era disposta como uma espécie de gigantesco pódio. E lá estavam os seres mais poderosos de toda Aliança. Na mesa mais baixa, os Graduados de Prata. Ao seu lado, um pouco no alto, os Mestres.

E acima de todos estes, aqueles que comandavam e protegiam a Aliança, os Doutores e suas roupas douradas. Os sete seres mais poderosos de toda existência.

Mas ali só estavam cinco dos Doutores: Synara Vibbor, a minuciosa, exibia cabelos azuis que lentamente se tornavam dourados. Aná Raw, a guerreira, baixinha como uma criança, mas musculosa como peixe-javali. Kounah Onícolo, o gigante com um único olho. Tol Ken, o corajoso, e seus poucos fios de cabelos cinza. Drag Lobbo, o sensitivo, com a pele vermelha e rosto muito maquiado. Ainda faltavam dois. E, por algum motivo, aquelas duas cadeiras continuavam vazias.

Lá estava toda a Aliança. Os Graduados. Acima deles os Mestres. E, mais acima, os Doutores.

Porém, aquele era um julgamento.

E um julgamento precisa de Juízes. Seres neutros e desprovidos de qualquer envolvimento ou dependência com qualquer que seja o momento político do Grande Oceano.

Por isso, acima de todos estava um grupo de anciões, ex-atuantes na Aliança e que agora se dedicavam unicamente a contar histórias para os netos e decidir sobre a vida de malfeitores.

Aquele era o Conselho de Juízes. Eram sete. E todos usavam roupas amarelas e espalhafatosas. E todos continuavam quietos. O que era terrível. Uma única palavra de qualquer um deles podia salvar a vida de Binno OXZ.

Mas.

Os Juízes.

Continuavam.

Quietos.

Muito quietos.

Foi um Mestre que quebrou o silêncio. Era um homem que exibia anéis de esmeralda em todos seus dedos. Ele estava vestindo as roupas oficiais dos Mestres, totalmente verdes. Se diferenciava dos outros Mestres pois tinha uma gola alta e cabelos muito lambidos. Aliás, os cabelos lambidos do Mestre só se mexiam na parte de trás, onde a gola exagerada roçava na cabeça.

Aquele Mestre era um antigo desafeto de Binno. Era o irritante Mestre Troy Judá.

O Mestre acusou:

- Há menos de uma semana os Juízes foram claros. Binno OXZ teria mais uma chance de provar que não é um clone defeituoso sendo outra vez submetido a Prova Maior. E a Prova mostrou o que eu sempre defendi. Binno OXZ deve ser eliminado.

O pequenino advogado, Megazila Mimm respirou fundo antes de falar.

- Isso é um absurdo. As condições sob as quais ele foi submetido a prova foram desleais. Como poderia estar recuperado e concentrado em apenas sete dias?

- Acho perfeitamente possível. Você mesmo, príncipe Megazila. Esteve lá e conseguiu passar na Prova. Para mim, és o exemplo de que Binno deve ser eliminado.

Megazila quis responder ao argumento do Mestre. Mas, ficou sem palavras.

Como é típico para qualquer um no povo mimm, quando está nervoso, o príncipe dava saltinhos virando cambalhotinhas no ar, como se fossem soluços.

E isso irritava ainda mais o príncipe mimm.

Com raiva, se virou para Binno e cochichou.

- Que ideia estúpida a sua? Porque chamou a mim para ser seu advogado? Devia ter chamado seu tio.

Dentro do tubo, o oxigênio já estava acabando. Por isso, Binno respondeu devagar.

- Orion agora é um Doutor. Um Doutor não pode advogar, já que sua opinião nunca pode ser contestada. Na outra vez chamei um Graduado e deu

certo. Lembrei de você.

Megazila baixou a cabeça e falou com raiva.

Acontece que estou na Universidade Maior há apenas uma semana. Falta muito para eu receber a roupa prateada.

Binno quis responder. Mas não teve forças para falar.

O Mestre Troy ficou outra vez de pé e gritou para que toda plateia pudesse ouvir:

Basta! Tirem logo o oxigênio deste tubo e vamos acabar logo com isso.

Pela primeira vez, um dos Juízes se manifestou. - Fique calmo Mestre. Não vamos apressar as coisas. – Era um velho conhecido dos garotos: o mesmo homem que havia entregue medalhas a eles depois que eliminaram o IA Xenon. Era o Juiz Orfeu. Um velho barrigudinho que sempre usava paletós amarelos e sofria do mesmo mal de Orion Sirineu, era cego. Porém, não tinha a mesma habilidade que o tio de Binno. Ele tateava a mesa a procura de seus óculos. E pelo jeito, ia demorar muito para descobrir que estavam na própria cabeça, como uma tiara.

O Juiz se virou para o lado errado e falou. – Pelo tom imperioso, imagino que você seja o Mestre Troy Judá estou certo? – Uma Juíza ao seu lado virou Orfeu para direção certa. E agora ele realmente conseguiria falar com Troy. – Acalme-se homem. O garoto ainda tem alguns minutos para tentar sobreviver. Deixemos que o destino corra conforme sua vontade.

Tonto, Binno voltou a sentar. O oxigênio dentro do tubo já se extinguia. E o garoto alisava a própria garganta, como se isso ajudasse a resistir segundos a mais. Mas era inútil. O tempo de Binno estava acabando.

Megazila lutava o quanto podia. Com argumentos inúteis, tentava convencer os Juízes que seu amigo merecia viver. Mas o nervosismo fazia o príncipe soluçar e cada vez mais exibir suas cambalhotinhas ridículas.

Binno já não enxergava nada direito.

A visão turva dificultava a identificação de qualquer objeto.

Tudo ficava escuro, lentamente.

Sentiu que estava prestes a desmaiar outra vez.

O ar tinha acabado.

Neste instante, viu um gigante invadir o tribunal. Todos na plateia se curvaram.

- Acabem logo com isso, temos um assunto de extrema importância para ser tratado neste instante. - Disse o homem, num tom impossível de ser desobedecido.

Com um gesto rápido, o Juiz Orfeu ordenou que o tubo fosse erguido.

Como um inseto preso dentro de um copo, Binno apenas assistiu o tubo ser erguido de modo automático e sentiu o ar outra vez preenchendo seus pulmões.

O alivio carregou seu espírito. Mas, não teve forças para agradecer. Apenas respirou.

Megazila tentou ajudar Binno a levantar. Embora o tamanho diminuto do príncipe mimm não permitisse qualquer ajuda.

Recuperado, Binno conseguiu ver o homem de cabelos rastafári curtos e um longo sobretudo negro que chegava abrupto para salvar sua vida. Era seu tio. Orion Sirineu, o incansável.

- Diga logo, Doutor Negro, que assunto é esse? – Ansioso, o Juiz Orfeu exigiu uma resposta, ainda que falasse na direção contrária a que estava o gigante.

Orion não respondeu. Em silêncio, aguardou a chegada de outras pessoas que também entravam sem pedir licença tribunal adentro.

O primeiro foi Ítalo Bella, o sábio, com uma barba rala no rosto e uma imensa trança branca quase tocando o chão. Seguido de sua filha, Kira Bella, que correu para abraçar Binno.

- Viemos o mais rápido possível. – Kira Bella continuava a mesma menina de rosto leve, olhos amendoados e cabelos fininhos que os garotos tinham conhecido. Com um piercing no lábio, grandes botas que iam até o joelho. Quem via a garota pela primeira vez já sabia que não era do tipo menininha delicada. A garota adorava pintar os cabelos, que agora eram em sua maioria lilases. Hoje, ela estava mais bonita que o normal.

Ela se abaixou e disse. - Obrigado Megazila, você foi incrível.

O jovem príncipe ficou vermelho na hora.

Binno segurou sua vontade de fazer uma piadinha e deixou Megazila curtir seu momento de herói. Mas o próprio príncipe tratou de ser honesto.

- Foi Orion quem salvou Binno.

Kira sorriu. – Mesmo assim, obrigada. Graças a Origem houve tempo para que chegássemos aqui.

Outros também seguiam os Doutores. E todos com uma expressão de preocupação extrema.

Uma destas pessoas, Binno conhecia muito bem. Era madame Anay Cy-ficcion. Binno nunca havia conhecido uma pessoa tão geniosa e divertida. Mas, hoje até madame Anay estava séria. A todo instante ela ajeitava os pequenos óculos sobre o narizinho e observava a tudo com atenção.

A inventora olhou para Binno e pôs a mão sobre o coração. Em seguida, olhou para o céu e fez uma estranha reverência à Origem agradecendo pela vida do garoto. Depois disso, se concentrou em Ítalo Bella. O Doutor ia falar.

- Eu e o Doutor Orion estávamos vindo para este evento quando fomos abordados por ninguém menos que a sacerdotisa Maya Lettal e suas nýsticas.

Assim que Ítalo disse isso, um pequeno grupo de nýsticas invadiu o tribunal. Com os corpos encobertos por túnicas brancas, se moviam com tanta leveza que pareciam flutuar. Era impossível ver seus rostos, escondidos em pesados capuzes. Mas, seus pés descalços permaneciam a mostra. Discretas, se puseram diante da plateia e permaneceram em silêncio.

Ítalo continuou:

- Sabíamos da importância deste julgamento. Mas, as notícias que elas nos trouxeram foram tão surpreendente que simplesmente julgamos por bem dar prioridade a esta novidade.

Do alto da bancada dourada, o maior dos Doutores se pôs em pé. E todos pareceram pequenos quando o Doutor Kounah Onícolo fez isso. Com seu único olho muito aberto, perguntou aquilo que todos estavam ansiosos para saber.

- Pela Origem, Ítalo. Diga logo, que notícia tão terrível as nýsticas trouxeram de modo tão imediato.

- Na verdade, talvez seu único olho ainda não tenha visto situação tão intrigante, Doutor Kounah. Mas a verdade é que as nýsticas não trazem necessariamente uma novidade. Elas dizem que já trouxeram esta notícia há meses. Estão há muito tempo avisando o diretor deste palácio sob a necessidade de cuidados, pois toda a Aliança está sob risco. Mas, por motivo desconhecido, o Mestre Troy Judá nunca levou esta notícia aos Círculo dos Doutores.

Indignado, o próprio Troy se pôs em pé. Pediu a palavra, mas não foi concedido a ele o direito de falar.

- E o que elas falam? – O desorientado Juiz Orfeu estava de costas para o grupo, mas neste momento, ninguém deu muita atenção a isto.

Ítalo respirou fundo antes de responder.

- As nýsticas previram a queda do Palácio. Uma marcha rebelde se aproxima. E, segundo elas, o Palácio perderá suas defesas antes que possamos sequer entender o que está acontecendo.

O Doutor Kounah Onícolo estava incrédulo.

- Não podemos permitir que o Palácio fique sob risco. É inadmissível.

Na bancada verde dos Mestres todos permaneciam imóveis. Apenas um dos Mestres parecia acreditar que tinha o direito de falar. O Mestre Troy Judá se pronunciou mesmo sem permissão.

- Concordo com você Onícolo. E eu respeito o saber intuitivo das nýsticas, mas já tomamos muitas precauções. Além do mais, elas são muito imprecisas. Quando isso vai acontecer? Daqui dez dias? Dez anos?

Kounah se mostrou impaciente.

- O tempo é bobagem. O que importa é que as nýsticas previram um ataque ao Palácio da Aliança. E, segundo elas, esse ataque será feito pelo próprio povo que protegemos. O que vamos fazer? Isso é o que importa.

O mais delicado dos Doutores ficou em pé. Drag Lobbo era magro e cuidadoso com as palavras. Nem por isso, deixou de falar com firmeza.

- A verdade é que mais cedo ou mais tarde o povo ia reivindicar algum poder. – Drag Lobbo, ou, Doutor Sangue como era conhecido, alisou as sobrancelhas e falou com a voz baixa e precisa. – Essa revolta já era esperada há gerações.

- Neste ponto, terei que discordar Drag. Sabem o que meu pai dizia disto, não sabem? – O Mestre Judá não conseguia se controlar. Falava com os Doutores como se fosse um deles. - A democracia é um erro. O governo deve estar nas mãos de quem tem a informação. Ninguém é mais desinformado do que o povo... O poder jamais poderia estar nas mãos do povo.

Binno ficou ali parado. Ele, Kira e Megazila ouviam àquela discussão como meros expectadores.

O Mestre Troy Judá continuava:

- Doutor Sangue, o senhor terá que concordar comigo. Pense um pouco na era pré-caos. Quando o povo tinha o poder nas mãos. A ciência previu em tempo hábil o que estava para acontecer com o planeta. Mas os governantes dependiam de votos e não de decisões sábias. Portanto, os políticos se concentraram em agradar o povo desinformado. E, imagine você, o que o povo desinformado prefere: decisões sábias ou continuar a destruição do planeta? As reservas de água doce, o petróleo, as montanhas de lixo... – O Mestre discursava. - A democracia foi o maior erro da humanidade. O povo não consegue cuidar de si mesmo. Sua única preocupação é ostentação. Só querem exibir riqueza que não possuem. O homem do povo é egoísta, vaidoso, preguiçoso e...

...desinformado. – Binno falou baixinho para si mesmo, resignado. Mas ele não percebeu que já estava próximo demais de Megazila. E o príncipe do povo mimm ouviu.

- Então você concorda com o Mestre, meu nobre amigo?

Binno não soube o que dizer. – Sei lá. – O garoto baixou o olhar.

- Os governantes também são egoístas e desinformados. – O príncipe refletiu. – Não dê ouvidos à Judá. É pura retórica furada de político desesperado.

O maquiado Doutor Drag Lobbo falou com tanta raiva, que sua pele ficou ainda mais vermelha.

- Mestre Judá, os membros da Aliança não estão livres do egoísmo e da vaidade. Já é passada a hora de ceder ao povo o direito de escolha.

O Doutor Ítalo Bella interrompeu a discussão.

- Concordamos com você, Drag. Mas sabemos que este é um processo lento. E no momento, temos uma urgência para resolver. O que faremos?

- Urgência? – Outra vez, Troy Judá falava mais que devia. – Não existe urgência alguma. O Império Enguia foi desmantelado, não foi? Hefesto Xenon está foragido. Sim, sabemos disto. Mas ele é apenas um homem. Um homem velho. Pela Origem! Porque nós teríamos medo de um homem?

Binno ficou furioso com a declaração de Troy. - Ele não é apenas um homem. É Hefesto Xenon. - De repente, ouviu palavras descontroladas saindo da própria boca. Todos os olhos do tribunal estavam sobre Binno OXZ. O garoto lembrou que há minutos estava sendo julgado. – Agora sim é meu fim. – Pensou.

- O garoto está certo. – O Doutor Ítalo Bella atraiu a atenção para si. E livrou a cara de Binno – Hefesto já provou que é capaz de feitos extraordinários contra esta Aliança. Não restam dúvidas que temos que tomar precauções. Se as nýsticas dizem que uma marcha silenciosa se aproxima, eu acredito.

Kounah, o gigante de um olho, decretou:

- Vamos preparar os pelotões de guerra. Os Clãs Dourados precisam agir rápido.

Em seguida, uma voz sussurrada se espalhou por todo o tribunal.

Era Maya Lettal, a sacerdotisa das nýsticas. Quase invisível até agora, ela conseguia ser notada só quando queria. Seus pés deslizaram pela sala e ela se tornou o centro da atenção.

- Não haverá tempo.

Maya e as outras nýsticas estavam encapuzadas e mantinham seus rostos escondidos. Binno lembrou o dia que viu elas despirem seus capuzes. O garoto jamais imaginou que veria tamanha beleza. Também lembrou a força e das habilidades de luta das nýsticas. Hoje, estavam todas de pés descalços, vestindo enormes capuzes densos que escondiam sua face nas sombras. Como era a tradição, apenas a sacerdotisa falava.

- O Palácio será invadido em sua hora mais difícil. Desprotegido como um bebê, não conseguirá evitar a retaliação. A Marcha Silenciosa se aproxima. Já é tarde. Agora só resta o caos.

Enquanto a sacerdotisa nýstica falava, todos os outros viviam um silêncio imóvel.

Somente as nýsticas se moviam. Lentamente, iam para a saída do tribunal. Era chegada a hora de sua partida.

O Doutor Ítalo foi o único a se manifestar.

- Preciso perguntar às nýsticas, antes que se retirem. Vocês têm algo a mais a dizer? Previram apenas a Marcha Silenciosa ou algo mais?

A sacerdotisa Maya Lettal se virou e falou com a voz ainda mais baixa.

- Eu vi um gigante caído. Vi um clone ser a última esperança. Vi a sorte nas mãos do inimigo. E a morte em uma canção de criança. Vi o adeus de um mito. E o choro do pai arrependido. – Depois de alguns segundos de silêncio, a nýstica falou como se sentisse muita dor. - E não vi mais luz alguma, havia sangue em

meus olhos.

Todos ficaram sem reação.

Com certeza ninguém compreendeu a mensagem da sacerdotisa, mas todos sabiam que aquelas palavras iriam guiar todos na guerra que se aproximava.

Maya Lettal caminhou rápido em direção à saída. Binno, Kira e Megazila estavam no caminho. O grupo de nýsticas acompanhou sua líder. Desorientado, Binno não sobre para que lado sair. Outra nýstica tomou a frente da sacerdotisa e segurou o garoto pelo colarinho, como se ameaçasse um inimigo.

Uma luz leve iluminou a parte de dentro do capuz, Binno pode ver os olhos daquela agressiva mulher. Eram olhos de um azul tão claro quanto água límpida. Ela falou próximo ao ouvido de Binno.

- Conheço você, moleque. Está sempre se atravessando em nosso caminho.

- E-eu? – O garoto ainda tentava escapar.

- Lembro do dia que nos encontramos no Zum Voador, o submarino do pirata.. Esqueceu que já viu nossos rostos?

-Nã... – O garoto limpou a garganta. - Nã-nã – A palavra engasgou outra vez.

A nýstica raivosa apertou ainda mais o pescoço do garoto.

- Naquele dia, o pirata esteve em minhas mãos. Quase pude arrancar a cabeça daquele desgraçado. Mas, você e seu clã tiraram a minha chance de vingança. Quando encontrar outra vez aquele imbecil, diga que Soraiah, a nýstica insana, mandou lembranças.

Binno engoliu aquela ameaça em seco. A paciência da nýstica Soraiah se acabou.

- Agora saia da frente e abra caminho para a sacerdotisa.

Soraiah empurrou o pequeno réu para longe. Desequilibrado, Binno foi parar em cima de madame Anay, que estava do outro lado.

O barulho foi enorme.

- Ploft, blam, blum, pow.

Num estrondo escandaloso, Binno e madame Anay se amontoaram. A bolsa da inventora se espatifou no chão e espalhou centenas de parafernálias.

Desta vez, nenhum dos Doutores olhou para Binno. Estavam todos pensando nas últimas palavras da sacerdotisa Maya “... não vi mais luz alguma, havia sangue em meus olhos.”.

Estatelada no chão, a inventora Anay fez uma cara feia de dor. Havia machucado as costas. Mesmo assim, não falou nada.

Todos, sem exceção estavam com medo do que vinha pela frente.

As mesmas palavras perturbavam todos.

“- Eu vi um gigante caído. Vi um clone ser a última esperança. Vi a sorte nas mãos do inimigo. E a morte em uma canção de criança.”

O tribunal permaneceu cheio de silêncio, medo e parafernálias espalhadas.

# CAPÍTULO TRÊS
# MEDO DE FANTASMAS

A mais grudenta borra existente no universo de chás do Grande Oceano chama-se algas negras. Trata-se do resto de pó preto que se agarra ao fundo das xícaras depois que o líquido de sabor duvidoso já foi ingerido pelos sofisticados bebedores de chá.

Em pouquíssimo tempo, este pó transforma-se em uma gosma gelatinosa, evoluindo para uma cola tão forte que muitos engenheiros já cogitaram a possibilidade de usar pó de chá de algas negras para estancar furos em submarinos durante guerras submersas.

Há quem diga que uma xícara suja deste pó pode gerar uma gosma viva, inclusive existem relatos de pessoas que perderam membros enquanto tentavam lavar o fundo destas xícaras gosmentas, usando apenas esponja e detergente líquido.

E foi em tudo isso que Binno pensou quando foi convocado a lavar todas as xícaras do Palácio. Era alta madrugada e ainda tinha muita louça suja na sua frente.

Mas, não era apenas na lendária gosma da borra do chá preto que Binno pensava diante daquela montanha de xícaras. Ali, sozinho em frente a pia, o garoto sentia ecoar as palavras que a sacerdotisa Maya Letal proferiu no dia anterior.

“...Vi um clone ser a última esperança...”

Binno manipulava com habilidade a sequência de torneiras, sem nem ao menos precisar pensar sobre isso.

Água morna para distrair a gosma.

Água gelada para enganar as defesas.

Lavava as mãos em água fria, para conduzir a xícara à lavagem final.

Água fervente para queimar a gosma.

Outra vez, água gelada para retirar o resto inerte do fundo da xícara.

Realmente, lavar restos de algas negras era uma ciência sutil e ainda não havia uma máquina capaz de fazer isso melhor que um copeiro.

Mas já não pensava nas algas negras.

Imaginava qual clone seria a esperança da Aliança. E, por algum motivo, tinha certeza que Maya falava de Gabriah Obé.

- Só pode ser o Gabriah!

Binno tinha entendido um trecho daquela profecia. De algum jeito, Gabriah ia salvar a Aliança.

Outra xícara.

Água morna.

Água gelada.

Lavava as mãos em água fria.

Água fervente.

Água gelada.

“Vi a sorte nas mãos do inimigo. E a morte numa canção de criança.” Ainda as palavras de Maya. Que canção seria esta? Binno sabia que não devia se meter nos assuntos da Aliança. Mas, a sede por repostas não deixava a mente do garoto quieta.

Outra xícara.

Água gelada.

Água fria.

Lavou as mãos em água fervente.

- Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!!!!!!!!!!!!!!

O distraído copeiro errou a sequência de torneiras.

Realmente, limpar xícaras com pó de algas negras era uma prática perigosa. E as bolhas que eclodiam nas mãos queimadas de Binno comprovavam isso.

---

Madame Anay ainda vestia uma camisola engraçada, com o formato de um barril e ilustrações de cerebrozinhos. Ela bocejava enquanto cuidava das mãos de Binno em seu laboratório.

A primeira coisa que a inventora fez foi avisar Kira do acidente. Depois, a inventora emplastou as mãos do garoto com pomadas fedorentas. O cheiro era terrível, mas as propriedades eram milagrosas. Em segundos, a dor nas mãos passou a diminuir. Binno mal falava, mas Kira correu para enfermaria quando soube do acidente e, já que estava por ali, tratou de colocar a conversa em dia.

- E aquele passo de dança, hein? – Kira ria do tombo que Binno e Madame Anay tinham caído juntos.

A inventora mantinha o jeito distraído.

- Estou ótima. Tive um pequeno mau jeito em uma vértebra. Mas, já apliquei um composto. E vocês, como estão? Andam ocupados?

- Pela Origem – Kira se atirou em uma grande poltrona. - Depois que o Polvotrom atacou a Aliança, e tudo mais, o Palácio se tornou o principal centro turístico do Grande Oceano. E tem mais, agora também sou responsável por ajudar a guarda do Palácio. Eles me dão fotos de foragidos e tenho que comparar com cada um dos visitantes. Aliás, estou procurando um cara chamado Mitus Fake. Sabem quem é?

Anay e Binno balançaram a cabeça, em negação. Kira explicou.

- Um sujeito magro de cavanhaque azul. Não tem erro. É o cara mais magro que vão ver. Nunca viram mesmo?

Desconfiados, Anay e Binno balançaram outra vez a cabeça.

- Que pena. A recompensa é alta para achar esse cara. A maior que já vi. – Kira lamentou. Depois respirou fundo e esqueceu o assunto. – Como eu disse, o trabalho está uma loucura. Tive que desligar o Ewó, eu nem tinha tempo de cuidar dele.

Madame Anay sorriu por trás de um de seus tubos de ensaio.

- Pobre Ewó, um cãodróide não deveria ficar tanto tempo desligado. – A inventora futricava em uma grande gaveta, como se estivesse procurando alguma coisa. - E você geniozinho. Como está o novo trabalho?

- Bug total. – Binno se atirou em outra poltrona. – Acho que o estado de minhas mãos demonstra bem como estou indo por lá.

Madame Anay não prestava a atenção, ainda revirava sua bolsa.

- Tenho um presente para cada um de vocês.

Kira e Binno sorriram.

- Para você, geniozinho, tenho isto. – Ela finalmente achou o que procurava na gaveta. Era um objeto muito bonito. Retangular. Com as bordas levemente arredondadas e, em relevo, havia o desenho de uma fruta que Binno só tinha visto em Utoppy. Duvidava muito que aquela fruta existisse no Grande Oceano.

- Uma maçã. – Disse ele.

- Não. - Disse a inventora. - Seja lá o que for maçã, não é isso. Isso é um i-tudo. É um facilitador universal. Serve para um milhão de coisas: música, vídeo, foto, cheiro, gosto, livro, jogo, voz... Enfim, até para transportar arquivos. Ele traduz tudo para você. Se você comer algo e quiser saber do que é feito: ele traduz o gosto. Se você estiver falando com um viajante, vai saber de onde vem, vai entender a língua dele... Enfim, é bem útil.

A inventora pendurou o i-tudo no pescoço de Binno, como se fosse um colar, ele sorriu.

Era engraçado pensar que madame Anay soubesse de tantas coisas, mas não soubesse o que era uma maçã.

Binno agradeceu, mesmo sem ter a menor ideia de como usar aquilo.

- Não agradeça. – Disse ela. Eu tinha perdido ele há anos. Procurei por tudo, mas não conseguia encontrar. Então, ontem, quando a nýstica jogou você para cima de mim, o i-tudo caiu junto com as minhas coisinhas. Dá para acreditar? Estava na minha bolsa durante todos estes anos. Que incrível, não acha?

Binno concordou, espantado como Anay podia perder algo dentro da própria bolsa.

-É como eu sempre digo. – Ela levantou o dedo e falou solenemente: - Quando você realmente busca muito uma coisa, pode encontrar quando não está procurando.

Kira e Binno trocaram um olhar desconfiado. Madame Anay parecia ainda mais maluca.

– Enquanto falava, a inventora caminhou até o outro lado do laboratório. - E para você, jovem Bella. Algo especial.

A inventora se aproximou de uma pequena mesa com um lenço em cima. Ajeitou seus óclinhos em seu nariz muito pequeno. E, num lance rápido, tirou o lenço de cima da mesa.

- Tchan, tchan, tchaaaan.

Kira e Binno se olharam sem entender. Não havia nada na mesinha. Então Kira falou:

- O quê é isso Anay? Desde quando uma mesa é especial?

- Ora, ora, pequena Bella. Abra bem estes olhos. Não vê nada de diferente aqui? É um amigo de vocês.

Binno e Kira se aproximaram da mesa. Nada estava ali, com exceção de um pequeno quadrado de vidro azul.

- Este vidro é nosso amigo? – Disse Kira, achando graça da situação.

- Não é vidro. – Anay parecia quase ofendida - É um composto de lítio, plasma magnetizado, hélio, radionuclídeos...

- Tudo bem, Anay. E esse troço é nosso amigo?

- Sim, ele costumava ser.

Binno aproximou muito seus olhos do vidro. Viu milhares de linhas azuis. – *Será que este é o ...*

- Tchaaaaaaaaan, tchan, tchan - O quadrado de vidro emitiu uma forte luz para cima. Nesta luz, como se fosse um fantasma, estava alguém que todos ali conheciam muito bem.- Sou eeeeeeu. O seu, o meu, o nosso, o vosso, o espetacular ComputAtoooor.

A imagem do homem de luz tinha o tamanho de um homem normal. Ele vestia escandalosas roupas coloridas e dançava feliz segurando uma pequena bengala nas mãos.

- Incrível. – Binno e Kira estavam realmente espantados.

- Funciona como uma simples projeção. – Anay passou o braço no meio dos joelhos do homem, como se ele não existisse. Fingindo, ele caiu simulando dor nas pernas. A inventora explicou. – Ele é o mesmo respondedor de perguntas de sempre. Tentei regular o ego dele, mas é uma configuração muito complicada. Ainda tenho que trabalhar nisto. Mas, basicamente, agora ele pode assumir o tamanho que quiser. Isso vai melhorar muito o seu trabalho, Kira. Ele está pronto para responder qualquer pergunta feita pelos visitantes do Palácio. E, como o

número de visitantes só aumenta, nada melhor do que ter um respondedor de perguntas maior, não é?

- Demais! – Binno e Kira passavam as mãos entre o corpo de luz do homem. Ele fingia sentir muita dor onde eles “furavam”.

- E o banco de dados? – Binno falou sem tirar os olhos da invenção.

- Como agora ele busca tudo na internet, a atualização é constante.

- Legal. Alguma novidade para contar ComputAtor? – Binno teve que olhar muito para cima. Agora o homem estava se exibindo, flutuando pelo ar como uma fada.

- Neste momento? – Disse o ComputAtor, caindo lentamente em um paraquedas de luz, - Mais ou menos oito trilhões e quatrocentos milhões de novidades. Querem saber quantas?

- Uma só. Algo interessante?

- Mais de seiscentos milhões de novidades interessantes. Não quero contar todas.

- Algo além do natural? – Kira tentou ajudar

- Sobrenatural? – O homem de luz caiu no chão, de cara. Depois, levantou, limpou a roupa e arriscou. – Fantasmas?

- Isso. – Disse Binno empolgado.

- Sentem-se. – O ComputAtor sentou-se em uma imensa poltrona negra de luz. Seus olhos ficaram vermelhos e dentes compridos saltaram para fora de sua boca. Em poucos segundos ele se transformou no próprio Drácula.

O Drácula respirou fundo. Binno e Kira sorriram empolgados. Sabiam que apesar de ridículas, as atuações do ComputAtor costumavam ser muito divertidas.

O Drácula de luz falou:

- Falahcia.

- O que é isso?

A pergunta não seria “O que é isso?”, jovem Kira Bella. A pergunta correta seria “Onde é isso?”

O ComputAtor ficou olhando para Kira, esperando que a garota

perguntasse. Ela mordeu seu piercing e encarou o Drácula em desafio. Os dois ficaram se olhando.

Então Binno não aguentou.

- Tudo bem, tudo bem. Onde é isso, ComputAtor?

- Ninguém sabe. – Ele olhou para o ar, como se esperasse mais perguntas.

- E? – Kira perguntou impaciente.

- E todos querem saber. Todos. – Num gesto amplo, o Drácula de luz abriu sua capa negra. - Falahcia é uma cidade foragida da Aliança Maior há várias gerações. Em cada ralo do Grande Oceano você encontrará um cartaz com uma foto de Falahcia e letras grandes: PROCURA-SE. GRANDE RECOMPENSA. Escorregadia como um muçum ensaboado, essa cidade é irritante. ô vila difícil de pegar! – O Drácula socou a própria mão.

Depois, continuou seu monólogo cheio de eloquência e entusiasmo:

- “Os maiores caçadores do Grande Oceano tentam há anos, mas ninguém jamais chegou perto de tal feito: os soldados brancos da Aliança, os cangaceiros desdentados, o exército transgênico, os Mestres renegados... até o Clã Dourado da Doutora Synara Vibbor já dedicou alguns dias nesta busca. Ninguém jamais sentiu o cheiro de Falahcia.

É uma cidade sem território fixo e sem chão. E, se você teve a ideia de olhar no mapa, não seja bobo, todo mundo teve essa ideia antes.

Falahcia é uma vila-circo perseguida há gerações, eu já disse isso. E, por uma sequência infindável de ataques aos arquivos da Aliança Maior, não restaram registros quanto aos motivos desta desgarrada perseguição. Talvez isso aconteça por ser uma vila que dá abrigo há ladrões, enganadores, espertalhões, corruptos e fedorentos. Mas, se você pensar um pouco vai perceber que muitos lugares são abrigo de ladrões, enganadores, espertalhões e... enfim, nunca ouvi falar de uma cidade que tenha sido presa por isso.

O caso é que eles fogem. E quem foge deve ser preso.”

O Drácula voltou a se sentar em seu trono negro. Ele sorriu satisfeito, feliz com a própria explicação.

Mas Binno tinha ficado com uma grande dúvida:

- Você não ia falar sobre fantasmas?

O Drácula voltou a se levantar. Primeiro ameaçou gritar com raiva. Depois,

parou, pensou e voltou a falar.

- É mesmo, não falei sobre isso não é?

- Não. – Respondeu Binno.

- Calma lá, rapazinho. Sou eu quem responde aqui. Agora preste a atenção. Os moradores de Falahcia são chamados de ciganos-fantasmas.

- Por quê?

O Drácula-ComputAtor sorriu satisfeito. Nada deixava aquele programa de computador mais feliz do que uma pergunta.

- A resposta é: por ser impossível de prender a cidade de Falahcia. Ela é uma vila-circo que foge com muita agilidade. Centenas de histórias já foram contadas sobre Falahcia. Os céticos acham que é simplesmente uma estória boba inventada para contar às crianças que não param de urinar nos tataravôs. Os filosóficos dizem que talvez estejamos todos nós dentro de uma Grande Falahcia. Os mentirosos dizem que já viram (os cegos mentirosos também dizem isso, mas neles ninguém acredita). Mas, a explicação mais aceita entre a população da Cidade Original é de que se trata de uma vila fantasma, habitada por mortos feios demais para serem aceitos no céu, no inferno, no purgatório ou numa sala de espera para almas feiosas. Falahcia nada mais é que uma vila para ciganos-fantasmas-feios. Eu admito que esta é uma explicação bem convincente. E acredito nela.

- Então você acredita em fantasmas? – Binno estava espantado.

- É claro que sim. Qualquer um, com o mínimo de consciência, acredita neles.

- Mas você é um programa de computador. Não deveria ter este tipo de crendices.

- Crendice? Estou ofendido. Baseio todas minhas respostas no pensamento comum. Fantasmas não são crendices. São fatos cientificamente aceitos. No caso dos ciganos-fantasmas, existem céticos que dizem que este é um apelido para homens capazes de perambular pelo mundo sem serem aprisionados. Na verdade, a Aliança Maior acredita que os ciganos-fantasmas são apenas sagazes fugitivos sem paradeiro que mais cedo ou mais tarde serão aprisionados. E não adianta fugir, há sussurros dizendo que os ciganos-fantasmas estão por perto. – Ele soltou uma imensa risada maléfica e se transformou em fumaça. – Você não encontra Falahcia, mas Falahcia encontra você.

Kira ficou com olhos arregalados. Madame Anay bebeu uma grande dose de seu licor borbulhante. Binno soprava as mãos cheias de pomada. Os três tentaram, mas nenhum conseguiu disfarçar, a história do ComputAtor tinha colocado medo em todos naquela sala.

Foi Madame Anay quem quebrou o silêncio.

- Não levem tão a sério as histórias dele, anda tento alucinações terríveis.

Binno lançou um olhar intrigado para Madame Anay. Ela se adiantou.

- Eu explico, geniozinho. Na verdade, um programa inteligente pode interpretar dados de maneira que quiser. Ultimamente o ComputAtor anda entendendo tudo errado. E por isso anda falando coisas absurdas...

- Absurdas? – O IA havia se desligado. Mas, acordou num pulo, tinha uma expressão de raiva, como se estivesse muito ofendido. Então, começou a se transformar em um anãozinho muito velho. O ComputAtor encarou a pequenina inventora em tom de desafio? – Eu trago informações e você fala que são absurdos?

- E não são? – Anay encarou o ComputAtor transformado em anão velhinho.

- Então o que me diz sobre a lenda do cavaleiro que mata IAs?

- Bobagem. – Disse Anay, cruzando os braços.

Kira e Binno arregalaram os olhos, interessados na tal lenda.

- Que lenda é essa? – A pergunta veio em coro.

O ComputAtor sorriu, esbanjando satisfação com a pergunta.

Então, num instante, o anão velhinho assumiu outra forma. Um cavalo de luz surgiu sobre a mesa. Binno e Kira se olharam e riram daquele exagero. O mais engraçado foi quando o cavalo começou a falar. A cabeça dele simplesmente foi substituída pelo tradicional rosto do ComputAtor.

- Eu estou falando da Lenda do Cavaleiro Sem Corpo.

- Ah, para. – Binno não se conteve. – Essa história até eu conheço. E você está contando errado. O certo é Lenda do Cavaleiro sem Cabeça.

O cavalo de luz relinchou alto. Empinou como se estivesse nervoso. Sapateou sobre a mesa. Depois, encarou Binno.

- Se eu digo que é Cavaleiro sem Corpo é porque este é o nome correto.

- Tudo bem, - Kira se intrometeu entre os dois. – Conte-nos sobre este cavaleiro.

- Bem, - O ComputAtor-cavalo se sentou como um senhor, cruzou as patas traseiras e começou a gesticular amplamente com as patas dianteiras. – O Cavaleiro Sem Corpo é um fantasma que vem aterrorizando a internet nos últimos dias. Todos os IAs estão com medo dele. Dizem que seu objetivo é – sua voz se tornou sussurrada e sinistra – deletar para sempre todos os softwares que atravessarem seu caminho.

Binno e Kira não resistiram e caíram na gargalhada. Um programa de computador com medo de assombração era demais. Até Madame Anay riu, discretamente, mas riu.

Definitivamente, aquela história não colocava medo em ninguém. Ofendido, o IA voltou para dentro da sua tela transparente. E a luz se apagou.

O medo do ComputAtor foi motivo para riso por algum tempo, e só foi interrompido quando alguém abriu a porta do laboratório.

- Blam! – A porta chocou-se contra a parede.

Todos souberam que os momentos de descontração haviam acabado. O Mestre Troy Judá invadiu o ambiente e fez questão de mudar o clima do local.

- Parece que ninguém aqui está preocupado com o Palácio. Não é? – A voz pedante de Troy irritou a todos.

Com as vestes verdes muito amassadas, olheiras enormes e ar cansado, o Mestre parecia ter feito vigília à noite.

- O que aconteceu, Mestre? – Madame Anay já pressentia problemas.

O Mestre respondeu com calma, como se quisesse garantir que a mensagem seria compreendida sem precisar repetir.

- A Aliança corre perigo. Nossa internet foi atacada e estamos off-line. Sem internet, ficamos sem defesas. Sem defesas, podemos ser invadidos a qualquer momento. Estamos correndo risco de vida. O Palácio está em colapso.

# CAPÍTULO Quatro
# **Cascudóptero**

Graças às milagrosas pomadas de madame Anay, as mãos de Binno não incomodavam mais. Ele corria pelos corredores do Palácio, cumprindo as ordens do Mestre Troy Judá: ir até o quarto, fazer malas e correr para a estação de infra-marinho.

Ainda era cedo e praticamente todas as portas do Palácio estavam fechadas. A maioria dormia tranquila, sem saber que o dia já iniciava com notícias aterrorizadoras.

Entrou no quarto e encontrou o caos de sempre. Roupas, tênis, meias e peças de computador para todo lado. Arrumar as malas não seria uma tarefa nem um pouco simples.

Olhou para estação de virtualização e notou um botão piscando.

Download Completo.

Era a música.

A música que todos comentavam. Mas ninguém ouvia. Não estava em site nenhum. Binno agiu como um caçador. Achou a música. Mas o sistema do Palácio não permitia que fosse baixada. Então, nova maratona.

Aquele arquivo tinha sido mil vezes mais difícil de baixar do que qualquer outro. Claro, isso só deixava o desafio mais interessante.

Quebrou portas, destravou seguranças, acessou dados proibidos, descriptou textos, reprogramou senhas. Trabalhou muito. E deixou tudo pronto. Finalmente, deixou o computador baixando a música. Então, teve que sair.

Mas, agora sabia: tinha conseguido.

A música, que deu muito trabalho para baixar, agora estava na sua máquina. Tinha conseguido!

Mas, não seria hoje que ia ouvir aquela música. Não era havia tempo.

Binno jogou algumas roupas de qualquer jeito na mochila e um barulho agudo fez o garoto se assustar.

- Bééééééééééé – A campainha do seu quarto tocou desesperada. - é é é é é é é é é é – Quem estava lá fora? - Abriu a porta. Uma garota assustada de cabelos lilases e piercing no lábio. Inexplicavelmente, ela havia trocado a maquiagem, a roupa e já trazia em mãos três grandes malas prateadas.

- Troy está me enlouquecendo. – Kira arregalava os olhos castanhos. – Como pode ficar tranquilo numa situação destas, Binno OXZ. Estamos sem defesa. A internet foi derrubada. E você aí tão tranquilo.

- Eu não estou querendo usar a internet agora. – Disse Binno, lutando para fazer um par de tênis caber dentro da mochila.

- A questão não é essa, Binno. Acontece que o Palácio NUNCA ficou sem internet. O Mestre Troy está em pânico. Ele pediu para você chamar meu pai. – Kira estava preocupadíssima.

Binno conseguiu colocar os tênis na mochila. Mas, teve que tirar um moletom de lá. Então, vestiu o moletom por cima do outro.

- Tudo bem, entendi. O Mestre pediu para você chamar seu pai, mas você não quer fazer isso sozinha. Ok. Ok. Eu vou com você. – Binno vestiu seus Adidas sujos. Quando olhou para a porta do quartinho, Kira não estava mais ali. - Ei espere.

Ele correu para alcançar a garota que caminhava apressada pelos corredores do Palácio. Alguns soldados brancos passavam muito nervosos. Realmente, a situação era anormal.

- Você precisa chamar meu pai.

- Eu? Falei que ia te ajudar. Não que ia fazer isso sozinho.

- Não te faz, Binno. Ontem à noite, papai me proibiu de entrar no quarto dele. Não entendi o porquê. Mas ele não disse nada quanto a você. E tem mais, a situação pede medidas especiais. – O rosto de Kira não conseguia esconder sua preocupação. – Por que ele está dormindo até esta hora? O Grande Oceano precisa do Doutor acordado.

Finalmente, chegaram à frente dos aposentos de Ítalo.

Nem Kira, nem Binno tiveram coragem de tocar a campainha. Definitivamente, acordar um Doutor não é uma tarefa fácil.

Ali dentro estava um dos sete homens mais importantes de todo o Grande Oceano. Do lado de fora, estava a filha, impaciente e nervosa. Binno realmente não sabia quem desobedecer.

Kira quem tomou a iniciativa.

Ela empurrou a porta que se abriu lentamente.

- Não está trancada? – A garota estranhou. - É sua vez Binno. Avise o papai que o Mestre Troy está em pânico e precisa de ajuda.

Mesmo sem concordar, Binno finalmente pisou dentro daquele imenso quarto.

O garoto olhou mais uma vez para o seu moletom por cima do outro, seus tênis sujos, e pensou: - *Isso não é jeito de visitar um Doutor.* – Deu os primeiros passos para dentro do quarto e entendeu porque Ítalo não queria que a filha incomodasse.

No ar havia música.

Na cama, um casal.

Uma guitarra derramava acordes complexos sobre um casal que dormia indiferente. Binno olhou para o casal e lembrou que a noite foi de lua cheia. Pois são nas noites de lua-cheia que as lulas-negras se agitam. O ritual de acasalamento desses moluscos renderia boas teorias.

Binno bateu na própria cabeça. – *Como eu penso em besteira.*

Naquela manhã, Binno não podia divagar. O tempo era curto.

Concentrou-se.

O homem sem camisa, encoberto somente pelo corpo adormecido de uma bela mulher, precisava ser acordado. Mas não é tão simples acordar um Doutor. Mesmo assim, Binno chamou.

- Doutor Ítalo acorde, por favor. Estamos sem internet.

As pálpebras do Doutor se abririam como nuvens abrem para luz do sol passar.

Binno já tinha sido encarado por aquele olhar muitas vezes. Olhos com o mesmo castanho sereno e calmo de um rio muito raso.

Algo diferente sacudia aquele rio nesta manhã.

O olhar de Ítalo estava forte como um soco direto de um lutador enraivecido. O soco castanho atingiu Binno. Durante alguns segundos, o garoto não soube o que dizer. Então o próprio Doutor falou.

- Desculpe garoto, eu estava adormecido. Pode repetir, por gentileza.

- Estamos sem inter-inter-net. – Gaguejou Binno.

A mulher ainda dormia de bruços. Suas longas costas estavam à mostra e Binno não conseguiu tirar os olhos dela.

O Doutor se moveu de modo lento, tentando organizar seus pensamentos, não queria acordar a mulher.

Mesmo assim, a mulher das longas costas acordou.

Com cabelos negros curtos, tinha a pele levemente alaranjada. Assim que viu Binno, usou o lençol para encobrir o corpo. Seus olhos negros eram protegidos por longos cílios perfeitos. Sorriu de modo constrangido e mostrou dentes muito brancos.

O garoto continuava mudo e imóvel quando o pior aconteceu.

Kira entrou.

Binno queria muito ter evitado que a menina entrasse no quarto daquele jeito. Mas ainda não inventaram um jeito de parar Kira Bella quando está determinada a fazer algo.

Ela entrou apressada. E quando viu a mulher, não escondeu o choque.

- O que está havendo aqui.

Binno não disse nada.

Ninguém disse palavra alguma.

Então, o olhar de Kira se tornou mais duro. Era raiva.

Foi a vez do olhar castanho de Kira ficar forte como um soco. E este soco tinha endereço certo. O olhar forte como um soco de Kira foi direto para o queixo da mulher que dormia com o Doutor Ítalo Bella.

- Pai, quem é essa mulher? - Kira não tirou os olhos da mulher de longos cílios.

- Essa é Miranda Mind – Respondeu o Doutor Ítalo, de modo calmo, como se suplicasse por tranquilidade. – Minha namorada.

Agora o olhar forte de Kira se voltou contra o pai.

- Você nunca falou de uma namorada. Porque mentiu?

- Eu não menti. Eu simplesmente não contei por que não tinha uma namorada. Hoje é nosso primeiro dia de namoro.

- Então você a conheceu hoje? – A voz de Kira parecia estar segurando um grito de raiva.

- Não. – Disse Ítalo, que já tinha vestido quase todo o seu pomposo traje de Doutor. – Eu e Miranda nos conhecemos há anos. Apenas ficamos afastados por conta de nossos compromissos. Ontem ela chegou à cidade. Nos vimos e decidimos ficar juntos. – Ele sentou na cama. E jogou sua longa trança branca sobre as pernas. Voltou a falar de modo calmo. – Hoje mesmo íamos contar para você.

- Pai. – Agora o grito na voz de Kira se soltou. – Ela tem idade para ser sua...

- Idade para ser minha namorada. – Ítalo assumiu um tom mais firme. – Fique calma minha filha, nós somos dois adultos...

Binno era só constrangimento. Não só pela roupa esbodegada que ainda vestia, mas pelo que estava sendo discutido. Não queria continuar ouvindo aquilo. Por isso, resolveu falar.

- Desculpem. Sei que a discussão é importante. Mas, o Mestre Troy está tendo dificuldades para controlar o Palácio.

- Sim. – Ítalo olhou para Binno com alguma aflição. Ele vestia um último item: um grande paletó dourado sobre seu traje oficial. – Com o palácio sem internet, todos nós estamos em apuros.

Kira balançou a cabeça. Olhou para Miranda com raiva. E, saiu apressada do quarto.

Binno quis ir atrás da garota, mas o Doutor Ítalo não permitiu.

- Deixa-a ir. Ela irá se acalmar. – Não escondeu a tristeza com a situação. Depois, caminhou para saída de modo apressado. – Neste momento, temos que salvar a Cidade Original.

De repente, Binno estava sozinho com Miranda. Ela olhou para o garoto e seus longos cílios não conseguiram esconder o constrangimento.

- Preciso me vestir. – A voz da mulher era leve, como o lençol que encobria

seu corpo.

- Sim, claro. – Binno olhou para a própria roupa. – Na verdade, eu também preciso me vestir.

Os dois continuaram sem graça.

Sem jeito, Binno saiu tropeçando nos tapetes.

*– Por que eu sempre me meto nessas coisas? Por quê?*

Com o pouco tempo que tinha, Binno correu até o quarto e encheu mais uma mochila com o máximo de coisas possíveis. Moletons, meias, cuecas, camisetas, bonés, viseiras, sua faixa para prender o cabelo, calças, cintos. Olhou o presente que ganhou de Anay e achou que devia levar. Como usar aquilo, ainda era uma incógnita. Mas achou que podia ser útil. Pendurou o presente no pescoço e correu para a estação de embarque do Palácio.

A movimentação no Palácio era absurda.

Simplesmente, todos os corredores estavam abarrotados de soldados nervosos. Era como se todos tivessem se reunido para uma guerra às pressas. E ninguém sabia ao certo o que fazer.

Binno era o mais desorientado.

O garoto carregava suas mochilas de modo desajeitado, tentando encontrar um caminho para escapar das multidões. E, neste caminho, viu seu tio, Orion Sirineu.

À volta do Doutor Negro, dezenas de soldados ouviam as ordens.

Binno falou por trás do grupo.

- Orion. Vim dar tchau.

- O que faz aqui? – Assim que reconheceu a voz de Binno, o gigante afastou os soldados da sua frente.

- Só vim me despedir. O Mestre deu ordens para...

- Sim. O Mestre Troy foi instruído por mim a enviar você a um lugar seguro. Eu sei. Mas o seu transporte está na estação neste momento. E eles não vão esperar você. Acho que perdeu a viagem, garoto.

- Não, Orion. O infra-marinho vai passar daqui cinco minutos.

- Binno, estamos sem internet. O infra-marinho não está funcionando. E

quem vai levar você não vai esperar. Eles nunca esperam.

- Mas como vou chegar na estação com essa muvuca? Tá impossível caminhar no meio de tanto soldado branco.

- Sim. É claro que está difícil. Estamos preparando uma guerra. – Orion balançou a cabeça, decepcionado com a desorganização do sobrinho. – Alinhe-se, eu vou te ajudar. Me siga.

O Doutor Orion não terminou de falar e partiu a toda velocidade, como um cavalo de corrida, abrindo caminho pela multidão.

Soldados e civis saiam da frente, criando um corredor por onde Binno devia passar.

Mesmo correndo como louco, era difícil acompanhar Orion. As mochilas se sacolejavam nas costas de Binno, enquanto ele escorregava a cada curva e tentava não atropelar nenhum Mestre mal-humorado.

O corredor se abria e logo se fechava.

Um soldado se atrapalhou quando viu Orion se aproximando. Bateu na parede e caiu na frente de Binno.

O garoto pisou no soldado sem querer.

- Pela Origem, me desculpe! – Disse Binno, sem parar de correr.

Orion parou.

Binno se chocou contra as pernas do tio.

- Ufa! – A correria frenética terminou.

Finalmente, chegaram à estação de embarque.

A carona já estava partindo.

Já com motores ligados, ali estava um veículo estranho e desajeitado. Lembrava uma carruagem medieval. Uma estrutura redonda, cheia de ornamentos de luz. Luzes que piscavam e desenhavam rococós na estrutura redonda. À frente, como cavalos, dois mísseis propulsores puxavam a estranha bola iluminada.

A carruagem já estava começando a se mover quando Orion a alcançou.

O gigante agarrou um gancho na traseira da carruagem. Com firmeza, segurou a carruagem. Arrastou os pés pelo chão. Usou uma das mãos para bater

no veículo e avisar que estava ali.

Cada tapa que Orion dava na carruagem, ecoava em toda estação.

- Tum.

- Tum.

- Tum.

- Esperem. O garoto ainda está aqui.

Ofegante demais, Binno não conseguiu gritar. Apenas ouviu alguém xingar de dentro da diligência. Foi um xingamento incompreensível. – *Que língua é essa?*

A carruagem parou.

Ainda com fôlego sobrando, Orion ralhou:

- Teve sorte garoto. Um veículo destes não aporta duas vezes no mesmo lugar. Agora entre e tenha uma boa viagem.

Binno se despediu com um abraço. Uma elegante porta se abriu na lateral da carruagem de aço.

O garoto subiu no veículo e o que viu foi impressionante.

O ambiente interno era muito maior que parecia por fora. Lá na frente, um homem de barba cinzenta e embrenhada, guiava a carruagem. Através de controles que lembravam uma mesa de som, ele comandava os mísseis do mesmo jeito que cocheiros guiam cavalos.

Na parte de trás da carruagem, estavam algumas pessoas muito bem acomodadas. Algumas deitadas em redes. Outras simplesmente sentadas.

Binno ainda respirava com dificuldade quando viu Kira. Ela devia estar feliz, afinal de contas, o amigo tinha conseguido embarcar.

Mas a garota não esboçou o mínimo sorriso.

A Aliança temia uma guerra na Cidade Original. Com certeza, foi o Doutor Ítalo quem obrigou Kira a sair do Palácio.

Mas porque Kira estava tão brava?

Uma voz, leve como um lençol de seda, falou.

- Seja bem-vindo ao Cascudóptero, nosso humilde veículo. – Miranda Mind

apontou seus longos cílios delineados para o garoto e o convidou para sentar.

Aquela era apenas a segunda vez que Binno encontrava aquela mulher. Mesmo assim, ficou feliz por ter uma companhia tão bela no lugar para onde ia.

Binno entendeu. O ódio de Kira tinha um nome: Miranda. E enquanto aquela mulher de costas longas estivesse por perto, Kira ia continuar quieta.

Ciúmes à parte, algo novo acontecia.

O garoto pensou sobre o destino daquela viagem.

O Palácio e sua internet em colapso ficavam para trás. O detestável Mestre Troy, as acusações, o julgamento, o fracasso na Prova Maior, as xícaras com restos de algas negras, a obrigação de provar que não era um clone... Tudo estava ficando para trás.

O que vinha pela frente era mistério.

Um pensamento simples fez o garoto sorrir:

- *Outra vez, não tenho a mínima ideia do que vai acontecer.*

# CAPÍTULO CINCO
# O ataque do Polvotrom

- Rrrrrrrrrrrrrrrrrrr!

Os viajantes permaneciam quietos.

Até agora, o único barulho que se ouvia era o ronco grotesco de um sujeito com unhas do pé horríveis. – Rrrrrrrrrrrrrrrrr. - Sim, o homem dormia esticado em uma rede, com o corpo totalmente encoberto por um lençol em péssimo estado. A única parte do homem que se via era um pé com dedos grossos. E unhas espessas, sujas e tão grossas que pareciam unhas de madeira.

Sem nenhuma sutileza, Kira quebrou o silêncio.

- Para onde estamos indo? - A garota não disfarçou a fúria. – E que veículo nojento é esse? Alguém vai explicar alguma coisa?

Miranda evitou olhar para a menina. Subitamente, levantou.

A mulher pensou em dizer algo. Repensou. Respirou fundo. Seu vestido era costurado com um tecido que flutuaria com o menor dos ventos. Leve. Longo. Liso. E laranja. Sua pele, lindamente bronzeada, lembrava o sol de Utoppy: forte, radiante, quente. Aliás, aquele era um bronzeado estranho para alguém que vive embaixo d'água.

Kira encarou a mulher, com raiva.

Neste momento o homem grotesco parou de roncar.

Ele tirou o lençol da cara e mostrou um rosto redondo, com uma barba preta e desalinhada, olhos esbugalhados e um cabelo feio.

- Uahhh!! – Bocejou longamente, esticando os braços roliços. – O despertador está estragado ou alguém aqui não conhece as regras da siesta?

Kira olhou com nojo para o sujeito.

O homem trazia pendurado ao pescoço um grande relógio de ponteiros curvos parecia girar muito mais rápido que ponteiros normais. Mais chamativa que o relógio era a barriga do homem. Era fácil acreditar que estava grávido de um *alien*, ou algo assim.

- Tudo bem, - o barrigudo começou a futricar em uma de suas unhas de madeira dedão. – eu realmente precisava acordar, já estou com fome. – Ele sorriu para Kira e revelou um sorriso sujo e avantajado, como um coelho que não escova os dentes.

Kira ficou com mais nojo ainda. Mas Binno achou graça do sujeito escrachado de voz grossa.

- Eu sou Binno OXZ e essa é Kira Bella. Estamos de carona.

- Eu sou Pan Psy, todos me chamam de Pança, um humilde cervo para Breno Vox e Keira Bola. Uahhhhhh – Outra vez ele se espreguiçou. – Aproveitem a viagem. Mas ninguém pega carona no Cascudóptero. Se estão aqui, deverão pagar pela viagem.

- Sou Binno, não Breno. E não temos dinheiro.

- Sim, sim Brino. Vocês terão chance de pagar no futuro. Tem algo de comer aí nessa mochila?

Binno não conseguiu responder. Outro estranho acordava.

Uma voz preguiçosa veio de outra rede.

- Pela Origem, divida logo o lanche que tiver aí, estou com tanta fome que comeria um cocatrix.

A voz era de um rapaz que dormia com o rosto totalmente encoberto por uma touca. Ele levantou o apetrecho de modo a mostrar o dois grandes olhos amarelos e um piercing na sobrancelha. As pessoas que até agora pareciam estar cochilando, riram muito alto, como se aquilo tivesse muita graça.

Binno também riu, mesmo sem ter entendido a piada.

Kira era a única que continuava séria.

O rapaz de olhos amarelos falou para Kira:

- Eu sou realmente engraçado ou eles são retardados?

A garota não estava a fim de papo. Nem se deu ao trabalho de responder.

Coçando o piercing na sobrancelha, ele encarou Kira, curioso com o mau-humor da garota. O visual do rapaz era reacionário. Usando camiseta regata, exibia braços fortes para um adolescente, totalmente tatuados com símbolos, hieróglifos e desenhos sem sentido. Outra vez ele arriscou um assunto com Kira.

- Isso é muito egoísmo hein. Está escondendo seu sorriso só pra você. Não

se preocupe, eu não me apaixono tão fácil.

Até Miranda riu da cantada barata do rapaz, com discrição, sem mostrar o branco dos dentes.

Kira foi a única que continuou de rosto fechado.

O rapaz não se intimidou.

Tirou a toca e mostrou corte de cabelo moicano enorme. Os cabelos eram totalmente prateados.

Agora sim Kira riu.

O rapaz coçou o cabelo. - Olha quem falando. Nunca vi tanta tinta num cabelo tão fininho. Nem vem falar mal do meu moicano.

- Eu não disse nada. – Kira não disfarçou a ironia no sorriso.

O rapaz voltou a vestir a touca e falou.

- Tudo bem. Meu cabelo não é lá essas coisas mesmo. Muito prazer, sou Zacharias Psy, mas para você sou apenas Zac. Em breve serei o maior dos bardos. Não sei o que a Sinistra disse para vocês, mas eu não sou, e nunca serei desta trupe. O rapaz apontou para seus colegas de viagem, como se fossem nojentos.

- Quem é Sinistra? - Kira mal olhou para o rapaz. – E de que trupe você está falando?

- Ahá! Então ela não se apresentou?

Miranda fechou o rosto. Nem se deu ao trabalho de encarar Zac que agora apontava para ela.

- Pois esta linda morena de pele bronzeada tem mais segredos do que vocês imaginam. Que coisa feia Sinistra, sequer contou aos seus convidados com quem eles estão metidos. - Zac Psy tirou sua toca outra vez, exibindo seu moicano prateado, depois falou. – Vocês precisam saber, garotos...

- Quieto Zac. – Uma senhora de rosto redondo tentava cochilar em uma cadeira de balanço. – É melhor me deixar dormir, se não quiser que eu arranque essa moita que você tem na cabeça.

Binno achou graça da brincadeira da mulher. E riu com vontade. Então, percebeu que era o único rindo. Todos os passageiros estavam quietos. Será que a senhora estava falando sério?

Haviam mais dois homens.

Dois brutamontes.

Eram dois sujeitos grandes, parrudos, de ombros curvados, tentavam dormir sentados. Os dois encararam Binno com raiva. Pelo jeito, aquela gente realmente queria dormir.

Binno parou de forçar a risada.

Zac cochichou para Kira.

- Esse seu amigo é normal?

Kira deu de ombros.

Binno percebeu que todos já tinham mostrado o rosto. Menos um sujeito que continuava afastado dos outros, usando uma capa que encobria todo o corpo. Um grande capuz escondia o rosto.

- E aquele, quem é? – Binno perguntou para Zac.

O rapaz coçou a cabeça. Como se pensasse na resposta que daria.

- Vocês sabem como são os famosos, gostam de fazer tipo. Esconder o rosto, estas coisas. Tenho certeza que vocês já conhecem a figura, nem que seja por sites de fofoca. Não é um membro da trupe. Também está de carona. E como pagou bem, vamos respeitar a vontade de continuar com a identidade oculta. Concordam?

O encapuzado nem se moveu. Ignorou os comentários do rapaz.

Zac mudou de assunto.

- Aliás, vocês viram a surra que os Salmões Palacianos tomaram ontem. Os Moluscos Argentinos praticamente jogaram sozinhos.

- Psiu! – O encapuzado pediu silêncio.

- Que foi? – Zac não gostou da repreensão. – Só estou comentando.

No outro lado. Alguém reclamou.

- Silêncio, - a velhota de rosto redondo parou de balançar a cadeira – vamos bater em dez segundos. Segurem-se.

Zac, que até agora esteve deitado em uma rede, se pôs sentado, lentamente:

- Pela Origem, a vida perde toda emoção do seu lado. Por isso nunca

arrumou um marido, vidente Vivian View.

- O gelo acabou. – Respondeu a senhora, enquanto se segurava com firmeza num mastro ao seu lado.

- Gelo? Pra que gelo?

Neste segundo, algo bateu no Cascudóptero.

Um grande estrondo se ouviu. Em seguida, Zac caiu de cara. Pelo barulho, o tombo foi muito dolorido.

Kira também se desequilibrou, mas Miranda segurou a garota antes que ela caísse.

- Aaaarrrr.... – Ainda caído, Zac já exibia o rosto vermelho. – Então o gelo era para isso.

- Não sei o que houve. Não vi nada. – O piloto olhou para trás, ele tinha uma grande barba cinza e desgrenhada, era quase careca e olhos muito pequeninos. – Algo bateu na gente. Ainda não descobri o que é.

Binno foi ajudar o rapaz se levantar.

- E vai bater outra vez. – A vidente Vivian se segurava com ainda mais firmeza no mastro.

Binno e Zac se olharam. Não havia tempo de Binno voltar para o seu lugar. Outro choque desequilibrou o Cascudóptero.

Desta vez o barulho de Zac caindo no chão foi ainda maior. E Binno caiu por cima dele.

- Como ela sabia?

- Ela sempre sabe quando uma desgraça vai acontecer. Mas só avisa quando não adianta mais nada. – Zac respondeu com o rosto ainda colado no chão.

Binno levantou já de olho na vidente. Ela ainda se segurava com firmeza no mastro. Por isso, o garoto correu para sua poltrona e se segurou como pôde.

Foi a vez do piloto barbudo anunciar.

- Atenção rapaziada, ele vai bater de novo.

O Cascudóptero balançava como o rabo de um peixe bêbado.

Alguém gritou:

- Pela Origem, o que está acontecendo.

- É melhor vocês olharem com os próprios olhos. – O piloto já estava suando, executando manobras cada vez mais rápidas.

Zac Psy foi até a janela.

- Pela Origem de todos os bardos, o que é isso? Evapora logo Barba.

O piloto virou para trás e apertou seus pequenos olhinhos pretos. Magro e miúdo, o homem tinha uma barba tão grande e espessa que escondia todo seu tórax. Era o único que mantinha a calma.

- Não posso fazer isso, estamos no meio da cidade, você conhece as regras. Além disso, é muito arriscado, podemos bater...

- Mas ele já está batendo em nós. Pela Origem!

Outra vez o Cascudóptero se sacudiu como se tivesse tomado um tapa de um gigante.

O piloto barbudo acelerou mais. Pelas janelas se via tudo ser ultrapassado. Tudo virou borrões de luz.

- Ele continua atrás de nós. Existem milhares de submarinos aqui, por que ele está atrás de nós. – Zac estava na janela, todos outros se seguravam como podiam.

Binno tentou levantar, mas Kira segurou o garoto. Continuaram sentados.

- Vou para o lodo. – O barbudo gritou lá da frente, e executou uma nova manobra. O veículo se inclinou totalmente para frente. Estavam mergulhando nas águas mais profundas. – Quero ver esse cara seguir a gente até o fundo.

Um dos sujeitos grandes, com os ombros curvados, arrancou Zac da janela. Disse com uma voz grossa:

- Ele continua atrás de nós. O que está acontecendo?

Foi Miranda quem respondeu:

- O Grande Oceano está sob ataque. Por isso estamos saindo daqui.

- Sim, mas porque este monstro continua atrás de nós? – Zac estava em pânico. – Existem milhares de pessoas pra ele atacar, porque corre atrás de nós?

O Cascudóptero mergulhou rápido com um tiro. Para fugir, o piloto barbudo estava se afundando cada vez mais em águas terrosas e profundas.

Kira e Binno se encararam. Eles tinham uma ideia do que estava atrás deles. Mas só acreditariam vendo. Os dois se levantaram juntos e foram até a janela.

Pediram licença para o barrigudo Pan Psy, que olhava pela janela enquanto apertava o relógio pendurado em seu peito, como se fosse um amuleto.

O barrigudo saiu da frente.

E os dois puderam ver àquilo que mais os enchia de pânico.

O perseguidor era submarino que mais parecia um monstro mecânico.

Gigantesco, com tentáculos compridos e pegajosos. Mil vezes maior do que o frágil Cascudóptero. Eles conheciam muito bem aquele submarino negro.

- É o Polvotrom. – Os dois disseram juntos.

- Polvotrom? – Zac intrometeu seu moicano prateado no meio dos dois – O lendário submarino de guerra? Construído pelo Império Enguia?

-Esse mesmo. – E pensava em mil coisas ao mesmo tempo. - Não pode ser. Este submarino foi criado para ser pilotado por uma única pessoa...

- Hefesto Xenon, - Kira completou a frase de Zac. – Você conhece a história. Agora pare de falar.

Zac ignorou Kira e continuou falando.

- Estamos sendo atacados por Xenon, em pessoa? Esta é uma honra que eu dispenso.

Binno olhou para os dois homens parrudos. Quietos até agora, levantaram ao mesmo tempo.

Irritados pareciam prontos para quebrar Binno ao meio.

- Ah! – Zac se intrometeu entre os homens e o garoto. – Então, Binno? Já conhece os simpáticos irmãos Brobabov e Brobaboa, os caras mais feios da trupe?

Um dos brutamontes empurrou Zac para o lado e continuou encarando Binno com raiva. A voz do sujeito era grossa e gosmenta.

- Xenon não mandaria seu submarino favorito atrás de nós. Ele quer um de vocês, pestinhas.

- Nós? Porque ele ia querer a gente? – Binno não quis aceitar essa ideia.

Outro sujeito feio e parrudo encarou Binno.

- A gente sabe quem libertou o Imperador rebelde, - O sujeito fez questão de falar isso bem lentamente. – senhor Binno OXZ?

- Isso todo mundo sabe. – O garoto rosnou contra os brutamontes.

- Calma aí gente, - Zac Psy se interpôs outra vez entre os dois sujeitos grotescos e Binno - pode ser qualquer coisa gente. Ele pode ter confundido a gente com ração para polvo.

- E eu posso confundir você com um saco de pancadas. – Respondeu o homem para Zac.

A discussão continuou, mas o piloto tinha outra preocupação. De olho no retrovisor, continuava suando enquanto executava manobras impensadas, desviando de cada soco e chicoteada executada pelos longos tentáculos do Polvotrom.

O Cascudóptero ainda mergulhava mais nas águas profundas e terrosas do Grande Oceano.

Kira defendeu o amigo.

- Não existe motivo para Xenon perder tempo com o Binno. Ele pode estar atrás de qualquer um. Quem garante que não é você que ele quer? – A garota apontou para o nariz do homem parrudo.

- Não existe outra coisa que interesse ao Xenon neste veículo – O homem pareceu sem jeito. – Até nosso compartimento de carga está vazio. Não está? – O sujeito voltou seu olhar para Zac Psy.

Zac pensou. E, arregalou os olhos amarelos como se lembrasse de alguma coisa e suou frio. Disfarçou.

- Sim, sim, sim. Acho que está. Eu mesmo limpei o compartimento de carga.

Ficou claro que havia algo estranho no bagageiro. Mas ninguém voltou a falar sobre isso. Miranda interrompeu a discussão.

- Já chega. Concentrem-se. Temos que sair desta situação.

O homem maior agarrou Binno pelo braço. - Tem razão Miranda, é hora de tomar uma atitude. – Vamos jogar esse aqui para fora e ver se é isso que o Polvotrom quer.

- Pela Origem, alguém precisa saber se o motivo é este mesmo. – Disse Zac, não escondeu o desespero.

- Pergunte para ela, ela não é advinha? – Binno apontou para a velha senhora de rosto redondo, Vivian.

- Advinha? – Zac ainda conseguia rir, mesmo naquela situação. - Você é estranho rapaz. Está pensando o que? Que temos uma nýstica particular aqui? Ela é a “senhora dez segundos”. O máximo que consegue prever é que uma coisa ruim vai acontecer numa contagem de dez segundos. Isso não serve para nada. Dez segundos você faz o que?

- Dez.- Disse a senhora de rosto redondo.

- Isso mesmo, dez. – Respondeu Zac, irritado.

- Nove. – Retrucou a mulher, já afirmando as mãos no mastro à sua frente.

- Droga! – Zac pareceu entender.

- Oito. – Todos correram para um ponto firme e se seguraram como puderam.

- Sete. – Binno foi o último a se segurar, queria ter certeza de que estava longe o suficiente daqueles sujeitos parrudos.

Firme no lugar mais afastado possível dos dois sujeitos grotescos, Binno olhou para os passageiros. Todos se agarravam com força ao veículo. Somente o sujeito com o rosto escondido por um capuz continuava quieto e silencioso. Nada abalava confiança do encapuzado. – *Pela Origem, quem é aquele?*

O único que se mexia era o piloto barbudo. E o Cascudóptero se esquivava dos golpes do Polvotrom.

Os segundos passaram. Outra batida sacudiu o pequeno veículo que tinha forma de ovo.

Esta foi a mais forte, com certeza. Kira não conseguiu se afirmar e escorregou pelo chão liso do veículo.

Algo queimava dentro do Cascudóptero, a fumaça já irritava os olhos de todos.

- Aguenta meu querido, só mais um pouquinho. – O barbudo beijou o painel de seu veículo e suplicou pela própria vida.

- *Onde ela foi parar?* – Binno procurava Kira, mas em meio àquela fumaça,

demorou a enxergar a garota.

Encontrou.

Os dois sujeitos grotescos arrastavam Kira pelos braços enquanto ela se debatia. Eles iam jogar a garota para fora do Cascudóptero.

A garota reagiu.

Girou o corpo e fez os dois homens baterem de cabeça.

Caída no chão, chutou o joelho de um deles.

O homem caiu.

Mas o caído era grande demais. Com o braço estendido, puxou a perna de Kira.

Quando Binno correu para ajudar Kira. Miranda surgiu na sua frente.

Viu as longas costas de Miranda.

Miranda abriu os braços. E suas vestes leves lembraram asas de uma águia em pleno voo. Ela curvou o joelho direito para frente.

E os homens gritaram de medo.

Me-do. Muito medo.

Dois caras daquele tamanho com medo de uma mulher de braços abertos? – *Por que?*

Soltaram a menina.

Com uma expressão apavorada, os parrudos caíram de joelhos.

- Por favor, nos perdoe. - Implorava um grotesco de ombros curvados.

Kira correu para perto de Binno.

- O que aconteceu lá? – O garoto perguntou.

Ofegante, Kira respondeu com dificuldade.

- Não sei. Ela abriu os braços e eles morreram de medo. Parece que viram fantasma. Foi sinistro.

Segundos depois, Miranda se virou e mostrou uma expressão séria.

- Agora voltem aos seus lugares.

O veículo continuava indo às águas mais profundas com o máximo de

velocidade.

O piloto parecia em estado hipnótico.

Uma manobra fez todos caírem no piso escorregadiço.

Binno deixou seu corpo deslizar até o bico do Cascudóptero, onde o barbudo comandava suas alavancas. Gritou: - Você vai bater no chão.

O sujeito de barba desgrenhada olhou para Binno, surpreso:

- Já fomos apresentados? Eu sou Barry Cenna, mas pode me chamar de Barba.

Agarrado na parede, tentando se afirmar, Binno respondeu.

- Muito prazer...

Subitamente, Barba esqueceu o novo amigo e se concentrou em sua próxima manobra.

Movendo os braços mais rápido do que era possível enxergar, apertou centenas de botões e mexeu diversas alavancas.

Pelo monitor, Binno viu o Polvotrom se aproximar.

Já estavam próximos demais do solo, tinham que reduzir.

Um dos tentáculos de aço do Polvotrom mirava o meio do Cascudóptero.

O barbudo não esboçou a mínima emoção. Num movimento espetacular, fez o Cascudóptero realizar um looping há poucos metros do solo. A manobra confundiu o Polvotrom que acabou cravando seu tentáculo assassino no lodo mais profundo do Grande Oceano.

O Polvotrom estava preso!

- Isso!!!! – Barba beijou o leme de seu veículo, como se agradecesse pela manobra.

Aquele havia sido um ato de extrema inteligência. Barba tinha enganado o Polvotrom.

Se sacudindo para arrancar o próprio braço do solo, o submarino negro fez uma quantidade enorme de areia flutuar. O resultado foi névoa. Ficou impossível enxergar qualquer coisa nas águas.

O Cascudóptero começou a subir.

Na escuridão da água suja, o veículo subia sem medo. O Barba não parecia nervoso. Calmo, levava a todos direto para cima.

Quando a areia se dissipou, finalmente os passageiros conseguiram ver algo à frente do veículo. Entretanto, o que viram fez todos terem vontade de não enxergar.

Uma garra de aço vinha em direção ao Cascudóptero.

Os tentáculos do Polvotrom eram mais longos do que imaginavam. E agora estavam a poucos metros da garra inimiga.

Urros de pavor.

Um dos parrudos, soltou um gritinho. - Pela Origem. Estamos mortinhos. Nesse momento, todos pararam de gritar de pavor e olharam para o homem grotesco de voz fina.

- *"Mortinhos"*? – Pensaram.

Depois, olharam para garra que agora estava há menos de um metro. E gritaram urros de pavor outra vez.

- *Ahhhhhhh!!!!*

O Barba mexeu rapidamente algumas alavancas.

Mas era tarde demais.

O Cascudóptero estava preso a garra do submarino negro. Os passageiros seriam esmagados. Era o fim.

Todos encolheram seus pescoços. Não que isso fosse ajudar alguma coisa, mas esse estranho instinto sempre age nas pessoas nos segundos que antecedem uma destruição inevitável. As pessoas encolhem seus pescoços e fecham os olhos. Isso pode acontecer por mil motivos, é verdade. Mas nesse momento, Binno achou que o motivo era o seguinte: - *Se vou morrer, quero que minha cabeça fique em cima de meu pescoço... Por que? Não sei.*

A garra ia esmagar o Cascudóptero.

Com o pescoço encolhido e os olhos fechados, Binno aguardou o barulho de ferro retorcido.

O barulho não veio.

O garoto abriu um único olho. E o que este olho viu foi seus colegas de quase- morte igualmente curiosos.

- Por que ele não esmaga a gente? – Disse Zac. Depois, o aprendiz de bardo olhou para cima e falou bem alto. – Não que eu esteja reclamando, também sou contra esmagamentos. Só estou curioso.

- Alguém aqui é aliado de Xenon. – Disse o grotesco de dentes para fora da boca.

Como uma criança que tem um submarinho de papel na mão, o Polvotrom podia esmagar o Cascudóptero do jeito que bem entendesse.

Com exceção de dois grotescos, os outros passageiros não estavam interessados em saber o motivo da perseguição, ou do não esmagamento, o que queriam de verdade era sumir daquele lugar.

- Vamos evaporar. – Disse Barry Cenna, coçando sua barba cinza e desgrenhada.

- Mas estamos no meio da cidade. – Respondeu Miranda, preocupada com aquilo.

- Será mais uma lenda que contarão sobre a gente. – Disse o Zac com os olhos brilhando de emoção.

- Não. É arriscado demais. Não é só a nossa vida que está em jogo. – Respondeu Miranda, séria.

- Sinistra, - Zacharias insistia em chamar a mulher por este apelido. Ele lançou um olhar enigmático sobre Binno e Kira. – você tem razão, não é só nossa vida que está em jogo.

- Não se preocupe Miranda, - Barba falou em tom submisso. – Serei rápido como um jato de ar. Não saberão se fomos nós ou um cuspe da terra.

O Polvotrom finalmente livrou seu tentáculo preso na terra. Então, começou a se mover de modo perigoso nas águas profundas do Grande Oceano.

Miranda parecia diante de um dilema titânico.

Binno encarou Kira com a mesma dúvida. Não tinham a menor ideia do que estava sendo dito. – *Como assim, "evaporar"?* – Pensaram.

Mas, a hora não era boa para perguntar.

Um grande barulho de ferro sendo esmagado pôde ser ouvido.

Mesmo sem querer, o Polvotrom ia acabar esmagando o pequenino Cascudóptero.

- Tudo bem. – Miranda se sentou outra vez. E segurou firme nos braços da poltrona. – Mas Barba, por favor, seja invisível.

- Como um fantasma, madame. – O barbudo voltou à sua posição de pilotagem, resmungando. – Exatamente como um fantasma.

Todos correram para se afirmarem em suas poltronas. Mesmo sem saber o porquê, Binno e Kira fizeram o mesmo.

Muito mais rápido que antes, o piloto agora se movia como um robô indefectível. Apertando botões, movendo alavancas e soltando risinhos eufóricos, parecia uma criança sapeca que está prestes a estourar um rojão.

- Dez – Gritou a vidente de rosto redondo.

- Fica quieta bruxa agourenta. – Zac quase levantou da sua poltrona, com raiva. Não queria ouvir uma contagem para um desastre.

- Nove. – A velha senhora falou com a voz rouca e fraca, como alguém que está prestes a morrer.

Então, um solavanco assustador fez os passageiros afirmarem ainda mais as mãos em suas poltronas. O Cascudóptero começou a se sacudir como peixe que quer fugir do pescador.

- Oito.

O veículo passou a executar um movimento impensável: como um parafuso, girou em torno de si mesmo. Os passageiros já estavam tontos. Era como um brinquedo num parque de diversões, porém mais rápido.

- *Ah! O parque de diversões!* – Pensou Binno - *Como é divertido quando você não está prestes a ser esmagado por uma garra gigantesca.*

O giro rápido impedia que os passageiros vissem uns aos outros. Agora, todos eram apenas manchas.

- Sete.

Binno mal respirava. No entanto, de algum jeito, a velha senhora tinha forças para continuar sua contagem até a calamidade final.

O Cascudóptero se soltou. Girou centenas de vezes para escapar da

aterrorizadora garra do Polvotrom. E agora, embalado pelo giro absurdo, subia como um foguete.

A velocidade era esplêndida. Não era possível enxergar nada lá fora. Binno sentiu-se esmagado, como se uma massa absurda de ar pressionasse seu corpo para baixo.

Continuavam a subir, apesar da pressão do ar e da velocidade inimaginável. Viram a Cidade Original se aproximar.

- Seis.

Passaram pelas luzes. Estavam indo direto para superfície de águas ácidas. Todos sabem o que acontece com as da superfície. São águas terrivelmente ácidas. Qualquer um que se aproxime das águas da superfície derrete.

A força que o Cascudóptero fez para subir foi tanta, que o piloto não estava conseguindo controlar o veículo.

Continuavam subindo.

- Cinco.

Pela Origem, já estavam alto demais. Barba parecia desligado. Nem ao menos tentava parar o veículo. Iam derreter!

- Quatro.

Binno já via a luz do sol. Nem o melhor freio do Grande Oceano ia parar o Cascudóptero agora. O veículo girava cada vez mais rápido. Tão rápido que já estava aquecendo a água. A água ao seu redor estava fervendo.

- Três.

É isso. Binno finalmente entendeu o que era evaporar. O Cascudóptero girava tão rápido que podia aquecer a água à sua volta. Com a água transformada em vapor, criava ao seu redor um campo protetor contra a acidez do oceano.

- Evaporamos!

Ao seu lado já não havia água ácida, apenas vapor.

Saltaram acima do Oceano.

Saíram do mar.

Estavam vivos.

Binno sentiu como se tivesse voltado à vida. Aquele veículo tinha muitos

segredos.

E que segredos teriam aquelas pessoas?

O sol forte cegou momentaneamente a todos.

De olhos fechados, Binno pensou no apelido de Miranda: Sinistra. Ninguém ganha um apelido destes de graça. E pela Origem, para onde iriam agora? Iam voar pra onde?

Zac Psy, o aprendiz de bardo, levantou e colocou o dedo na cara da mulher cheio de razão. - E agora velha agourenta? Sua previsão falhou, não aconteceu nada comigo. Já estamos voando.

- Dois. – Ela respondeu com um risinho nos lábios.

- Do que você está falando mulher? – Zac ficou ainda mais irritado.

Com a pressão da subida rápida, a estrutura do Cascudóptero se enfraqueceu. De repente, algumas placas de metal começaram a sacudir.

- Um.

Zac olhou para cima e viu uma placa caindo. Ele mesmo falou:

- Ah! Era isso.

O real motivo da contagem foi direto para cabeça do rapaz: um pesado pedaço de metal.

- *Ploft!*

Zac foi à lona.

Desmaiou na hora.

A velha vidente fez questão de abaixar e chegar bem pertinho do ouvido do rapaz. Zac estava desmaiado. Mesmo assim, ela concluiu sua contagem.

- Zero.

# CAPÍTULO SEIS
# Fabulosa Falahcia

As nýsticas haviam previsto o caos. E uma marcha silenciosa que esmagaria os Doutores.

E aconteceu.

Numa era em que tudo é online, o que acontece se internet cair?

O caos. O colapso. O medo.

As comunicações entraram em colapso. E, todo o sistema de defesa da Aliança ficou inutilizado.

A previsão das nýsticas havia se concretizado. E a Aliança Maior se inundou de medo.

A guerra aconteceria. Todos sabiam.

Por segurança, o Doutor Ítalo Bella pediu para Miranda Mind proteger Kira Bella, sua filha e Binno OXZ, sobrinho do Doutor Orion Sirineu.

Kira pensava em seu pai.

E Binno pensava onde tinham ido parar.

Estavam centenas de quilômetros acima da montanha mais alta. Sem absolutamente nenhum contato com o oceano.

Viajaram em uma linha vertical.

Para cima.

Só para cima.

Durante o percurso, os tripulantes do Cascudóptero recuperaram a tranquilidade e o jeitão desleixado. Depois que acordou, Zac ficou eufórico, se gabando de ter uma história que faria o público estremecer as dentaduras e arrepiar os cabelos da orelha.

Quando finalmente o Cascudóptero parou de subir, estava num ponto onde

as nuvens se espalhavam como a neblina de uma manhã fria.

Ainda surpresos com o destino daquela viagem, os dois jovens protegidos de Miranda estavam de queixo caído e olhos arregalados.

Avistaram ao longe algo gigantesco. Parecia uma ilha flutuando em plena estratosfera. Era algo imenso e incompreensível.

Aproximaram-se da ilha de metal.

Finalmente, pousaram sobre aquela esquisitíssima estação flutuante.

O encapuzado silencioso foi o primeiro a desembarcar do Cascudóptero.

Apressado e sem olhar para trás, caminhou rápido à frente de todos.

Mais relaxada, a Trupe dos Absurdos saltou aos poucos do veículo. Lentamente, caminhou satisfeita em direção a enormes portões de ferro, que eram sem dúvidas a entrada de uma cidade. Naquele portal, uma placa dizia em letras enormes:

FALAHCIA.

QUEM PENSA DIREITO NÃO ENTRA. QUEM ENTRA NÃO PENSA DIREITO.

Kira e Binno continuaram parados. Embasbacados com aquele letreiro.

- O que a gente faz? – Binno falou baixinho, depois que a trupe se afastou.

- Não sei. – Kira tremia de frio. – Talvez papai não soubesse que a gente ia vir para cá. Não acho que seja seguro.

Dando vivas de alegria, a Trupe passou pelos enormes portões que se abriram para receber os viajantes.

Binno olhou outra vez para a placa.

QUEM ENTRA NÃO PENSA DIREITO.

Um vento frio passou por eles.

Olharam para trás, na esperança de ver alguém.

Não havia mais nada ali. Só um vento gelado, como o calafrio que acompanha as lendas de fantasmas.

Não havia alternativas, os dois perdidos seguiram em frente com as pernas tremendo de frio e de medo. Caminharam até o portal de entrada da cidade, que

parecia maior para quem passava por baixo dele.

Dentro da cidade, o vento era menor. Mas ainda era frio.

O lugar parecia um formigueiro. Centenas de barracas de todo tipo e tamanho, montadas umas ao lado das outras. Montes de casas de tecido. Algumas grandes como um circo. Outras pequenas que mal poderiam acomodar uma pessoa.

Uma rua larga cortava essa multidão infindável. E mesmo nesta rua, as pessoas se acotovelavam para caminhar e vender suas mercadorias.

A sensação era de estar em uma gigantesca feira. Uma feira tão louca quanto já foi possível imaginar. Mercadorias de todo tipo eram vendidas por ali.

Era uma confusão.

- Eu devia ter ido com o Polvotrom. – Kira estava desapontada com o lugar. –

Essa cidade é nojenta.

Um homem abordou Kira oferecendo uma ave depenada. Ela disse que não queria. Então o homem começou a mostrar outras dezenas de produtos: vestidos, botas, mp3players, frutas, patins de shockey, sementes, computadores, morcegos e um petisco que parecia a coxa de um dinossauro.

- Eu disse que esse lugar é nojento? – Kira empurrou a coxa para longe de seu rosto. – Eu quis dizer ultra repulsivamente mega nojento. Onde foi parar aquela mulher?

Kira estava perguntando por Miranda. Binno deu de ombros.

Não viram ninguém conhecido. O vento frio não afastava as pessoas que permaneciam enroladas em pesados casacos floridos, vendendo, comprando, negociando.

Sujeitos desdentados, imundos, narizes cabeludos, olheiras profundas. Todo tipo de gente, competindo por melhores barganhas.

- Vocês vêm comigo.

Uma mão peluda com unhas de madeira pegou no ombro de Binno. Outra no ombro de Kira.

Por puro reflexo, Binno acotovelou o estômago do sujeito que estava segurando seu ombro. Kira também foi rápida. E, sem olhar para trás, usou o

calcanhar para chutar a canela do dono das unhas de madeira.

- Uuugh! – Duplamente atingido, o homem se contorceu de dor.

Binno arregalou os olhos quando viu que era Pan Spy, o Pança, com olhos esbulhados e uma bagunçada barba preta, o companheiro de viagem que passou quase todo o tempo deitado em uma rede no Cascudóptero, agora nem conseguia falar.

- Desculpa, desculpa. – Kira ficou sem jeito. – Mas você assustou a gente.

- Si, si... – O homem tentou recobrar a postura, ainda passando a mão no estômago. Tentou enxergar as horas em seu relógio de ponteiros curvos. – Tenho que cuidar de vocês. Miranda pediu para eu levar vocês para almoçar.

Mancando, o homem pediu que a dupla o seguisse em meio à multidão. Binno e Kira se olharam sem jeito, com pena do homem.

Conforme a dor ia passando, Pan Spy ia melhorando seu humor. Fazia piadas totalmente sem graça e ria alto. Era uma risada rouca e gorda, tanto que outras pessoas que estavam por perto riam junto.

Pelo jeito, ele era um dos ciganos mais populares naquela avenida. E cumprimentava alguém diferente, com beijos na bochecha e abraços, a cada grupo de vendedores que surgia à sua frente.

- Agora, vocês vão apreciar a verdadeira cozinha Falahciana.

Os três estavam parados em frente a um casebre muito antigo, feito de madeira velha. Leram na placa: TAVERNA DO XAROPE.

- Ali deve estar menos frio. – Binno protegia o rosto do vento.

- Sim, - Kira se desvencilhava de uma velha que tentava pendurar um colar de bananas em seu pescoço. – qualquer lugar é melhor que aqui fora. Vam’bora.

Pan Spy sorriu satisfeito.

Assim que abriram a porta da Taverna sentiram uma onda de calor.

- Fecha isso, pô. - A voz era de uma mulher forte e carrancuda.

- Agora tratem de entrar e relaxar – Pança entrou. E outro homem barrigudo gritou seu nome. Os dois trocaram beijos no rosto e se cumprimentaram com pesados tapas nas costas. Pan Spy foi praticamente arrastado até um grupo de beberrões que bebiam em grandes canecas.

Binno e Kira ficaram imóveis, tentando entender o lugar.

A escuridão daquela taverna dificultava o entendimento daquelas paredes de madeira velha, carcomidas em caruncho. No balcão do bar, como um amontoado de beberrões, os homens escoravam-se uns nos outros e brindavam por qualquer bobagem.

Em pequenas mesas redondas, alguns comiam. Outros disputavam queda de braço, outros jogavam a sorte com cartas incandescentes e outros até dormiam por pura ressaca.

A mulher forte e carrancuda puxou Kira e Binno para uma das poucas mesas vazias. – Assim vocês vão esfriar a bebida. – Ela fechou a porta com forca, puxou duas cadeiras e limpou uma mesa. – Pra vocês, sou a Senhora Norah. O que vai ser? Algo bem forte para a garota e uma dose de mata-águia para o garoto?

A balbúrdia era intensa. Mal foi possível ouvir a mulher falar.

A impressão era que uma grande alegria bêbada se espalhou pelo bar depois da chegada do Pança. E todos começaram a cantar uma espécie de hino, que pelo jeito, ninguém sabia a letra direito.

Senhora Norah continuava esperando uma resposta dos jovens clientes.

- Não, obrigada. – Kira tentou disfarçar a expressão de nojo.

- Não Senhora Norah, a gente não veio beber. Estamos na companhia dele. Binno apontou para o Pança, que agora erguia alto uma grande caneca e cantava com a voz rouca, acompanhando um grupo de beberrões.

- Ciganos-fantasmas / Enganos fantásticos / Fazemos a festa / É o que nos resta / Imundos rebeldes / Sem rumo / Sem rastro / Somos de fato / Feito a fumaça.

Então todos pararam de cantar para ouvir próprio Pança declamar sozinho. - Corram com pressa / Façam suas preces / Jamais pegarão / O povo de Falahcia / Que ergue sua taça e canta a canção.

E outra vez, todos cantaram juntos. - Lá, lá, lá / Lá, lá, lá / Falaaaaahcia! Era difícil dizer o que era mais assustador. A letra da música, ou, o desafino dos bêbados.

Binno olhou para a Senhora Norah.

A mulher tinha um olhar perdido, admirava os olhos esbugalhados do Pança.

Ela balançava a cabeça, adorando a música. Binno reparou que a mulher tinha pelinhos de bigodes pretos. E, um grande fio de barba debaixo de seu queixo.

- Preciso ir ao banheiro. – Kira falou alto para acordar a Senhora Norah de sua admiração sonhadora.

A mulher pareceu constrangida, como se tivessem descoberto um segredo seu. - É por ali, senhorita. E para o cavalheirinho, esta dose de Xarope-flamejante é por conta da casa.

A cantoria continuava. A maioria eram homens muito gordos, que balançavam suas canecas enormes enquanto enrolavam a voz tentando cantar.

Sobre a mesa de Binno, a Senhora Norah colocou um copo minúsculo com algo que queimava um fogo cor-de-rosa.

- Muito obrigado.

A mulher se afastou.

O garoto ficou olhando para sua bebida, intrigado. Não se atreveu encostar no copo.

Observou o lugar. Uma grande e empoeirada bola de cristal permanecia quieta sobre uma das mesas do lugar. E, bem acima do balcão, uma grande placa avisava.

*“NESTA TAVERNA, CIGANOS SÓ ENTRAM POR CIMA DO MEU CADÁVER”.*

*Aldus Xarope. Fundador da Taverna do Xarope, morto no dia seguinte.*

*– Anda rápido, Kira.* – Pensou Binno, querendo dar o fora dali.

Um pequeno cartaz ao lado de sua mesa fez o garoto arregalar os olhos.

*DUELO DOS INACREDITÁVEIS*

*A Hélice humana VS. O Barqueiro*

*Os maiores lutadores de sumóxe da atualidade se enfrentando em combate aberto.*

Binno fixou os olhos naquele cartaz.

Queria ter certeza de estar lendo a palavra certa.

Finalmente encontrou alguma coisa sobre “o barqueiro”!

Só podia ser ele. Meses de pesquisa na internet e nada de importante tinha aparecido. Mas agora estava ali, impresso em um cartaz envelhecido, na parede daquela taverna. Aquele era seu pesadelo: *“Para ajudar seu amigo, procure o barqueiro”*. O velho jardineiro sussurrou em sua cabeça. Só podia ser isso, o barqueiro que Adamastor mandou procurar. Tem que ser esse cara.

O cartaz começou a se esfarelar, como se tivesse milhares de anos.

- Eu não estou acreditando. – Binno falou sozinho, pasmo ao ver o cartaz virar pó.

- Não está acreditando no quê? – Senhora Norah estava ali outra vez. Na bandeja, trazia alguns copos sujos.

- Um cartaz. Tinha um cartaz aqui e ele...

- Virou pó? – A Senhora Norah coçou o bigode ralo, pensando na situação. –

Era um cartaz-proibido. São feitos para divulgar coisas que não podem divulgadas.

- Não faz sentido. – Binno ainda estava pasmo. – Se é proibido porque fazer um cartaz? Eu vi, posso avisar a policia, sei lá...

- Tem provas?

- Do que?

- Garoto, você tem provas que viu?

- Você também viu.

- Não, eu não vi. Um cartaz proibido só aparece para uma pessoa. Justamente para que não haja testemunhas. O pó que você viu, provavelmente está flutuando por aí, esperando encontrar alguém sozinho. E ele se transforma outra vez em cartaz. Como você acha que as pessoas ficam sabendo onde encontrar coisas proibidas? Propaganda, rapaz, é óbvio. Agora beba sua bebida, preciso do copo.

- O cartaz falava de um combate de sum.. sumo alguma coisa.

- Sumóxe. – A Senhora Norah pegou o copo de xarope-flamejante que tinha servido para Binno e bebeu ela mesma. – É um esporte. Meu ex-marido número dois... – ela pensou um pouco -... Não, meu ex-marido número três era um lutador. É um esporte meio-proibido. Ou seja, você pode ir para cadeia se falar, divulgar ou frequentar ringues de sumóxe. Mas, se você praticar, tudo bem. É a lei. Estranha como sempre. É melhor você não falar com ninguém sobre este cartaz.

Binno ficou em silêncio. O barqueiro era um lutador. Um lutador de um esporte clandestino. Binno precisava encontrar este homem.

- O que está havendo? - Pan Spy se juntou a discussão.

- O garoto aqui quer falar sobre um esporte meio-proibido. – Senhora Norah bebeu o resto de uma dose que estava em uma das taças sujas em sua bandeja.

- Rapaz. Você realmente gosta de problemas.

- Mas só li o cartaz de sumóxe.

- Quieto. – O cigano colocou a mão peluda na boca de Binno. – Se a guarda ouve, atira você na prisão.

- Ele é bem encrenqueiro. Parece seu irmão hein, Pan. – Disse Senhora Norah. O cigano pançudo ficou pensativo. E Binno ficou ali, parado com aquela mão peluda na boca.

Só depois que a mulher saiu limpando mesas Pança soltou Binno.

- Meu irmão não parece com você, não. Essa mulher é um docinho. Mas é meio burra. Talvez, você só goste de problemas, como ele gostava.

Binno não disse nada. Limpou a boca com um guardanapo e ficou pensando como alguém podia chamar uma mulher com tanto bigode de “docinho”.

- Ele era meu irmão gêmeo. – Pança tomou um grande gole de sua bebida. – Mas, era muito diferente de mim.

Binno continuou limpando a boca.

- Sabia que muita gente me confunde com meu irmão. Chegam a me cumprimentar pensando que sou ele. Eu não entendo, somos como xarope-flamejante e água de chuva. Não dá pra comparar. Vocês conheceram o filho de meu irmão, meu sobrinho, Zacharias Psy, o Zac, aquele menino esquisito com cabelo arrepiado e olhos amarelos. Lembra? No Cascudóptero. Pois o Zac é

sangue do meu sangue.

- Vamos sair fora? - Foi a vez de Kira chegar à mesa, interrompendo a conversa.

- Calma garota. Ainda nem experimentou o feijão-voador da Norah. – Pança levantou o braço, revelando uma mancha de suor na axila, e pediu pra Senhora Norah três poções gigantes de alguns pratos com nomes estranhos.

Binno descobriu que estava com muita fome. E mesmo assim, não conseguiu comer aquela imensa poção servida pela senhora Norah.

Pan Spy praticamente engoliu suas poções gigantes. E assim que terminou, perguntou se Kira não ia terminar a dela. Por fim, comeu praticamente toda a comida de Kira.

Ele pareceu um pouco ofendido com a desfeita de Kira. Binno, por outro lado, continuou tentando comer tudo.

- Eu sei que não é um banquete do Grande Oceano, mas eu não dispenso. – Disse o Pança, mordendo algo que parecia asas de um pterodátilo.

- Só estou sem fome. – Kira tentou ser amigável.

- Sabem, - Pança ainda estava ofendido com a desfeita da comida. – o Grande Oceano pode ser imponente, espetacular, tanto que é lá que fica o poderoso Palácio da Aliança Maior. Mas nós temos nosso representante lá, não temos?

- Mas Pan, a gente não consegue mais comer...

- Sim, sim, claro garoto. – Os olhos esbugalhados do cigano quase choravam.

Ele pegou a ave estranha do prato de Binno e começou a morder as coxas. – O Grande Céu um dia será poderoso como o Glande Oceano.

Binno resolveu amenizar.

- Você falou de um representante do Grande Céu na Aliança. Quem é?

- Quem? Ora, ora, todos sabem. O maior dos Doutores, Kounah Onícolo, o grande político do povo ciclope... Todo mundo sabe, aquele povo que é triste e melancólico, gigantes choramingões, que nascem já sabendo o dia da própria morte.

- Uau! – Binno estava realmente impressionado.

- Kounah Onícolo, nunca viram, é impossível não ver, ele é enorme.

- Sim. – Kira quis participar da conversa. – Claro que o conhecemos. Mas não sabíamos que ele era do Grande Céu. Aliás, a gente não sabe nada do Grande Céu.

- Onde os ciclopes vivem garotinha? Nas montanhas elevadas, óbvio. A princípio queriam se esconder, depois já era para se exibir mesmo. Enfim, são do Grande Céu. Todo mundo sabe que ele nasceu lá. E só ele sabe onde vai morrer.

- Um ciclope sabe o dia que vai morrer?

- Sim. Tem algo haver com o nervo óptico hipersensível. Ou com o que eles comem? Não lembro. Mas sei que eles nascem sabendo o dia que vão morrer.

- Tadinhos. – Kira falou baixinho.

- Melhor saber que vai morrer, do que ser como meu irmão. Ele achava que ia viver para sempre.

Kira e Binno ficaram quietos. Pança teve alguns segundos de tristeza e logo depois abriu um sorriso por baixo da barba crespa.

- Ele sempre foi muito diferente de mim. – Pan se divertia mordiscando as asas da ave estranha. - Às vezes eu acho que é tudo maior do que o corpo. Não sei, tem algo no espírito que é único. Eu era diferente demais de meu irmão. Sou legal. Ele era egoísta. Eu sou mais tranquilo. Ele era aventureiro, destemido.

- Mais aventureiro que você? – Binno não aceitou essa. - Mas e o ataque do Polvotrom de hoje, quer mais aventura?

- Ah! Isso era sobremesa do meu irmão. Meu irmão falia isso depois de caçar um cocatrix pro café da manhã. O Zac, filho do meu irmão, quer ser um bardo. E sabe por quê? Porque meu irmão foi o maior baldo que Falahcia já viu.

- E como ele morreu? – A pergunta escapou pela boca de Binno.

Pan Spy coçou a barba com o garfo, depois voltou a falar comendo o peito da ave estranha.

- Ser um bardo é arriscado, sabia? Que a Origem o tenha. – Jogou a mão para traz, como é hábito de quem pede algo para a Origem. – Meu irmão não foi um qualquer. Foi um dos maiores de Falahcia. Ele vivia aventuras incríveis e voltava à cidade dos ciganos para contar a quem pudesse pagar alguns oro$ para ouvir. Um dia encasquetou que queria conhecer o Retróculo?

- Retróculo? – Kira e Binno falaram ao mesmo tempo.

O cigano Pan Spy sorriu satisfeito com a ignorância dos dois.

- Todos os segredos do universo estão nas entranhas do Grande Céu.

Kira e Binno apenas enrugaram a testa.

- Exatamente isso. Se o Grande Oceano tem força, o Grande Céu possui o poder do conhecimento.

- E o tal Retróculo – Perguntou Kira, impaciente.

- Todos os segredos podem ser revelados por aquele que enxerga tudo o que já aconteceu.

- Que? – Agora foi Binno quem demonstrou impaciência

- Na verdade, - Pança escorou as mãos em cima da enorme barriga. - não sei muito sobre o Retróculo, mas posso dizer que é o ser mais velho da Grande Existência.

- Mais velho do que o ex-Doutor Xan T. – Kira perguntou.

- Xan T está morto, não está? E, sim, o Retróculo é muito mais velho.

- Como pode um homem viver tanto? – Binno rebateu.

- Quem disse que é um homem?

Kira riu. Não disfarçou seu espírito feminista.

- Eu também não disse que é uma mulher. – Pan abriu outro sorriso mostrando a comida dos dentes. – Meu irmão navegou em rios de vento, mergulhou em tempestades elétricas, encarou demônios, esteve onde só os mortos estiveram. Tudo isso para satisfazer sua curiosidade. Encontrou o Retróculo e lá, diante do ser mais velho da Grande Existência, atingiu o conhecimento absoluto. Nas entranhas do Grande Céu, se livrou de toda ignorância. Foi assim que meu irmão deixou a vida.

- E como você ficou sabendo de tantos detalhes, se ele morreu? – Kira interrompeu.

- Um pouco de telepatia, um pouco de imaginação e claro, um pouco Xarope- flamejante, fazem a gente contar uma história muito bem. – O Pança fez um sinal pedindo silêncio e voltou a contar. – O planador de meu gêmeo foi encontrado solto ao vento. Um recado escrito com uma lâmina dizia “Quem se aventura pelo passado, não vê o futuro”. Esta é a inscrição padrão do Retróculo. Todos conhecem a história. O Retróculo sempre te conta o que você quer saber,

mas seu conhecimento vale por uma vida, o pagamento deve ser justo.

O cigano pegou o garfo e cravou na cabeça da ave estranha em seu prato.

- Meu irmão pagou pela curiosidade com a própria vida.

Senhora Norah se aproximou da mesa, trazendo sobremesas gosmentas.

Eles tentaram comer, mas a gosma não desgrudava da colher. Desistiram

- Vamos sair logo daqui. – Kira deu um tapa na cabeça de Binno e pulou da cadeira.

O cigano Pan Spy olhou para o relógio de ponteiros curvos que trazia pendurado no pescoço. Não pareceu entender as horas. Desistiu.

Se espreguiçou longamente e também levantou.

Senhora Norah se despediu dizendo que eles deviam voltar em dia de vira-vira, aí sim iam ver o que era diversão. Quando já estavam na porta, ela ainda gritou:

- Foi assim que eu ganhei esse bar. Ninguém me vence num jogo de vira-vira. Os garotos saíram de lá sem ter a mínima noção do que seria um vira-vira.

Nem quiseram perguntar.

Agora, na rua, o frio era de doer os ossos.

Mesmo com tanto frio, a movimentação no comércio era intensa. Dois comerciantes atravessaram o caminho. Era uma mulher e um homem. Trocaram um balde d’água por uma joia de ouro. A mulher que ganhou o balde foi a mais satisfeita com o negócio.

E assim passaram a tarde, caminhando entre os comerciantes. Observando produtos inimagináveis. Por exemplo: perfumes com cheiro de comida, “para quem quer pegar um namorado pelo estômago”, ou, joias feitas das “mais raras preciosidades do Grande Céu”: folhas de árvore.

A cada quadra, o cigano Pan parava para cumprimentar amigos, jogar cartas, contar piadas... Kira e Binno só observavam.

Já cansados daquela tarde agitada, os três caminhavam lentamente por uma ruela quando o relógio de ponteiros curvos de Pança começou a apitar.

- É hora da despedida.

Kira se surpreendeu. – Pra onde você vai?

- Eu vou ficar aqui. Mas, vocês dois vão para a área alta da cidade.

- Como assim, você não vai com a gente? – Disse Binno, que caminhava no meio dos dois.

- Não, não. Meu lugar é aqui embaixo mesmo. – Pan olhava para os pés com unhas de madeira. – Prometi para Miranda que cuidava de vocês durante a tarde. Assim ela teve tempo de preparar tudo pra receber vocês. Foi um prazer.

Binno continuou sem entender.

Ouviu Kira gritar.

Olhou pro lado e a garota tinha sumido.

Quando voltou a olhar para frente, alguém segurou nas suas axilas e puxou seu corpo para cima.

O garoto subiu como um peixe fisgado, de repente.

Nem Binno, nem Kira, haviam percebido o que havia acima deles.

Uma multidão viajava de um cipó-elástico para outro. Eram centenas de homens e mulheres que se transportavam como macacos, em cordas que se alongavam conforme a necessidade do viajante.

O céu tinha uma multidão de trapezistas.

Olhando para cima, Binno procurou Kira, mas não conseguia enxergar a garota no meio daquela multidão “voadora”.

Binno olhou para baixo.

E lá no chão, já ficando pequenininho, viu Pança acenar feliz.

- Calma. Eles só estão tirando vocês desta selva. – Gritou o cigano. – E tomem cuidado com os fantasmas, hein.

Em segundos Pan já estava longe demais.

- *Será que tinha ouvido direito? Fantasmas?* Binno quis dizer algo, mas a vertigem não permitiu.

Simplesmente estava sendo puxado para o céu. E já estava numa altura inacreditável quando o homem que segurava Binno pelas axilas atirou o garoto para o alto.

Desesperado, Binno se sacudiu como se tivesse asas. E caiu tão rápido que só um grito saiu de sua garganta.

- Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Tinha sido atirado no ar.

Ia se espatifar no chão como um ovo de pássaro que cai do ninho.

Alguém o segurou.

Outros braços seguraram em suas axilas. Foi tão rápido, que não conseguiu ver quem fazia aquilo.

A sensação é que estava em um bungee jump quilométrico.

Quem estava preso ao elástico segurou firme o garoto e ele outra vez estava subindo tão rápido que ficava sem ar.

Mais uma vez foi atirado ao vento.

Caiu.

- Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Novamente, outros braços seguraram suas axilas.

Subiu.

Então entendeu, estavam levando ele para algum lugar.

Eram milhares de estranhos “trapezistas” no céu. Eles voavam de um “cipó” para outro, com uma agilidade mágica.

E transportavam diversas mercadorias dessa forma.

Sacos de comida.

Computadores.

Peças de automóveis.

E o Binno OXZ.

Atiravam Binno de um para outro como se fosse uma mercadoria.

Mas a cada vez que era atirado de um para o outro, o garoto tinha a sensação de que ia direto pro chão.

Caiu, gritou e subiu tantas vezes que perdeu a conta.

Caiu, gritou e subiu.

Caiu, gritou e subiu.

Caiu, se entediou e subiu.

Nas últimas quedas, Binno já estava de braços cruzados.

Jogado de um trapezista para o outro, Binno estava cada vez mais no alto.

Finalmente, um último trapezista deixou Binno gentilmente ao pé de uma escadaria. Era outra plataforma flutuante.

Naquele momento, Binno estava em outro andar na cidade de Falahcia. Tão alto que seus pulmões levaram alguns minutos para se adaptar.

Ele sentou na plataforma, recuperando o fôlego.

Kira já estava lá.

- Pela Origem, isso foi muito irado. – A garota era só adrenalina. – Quero fazer de novo.

Binno não acreditou no que ouvia. Suas mãos tremiam.

Ela continuou.

- Foi demais. Algumas vezes eu achei que ia cair de verdade. Foi incrível. –

Ela era só alegria. - Binno, você não se divertiu?

- Isso, isso. É isso aí. – Elétrica, Kira dava pulos de felicidade. – Pela Origem, foi incrível. Na volta vamos ter que pegar carona de novo. Não tem outro jeito de sair daqui, olha a sua volta. Só tem vento nesse lugar.

Recuperando o fôlego, Binno viu uma longa escadaria para subir. Cansou só de olhar.

Estavam na beira da plataforma flutuante. Descer era impossível, nem se via a cidade lá embaixo.

Sem alternativa, Binno e Kira subiram.

O que havia lá em cima? Nem em mil anos imaginariam.

# CAPÍTULO SETE
# Castelo dos Reis Mortos

Finalmente, o último degrau.

A escada havia chegado ao fim.

Kira descansou apoiando as mãos nos joelhos a dois grandes portões de ferro.

Em seguida, Binno também chegou ao último degrau. Sem ar em seus pulmões, caiu com as costas no chão, sentindo suas pernas tremerem.

- Ah! Deixa de ser exagerado. – Kira olhava cheia de curiosidade para dentro dos portões enferrujados à sua frente. – Não enxergo nada, tem muita neblina.

Se arrastando pelo chão, Binno usou a grade do portão para ficar outra vez em pé. – Deve ter uma campainha. – O garoto encarou uma águia de metal, com as asas abertas exatamente no meio dos dois portões. - Será que é isso?

Curioso, o garoto pegou o bico da estátua e puxou para baixo.

- Iahhhhhhhhhhhhhhhh! – Berrou a águia de metal.

Binno caiu sentado.

- Pela Origem, pra que tanto escândalo?

Deu certo, os portões enferrujados se abriram lentamente, rangendo suas dobradiças de modo estridente como se fosse cair em pedaços.

Aquele parecia ser o jardim de alguma casa. Mas os dois não tinham certeza disso. Espessas nuvens brancas confundiam a vista.

Mesmo assim, resolveram entrar.

Quanto mais caminhavam, menos enxergavam.

Já estavam dentro da neblina pesada quando algo tocou o pé de Binno. Algo pequeno, que veio rolando de dentro da neblina. O garoto se assustou com o que viu.

- Um olho!

- Arrrgh. – Kira quis jogar o olho longe, mas teve nojo. - De onde veio isso?

- Eu não sei. Acho que veio rolando.

Quando olharam para a direção de onde aquele olho veio rolando, os dois se assustaram mais ainda. Perceberam, entre as espessas nuvens, a aproximação de um ser enrugado, engatinhando. O ser enrugado se aproximava tão rápido quanto um predador se aproxima da presa.

Kira e Binno tentaram fugir. Mas, tropeçaram em si mesmos. Atrapalhados, os dois caíram um em cima do outro.

O olho rolou para baixo deles.

O ser enrugado já estava tão próximo que já era possível perceber sua cabeça cheia de pelos brancos, pretos e cinza. Com raiva, o ser emitiu sons de ódio e engatinhou até os dois desastrados.

- Ahhhh! – O grito de Binno e Kira se misturaram. Eles tentaram fugir, mas acabaram se acotovelando. No pavor do momento, se atrapalharam tanto que não conseguiram se levantar. O ser de cabelos brancos enfiou uma mão enrugada, com unhas longas, entre eles.

Com a mão embaixo de Binno, o ser enrugado ergueu a cabeça e encarou Binno. Era uma velha senhora de cabelos esgadelhados e caolha.

- Achei. – Disse a velha, exibindo um riso banguela. – Olhinho safado esse. Fugiu de novo!

Ela puxou o braço, com o olho na mão.

A velha não tinha o olho direito, só um furo. Então, ela colocou o olho na boca, umedeceu o órgão e depois encaixou aquela coisa nojento no buraco que tinha no rosto.

O olho ficou torto. Mas, a velha não se incomodou.

Ela abriu um riso banguela. - Finalmente chegaram, eles já esperavam por vocês.

Binno sequer quis ouvir o que a velha falou. Mas Kira se colocou de pé e segurou no ombro da mulher.

- A senhora é vidente Vivian View, não é?

- Sim. Viajamos juntos hoje pela manhã? Tão novinhos e já estão com

problema de memória? – Disse a mulher, com a neblina branca quase escondendo seu rosto.

Só naquele momento Binno reconheceu a vidente de dez segundos. - É que a senhora tinha dois olhos lá no Evaporador.

- Ahhh não! Ele às vezes cai. - A mulher deu um tapa forte na própria cabeça e o olho se ajeitou. – Eu só estava trocando a cor do meu olho de vidro. Estão vendo? Este aqui é amendoado.

A mulher abriu bem seu olho. – Viu que bonito? Agora vamos. – Disse ela, arrastando passos lerdos para o meio de todo aquele vapor branco.

Mais uma vez, Binno e Kira se conformaram em não saber para onde iam. Apenas seguiram a vidente.

Grandes portas se abriram e finalmente a neblina ficou para trás.

Entraram em um grande saguão de algo que lembrava um castelo. Porém era um castelo todo feito em um material grosso, mas flexível. Uma espécie de lona, um milhão de vezes mais forte.

- O que é isso? Um circo voador? – Kira olhava as paredes daquele castelo, sem acreditar que era todo feito de um tipo de tecido.

- O castelo dos Reis Mortos. – Disse a vidente, retirando um dos candelabros da parede. – Agora, me acompanhem pequeninos.

O ambiente era escuro. Os poucos móveis eram velhos de aspecto abandonado. Totalmente iluminado por velas de vapor incandescente, aquele castelo não lembravam em nada a super-tecnologia do Palácio da Aliança.

Tanto Binno, quanto Kira estavam pensando seriamente em virar as costas e correr o mais rápido possível de volta para casa.

- Vocês estão certos em ter medo, - disse a vidente, com a voz rouca e baixa. – é o medo que salva nossas almas.

A mulher arrastava os passos à frente.

Estavam em um comprido corredor. Ali haviam quatro quadros enormes com rostos de homens orgulhosos, vestidos em roupas de guerra, exibindo joias preciosas.

- Este é o corredor dos antigos reis. – a voz da vidente estava cada vez mais

arrastada. – São homens que deixaram a vida pela glória de proteger este castelo. Suas almas ainda estão por aqui.

Binno travou. – Almas? Tem fantasma aqui?

Aquilo não era algo que se ouvia todo dia. A mulher se virou e encarou o garoto. A luz da vela tremia, iluminando parte do rosto da vidente.

A velha falou no tom mais comprido e assustador que conseguiu emitir. – Siiiiiiim.

Kira curvou as sobrancelhas, desconfiada. Binno ainda pensava em fugir. A velha pegou uma vela nas mãos e aproximou a um dos retratos.

A fotografia mostrava um homem muito magro e com uma boca imensa. -

Este é Aleph, o rei jogador. Em sua maior aposta, virou senhor de todo povo cigano.

- Não parece tão assustador. – Kira desafiou a velha.

Vivian exibiu seu sorriso banguela. – Mas deveria, mocinha. Para ele, toda vida é só um jogo de azar. Matava por um simples par ou ímpar.

- E este aqui? – Binno tentou enxergar os outros três quadros no corredor escuro.

A velha aproximou a vela.

O próximo era o retrato de um sujeito com um enorme bigode curvo, cabeça careca e rabo de cavalo.

- Esse é Joseph, o rei criativo. Criava centenas de formas para torturar seus desafetos.

O outro retrato tinha um homem forte, de cabelos grisalhos e segurava nas mãos uma poderosa coroa dourada.

- Esse é Olaph, o rei invencível. Jamais perdeu a menor das batalhas. Estranhamente, no último quadro, não havia rosto algum, apenas uma sombra.

A velha explicou:

- E este é o último Rei Morto. Chama-se Heph, o rei não-cigano. Aquele que se chamou Rei Imperador. Sobre este não falamos. A ruína chegou a Falahcia e a honra nos deixou quando confiamos em Heph. Ele jamais permitiu que uma foto sua fosse feita. A única foto que conseguiram fazer foi essa, da sua sombra.

- Nossa... – Kira quase encostou o nariz no quadro. – Ele devia ser muito feio, hein?

- Menina tola. – Vivian perdeu a paciência e seguiu seu caminho pelo corredor. Seguida de Kira que insistia em desafiar a velhota.

Binno ficou ali parado, observando aquela sombra. Não havia olhos. Somente uma mancha escura que marcava nariz e queixo. Sem saber porquê, Binno ficou imaginando que conhecia aquele rosto. – Onde eu vi esse cara? – Se perguntou, antes de correr para alcançar Kira e Vivian.

A velhota ainda tinha histórias para contar.

- Mas, existem outras assombrações para vocês se preocuparem. Os Reis Mortos não perdem tempo com visitantes. Medo mesmo devem ter do Cavaleiro Sem Corpo. Esse sim está assombrando Falahcia.

Binno se intrometeu.

- Ei! Eu conheço essa história. O ComputAtor contou. É uma lenda da internet. Não é?

A velha senhora riu. Riu alto e com vontade. Abrupta, parou de rir e disse brava:

- Não sei quem é seu amigo com nome de máquina, mas não existe nenhuma lenda. O Cavaleiro Sem Corpo é bem real.

Kira fez um sinal pedindo para Binno não falar mais.

A velha começou a caminhar novamente.

Vocês deviam demonstrar mais respeito pelas entidades do castelo. – A voz da velha era cada vez mais sussurrada e sinistra. – O Cavaleiro Sem Corpo é um fantasma que perdeu o corpo em uma batalha e agora quer encontrar uma morada para sua alma.

A velha falava tão baixo, que Binno e Kira caminhavam pertinho, tentando ouvir a história.

- Pode ser você homem ou mulher, da ramificação humana que for, tanto faz, o Cavaleiro Sem Corpo busca desesperadamente por um corpo para encarnar sua alma errante.

Os dois já estavam quase encostando nas costas da vidente, que caminhava segurando o candelabro. Ela sussurrava baixinho.

- Agora ele está aqui no Castelo dos Reis Mortos, assombrando. Ele quer um corpo jovem e disposto.

Ela se virou de repente. E praticamente berrou no ouvido dos dois.

- Como os corpos de vocês.

Binno e Kira caíram um sobre o outro.

A velha encarou os dois. Arregalou tanto os olhos que o olho de vidro caiu outra vez. A bolinha saiu rolando pelo corredor.

- Bug mental! Meu olhinho cor de caramelo outra vez... – a velha saiu engatinhando pelo corredor. – Pela Origem! Apareça olhinho...

Binno observou a vidente se afastar. Engatinhando, a velhota sumiu num corredor escuro. Quando virou outra vez para frente, teve outra surpresa.

Uma silhueta curvilínea escondeu a luz. Uma mulher encarava os dois.

Era Miranda, a linda de cílios longos.

- Não se importem com as histórias da nossa vidente. – Miranda ajudou Binno a levantar. Kira dispensou a ajuda. – Vivian odeia hóspedes, por isso tenta assustar os visitantes. Venham logo, quero que jantem com minha família.

Miranda levou os dois até uma grande sala de jantar.

Naquela comprida mesa caberiam dezenas de pessoas. Mas, eram apenas cinco.

Além de Kira, Binno e Miranda, haviam dois outros. Um deles era homem levemente calvo, mas os poucos cabelos negros que restavam em sua cabeça iam até os ombros. Seu rosto era sisudo, seus ombros largos e cansados. E parecia ter hábitos igualmente rudes. Afundado na cadeira principal da mesa, o velho não se deu ao trabalho de cumprimentar os visitantes.

O outro era um rapaz sorridente, de dentes brancos, pele bronzeada, cabelos escuros, olhos negros e, muito à vontade, estava à mesa já usando pijama.

Binno observou as paredes que tremiam com o vento. Resolveu puxar assunto com a mesa calada.

- Bom, um castelo com paredes em lona só daria certo numa altura dessas. Aqui vocês não precisam ter medo de invasão, não é?

Os donos do castelo se olharam, como se o garoto tivesse dito uma grande bobagem. Com calma, o rapaz de pijama explicou.

- Na verdade, – Disse o jovem que falava sem desmanchar o sorriso. – Existem milhares de cidades aéreas. São as cidades aéreas que formam o Grande Céu. Ou vocês pensavam que só existia Falahcia. Ah! O que estou dizendo. É claro que vocês sabem disso, não sabem?

O jovem tinha o mesmo bronzeado alaranjado de todos naquela cidade. Seus dentes muito brancos pareciam brilhar. Mas, suas roupas eram bem esquisitas. Um conjunto de calça e camisa de pijama de bolinhas. Sobre o pijama, um roupão felpudo. Nos pés, vestia pantufas. E na cabeça, uma toca do tipo que tapa as orelhas.

- Ah – Miranda estava distraída, só agora voltou a prestar a atenção na mesa. – Meninos, desculpem meu mau-jeito. Estou com muitas preocupações nesta manhã. Este é meu irmão, Maxximus Mind. E aquele na ponta da mesa é meu pai. O grande líder do povo cigano, chanceler Milton Mind.

Binno e Kira baixaram a cabeça, em respeito ao chanceler. Mas, o homem ignorou o gesto.

Binno não se importou com o chanceler. Ainda estava perplexo com a vestimenta do filho. Quis muito rir daquelas roupas. Kira, ao contrário, parecia ter achado aquele visual bastante normal. Ela falou:

- Muito prazer em conhecer, senhor Milton. E o mesmo para você, Maxximus. Quanto ao Grande Céu, não somos deste lugar. Nós vivemos no Oceano. É primeira vez chegamos tão alto.

- Bom, chame-me de Maxx, por favor. – O jovem olhou profundamente nos olhos de Kira – Sendo vocês visitantes tão viajados, é uma honra recebê-los. Assim que houver oportunidade, me disponho a ensinar tudo sobre o Grande Céu.

E durante o jantar, o rapaz não parou de explicar coisas do Grande Céu para Kira. Estranhamente, a garota parecia muito interessada.

Praticamente, Maxx falou tudo sobre o castelo. Explicou que aquele era o lugar onde sempre estiveram os antigos líderes ciganos. E por isso, ele, seu pai e Miranda agora viviam ali. Seu pai era o grande chanceler, um representante nos tempos de hoje, dos Reis Mortos. Cabe ao chanceler tomar decisões pela cidade de Falahcia e por qualquer cigano. Para isso, o chanceler precisava consultar uma espécie de memória dos antigos reis. Era a memória dos Reis Mortos quem

dizia o que o chanceler tinha que fazer. O rapaz também contou que havia ciganos espalhados por todo o Grande Céu. Inclusive, você podia encontrar alguns no Grande Oceano. Mas a grande maioria prefere Falahcia. A cidade-mãe de qualquer cigano.

Muito disposto, Maxx continuava explicando.

- Falahcia é uma cidade que só os ciganos podiam encontrar.

Binno olhava para Kira e não entendia como a garota podia estar tão interessada naquelas explicações. Logo ela que nunca teve paciência para ouvir ninguém por mais de dois minutos.

E Maxx continuava, contou que Falahcia vagava solta no ar, sem qualquer cidade fronteira ou ponto de referência. Os ciganos encontravam, naturalmente. É como se tivessem um GPS que aponte Falahcia em seus DNAs.

- É como dizem – Maxx falou lentamente. – ... para um coração cigano, todo vento sopra em direção à Falahcia.

Neste ponto, Binno quis rir. Mas Kira suspirou encantada.

Um grupo de homens e mulheres se aproximou, trazendo grandes bandejas douradas nas mãos.

- Finalmente! – Era a primeira vez que se ouvia a voz brava do chanceler. Ele ajeitou impaciente seus poucos cabelos longos e negros. Pediu pressa para os serviçais que chegavam com a comida. Suas roupas leves com vários tecidos coloridos se agitaram. – Andem logo com isso.

Sem dizer mais nenhuma palavra, o chanceler passou a comer com muita voracidade.

Na outra ponta da mesa, a delicada Miranda, olhou para os garotos e mostrou os pratos, indicando que deviam se servir.

O tempero do castelo era diferente da Taverna do Xarope. Embora, fossem poções igualmente fartas.

Kira pareceu gostar.

Maxx não tirou os olhos da garota. E ela não parecia se incomodar.

- Hoje você não fez sua concentração no Altar d’além? – Com a boca cheia de carne, o chanceler falou num tom pouco amigável com seu filho, Maxx.

- Vou fazer depois do jantar. – Maxx respondeu, entediado. – Pode dormir

tranquilo, chanceler Milton.

- Altar d’além, o que é isso? – Sem receio, Kira se meteu na conversa.

- É um jeito de falar com fantasmas. – Disse Maxx, sorrindo para garota.

- É um jeito de ouvir a consciência dos antigos reis. – O chanceler ficou de pé e jogou o osso que roía com força sobre a mesa. – Tente demonstrar um pouco de respeito.

Maxx sorriu com ironia:

- Eu nunca quis ser um chanceler. Ninguém quer que eu seja líder de Falahcia.

Essa ideia absurda só está na sua cabeça afetada. Aliás, você passa tanto tempo neste Altar que ninguém mais reconhece você. Sabe-se lá qual é o rei que habita sua mente hoje.

- Você é mesmo muito orgulhoso. – A saliva de Milton saltava sobre a comida quando ele falava. – Os reis foram bondosos quando permitiram que os futuros líderes ouvissem seus conselhos. Eles sacrificaram a eternidade para aconselhar pessoas que nasceram em família monárquica. Como você, garoto insolente.

- Não estamos mais em uma monarquia, homem atrasado. – Maxx se levantou com raiva. – Eu nunca serei escolhido chanceler. E sabe por quê? Porque não sirvo para pensar com a cabeça dos outros. Tenho minhas próprias ideias.

O rapaz olhou para Kira e falou num tom bem mais baixo.

- Com licença. Eu já acabei meu jantar.

O chanceler ignorou a saída do filho. Voltou a comer vorazmente.

O silêncio sentou-se à mesa.

Kira parou de comer.

Binno, porém, comeu como se ele fosse o próprio rei.

Miranda avisou com delicadeza que era hora da dupla conhecer seus aposentos, seriam convidados da primeira-filha.

Outra vez, Vivian View foi chamada para guiar Binno e Kira pelos corredores do Castelo.

O garoto seguia a velha com dificuldade, devido ao excesso de comida que transportava no estômago. E, depois de muitos passos em silêncio, a vidente voltou a falar.

- Então garotinhos, não vão fugir do Castelo?

A cota de paciência de Kira Bella já tinha acabado. – Se não quer mais hóspedes aqui, deveria falar com o chanceler. E para logo com essas histórias de fantasmas que não somos do tipo que acredita nisso.

O corredor era escuro e apertado. A velha vidente se virou lentamente e falou brava.

- Então eu estou inventando? Vocês por acaso não ouviram o próprio primeiro-filho Maxx falar que tem medo dos mortos?

- Ele não disse que tinha medo. – Kira encarou o único olho bom da vidente. – E é força de expressão, ninguém fala com os mortos de verdade.

A velha soltou uma risada de rasgar a garganta. - Pobres crianças. Tão descrentes. – Voltou a caminhar, lentamente.

- No que a gente deve acreditar então? – Binno quis ouvir a história. Kira fez cara de tédio.

- Essa história cigana já atravessa gerações. Não estou inventando nada. Quem manda em Falahcia são os Reis Mortos.

A velha fez silêncio, esperando uma reação da dupla que seguia seus passos. Como continuaram quietos. Ela continuou a falar.

- ... a história dos Quatro Reis Mortos fala sobre os quatro primeiros líderes ciganos, gananciosos e egoístas, que preferiram abandonar seus corpos para jamais abandonar o poder sobre Falahcia. Aleph, Joseph, Olaph e Heph. São os quatro reis que ainda mandam nos vivos, doentes, decrépitos, falecidos e zumbis. Todos obedecem às ordens deles.

A velha vidente se virou outra vez, com a vela próxima ao rosto, tentando acrescentar dramaticidade à cena. Ajeitou seu olho de vidro.

- Os Reis Mortos são antigos líderes que não admitiram deixar o poder. Então desencarnaram para governar do além. Hoje eles dão ordens ao chanceler. Pobre Milton Mind, é apenas um fantoche.

- De novo uma história de fantasmas Vivian? – Kira bocejou demoradamente.

– E repetida? Tá ficando chato.

- Não estou inventando. Será que não percebem? - A vidente se desesperou com a descrença dos dois. – O nome do castelo é Castelo dos Reis Mortos. Pela Origem! Isso não dá medo em vocês.

Os dois continuaram tranquilos.

- Tudo bem! – A velha apagou a vela e depois bateu palmas. Luzes muito fortes se acenderam no corredor. – Já percebi que vou ter que aguentar vocês.

As velas eram só para impressionar. Havia energia nos corredores. Kira e

Binno se olharam, achando graça da situação..

- Garoto. – A velha abriu uma porta no corredor. – Esse é o seu quarto. E você, filha de Ítalo Bella, antes que eu mostre seu quarto, preciso conduzi-la até a sala de convivência. O primeiro-filho Maxx pediu que a convidasse para um chá, já que ele teve que sair de forma abrupta e não quer deixar uma má impressão com o povo do Grande Oceano.

Binno ficou olhando as duas seguirem pelo corredor longo. Depois entrou para conhecer seus aposentos.

Naquela noite, o garoto ficou muito feliz com seu belo quarto no Castelo Cigano. Era um quarto amplo, arejado, onde podia deitar tranquilo e apreciar as estrelas.

Estrelas!

Há quanto tempo não via estas luzes no céu.

Com tantas novidades se sacolejando na cabeça, não foi tão fácil dormir. Pensou no cartaz proibido.

No esporte clandestino.

Sentia que estava mais perto do barqueiro.

Lembrou de Gabriah mencionado na visão da nýstica, “Vi um clone ser a última esperança”.

Pensou no irmão de Pan Spy e a morte causada pelo Retróculo.

Até lembrou as histórias que a vidente contou para assustar os hóspedes, o Cavaleiro Sem Corpo e os Reis Mortos.

E o sono não chegava.

Estava no Grande Céu. Outro mundo criado pelo homem. Outra saída que o homem encontrou para viver, agora, no meio das nuvens. Mais uma fabulosa invenção da humanidade que não foi capaz de cuidar de seu planeta.

Binno OXZ, mais uma vez, tinha saltado para um mundo que nunca ousara imaginar.

Mas o sono não chegava. E a culpa não era nem da luz das estrelas, muito menos das novidades. Tudo isso podia esperar.

Havia apenas uma ideia não descansava em sua cabeça.

O que tirou o sono de Binno era o jeito que aquele almofadinha de pijamas trocava olhares com Kira.

Neste momento Kira estava tomando chá com o primeiro-filho cigano. Kira Bella era o nome da insônia.

# CAPÍTULO OITO
# O outro gênio da lógica

De pijamas, Binno bocejava sem pressa. Estava parado em frente a um espelho emoldurado em joias.

Com preguiça demais para se mexer, tentou trazer a mochila até si com o poder da mente.

Como seria bom se conseguisse fazer isso. Nunca mais ia precisar pedir para ninguém alcançar nada.

- *Ai minha cabeça. Como o Doutor Sangue faz isso?*

O garoto tentava fazer como Drag Lobbo, que exibia sua habilidade tele cinética como se fosse uma bobagem qualquer, trivial como servir uma taça de cachaça-ao-contrário.

A mochila pesava toneladas. E não se movia.

Não se movia.

Não... Se moveu! Estava se mexendo? Ou Binno estava vendo coisas? A mochila estava querendo sair do chão.

- Bum, bum, bum.

- *Que isso?*

Era a porta. Alguém muito eufórico batia de modo frenético lá fora.

Só podia ser a vizinha do quarto ao lado.

E era.

Kira Bella estava empolgadíssima com as novidades, não quis tomar o café da manhã. Para começar o dia, quis muito conhecer as dependências do fascinante Castelo Cigano.

Binno trocou a roupa. E os dois saíram andando como típicos turistas, revezavam o i-tudo que Binno havia ganho de madame Anay para conversar com sentinelas, copeiras, cozinheiras, visitantes e qualquer um que não falasse

sua língua. A imensa maioria ali não falava a língua do Grande Oceano. Na verdade, a imensa maioria nunca tinha ouvido falar na vida embaixo d'água.

E o i-tudo fazia a tradução.

Uma simpática copeira espanava a estátua de uma ave dourada com cabeça de gente enquanto contou sobre um lindo jardim ensolarado. Uma ótima ideia para quem viveu tanto tempo embaixo d'água.

Os dois agradeceram.

E foram.

Outra mulher, tão cheia de joias quanto um mostruário de joalheria, apontou o caminho para os jardins do castelo. No caminho, passaram por um velho cigano que caminhava feliz, usando pantufas. E, de súbito, o garoto soltou uma pergunta que estava trancada na garganta desde a noite anterior.

- Kira, você não achou aquele Maxx meio estranho?

Confusa com a pergunta, a garota demorou um pouquinho para responder.

- Não. Na verdade, achei ele bem legal. – Kira mostrou um sorriso tímido.

Como se estivesse admitindo um segredo.

Esse era um assunto realmente delicado. Binno não sabia porque não tinha gostado de Maxx. Afinal de contas, o rapaz tinha sido cordial.

Ainda estavam caminhando para o jardim, quando ouviram uma música. Uma espécie de valsa cigana. Felizes com a valsa apressaram o passo. No jardim, a luz era linda.

Extremamente iluminado, o lugar era tão bonito quanto os extintos campos de flores lá na terra. Um grupo ensaiava uma bela dança. Sorridentes e aplicados, se divertiam enquanto tentavam acertar passos cada vez mais complicados.

Então, uma garota chamou a atenção para si. No centro do círculo, movia seu comprido vestido com as mãos, enquanto girava com uma alegria contagiante. A garota era morena, de pele negra, sorriso branco e olhos pretos.

Era uma noiva.

Foi fácil entender que aquilo tudo era o ensaio para uma festa de casamento.

Difícil foi acreditar em quem era a noiva. Os dois visitantes arregalaram os olhos, ainda confusos. Binno e Kira trocaram um olhar de surpresa. Eles

conheciam aquela noiva. Aliás, no Grande Oceano todos conheciam aquela garota. Era famosíssima. Era a atacante dos Salmões Palacianos. Dentro da quadra de shockey, ela costuma encantar com sua técnica, graça e competência. Fora do shockey tinha legiões de fãs apaixonados, por seu charme e jeito tímido de dar entrevistas. Seu nome era Cybele Síria.

- Aquela lá no meio é a sua Cybele? – Disse Kira, mostrando a garota que dançava com o vestido de noiva.

- Minha? – Binno ficou ligeiramente envergonhado. – Porque minha?

- Ué. No ano passado ela te deu beijinho e tudo, não foi?

Binno ficou espantado por Kira lembrar daquilo.

- Ela só me deu um beijo de boa sorte. Não foi nada. Você estava lá.

Você viu.

- Sim. Eu sei que não foi nada. Mas você pareceu bem caidinho. – Kira nem olhava para Binno.

- Eu não sabia que ela era uma cigana. – Binno mudou de assunto, sentando no extremo de um comprido banco, esculpido em ouro e lindamente adornado com joias coloridas.

- Há dois dias... – Kira sentou na outra extremidade do banco. – a gente nem sabia que existiam ciganos.

Eles continuaram olhando a dança. Movimentos belos, espontâneos e cheios de alegria. Haviam vários dançarinos naquele ensaio. Mas Binno não conseguia tirar os olhos da noiva Cybele.

- Ela é meio velha para você, não acha? – Kira falou, sem olhar para Binno.

- Como assim velha? Tem no máximo três anos mais que eu. – Binno tentou parecer tranquilo.

- É? Você parece ter menos que treze.

- Tenho quatorze. A mesma idade que você. Aliás, por falar em velho, aquele Maxx não tem nada de legal. Você está enganada.

- Ele não é velho. Tem dezessete anos. – Indignada, Kira se afastou do banco dourado. E o que isso tem haver? Eu não troquei selinhos com ele.

Agora foi a vez de Binno levantar indignado. Dezessete? Como você sabe? Conversaram bastante? Não devia ser só um chá? – Binno perdeu a noção. – Um

cigano te convida para um chá e vocês conversam a noite inteira, não tem vergonha Kira?

- E daí? – Kira encarou Binno com raiva. Mas logo a expressão dela mudou. E a boca dela deu um sorrisinho sem jeito.

Sem reação, Binno ficou imóvel. – *Do que essa garota está rindo?*

Atrás dele, uma voz falou.

- Princesinha e geniozinho. O que está havendo aqui?

Binno se virou e teve uma agradável surpresa. Quem chegava era madame Anay. A maior inventora do Grande Oceano. Ela trazia enormes bagagens e carregava tudo aquilo sem jeito. Também usava uma mochila maior que suas costas. Mesmo assim, ela sorria, feliz por ver os dois.

- Devo ter me enganado, mas achei que tinha visto dois amigos discutindo.

- É claro que não. – Kira se adiantou. – A gente estava só conversando. A gente não sabia que você vinha para cá.

- Ah. Nem eu sabia. Detesto qualquer lugar no Grande Céu. – Ela deixou cair as malas no chão. – Vamos geniozinho, seja cavalheiro.

Binno levantou as malas de madame Anay. Eram realmente muito pesadas. Quando conseguia segurar uma, a outra caía. - Se odeia tanto o Grande Céu, o que faz em Falahcia, madame Anay?

-Ora, ora. Vocês acharam que o Doutor Ítalo Bella ia permitir que vocês ficassem sem estudar? Vim para as aulas. Espero que estejam preparados. O curso começa hoje. Inclusive, os outros professores já devem estar no castelo.

Tanto Binno quanto Kira fizeram silêncio. Vendo a expressão de consternação dos dois, Madame Anay ficou incrédula.

- Não contaram para vocês? As férias acabaram ontem.

Pré-Maior é um nome estranho. Na verdade meio burro. Se é um pré-Maior, porque não é “médio”? Ou, “quase maior”. Mas enfim, esta é só uma das palavras estranhas que tanto irritam Binno. Trata-se de um curso preparatório para a Prova Maior. Uma prova capaz de avaliar todo o potencial de cada um dos alunos.

E esta prova era uma chance para Binno provar que não era um clone

defeituoso.

Em duas oportunidades, Binno já tinha desperdiçado esta chance.

Duas vezes, abandonou a Prova Maior antes de concluir.

Na primeira, saiu para ajudar seus amigos no Zum Voador.

Na segunda, para ir ao banheiro.

- Bug! Que maldita dor de barriga. – Binno socou a própria mão lembrando daquele dia agonizante.

Mas, agora ia receber uma terceira chance. Desta vez, com a oportunidade de se preparar ao lado de outros estudantes.

O garoto pensava em tudo isso no seu quarto enquanto organizava suas coisas para a aula.

E tomou o maior susto.

- Bum, bum, bum. - Alguém batia com força na porta.

- *Se as paredes são de tecido, porque a porta é de madeira?* - O pensamento ocorreu ao garoto, sem pensar em quem estaria do lado de fora da porta.

- Bum, bum, bum. – Desta vez, Binno pensou. – *Quem será?*

Quem estava lá era Maxx Mind, acompanhado por sujeitos muito altos vestidos com túnicas compridas.

- O que está havendo?

- Fique tranquilo, garoto. – Outra vez, Maxx vestia um pijama, pantufas e roupão. – Estes são meus seguranças particulares.

Os homens começaram a revirar o quarto de Binno, jogando lençóis e roupas para todo lado.

- Maxx, o que seus seguranças querem aqui? Este não deveria ser o meu quarto?

- Estão procurando o Ladrão Delicado.

- Quem? – Se irritou quando um dos seguranças abriu sua mochila e começou a jogar tudo no chão.

Claramente entediado por dar explicações, Maxx sentou no chão e bocejou

longamente. Depois falou.

- As joias que adornam os objetos do castelo estão sendo roubadas. Tudo está ficando limpinho, limpinho. O chancelar não perdoa roubo dentro no castelo. E parece que este cara-de-pau tem uma queda por pedras preciosas. Falahcia não é uma cidade de gente muito honesta, mas aqui no castelo, nenhum tipo de roubo é permitido.

- E eu sou suspeito? Tá me chamando de ladrão. – Binno gritou com o filho do chanceler.

- Você não é especial, é apenas um micróbio que preciso examinar. - Maxx ainda falava baixo. – Todos visitantes serão revistados.

Então um dos seguranças ergueu o braço. Ele tinha achado algo. Na sua mão um colar de pedras verdes e brilhantes. Era o colar que Binno trazia na mochila.

- Isto é meu. – Binno avançou sobre o segurança. Mas o homem empurrou o garoto que caiu sentado.

Maxx riu.

- Sabe por que chamamos esse sujeitinho de Ladrão Delicado, Binno? Ele rouba só as pedras preciosas. Não estraga nada, nem ameaça ninguém. Faz tudo com muito cuidado. Pela bagunça do seu quarto, não parece ser tão cuidadoso. Além do mais, micróbios não têm coragem para roubar.

Binno ignorou a ofensa de Maxx.

- Esse colar é meu. Eu já disse. Era da minha mãe.

- Calma, ele não vai fazer falta. Nem combina com suas roupas. – Maxx fez um sinal para que os seguranças saíssem do quarto. Depois ajudou Binno a levantar. – Fique tranquilo, tenho ordens para levar toda pedra preciosa até o chanceler. Se é um presente de sua mãe, eu trarei pessoalmente para você assim que possível. Agora, me dê licença. Aliás, é melhor se vestir, em poucas horas começam suas aulas.

Maxx saiu do quarto com pressa. Seu roupão de banho balançava como uma capa. O quarto de Binno ficou um caos.

- *Me vestir? Quem ele pensa que é? Passa o dia de pijama!*

Dizem que as grandes ideias não aparecem quando você quer, elas surgem

quando você está pronto para elas. Por mais que você bata a cabeça na parede, as ideias não saem de lá. Talvez saia um pouco de sangue, mas nunca uma ideia. Ideias são teimosas, gostam de mostrar que mandam em si mesmas.

Foi assim com aquela ideia terrível.

Binno caminhava pelo corredor do Castelo Cigano quando a ideia apareceu do nada.

De repente Binno pensou: talvez, a internet não tenha sido destruída por um inimigo. Talvez, alguém com grandes habilidades em programação e nenhum senso de perigo tenha instalado um vírus, um verme ou pior, uma bactéria, dentro de um grande provedor: o Palácio da Aliança Maior.

Como qualquer garoto sabe, uma bactéria pode estar impregnada num arquivo inocente. Como por exemplo, uma foto, um vídeo ou pior, uma música.

Obviamente, o Palácio tem filtros que não permitem que uma música infectada por uma bactéria entre seus computadores.

Mas, e se, talvez, sem querer, um garoto muito inteligente, habilidoso e distraído, burlasse a defesa do Palácio, só para baixar uma música da qual tenha ouvido falar? Se este garoto fosse inteligente para baixar a música, mas burro demais para lembrar de passar um antivírus nela?

Se este computador estivesse no Palácio da Aliança Maior, toda a internet estaria sob ataque. E óbvio, este garoto distraído iria direto para a câmera de desoxigenação.

Essa foi a ideia que veio na cabeça de Binno. Uma ideia assustadora, que fez o garoto caminhar devagar e morrendo de medo: - *Será que foi isso?*

Pânico.

Pâ-ni-co. Essa era a exata sensação que Binno estava sentindo.

- *Mas na internet todo mundo falava daquela música. Era impossível ouvir online. Foi por isso que baixei. Fiquei curioso. Será que alguém armou pra mim? A Aliança tinha que ter uma defesa contra a isso. Tinha que ter.*

Pânico total. Medo. – *Fui eu?*

Não. Binno resistiu àquela ideia. Precisava pensar em outra coisa. Outra coisa.

O pré-Maior. Isso. O pré-Maior. – *Ué, o pré-Maior é um curso online. Como vai funcionar com a internet estragada?*

Uma voz interrompeu os pensamentos de Binno.

- Você está atrasado para o pré-Maior. Não vai ir? – Maxx saiu de uma das portas no corredor.

Primeiro Binno tomou um susto. Como se todos soubessem o que andava na sua cabeça.

- *Ok. Só eu sei da música que baixei no Palácio.* – Pensou.

Maxx estava ao lado de Binno. Mas o garoto continuava envolvido com os próprios pensamentos.

- *Tudo bem. Fique calmo, Binno OXZ* – Binno dialogava consigo mesmo. – *Um simples arquivo de música não venceria o Grande Oceano. Eu não conseguiria baixar um arquivo tão perigoso. Não sou tão inteligente assim. Ou tão burro assim.*

Binno sorriu, como se tivesse chegado a uma conclusão definitiva. Resolveu parar de pensar no assunto.

Maxx lançou uma olhar confuso, duvidando da sanidade do garoto.

Em seguida, o primeiro-filho repetiu a pergunta.

- Não vai para o pré-Maior?

Como se acordasse, num susto, Binno respondeu.

- Vou sim. Aliás, já estou indo para lá.

- Como assim, indo para lá? Você não está pensando em ir com estas roupas, está?

Binno olhou toda sua roupa e não encontrou nada de errado. Seus tênis e suas calças com três listas eram as peças mais legais que tinha na mala. Além disso, o moletom dos Salmões Palacianos era o mais vendido de toda a liga de Shockley.

Maxx parecia realmente preocupado. – Garoto, será o fim de sua vida social no Grande Céu. Olhe para mim, eu sei me vestir.

Maxx deu uma voltinha, mostrando muito orgulhoso o seu traje de dormir. - Você precisa acompanhar a moda garoto. – Maxx suspirou, parecendo decepcionado. – Aqui no Grande Céu os caras não usam este tipo de roupa. Olha, você tem sorte, eu estava mesmo vindo da lavanderia. Acabei de pegar todas estas roupas. Vamos, tire este moletom.

Binno não soube direito o que fazer. Será que devia fazer isso?

- Tudo bem. – Maxx tirou uma moeda do bolso. – Se está com dúvidas, faça como os ciganos. Deixe a sorte escolher. Se der cara, você vai lá com esta sua roupa ridícula e destrói sua reputação. Coroa, você veste as roupas que estou te emprestando. Pode ser?

Binno concordou.

O próprio Maxx lançou a moeda.

Binno segurou.

Abriu a mão, lentamente.

Coroa.

A moeda tinha feito sua escolha.

Maxx exibiu seu riso branco.

- Viu só? Vamos logo, garoto. Troque esta roupa. Ou você quer ser a piada do ano para a sua turma?

Binno olhou para os lados, ninguém estava por perto. Concordou.

Tirou o moletom e as calças.

Vestiu um dos pijamas que Maxx trazia nas mãos. Também vestiu um par de pantufas de dinossauro.

Agora usava ceroulas com bolinhas roxas e uma folgada blusa de nuvenzinhas. Estava perfeitamente ridículo.

- Agora sim. - Maxx estava satisfeito. - Sabe Binno, por muitos anos eu fui considerado o maior gênio da lógica de todo o Grande Céu...

Binno não se preocupou com o que Maxx dizia. Quis pedir suas roupas de volta. Pelo menos, seu tênis. Aquelas pantufas eram horríveis.

Maxx continuou.

- ... então, soubemos que você estava vindo para cá. Protegido pelo Doutro Branco, certamente seria muito bem recebido aqui. Dizem que seu coeficiente lógico é maior que o meu. Sabia?

Binno balançou a cabeça.

- É sim. – Maxx fez uma cara de decepção. – Difícil de acreditar. Eu cresci

achando que era o cara mais inteligente do universo. E aí, de repente, surge você. Bom, eu acho que esta foi uma grande lição da Origem, para me ensinar a ser humilde.

Binno perguntou intrigado.

- Como você pode ter certeza que sou mais inteligente que você?

Maxx olhou para baixo. Depois falou:

- Todos sabem Binno. Eu pesquisei muito sobre você. Seus coeficientes estão em todos os grandes sites de lógica. Você é fera garoto. Mas, esqueça isso. É o seu grande dia. Vá! A aula não pode esperar.

Binno vestiu uma toca de dormir, que Maxx alcançou.

- Não sei se quero...

- Quer sim, não seja bobo. Pode ficar com estas roupas, tenho outras. Sou um grande admirador da moda do Grande Céu. – Maxx sorriu satisfeito. – Ajudo você com prazer, garoto. Não quero que pensem que sou ciumento. Esse negócio de coeficiente lógico é bobagem.

- Obrigado Maxx. – Binno alcançou a moeda de volta ao seu dono.

- Fique com ela. Tenho outras iguais a esta. – Maxx agradeceu. - Agora vá, o curso fica naquela próxima porta.

Sem jeito, Binno seguiu seu caminho, em direção ao fim do corredor. Quando já estava muito perto da porta do pré-Maior, gritou:

- Ei Maxx! Obrigado, mesmo.

- Que isso! – Maxx tinha um sorriso no rosto. – Entenda uma coisa micróbio: um dia eu ganho, outro você perde.

Binno pensou naquela frase. – *Um dia eu ganho, outro você perde?* – A porta já estava se abrindo. – *Eu perco? Por quê? Eu perco o quê?* – Quando a porta do pré- Maior ficou totalmente aberta, Binno OXZ entendeu o que tinha perdido: a dignidade.

Todos já estavam lá.

Ninguém usava pantufas, toca ou qualquer peça ridícula daquele tipo.

A turma inteira olhou para o garoto.

Binno ficou vermelho, na hora.

Ceroulas, blusa de nuvenzinhas, toca de dormir e pantufas de dinossauro.

A vergonha não deixou Binno enxergar nada.

A turma se transformou em uma grande risada.

Aquele era o primeiro dia em uma escola nova. Durante o ano inteiro aquele papel de otário jamais seria esquecido. Nada ia apagar aquela humilhação. E, só agora Binno entendia, Maxx estava tirando com a sua cara.

Olhou com atenção para a moeda que tinha nas mãos. De um lado Coroa. Do outro, também. A moeda tinha dois lados iguais. – *Pela Origem! Uma moeda com dois lados iguais.*

A sua touca de dormir caiu no chão. O garoto nem se deu ao trabalho de juntar.

- *Eu não acredito que eu caí nessa.* – Binno ruminava pensamentos, enquanto aguentava as toneladas de risadas sobre suas costas. – *Eu não acredito.*

# CAPÍTULO NOVE
# O aprendiz de bardo

Uma garota apontou Binno:

- Olha lá. Alguém acordou sem o senso de ridículo.

A garota peçonhenta era Vick Vibbor, filha da Doutora Synara Vibbor e arqui- inimiga de Kira Bella. E tinha causado muitos problemas. Saber que a Vick seria outra vez colega de turma era mais uma péssima notícia para aquele dia. Os cabelos de Vick viviam trocando de cor, como um camaleão. Mas, no caso de Vick, o objetivo era chamar a atenção.

Todos olhavam para Binno OXZ.

Não havia arquibancadas gigantes ou qualquer coisa que lembrasse o pré-Maior que Binno conhecia. A sala de aula era pequenininha. Mesmo assim, pareciam milhares de olhares debochados sobre o garoto de pijamas.

A sala era comunzinha. Mesinhas, cadeiras, quadro negro e um faisão que entrou pela janela e pousou na mesa do professor. Ah, e nuvens nas janelas.

As risadas continuavam na pequenina sala.

Como um computador velho, Binno travou. Ele quis fugir. Ir embora. Falar alguma coisa. Fazer uma piada. Chorar. Não conseguiu fazer nada. Ficou ali, travado.

- Bom, Binno, se queria chamar a atenção no seu primeiro dia, conseguiu. – A instrutora de Saber Espacial, Anay Cy-ficcion tentou amenizar a situação. – Agora, sente-se, já vamos começar.

Miranda também estava ali: - Estamos apenas esperando o último instrutor. Em minutos, daremos início às aulas.

Binno sentou ao lado de Kira e aos poucos começou a se acalmar.

Eram poucos alunos.

E muitos instrutores, a maioria deles, Binno já conhecia.

- Chega de esperar - Miranda resolveu começar – todos teremos a oportunidade de conhecer nosso outro instrutor mais tarde. Deixem-me explicar a situação atual. Como todos sabem, a Grande Existência vive um colapso sem precedentes. Ao que tudo indica, um arquivo terrível invadiu os servidores do Palácio da Aliança Maior, isso acabou gerando uma sobrecarga na internet e enfim... Aqui estamos nós tentando aprender algo do jeito antigo: em uma aula presencial.

- Exatamente. – Madame Anay interrompeu Miranda. – Eu vim do Grande Oceano a pedido de um Doutor, justamente para garantir que este curso seja tão proveitoso quanto um curso on-line. Então, não se preocupem. Comigo aqui o curso vai ser ótimo.

Miranda olhou para Anay, em dúvida.

Anay se desculpou. – Estou um pouquinho nervosa. Nunca dei uma aula ao vivo. Desculpem.

Miranda sorriu e continuou.

- Pois bem, nós nos esforçamos para montar o melhor curso pré-Maior possível, para que os estudantes de Falahcia não estejam menos preparados que o resto da Grande Existência. E para isso reunimos o melhor grupo de professores que conseguimos.

Binno observou os professores e não acreditou naquele estranho grupo.

Anay já tinha provado ser uma ótima instrutora. Outro já conhecido, era Amadeus Hotred o louco instrutor de Saber Musical, pele vermelha e muito divertido.

Tirando estes dois, os outros instrutores alinhados à frente da pequena sala de aula, formavam um grupo indigesto.

Um deles era Cybele Síria. Pela Origem, Binno queria ver Cybele mais vezes. Mas não como instrutora do pré-Maior.

O outro era seu amigo, o príncipe Megazila Mimm. Bug mental, poucos dias atrás Megazila era só seu colega. Agora, era instrutor?

Miranda continuava explicando detalhes sobre o curso de preparação para a Prova Maior, mas Binno ainda estava perplexo com o outro instrutor que enfrentaria no período que estava por vir. Binno não conseguia imaginar alguém pior com quem aprender.

Os dois se encaravam.

Binno olhava com raiva para o homem à sua frente.

E o homem encarava Binno com um sorriso malicioso nos lábios, como se saboreasse aquele momento de superioridade.

Kira também estava perplexa. Ninguém gostaria de ter aquele sujeito como professor.

Tratava-se de ninguém mais, ninguém menos, do que o desprezível Mestre da Aliança Maior, Troy Judá.

- Ok. Ok. Ok. – Troy interrompeu a explicação de Miranda. - Muitos de vocês devem estar se sentindo especiais por ter um Mestre como instrutor. Não se sintam. Como podem ver, nem todos os instrutores deste curso são de nível superior. – Troy apontou para os outros instrutores na sala. – Acontece que a Aliança tem um interesse especial em Falahcia durante o período deste terrível colapso. Por isso, fui enviado para acompanhar esta cidade bem de perto.

- Ou será que foi punido porque foi incompetente e não evitou o colapso, Mestre? As nýsticas avisaram você, não foi? – Kira enfrentou Troy.

O Mestre rebateu.

- Silêncio mocinha. Aqui você não está protegida por seu papaizinho. Aliás, neste castelo, a princesinha não é você. – O Mestre provocou a garota, lançando um olhar para a primeira-filha cigana, Miranda Mind.

A própria Miranda tratou de amenizar a situação.

- Agora que já estamos todos apresentados, espero sinceramente que todos tirem o máximo de proveito deste curso. – Ela olhou para a saída. - Já que nosso último instrutor não chegou para a apresentação, vamos iniciar a aula. Hoje vocês ficarão com o instrutor Megazila Mimm e aprenderão como desenvolver sua capacidade de relacionamento megapessoal.

A primeira-filha Miranda Mind se retirou da sala, seguida pelo grupo de instrutores.

De repente, o príncipe do povo mimm, de apenas 24 cm de altura, se viu sozinho à frente de um grupo de alunos ávidos por conhecimento. A maioria mais velha que ele.

Gaguejou, soluçou e deu piruetas de nervosismo (Essa é uma característica do povo mimm. Quando estão nervosos, dão soluços-cambalhotas no ar).

Megazila Mimm deu uma das mais chatas e incompreensíveis aulas de toda a Era de já Eras.

Em minutos, a turma inteira cochichava, fazia piadas e não prestava a mínima atenção ao que Megazila dizia.

Binno e Kira estavam igualmente nervosos, torcendo por seu amigo. Por fim, deram graças à Origem quando a primeira aula acabou.

Todos levantaram com pressa.

Vick Vibbor fez questão de lançar um olhar peçonhento para Kira antes de sair da sala de aula.

Megazila foi até Binno e Kira. Os amigos se abraçaram

- Sua aula foi muito boa. – Mentiu Binno.

- Sim, claro que foi.- Megazila fingiu que acreditou. – Eu nunca fiz isso. Só vim porque os Doutores insistiram que o povo mimm enviasse alguém. E meu pai me mandou. Sempre sobra para mim. Agora tenho que ir.

Megazila fez uma longa reverência aos amigos. E um grupo de serviçais mimm veio até o príncipe. Dali, ele foi carregado para algum lugar, sem precisar dar mais nenhum passo.

Binno olhou para trás e viu um último aluno ainda sentado no seu lugar.

Era Zac Psy, o engraçado sujeito do moicano prateado, olhos amarelos, braços tatuados, piercing na sobrancelha e agora colega de aula.

- Que chatice essa aula. – Falou ele, já ajeitando sua mochila.

- Pois é.

- Então, o que vão fazer no resto do dia?

- Eu tenho um compromisso. – Kira se apressou. Despediu-se dos dois e saiu apressada, balançando sua trança lilás.

- Ela é demais não é? – Zac observou Kira sair, de queixo caído.

Binno ficou quieto. Não disse nada. Então Zac arriscou:

- Vocês dois são namo...

- Não. – Binno interrompeu bruscamente. – Somos amigos.

- Então ela está livre?

Binno outra vez não respondeu nada.

Zac mudou de assunto.

- Ok. Pelo jeito você não gosta de falar sobre ela. Vem comigo, quero te mostrar uma coisa.

Os dois saíram caminhando pelo Castelo Cigano. Enquanto Binno se deslumbrava com jardins, esculturas exóticas e pessoas bizarras, Zac falava sobre como pretendia se tornar o bardo mais famoso do Grande Céu.

Um grupo de capangas ciganos, homens altos, usando calças largas e o tórax amostra passou cheio de raiva.

- Não se preocupe, eles estão a caça do Ladrão Delicado.

- Então é verdade? – Binno perguntou olhando para trás, os capangas estavam dando uma prensa em um copeiro que limpava uma estátua com cuidado. Sacudiam o rapaz pelas pernas, na esperança de encontrar alguma evidência de roubo.

- Ah sim. Este ladrão realmente existe. Isso está sendo considerado um grande desrespeito. O chanceler está indignado com a situação. Ó, é aqui que a gente sobe.

À frente deles, havia uma escada caracol, fininha e alta o suficiente para alcançar uma nuvem que passava por ali.

Sem dizer mais nada, Zac foi o primeiro a subir.

Com as pernas trêmulas, Binno o seguiu.

Em minutos, o chão já tinha estava bem longe.

- Você tem algum palpite de quem seja? – Zac olhou para baixo e encarou Binno com uma seriedade que não era comum no rapaz.

-Você está falando do Ladrão Delicado? Não tenho a menor ideia? Acabei de chegar.

- Ah! Tudo bem. Eu queria muito saber quem é.

Daria uma ótima história. - Por que você ia querer uma ótima história?

- Meu futuro depende de grandes histórias para contar.

Chegaram ao fim da escada fininha.

Havia uma pequenina porta. Mal fechada, Zac apenas empurrou com força para abrir.

O rapaz entrou.

- Seja muito bem vindo à minha casa.

Quando Binno passou pela porta se decepcionou.

Ali não havia nada mais do que um típico quarto adolescente, com pôster nas paredes, uma cama por fazer e um armário com portas abertas e roupas bagunçadas.

- E então, não é demais?

- *Não*. – Foi isso que Binno pensou em dizer. Mas não disse. Falou outra coisa: - Sim. Muito legal.

Zac Psy encarou Binno e depois soltou uma grande risada.

- Sim, - O rapaz tentou imitar a voz se Binno. – Muito legal... Huahuhua.

Enlouqueceu? Esse quarto é uma imundícia. Legal é o que está lá em cima.

- Outra escada? – Desta vez Binno não disfarçou a preguiça.

Zac ignorou.

- Sim. Vem comigo

Desta vez, era uma pequena subida até um sótão.

No andar de cima, a decoração se resumia a um chão totalmente rabiscado e muitas folhas coladas nas paredes, cheias de anotações. Em um dos cantos da sala, folhas enormes, penduradas no teto, eram sacudidas pelo vento da janela aberta.

- Isto sim é legal. – Agora, Zac tinha um brilho autêntico no olhar. – Nem mesmo Aleph, o primeiro Rei Cigano tinha um quarto tão bacana quanto este.

- Você também é fã deste Reis Mortos?

- Não de todos. Só do Aleph, o Rei Jogador. Sabia que ele conquistou Falahcia em uma aposta?

- Arrã. – Binno não estava interessado na História dos ciganos-fantasmas. Distraído, pegou uma das folhas da parede. Ela dizia: Doutor Oblax Zoop tinha dois clones.

O garoto se assustou. Aquele nome era algo que queria esquecer.

Zac continuava orgulhoso de sua decoração absurda. Inflava o peito e sorria.

Binno continuou a observar as anotações.

*Hefesto Xenon rouba seu Polvotrom da Garagem Forte.*

*Madame Anay Cy-ficcion faz picadinho do Engenheiro Luccas.*

*Doutora Synara Vibbor liquida o Doutor Oblax Zoop, aliado do Império Enguia.*

*O I.A. Xenon é eliminado.*

(...)

As folhas não acabavam. Haviam anotações coladas no teto. No chão, uma espécie de linha do tempo, cheia de desenhos que mostravam coisas como o Palácio da Aliança Maior, o Zum Voador e até o Cascudóptero.

- O que é tudo isso? – Binno estava chocado com tudo aquilo.

- Minha história. – Zac abriu um sorriso orgulhoso. - Aliás, já tenho um nome para esta história. Mas, ainda não posso dizer.

- Sua história? – Binno não controlou a voz. – Esta história não tem nada haver com você. Pela Origem, você é louco.

- Calma Binno. São apenas anotações. Elas não fazem mal a ninguém. – Zac arrancou uma das folhas da parede e rasgou.– É apenas a minha preparação. Só isso.

- Sua preparação?

- Binno, - Zac fez um grande gesto, mostrando todas as folhas do quarto. -

Esta é a primeira história que vou contar. Estou me preparando para me tornar um bardo. Já te contei isso!

Emocionado, Zac pegou uma folha da parede e posicionou na sua frente, como se fosse uma placa.

A folha dizia: - Era de Já Eraz.

- Serei o maior bardo desta era. – Disse o adolescente.

- Eu não entendo. – Binno ainda estava pasmo com todas aquelas anotações

e desenhos.

- Como assim não entende? Eu serei o maior dos bardos. Estou aprendendo tudo sobre esta história. E um dia estarei pronto para contar.

- Não, eu não entendo porque você escreveu ‘eras’ com ‘z’.

- Ah! – Zac olhou para a folha. Depois amassou e jogou no canto. – Eu tenho essa mania, uso “Z” por tudo. É um vício, um defeito na minha cabeça, não sei.

- Tudo bem. – Binno coçou os cabelos crespos. – Também não entendi essas folhas coladas na parede.

- É minha preparação. Vou ser um grande contador de histórias. Serei um bardo que moverá multidões. Minhas histórias serão contadas em grandes palácios, estádios e pavilhões. Minhas apresentações terão a abertura de grandes ídolos da música pop, talvez, eu deixe-os dividirem o palco comigo. Serei um astro, Binno. Estou trabalhando para isso.

- Ninguém vai ouvir esta história. Ela já foi contada. Todo mundo sabe como Xenon fugiu de Alcatrix. Sou odiado por isso e sempre serei.

- Essa história ainda não foi contada do jeito certo, Binno. Sabe por quê? Porque ela ainda não acabou.

- Claro que acabou. – Binno caminhou em direção à pequena descida do sótão.

- Xenon não tem a mínima chance contra a Aliança Maior. O Polvotrom é apenas um. Essa história já está acabando. Não há nada para ser contado. Se quiser ser um bardo de sucesso, é melhor começar a trabalhar em algo diferente.

- Às vezes, para contar uma história direito, você precisa fazer parte dela.

- Vai se aliar a Xenon, Zac. Acha que vale a pena?

- Se ele me desse respostas, eu faria isso.

- Você não sabe o que está falando. Não conhece o Hefesto Xenon. Não sabe o que ele fez com meu amigo.

- Não foi ele quem matou seu amigo. – Zac começou a procurar algo nas anotações. Encontrou. Arrancou uma folha da parede.

Os olhos amarelos do rapaz percorreram as linhas calmamente.

- *O I.A. Xenon, criado por O.X.Z. matou o clone Gabriah na Esfera de*

*Hades*. Depois, entregou a folha para Binno.

Binno amassou a folha lentamente. Sentiu raiva. Mas sabia que Zac Psy não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Alguém que só ouve falar sobre uma tragédia nunca sabe o que realmente aconteceu. Para conhecer de verdade uma história é preciso estar dentro dela.

Só sente quem sofre.

Só sofre quem vive.

Baixou a cabeça e ficou quieto.

Naquele momento, o aprendiz de bardo viu que estava indo longe demais.

- Ok. Você está certo. – Zac colocou a mão no ombro de Binno. – Eu apenas achei que tinha muito para contar, que podia ser interessante para as pessoas. Meu pai ficaria orgulhoso, eu acho. Ah! Esquece.

Binno tentou mudar o rumo da conversa.

- Seu tio Pança contou sobre seu pai. Ele foi um aventureiro e um grande bardo.

- O maior bardo que o Grande Céu já viu. Pessoas de todas as cidades viajavam só para ouvir suas histórias. Sua fama chegou até mesmo na Cidade Original. – Zac abriu um sorriso. – Eu só quero continuar o trabalho dele, só isso.

- Talvez você deva procurar algo novo. Hefesto Xenon está com os dias contados. Ninguém vai se interessar por ele.

- Não. Já trabalhei muito nesta história. Não posso desistir. Sabe como eu chamo? Colapso Psy. Xenon está preparando uma marcha. Tudo ainda está por acontecer. – Outra vez, os olhos amarelos de Zac brilharam como diamantes.

- Você colocou o seu nome na história? Seu ego está descontrolado sabia?

- Ah! Não exagera. – Zac Psy baixou os olhos.

- As defesas da Aliança são baseadas na internet. É óbvio que Xenon vai tentar alguma coisa agora. – Binno se irritou. – Mas os Doutores vão esmagar qualquer grupo rebelde que aparecer.

- Isso é o que todo mundo está pensando. Mas eu sei de muito mais que isso. – Zac olhou para as próprias unhas. Fingindo modéstia. – Acho que eu sei até mais que as nýsticas.

- Como?

- Faz tempo que pesquiso sobre Hefesto. E há alguns dias conheci um cara que me contou muita coisa.

- Quem? Contou o que? - Um estranho barulho interrompeu Binno. Algo estava acontecendo onde folhas de papel estavam penduradas no teto.

Eram folhas compridas, com mais de dois metros de comprimento.

Elas se sacudiam mais forte agora. Mas, o vento que entrava pela janela ainda era uma leve brisa.

Binno voltou a questionar.

- O que este seu informante te contou?

Os olhos brilhantes de Zac se estreitaram.

- A Aliança não terá chance contra a Marcha Silenciosa. Xenon está reunindo o maior exército da história. E está usando uma música para fazer isso.

Binno segurou o riso.

- Vai rindo. – Zac se ofendeu. – Quando o exército de Xenon estiver grande o suficiente você não vai achar graça.

- Mas é uma teoria ridícula. Nenhuma música vai convencer as pessoas a enfrentar os Doutores. Você inventa cada coisa.

- Não inventei nada. Tenho minha fonte, já te falei.

Binno quis ver até onde iam os argumentos de Zac.

- Essa sua história está mal contada. Que música seria tão poderosa? E o autor? Quem é este sujeito tão criativo e inteligente para fazer músicas assim? Até onde eu sei Hefesto Xenon nunca chegou perto de qualquer instrumento.

- Você tem razão. Falta o maldito autor. Quem, pela Origem, foi o responsável pela criação dessa música maldita. – Zac batia a própria cabeça contra a parede.

O adolescente sentou no chão. Abaixou cabeça até os joelhos.

- E, quer saber?. – Binno se deu por satisfeito. - Alguém teria que testemunhar para sua história ter valor. Quem faria isso?

- Bug mental. – Zac falou com raiva. – Eu já disse que tenho uma fonte.

- Tem?

- Tenho sim. Vire-se, por favor.

- Me virar? Como assim?

- Não, eu não estou falando com você. Estou falando com ele.

Ainda com a cabeça baixada entre os joelhos, Zac apontou para o canto onde folhas compridas com dois metros de comprimento estavam penduradas no teto.

E lá estava a surpresa.

Binno teve dificuldades para acreditar no que seus olhos viram.

Um homem estava lá.

Virado de lado, o homem era tão magro, mas tão magro, que era quase invisível quando estava nessa posição. Era como se fosse um homem de papel.

Quando se virou para Binno, mostrou um rosto constrangido e queixudo. Um cavanhaque azul, comprido e ralo, se mexia ao sabor do vento.

- De-de-desculpe, me es-es-escondi porque Zac Psy pediu.

- Mentira. – balbuciou o rapaz. – Acostume-se Binno, ele não consegue dizer a verdade. É um enganador compulsivo. Mas péssimo. Sempre gagueja quando mente.

O homem-fino-como-de-papel apenas sorriu.

Binno fechou os olhos e coçou as pálpebras com as mãos.

- *Não pode ser verdade. Não pode.*

Abriu outra vez os olhos.

Inacreditavelmente, aquilo não era uma alucinação. O homem realmente era tão magro que parecia invisível.

O homem magro aprofundou o olhar nas pupilas de Binno. Com a voz muito arranhada, disse sem gaguejar. - Eu estava procurando por você, Binno OXZ.

# CAPÍTULO DEZ
# A garota prometida

Zac coçava a sobrancelha, em torno do piercing, encarando o homem à sua frente. O homem magro olhava para os lados, nitidamente desconfortável.

O aspirante à bardo riu do jeito do sujeito. Depois falou:

- Binno, aposto que você nunca tinha visto alguém tão magro quanto esse cara. - Quem é ele? – Binno perguntou para Zac, mas não conseguiu tirar os olhos do homem que se movia de modo lento, como se estivesse prestes a quebrar.

- Ele diz que é um androide criado pela Aliança para espionar os rebelados. Mas, não sabe mais mentir.

- Androide? Do tipo meio-humano e meio-máquina?

- É. E existe outro tipo?

- Sei lá. Mas se ele é meio máquina deve estar agindo desse jeito porque está poupando energias. Talvez, precise recarregar. Mas, essa história é estranha para que a Aliança ia querer um espião que não sabe mentir?

O androide continuava quieto. E os garotos falavam dele como se ele não estivesse ouvindo.

- Ele sabia mentir. – Zac levantou. - Parece que foi um grande estelionatário antes de ser androide.

- Hum... – O garoto encarou o homem magro. O sujeito baixou os olhos, cheio de timidez. – Binno falou com Zac, mas sem tirar os olhos do androide. - Se a programação que fizeram nele usou sua personalidade humana, talvez esse seja o problema. Nossa personalidade pode mudar com os anos. Talvez ele não seja mais tão falastrão hoje em dia. E essa mudança está conflitando com a programação da máquina. Por isso ele não consegue mentir.

Zac ficou boquiaberto.

- Que foi? – Perguntou Binno, irritado.

- Ou você é um idiota. Ou, é mesmo o gênio que dizem. – Zac foi até o lado do androide e passou a mão sobre seus ombros. – E você tem alguma ideia maluca para curar este amigão aqui?

- Talvez, seja possível reorganizar o código. Se alguém acreditar totalmente no que ele disser, a programação talvez reconheça a nova personalidade e atualize as mudanças da parte humana e ele estará curado.

- Ninguém vai acreditar totalmente em um androide programado para mentir. Principalmente se ele gaguejar.

- Você pediu uma ideia maluca.

Zac e Binno ficaram por alguns segundos observando o androide magro.

- O-o-obrigado. – O sujeito levantou o rosto magro. - Ninguém costuma pensar em me ajudar. Vo-vo-vocês sã-sã-são mu-mu-muito le-legais.

- Arrã! Sei. – Binno e Zac ironizaram ao mesmo tempo.

Zac segurou o ombro do androide.

– Mas esse mentiroso é um cara legal. Fizemos amizade, rapidão. E, acredite, esse cara tem mais informação que qualquer terminal de internet.

Zac falava. Mas Binno ainda olhava para cima, encarando o sujeito alto e estranho. O homem não encarava ninguém, movia os olhos para todo lado, tentando disfarçar uma timidez.

- *Tenho certeza que ele está ficando sem energia, por isso essa falta de coragem.* – Pensou Binno. E perguntou. – E o que mais ele disse?

- Não tanto quanto eu gostaria. – Zac soltou o ombro do androide. – Não é fácil falar com ele, é preciso ter jeito.

Binno ainda estava impressionado com o visual do estranho. Ele usava uma camiseta de longas listas pretas, tinha um braço que devia ter a espessura de uma caneta. As mãos tinham longuíssimos dedos finos e sua cabeça parecia uma bola de futebol americano, principalmente por conta do queixo comprido e fino. Sua pele era tão branca que não parecia pele. Mas, bizarro mesmo era o cavanhaque com poucos fios de barba, compridos e azuis, como se fossem vários fios de fibra ótica.

Zac e Binno ainda estavam atentos ao homem magro quando, no outro lado do quarto, um barulho chamou a atenção. O barulho vinha da escada.

Binno se virou. Alguém havia entrado no quarto de Zac e agora estava subindo até o estúdio.

Quando Binno olhou outra vez para frente, o androide havia sumido. Agora, só Zac estava na frente de Binno.

Pela escada, dois capangas subiram com pressa até o estúdio, atrás deles caminhava com calma o último cigano que Binno queria ver naquele dia: Maxx Mind.

O maldito cigano não usava pijama. Pelo contrário, trajava calças douradas e um cinto cravejado em pedras preciosas. Também usava um colete, igualmente adornado em joias. Ele olhou para Binno e sorriu satisfeito.

- Eu sabia que ia encontrar você aqui garoto. Quem se envolve com o crime uma vez, costuma voltar sempre.

Zac Psy se defendeu: - Do que está falando?

Maxx interrompeu Zac com uma acusação:

- Eu estou falando de roubo.

Zac encarou o filho do chanceler. Abriu os braços e falou baixinho.

- Fique à vontade. Reviste-me.

Com um sinal, Maxx ordenou que os capangas revistassem Binno e Zac. Enquanto isso, o filho do chanceler passou a percorrer todo o estúdio com um olhar minucioso e atento. Zac o provocou.

- Nada que é seu me interessa, Maxx.

- Se fosse verdade, - Maxx ainda estudava o estúdio. – você não tentaria roubar meu lugar em Falahcia. Não é?

- Se seu pai gosta mais de mim do que de você. A escolha é dele, não minha. – Zac mantinha os braços para cima e o capanga revirava seus bolsos vazios. – Não seja ciumento. Sei falar com seu pai, só isso. Coisa que você não sabe.

- Quieto. Guarde sua conversa mole para o chanceler cabeça oca. - Com um sinal, Maxx mandou cada um dos capangas para um lado do estúdio.

Zac e Binno se olharam com apreensão. O homem magro seria pego?

Os capangas pareceram ter visto alguém. Correram em direção a várias folhas de papel compridas penduradas do teto até o chão. Iam pegar o homem.

O homem era tão magro, que, de lado, se tornava fino demais para os olhos. Por isso, se disfarçava entre os papéis pendurados. Era uma cena difícil de imaginar, mas estava diante dos olhos de todos naquela sala.

E os capangas já tinham visto o homem-de-papel.

Nem Zac, nem Binno, estavam vendo o sujeito.

O primeiro-filho cigano, Maxx Mind, assumiu uma posição de ataque.

De repente, o homem magro surgiu. Ele se virou para fugir dos capangas e correu em direção a Maxx. O primeiro-filho se abaixou.

E, quando o homem estava perto o suficiente, Maxx levantou. Colocou seu ombro na barriga do fugitivo e saltou.

Maxx fez o homem magro bater com a cabeça do baixo teto do estúdio. Tonto, o sujeito caiu no chão.

Os capangas imobilizaram o estranho homem-de-papel.

- Ele não fez nada. – Zac berrou com o primeiro-filho.

- O castelo está sendo roubado. E você esconde um estelionatário procurado no seu estúdio? – Maxx balançou a cabeça. - Você é mesmo um fracasso, Zacharias Psy.

- Quem disse que ele é um ladrão? – Zac quase pulou em cima de Maxx.

Maxx não respondeu. Apenas continuou balançando a cabeça. Depois dirigiu o olhar ao homem imobilizado no chão.

- É você quem vem roubando o chanceler? Você é o Ladrão Delicado?

O androide estava apavorado. A timidez era enorme. Então, com a voz tão fina como barra de ferro arrastada pelo chão, confessou:

- Si-si-sim, o La-la-ladrão De-de-delicado sou e-eu.

Zac não escondeu a decepção.

Os capangas arrastaram o sujeito magro para fora do estúdio. Depois, Maxx desceu pelas escadas, sem olhar para trás.

- Já está na hora de aprenderem. – Maxx já estava no andar debaixo, mas sua voz subiu até o sótão. – Um dia eu ganho. No outro, vocês perdem.

Tudo aconteceu muito rápido.

Mesmo assim, o resto do dia foi curto para discutir os acontecimentos. Binno fez questão de contar cada detalhe para seus amigos.

Estavam no quarto de madame Anay.

- Você se mete em cada uma Binno. Porque não voltou para o seu quarto. Pelo menos para trocar logo de roupa?

Kira dava risada. A história que Binno contava enquanto lanchavam era demais. Ela e Madame Anay ouviram cada detalhe enquanto se deliciavam em iguarias feitas de aves e sementes, servidas pelos copeiros ciganos que visitavam os aposentos de Madame Anay a cada minuto.

A inventora tinha recebido um espaço especial do chanceler. Ali, cortinas deixavam passar luz entre diversos pequenos ambientes. Madame Anay tratou de transformar seus aposentos em pequenos laboratórios, onde ela misturava químicas, ligava luzes, programava computadores e almoçava feliz com dois jovens amigos.

- Eu estou falando. – Binno segurava o osso de uma coxa de ave tão grande que não cabia no seu prato. – O cara conseguia se esconder entre as folhas de papel. O sujeito era tão magro, que, se estivesse virado você não conseguia enxergar.

- Então toda essa teoria sobre músicas que encantam soldados. – Kira só falava. Não comia. Seu prato ainda estava intacto. – É uma história toda baseada no que um ladrão desesperado contou para ele?

Binno não respondeu. Estava com a boca cheia demais para falar. Já estava satisfeito, mas a coxa de galinha gigante ainda estava pela metade. E Binno nunca deixava comida no prato. Por isso, continuou comendo.

Madame Anay também comia com voracidade.

- Essa teoria é interessante. – A inventora bebeu um refrigerante gasoso que ela mesma tinha fabricado. Depois, voltou a falar. – Xenon não teria tantos soldados para enfrentar os Doutores. Realmente ia precisar de um artifício destes. – Outra vez ela encheu a boca de sementes e tomou outro gole de refrigerante. – E a tal Marcha Silenciosa que as nýsticas previram poderia ser essa união de pessoas seduzidas pro esta música.

- Teria que ser uma senhora música. – Kira brincava com seu prato de comida, sem comer nada. – Quem consegue criar uma música tão poderosa? Existe alguém com esta capacidade?

Binno engoliu em seco toda a carne que tinha na boca. – *Será que existe esse autor?*

- Parem de se preocupar. É apenas uma teoria. Nenhuma música pode convencer as pessoas a lutarem contra a Aliança. Isso é impossível. IM – Madame

Anay comeu um punhado de sementes. – POS – mastigou com força, dessa vez ela exagerou. – SÍ – tomou um gole de refrigerante, para destrancar a garganta – VEL.

A inventora arregalou os olhos, como se a comida tivesse rasgado sua garganta.

Kira e Binno tiveram que rir da inventora. Anay ignorou os dois e voltou a comer. Como uma mulher tão pequenininha conseguia comer tanto? Este sim era o mais novo mistério do Grande Céu.

A tarde foi assim. Passou rápida como um dos gaviões que entraram pela janela do laboratório improvisado de Madame Anay.

Na manhã seguinte, a aula insana de preparação para a Prova Maior mostrou que aquele curso passava milhas de distancia da palavra normal.

Um absurdo foi noticiado.

O instrutor de Saber Lógico simplesmente faltou. O mesmo que não esteve presente no dia anterior, quando Miranda apresentou todos instrutores. A turma inteira já estava cheia de curiosidade para saber quem seria o tal instrutor misterioso. Ao invés do instrutor, só o que os estudantes encontraram foi a seguinte mensagem no quadro:

- Primeira lição de Saber Lógico: é lógico que vocês não são capazes de aprender nada.

Conforme as semanas foram passando, os outros professores iam substituindo o tal instrutor misterioso. Que sempre mandava uma mensagem do tipo:

- Hoje não compareço ao pré-Maior, pois tenho algo mais importante para fazer: é lógico.

Mas, as outras aulas seguiam seu curso maluco.

Zac Psy, o aprendiz de bardo, se mostrou um perfeito rebelde sem causa, contestando instrutores e puxando assunto com os colegas durante as

explicações.

Se o amigo de Binno , Megazila Mimm, não tinha a menor vocação para dar aula, graças ao seu jeito embolado de falar, cheio de formalidades que fazia a turma inteira bocejar, os conhecidos instrutores Madame Anay e Amadeus Hotred deram seus shows em sala de aula. Madame Anay parecia ainda mais inspirada com os novos ares. A cada minuto, arrancava uma nova risada da turma, fazendo comparações entre suas invenções e mostrando que o Saber Espacial seria ainda mais útil em condições de desespero. Houve um dia que foi hilário, quando prendeu Vick Vibbor dentro de uma caixa transparente e pediu para ela abrir mão da vaidade para sair dali. A garota ficou roxa, azul e verde antes de entender que a solução era apenas colocar a mão aberta numa portinhola automática.

Amadeus Hotred, o instrutor de pele vermelha, resumia suas aulas à exploração dos novos sons que havia conhecido no Grande Céu, entre eles guinadas de pássaros, gritos de queda, tecido sacolejando ao vento e a “música que há na voz de cada vendedor do mercado público de Falahcia.” Mais uma vez, Binno achou as aulas de Saber Musical absolutamente inúteis. Mas, ao menos eram muito dançantes.

Já a diretora do curso, Miranda Mind, encantava o público masculino em sala de aula. Um néctar para os olhos dos alunos, sua presença hipnótica fazia a aula de Saber Intuitivo transformar as tardes em puro deleite visual. Mais atentas ao conteúdo, as garotas aprendiam tudo sobre quiromancia, tarô e outras tantas técnicas para leitura do futuro que só os ciganos conheciam. A cada aula, a instrutora Miranda fazia questão de repetir:

- Todas estas técnicas são simples formas bobas de distrair o cliente, enquanto as respostas se revelavam em seus olhos.

Porém, nem tudo eram ventos leves, é verdade. Troy Judá era a parte difícil. As aulas de Saber Verbal com o instrutor mais arrogante do universo, o Mestre Troy Judá, eram insuportáveis. Não era raro que alunos do pré-Maior precisassem pedir licença para remediar torções e nós na língua causados pela pronuncia de palavras tão sofisticadas que deixavam na boca a sensação de derretimento, como se os alunos tivessem comido uma gosma molenga e insustentável.

Geralmente, era Binno quem era chamado à frente para ler textos incompreensíveis. Judá adorava estes momentos, para dizer coisas do tipo: “Realmente, eu não esperava que um clone conseguisse ler isso.”

A bela Cybele Síria se mostrou uma rigorosa instrutora de Saber Físico. Falando principalmente sobre métodos para controle de respiração, exercícios, alongamentos e reconstituição muscular. Binno geralmente saia das aulas de Saber Físico com uma nova lesão. Mas, nem por isso admitia ter tido um estiramento, ruptura ou qualquer tipo de dor. Na aula de Cybele Síria, Binno fazia de tudo para ser o mais corajoso e hábil atleta entre os alunos. E Cybele apreciava isto.

Os dias estavam tão corridos que Binno tentou organizar uma agenda da maneira que julgou ser mais prática.

| SAB | INSTR | DI | DIA | DIA 3 | D | DIA |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ER | UTOR | A 1 | 2 | | IA 4 | 5 |
| *Lógica* | *(desconhecido)* | *Leitura noite* | *Revisão de 600 páginas de códigos* | *Ao amanhecer aula, se o professor quiser* | *O dia inteiro. Se o professor quiser.* | *Não haverá aula.* |
| *Espacial* | *Madame Anay Cy-ficcion* | *Aula meio-dia* | *Aula meio da manhã e revisão fim de tarde* | *Montagem e desmontagem teoria, prática e enrolação. Durante a chuva.* | *Começo da manhã.* | *Haverá muito mais aula.* |
| *Mega pessoal* | *Megazila Mimm* | *Revisão madrugada* | *Exercícios tarde inteira* | *Repetição dos exercícios da tarde de ontem, mas agora direito.* | *Meio da manhã.* | *Esqueçam os outros saberes, Megapessoa é mais importante.* |
| *Físico* | *Cybele Síria* | *Exercícios Noite* | *Aula no horário de almoço* | *Chega de almoçar. Aula, aula e aula.* | *Fim da manhã.* | *Tragam toalha. Vocês vão suar.* |
| *Verbal* | *Mestre Troy Judá* | *Tarde e Madrugada* | *Madrugadão de exercícios* | *Revisão completa. Desde o por do sol até o* | *Começo da tarde.* | *Desistam. Nunca irão aprender* |
| | | | | *dia seguinte.* | | *nada.* |
| *Rítmico* | *Amadeus Hotred* | *Revisão de conteúdo no intervalo* | *Alongamento de cordas vocais por 3 horas* | *Folga para ouvir a natureza – (cinco minutos)* | *Meio da tarde.* | *Essa aula é inútil. Desisto.* |
| *Intuitivo* | *Miranda Mind* | *Conteúdo novo pela manhã e revisão no fim de tarde.* | *Exercícios ao pôr do sol* | *Preencher apostila (quando for ao banheiro).* | *Fim da tarde. E todos outros horários livres.* | *Começar de novo.* |

Não dá para dizer que foi uma fase ruim. Tanto Kira quanto Binno conseguiam se distrair. Kira parecia estar até mais sorridente do que o normal. Esquecer um pouco o colapso no Grande Oceano era ótimo para os dois.

Uma rave cigana foi anunciada. O que fez a turma inteira se empolgar. De uma hora para outra, os bates papos passaram a se mostrar mais animados. Ansiosos com a festa que estava por vir, a cada dia estavam mais empolgados.

Binno já estava achando Kira insuportável. A todo momento ela recebia um convite diferente para a tal rave. É verdade que alguns destes convites renderam ótimas piadas para Binno. Por exemplo, o garoto adorou cochichar para a requisitada amiga que ela teria que comprar um prendedor de nariz quando fosse à rave com o Wilson, o dono do hálito mais podre do Grande Céu.

Este convite ela negou na hora. Mas, para a maioria dos meninos, ela dizia que ia pensar.

Zac Psy era um deles. O rapaz já tinha escrito tantos convites, versos, cartas, que podia ter publicado uma antologia de adoração à Kira Bella. Uma destas cartas foi, inclusive, acompanhada de um dos piercings do rapaz. Ela, fingia que não ligava, patinando cheia de charme pelos corredores do Castelo Cigano.

Kira estava adorando tanto paparico.

Era dia de aula de Saber Lógico.

E mais uma vez, o instrutor provavelmente não apareceria. Então, Binno aproveitou para puxar a conversa.

- Então, você já decidiu com quem vai à rave? – Disse Binno, fuçando em seu i-tudo, fingindo desinteresse.

- Vou sozinha, óbvio. – Kira hidratava o ar de seus patins, também fingindo desinteresse.

- Sério? – Binno abriu um sorriso descontrolado. – E todas aquelas cartas do Zac?

- Ah! Até que são bonitinhas. Mas, Binno, olha para mim. Sou uma garota da Era de Já Eras. Garotas como eu não precisam ir com alguém para uma rave. Eu vou com meus amigos. Não preciso ir com – ela fez sinal de aspas com os dedos. – “um garoto”. E você?

- Ah eu? – Binno voltou a fuçar no seu i-tudo. Por algum motivo, achou que não podia dizer que não tinha tido nenhum convite. Então, mentiu. – Acho que vou com a Cybele.

Kira ficou surpresa, mas não falou nada. Vick Vibbor, a filha da Doutora Synara Vibbor e eterno desafeto de Kira, se meteu na conversa.

- A incrível Cybele Síria? Uau! – A menina arregalou os olhos, ela tinha cabelos verdes nesta manhã. E não disfarçou. Estava ouvindo a conversa o tempo inteiro.

Binno olhou para os lados, assustado. *Quem mais estaria ouvindo aquela mentira?*

- Pois é! – Kira sorriu. – Quem diria, hein? Eu achava que a Cybele ignorava você.

- Ignorar? - Binno se indignou. – Ela é caidinha por mim.

- Sério?? – Vick se meteu outra vez na conversa. Kira encarou a garota que voltou para o seu lugar sem dizer mais nada.

- Ela é caidinha por mim há muito tempo... – Binno se deixou levar pela mentira.

Foi neste momento que aconteceu o trágico. Numa destas coincidências horripilantes que só o destino mais terrível pode reservar, Cybele Síria entrou na sala.

- Boa tarde gente. – A instrutora de Saber Físico caminhou com pressa direto para o quadro.

Kira olhou para Binno desconfiada.

- A garota levantou a mão para fazer uma pergunta.

Binno olhou assustado para Kira. Ela não podia fazer isso. Pela Origem! Ela ia fazer.

Cybele olhou para a garota de braço levantado. - Fala Kira, o que você quer perguntar?

- Tudo bem. – Binno cochichou para Kira. Em desespero – É mentira. Pela Origem, eu tava só brincando.

Kira olhou para Binno e sorriu com malandragem. Depois falou.

- Hoje vai ter aula de lógica?

Cybele expirou, cansada. – Bom, o instrutor mandou uma mensagem para vocês.

No quadro, Cybele escreveu:

- *“Hoje eu não vou dar aula. É lógico.”*

- Mas, - A bela atleta abriu sua grande mochila e começou a tirar alguns apetrechos esportivos. – ninguém vai perder tempo. Hoje, vou aproveitar a ausência do instrutor e passar uma aula que eu queria ter dado há muito tempo. Vou falar sobre o esporte que une o Grande Céu e o Grande Oceano. É verdade que este esporte também fez parte da Grande Guerra, e, as Grandes Mortes e o Grande Catabum. Mas, vamos ao que interessa. Vamos quebrar uns queixos.

A instrutora vestiu luvas gordas, pomposas e vermelhas. Lembravam luvas de boxe, mas pareciam mais pesadas e, com certeza, eram mais desconfortáveis. Com as costas da mão, ela tirou seu longo cabelo negro do rosto e falou muito feliz.

- Hoje, vamos aprender sobre sumóxe.

A turma inteira ficou em polvorosa. Os cochichos foram generalizados. Binno não soube ao certo porque a turma tinha ficado tão elétrica. Mas ele tinha um interesse especial naquele assunto. Ele olhou para Kira. Ela cochichou.

- Este é o esporte anunciado no cartaz proibido. Aquele que você viu lá na Taverna do Xarope, não é?

Binno confirmou com a cabeça. Kira continuou...

- Pela Origem, se existe esse tal de sumóxe...

- ...existe o tal do barqueiro. – Binno concluiu a frase e olhou muito sério para Cybele. Toda informação daquela aula seria de muito valor para ele.

Então, Cybele começou a falar sobre as regras, táticas e lances históricos daquela arte-marcial-pós-período-caótico:

- Como tudo que é meio-proibido o sumóxe exerce deslumbre, desperta a curiosidade e gera lendas fascinantes por todos os cantos da Grande Existência.

O encantamento feminino de Cybele se manteve durante os litros de informação que a garota despejou a seguir. Todos ouviram atentos às explicações graciosas da instrutora.

Ali entenderam que dois sumoxiadores podem competir num Aquóhyō - (uma espécie de aquários sem vidro, onde a água flutua como uma bolha de h20 nervosa, comprimida por jatos de ar fortíssimos). O primeiro lutador a entrar em contato com os limites do Aquóhyō perde a luta.

Mesmo com muita elegância e tranquilidade, Cybele não conseguia disfarçar seu gosto pela força do esporte.

- Claro, ser jogado para fora do Aquóhyō faz o lutador perder. Mas essa é a coisa menos ruim que pode acontecer. Geralmente, o lutador é espancado como uma massa de panqueca antes de ser atirado para fora. Outra coisa muito comum é haver um empate técnico, o que é triste.

Ela sentou sobre a mesa, lendo suas anotações. Explicou:

- Empate técnico só existe quando dois *sumoxiadores* lutam com todas suas forças até que ambos morram afogados.

A turma continuava em silêncio, com a imaginação girando rápido, em torno daquele fascinante esporte. Foi o Wilson de hálito podre o primeiro aluno a abrir a boca.

- Cybele. Você sabe que vai ser presa?

- Sim, eu sei. – A instrutora respondeu com um olhar muito sério.

Kira não segurou a dúvida.

- Do que vocês estão falando?

Wilson respondeu. E o hálito dele embrulhou o estômago de quem estava por perto.

- Cybele vai ser presa. Ela está falando de um esporte meio-proibido. Aqui no Grande Céu, mencionar certos assuntos é motivo de xilindró.

A própria Cybele falou alto. Ela mostrou que sua voz delicada pode ser bem firme quando preciso.

- Cadeia não é tão terrível. Talvez, a prisão não seja a maior privação de liberdade para uma mulher.

- E o que seria pior? – Kira já estava de pé. Com medo, pela instrutora.

- Um casamento. – Cybele falou com um sorriso leve nos lábios.

A turma inteira caiu na gargalhada.

Binno também riu da piada, foi quando percebeu que todos estavam olhando para ele.

- Porque estão olhando para o Binno? – Cybele levantou, sem entender.

- Cybele, - Foi a vez de Vick Vibbor ficar em pé, como sempre intrometida. -

Sabia que o Binno estava contando que você é apaixonadinha por ele?

Binno caiu para dentro de sua cadeira. Afundou a cabeça entre os ombros e o sangue quase explodiu seu rosto vermelho de vergonha.

Vick Vibbor soltou uma risada irritante. Entre risos abobados, ela falou.

- Eu também ia achar que um casamento é terrível, se fosse namorada de um sujeitinho destes.

Cybele olhou para Binno e sorriu.

- Atenção. Talvez vocês não saibam, mas os ciganos têm a tradição do casamento arranjado. E não é com o Binno que tenho que casar. Infelizmente.

A risada da turma cessou num segundo.

O silêncio caiu como uma pedra.

Binno sorriu. Satisfeito com a resposta de Cybele.

Imóvel, o garoto pulava por dentro, feliz de saber que Cybele não o considerava um idiota completo. Mas, ao mesmo tempo, Binno se sentiu um idiota completo por não poder fazer nada quanto ao casamento forçado de Cybele.

- Meu noivado é um acordo de famílias. Ninguém perguntou minha opinião. Por isso, acreditem, eu prefiro a prisão. Com certeza. - A instrutora voltou para o quadro e começou a apagar a mensagem do instrutor de lógica, que estava escrita lá.

Ainda de costas para turma, Cybele disse: - Sou noiva do maldito instrutor de lógica. Vocês têm sorte de ainda não conhecerem este sujeito.

Ainda com a cabeça dentro dos ombros, Binno pensava no maldito instrutor. Ainda não conhecia o infeliz, mas já odiava o sujeitinho.

# CAPÍTULO ONZE
# Os adoráveis cocatrixes

Binno passou os dias seguintes atrapalhado como um gato de patins. Tão enrolado com as tarefas do pré-Maior que não via o tempo passar. Queria muito descobrir mais sobre o esporte meio-proibido, sumóxe, mas não encontrava tempo para isso. As tarefas do Mestre Troy Judá eram tão difíceis, que às vezes pareciam pura tortura. Nem mesmo conversava com Kira.

Numa destas tardes que chegavam rápido demais, Binno se atrasou para o pré- Maior, por sorte a instrutora Miranda Mind ainda não havia chegado. Os colegas aproveitaram para um bate-papo mais animado.

Vick Vibbor coçava sua bochecha rechonchuda enquanto seus cabelos trocavam de preto para uma cor-de-azeite-usado.

- Acho que Megazila é o instrutor de lógica. - Vick tentava falar baixo, mas não conseguia reduzir o volume de sua voz aguda. – Aquele principezinho é tão cdf que vai querer dar duas aulas. Só que não consegue tempo, por isso falta sempre.

- Duvido que seja o Megazila. - Wilson coçou a cabeça de cabelos raspados. – Ele é cdf demais para faltar às aulas. Acho que é alguém da trupe dos absurdos. Por que só Miranda daria aula? Tem o Barba, o Pança, a vidente...

- Tá com bug mental Wilson? – Agora foi Zac quem falou. Sentado mais no fundo da sala, o rapaz mantinha os pés em cima da mesa e uma expressão superior. - Aqueles imbecis da trupe não dariam aula nem para falcões adestrados. E, Vick, seu palpite é fraco. Se quiser adivinhar quem é o instrutor de lógica vai ter que usar mais essa sua cabeça colorida.

- E você Binno - Vick tentou tirar a atenção de si. - Quem acha que é o instrutor de lógica?

Zac não deixou Binno falar. Antes disso, tirou os pés de cima da mesa. - Eu acho que estou olhando para ele.

- Eu? - Binno tirou sua mochila e sentou de costas para Zac. - Não seja imbecil. Provavelmente é alguém que nem conhecemos. Eu sou aluno, não sou instrutor?

- Mas é um - Zac ficou de pé e inventou uma voz idiota que fez todo mundo rir. - "gênio da lógica".

Binno quis dizer algo, mas Kira que até agora estava quieta, falou antes:

- Esqueceram do que Cybele falou? O instrutor de lógica é o noivo dela. E não é o Binno. – Kira tinha um riso no canto da boca. – Zac você não para de pensar no Binno, não? Está apaixonado? Por que não pede logo o Binno em namoro?

A turma inteira riu.

Mas Zac não deixou barato.

- Kira Bella, não posso pedir ele em namoro. Porque vou pedir você. Agora a turma soltou um uivo de alegria.

- Uhhhhhhhhhhhh!

Zac ficou de joelhos e ergueu uma das mãos em direção à Kira.

- Aceita namorar comigo?

A garota ficou sem jeito. Por essa, certamente, ela não esperava.

Foi a vez de Binno se intrometer.

- Zac, eu não acredito. Você gosta mais dela do que de mim?

Outra vez a turma caiu na gargalhada. Neste exato segundo, Miranda entrou pela sala.

Zac correu para o seu lugar e a turma parou de rir instantaneamente.

Kira voltou a respirar. - Obrigada. - Cochichou para Binno.

- Na verdade, fiz isso por ele. Coitado do Zac. Ele não sabe que você nunca ia querer um namorado.

Kira baixou os olhos.

Binno insistiu. - Você nunca ia querer um namorado. Certo, Kira?

Kira não respondeu. E Binno ficou realmente preocupado com isso. *Será que Kira estava pensando em namorar?*

- Todos de pé. - Miranda falou alto, enquanto seus longos cílios apontavam para o rosto de cada um dos alunos. - Perdoem meu atraso, mas estive preparando algo especial para nós. Hoje, nossa aula será lá fora. No viveiro do castelo.

- Ahhhhhrggg! - A turma toda fez uma cara de nojo.

Miranda fez um sinal e a turma inteira seguiu os passos seguros da instrutora de Saber Intuitivo. Numa fila indiana, todos seguiram até uma porta pequena lá no fundo da sala de aula.

Quando Miranda abriu a porta para rua, uma grande ventania invadiu o corredor.

Lá fora, a luz do sol era filtrada por pesadas nuvens.

E, entre as nuvens, uma fina ponte de cordas perambulava rumo à neblina.

Miranda seguiu adiante, pela ponte trêmula.

Os alunos foram atrás. E a ponte balançou muito quando os alunos começaram a caminhar por ali. O vestido de Miranda sacudia com força agora. Os alunos tiveram que se agarrar na ponte.

O clima da aula mudou completamente em poucos minutos.

O Castelo Cigano era realmente cheio de surpresas.

A turma seguiu com passos trêmulos, numa reta fila indiana, um com a mão no ombro do outro.

Binno segurava o ombro de Wilson. Kira segurava o ombro de Binno. Mas, Zac se intrometeu entre os dois e segurou o ombro de Binno. Kira foi obrigada a segurar o ombro de Zac.

Zac cochichou para Binno:

- Você ficou preocupado por eu ter pedido Kira em namoro? Era só brincadeira. Além do mais, você disse que eram só amigos.

- Sim e somos. - Binno respondeu, sem olhar para trás.

- Então porque essa cara de... - Zac foi interrompido quando a ponte balançou com força. Instintivamente, Zac segurou a mão de Kira, que estava atrás dele.

A garota recobrou o equilíbrio e puxou a própria mão com força.

Binno olhou por cima do ombro e depois sorriu. Ficou feliz com a repulsa que Kira tinha acabado de manifestar por Zac.

Zac voltou a segurar o ombro de Binno.

Binno falou para Zac.

- Não estou com raiva. Só acho que ela está escondendo alguma coisa. E pelo jeito, não tem nada haver com você.

- Mulheres... - Zac suspirou, agora olhando para Miranda que caminhava lá na frente do primeiro aluno. – Quanto mais segredos elas tem, mais a gente se interessa, não é?

Binno riu. Zac podia ser inconveniente, mas não dava para negar, também era muito engraçado.

Quando estavam chegando ao final da comprida ponte, avistaram um lugar gigantesco que lembrava o pé de uma montanha. Era um lugar todo feito de uma espécie de lona, bem mais espesso e escuro.

Uma gigantesca caverna de lona.

A caverna era protegida por guardas.

Quando chegaram à entrada desta caverna, encontraram alguns ciganos muito armados e mal-encarados.

Um dos guardas caminhou até Miranda.

De longe, Binno observou à instrutora estender para eles um documento todo enrolado.

O homem coçou a barba, com dúvida. Depois, fez um sinal para os outros guardas cederem passagem.

Os homens abriram enormes portões por onde a turma inteira passou. Realmente, o lugar parecia uma caverna da terra. Era escuro e muitíssimo úmido. Dois dos guardas seguiram à frente, como se fossem mostrar um caminho. Mas estes guardas não seguiram caminhando como os alunos. Cada um dos dois soldados deslizava em pranchas flutuantes.

As pranchas eram como skates sem rodas.

Pelo jeito, funcionavam da mesma forma que os patins de Kira. Deslizavam a uma pequena distancia do chão, utilizando uma força magnética de repulsão, ou algo do tipo.

Binno sempre foi bom em games de esportes radicais. Andar em uma prancha daquelas devia ser muito bom. Ficou louco para ter um ter uma. E por isso, olhou muito bem para o jeito como os guardas faziam para deslizar de um lado ao outro do corredor.

Carregando lanternas, os guardas “surfaram” à frente.

E a turma de Miranda caminhou no seu rastro, rumo à escuridão.

Enquanto caminhava pelo apertado corredor, de costas para a turma, Miranda começou a explicar.

- Hoje iremos aprender um pouco sobre intuição com aqueles que mais entendem do assunto: os animais. - Miranda deu uma rápida olhadinha para trás, para ver a reação da turma. A maioria estava assustada demais para prestar a atenção no que a instrutora dizia. Por baixo de seus longos cílios, seus olhos quase riram. Ela continuou falando. - Animais podem ver o futuro, pois são atentos aos sinais que o amanhã nos envia. Sentem mudanças na temperatura e podem antever uma tempestade, sentem o medo e a angústia e podem antever o ataque de um adversário. Suplicam por compaixão para seus próprios donos, quando sabem que serão abandonados...

As longas costas delineadas de Miranda continuavam guiando o grupo naquele corredor cada vez mais apertado. Um líquido pegajoso escorria pelas paredes, como se o lugar estivesse suando.

Miranda era a única que não estava assustada, continuou explicando.

- Hoje, iremos conhecer o animal que é considerado o rei da intuição. Por serem tão bons nisso, já foram usados para prever ataques inimigos, catástrofes e coisas do tipo.

Os guardas à frente de Miranda pararam. Um deles fez um sinal para que a turma se afastasse.

Todos deram passos para trás.

Então, o soldado parou diante de uma chave digital. Ali soprou de modo demorado.

- Identificador de hálito. - Zac falou baixinho.

- Sério? - Binno ficou impressionado com aquela tecnologia avançada. - Existe algo assim?

- Não. Tô brincando. - Zac balançou a cabeça. - Deve estar assoprando

poeira. Faz tempo que ninguém vem aqui.

O soldado colocou sua mão no dispositivo e uma parede simplesmente subiu. Uma larga passagem se abriu.

Lá dentro, imensas grades delimitavam um corredor central.

Era um salão enorme. Onde havia duas gaiolas gigantescas, cada uma tinha o tamanho de um prédio alto o suficiente para não ver o topo. Eram dois viveiros.

Também havia um apertado corredor.

O corredor central era a única coisa que separava as duas gaiolas gigantescas. Centenas de milhares de animas enormes voavam, tentando planar nos viveiros.

Os olhos de Binno se encantaram com os animais de uma das gaiolas. Eram tipos bizarros, coloridos e brilhosos como peles de cobra. Na verdade, pareciam cobras com pernas grandes e asas de pássaro. E cada um tinha uma cor diferente. Amarelos, azuis, cor-de-rosa. Mesmo o espaço sendo gigantesco, os animais eram grandes e numerosos demais, se batiam e brigavam em pleno ar.

- Estes são os wyverns. - Miranda apontou para o viveiro que Binno observava.

O garoto teve que ser ágil quando um wyvern tentou arrancar sua cabeça, utilizando a única parte que ultrapassava as grades: um comprido rabo vermelho, que estalou no ar como um chicote.

- Binno, - disse Kira - aí está a explicação para aquelas coxas de galinha imensa que você come o tempo todo.

Vendo assim, cobras com asas e coxas, não pareciam muito apetitosas.

- Esses bichos evoluíram das jiboias? Ou das galinhas? - Binno perguntou, desviando outra vez a cabeça da cauda de cobra que tentou cortar seu pescoço.

Miranda respondeu de modo evasivo.

- Talvez dos dois. Não sei bem, transmutação genética nunca foi minha especialidade. Estamos aqui para estudar Saber Intuitivo, não biologia.

Outra vez o bicho quase chicoteou Binno com sua cauda vermelha.

- Binno, pelo jeito este wyvern vermelho não gostou muito de você. – Disse Miranda

- Olha Sinistra, talvez ele saiba que o Binno tá loco para morder a coxa dele. – Zac não perdeu a chance de falar uma gracinha. Mas a turma estava nervosa demais para rir.

- Não estamos com a trupe. Aqui eu sou Instrutora Miranda, Zac. Mas, talvez você tenha razão. Os wyvern tem intuição poderosa. E eles sabem quem será responsável por sua morte. De um jeito ou de outro, eles advinham quem será o responsável. Mas, não prestem tanto a atenção nos wyverns. Estamos aqui para aprender com os fascinantes cocatrixes.

Miranda se virou para o outro lado do corredor.

Toda a turma virou também.

O outro viveiro era tão alto que não dava para ver o teto. Grades fortes separavam as pessoas de imensas aves belíssimas.

Eram cocatrixes.

Eram aves lindas.

Eram animais que mereciam ser apreciados.

Incríveis.

Com certeza não eram nenhum tipo de ave que Binno já tivesse ouvido falar. O corpo tinha uma forma que lembrava um leão, musculoso, com as pernas fortes de um felino. Todos tinham a pele azul. Suas asas tinham penas coloridas, assim como a longa calda. A cabeça lembrava um belo e imponente falcão, assim como as típicas garras fortes dos falcões.

- Um cocatrix é realmente uma bela criatura. - Miranda respirou fundo e seu peito se inflou por dentro do vestido de tecido leve. – Azuis e lindos.

A instrutora fez um sinal para os guardas. Eles deslizaram em suas pranchas flutuantes até uma pequena portinhola no viveiro.

Um dos guardas ergueu uma arma que parecia uma comprida espingarda. Ligou a arma e uma carga elétrica surgiu no objeto. Abriram a portinhola e entraram.

Assustados, os belos cocatrixes começaram fugir o mais rápido que podiam, se sacudindo em pleno ar.

O guarda apontou calmamente sua espingarda elétrica para o alto e disparou. Um raio de luz subiu e iluminou o lugar.

Um cocatrix foi atingido.

A turma trancou a respiração.

O animal caiu.

Seu corpo forte bateu com as costas no chão. Todos os alunos viraram o rosto para o lado. A cena foi chocante.

Com dificuldade, os guardas arrastaram a criatura para fora do viveiro. Corpo de leão; asas, cabeça e garras de falcão.

De perto, era possível ver o pelo denso em seu corpo azul. Suas pernas musculosas eram ainda mais impressionantes agora. As garras eram tão grandes que podiam arrancar a cabeça de uma pessoa com facilidade.

Caído, o animal ainda sofria com o duro golpe que recebeu.

Miranda falou muito baixo.

- Muito bem, em poucos segundos este cocatrix estará de pé. Um destes guardas tem instruções para abatê-lo. Quero que vocês observem os olhos do animal, percebam que, de alguma forma ele irá prever a própria morte. E mais, saberá quem o matará e como irá fazer isso. - Miranda se aproximou do cocatrix ainda tonto, e passou a mão em seu pelo azul. - Acreditem, ele prevê o futuro apenas ouvindo o som de nossa respiração. Ele saberá, sua morte está próxima.

Aos poucos, o bicho começou a se mover. Todos os alunos observavam o lindo cocatrix.

Miranda acariciou sua cabeça de falcão e deu um passo para trás.

O animal se pôs em pé, com dificuldade.

Os dois guardas se posicionaram à sua frente.

Miranda olhou para os seus alunos e falou muito baixo.

- Observem os olhos do animal. Neste momento, ele irá procurar compaixão em um de nós.

O cocatrix moveu seus grandes olhos de falcão em direção aos alunos, encarou um por um e parou em Kira Bella.

Os guardas miraram suas armas da cabeça do animal.

O cocatrix continuava olhando para Kira.

Um dos guardas ligou sua arma.

Antes que o guarda atirasse, a garota correu para frente do cocatrix.

- Não façam isso. Ele não fez nada contra vocês.

- Kira, ele escolheu você para protegê-lo. – Apreensiva, Miranda falou do jeito mais calmo que conseguiu. - É uma artimanha, eu avisei que ele tentaria algo

Kira gritou: - Não, vocês vão matar um inocente. Ele não fez nada.

- É um animal perigoso Kira. Saia daí, pela Origem. – Miranda aumentou o tom da voz.

Ninguém se mexeu no apertado corredor.

O cocatrix já estava totalmente de pé. E agora dava para ter a exata noção de seu tamanho.

Teimosa, Kira encarava os guardas em desafio.

Binno pressentiu algo terrível prestes a acontecer.

O animal finalmente revelou sua verdadeira face. Berrou como um predador em fúria. Ergueu sua cabeça ainda mais alto e preparou um ataque para cima de sua protetora.

Kira não teve tempo de se virar.

Os guardas não podiam atirar, pois atingiriam a garota.

Ninguém pôde fazer nada.

Kira era a única que podia se defender.

E fez isso.

Todos ficaram de queixo caído quando a garota acertou um soco no bico aberto do cocatrix.

O animal cambaleou, mas não caiu.

Agora Kira foi mais rápida e o cocatrix errou seu segundo ataque.

A garota se abaixou com agilidade. Ela aproveitou para ligar seus patins e deslizou na única direção para onde tinha espaço.

Kira fez a única coisa que podia fazer para sobreviver àquele bicho. Patinou

para longe dele.

Ela foi para dentro do viveiro dos cocatrixes.

O guarda atirou a arma para ela, através da grade.

O outro guarda podia atirar. Mas o cocatrix do corredor foi mais rápido.

Ágil, o animal agarrou o braço do guarda e jogou o coitado contra a grade.

Desarmado, o segundo guarda pulou para cima do bicho e travou uma batalha épica. Agarrados, os dois rolaram pelo chão.

O espaço era realmente muito curto. Os dois lutadores bateram em Binno. O garoto bateu contra a outra grade, o viveiro dos wyverns.

Dentro do viveiro dos cocatrixes, Kira sobrevivia como podia. Atirava em todo animal que se aproximava, enquanto patinava com habilidade por cima dos bichos caídos. Mas, eles já haviam percebido a inexperiência da garota. E, como moscas que beliscam um doce, agora todos eles tentavam atingir Kira Bella.

A turma assistia anestesiada com a velocidade dos fatos.

Com tudo aquilo, ninguém reparou quando o wyvern vermelho enrolou sua cauda-de-cobra no pescoço de Binno.

A garganta de Binno ia quebrar.

Sem ar, Binno não conseguia gritar. E sentia seus glóbulos oculares prestes a explodir.

Todos olhavam para Kira.

Zac tomou uma iniciativa suicida.

O rapaz pulou sobre a prancha do guarda caído e surfou para dentro do viveiro dos cocatrixes. Passou rápido como um foguete por entre os animais. Agora, metade dos bichos estava atrás dele, que deslizava pelo ar, desviando de ataques enfurecidos.

Binno continuava preso. A calda do wyvern era forte demais.

À beira de um desmaio, Binno sentiu que seu pescoço quebraria em segundos.

Foi quando uma mão feminina tocou aquela cauda.

Instantaneamente a pele fria de cobra se aqueceu.

Era Miranda quem estava ali. Ela encarou aquela cobra com asas e coxas. Em segundos, o animal afrouxou sua cauda. Apavorado, o wyvern voou para o ponto mais alto no seu viveiro.

Como Miranda conseguiu isso? Realmente, aquela mulher tinha um segredo, mas não era hora de tentar decifrar a Sinistra.

Dentro da gaiola dos cocatrix, Kira continuava patinando pelas grades e atirando em todo animal que se aproximasse.

Binno tinha que fazer alguma coisa. A prancha do segundo guarda estava a sua frente.

- Nem pense nisso. – Miranda lançou um olhar autoritário para Binno.

- Eu consigo, é como andar de skate. – Binno argumentou.

- Você já andou de skate? – Miranda perguntou.

Binno pulou em cima da prancha flutuante e falou:

- Já andei de patins. – Binno já estava dentro do viveiro, quando completou sua frase. – Foi uma só uma vez. E eu caí.

Zac atraía para si o máximo de cocatrix que conseguia.

Mas a maioria preferia atacar a garota.

Kira não ia resistir por muito tempo. Cansando, seria uma vítima fácil.

Binno voou por cima da garota. Sem a habilidade de Zac, escorregou quando tentou fazer um looping.

Caiu rápido demais. Despencou.

Um cocatrix estava a centímetros de Kira. Ia atacar a garota pelas costas. Kira não tinha como se defender.

Binno caiu em cima do cocatrix. Pura sorte.

O animal sentiu o impacto de alguém em cima dele.

Voou de modo descoordenado e bateu em outros dois.

Binno estava montado em um dos bichos. Socava a cabeça dele como podia. O cocatrix montado voava tonto e ia batendo em muitos outros.

Binno estava causando um verdadeiro strike.

Patinando rápido como podia, Kira viu um cocatrix em ataque direto para

sua cabeça.

A garota atirou. A arma não disparou. Havia acabado a energia.

O cocatrix já estava a poucos metros dela.

Ela virou a arma ao contrário e usou como um bastão.

A cabeça do animal voou longe.

Com dois loucos voando no ar, os cocatrixes já tinham muita distração. Kira podia fugir. Mas a garota não deixaria seus amigos ali. Saiu patinando como louca, usando sua arma bastão para bater em todo cocatrix que podia.

Zac já estava cansado, em breve seria encurralado.

Binno já não sabia o que fazer, sua montaria tinha perdido a força e outros cocatrixes rodavam a sua volta prestes a atacar.

Foi quando alguém atirou lá de baixo.

- *Zupt.*

O tiro foi direto na cabeça do animal que quase atacou Binno.

Zac passou pelo garoto e puxou Binno para sua prancha. Agora, os dois dividiam o transporte. – Obrigado. Agradeceu Binno, quase caindo da prancha.

- *Zupt.*

Outro tiro veio lá de baixo e atingiu um cocatrix assassino.

Outro.

Outro.

Outro.

A cada tiro, um animal era abatido.

Zac desceu rápido, junto com seu caroneiro.

Era a chance de sair dali.

Outros tiros continuavam.

Agora, já perto do chão. Eles viram quem estava atirando.

Era um rapaz de dezessete anos, com um olhar de desdém que só alguém com muita prepotência e autoconfiança teria neste momento. Usava calças largas, um colete e um grande cinto cravejado em joias. Com certeza, Zac e

Binno preferiam ser salvos por qualquer um, menos pelo mais debochado dos ciganos.

Era alguém com sangue frio o suficiente para pegar a arma do guarda caído e mirar com calma.

Cocatrixes temem quem tem calma.

Quem estava ali, “limpando” a gaiola dos cocatrix era o filho do chanceler e irmão de Miranda Mind. O arrogante Maxx Mind.

Zac e Binno deslizaram em direção à saída do viveiro. Quando passaram por Maxx, ele falou:

- Vocês são mais idiotas que eu pensava. Têm sorte que recebo mensagens quando algo acontecesse com meus guardas.

A turma inteira ficou quieta. Nem mesmo Miranda quis falar.

Dezenas de cocatrixes estavam caídos pelo chão.

Maxx olhou para os animais mortos e depois para Kira. – Você quis ser boazinha com um deles. Mas, acho que não funcionou muito bem. Certo, Kira?

Kira respondeu.

- Sou assim. Meu jeito boazinha dura pouco tempo.

Maxx riu. Depois falou muito alto:

– Atenção todos. Acho que já está na hora de eu ensinar algo para vocês. A turma inteira se olhou surpresa.

E Maxx falou, olhando fixamente para Binno.

- Amanhã ensinarei um pouco de lógica.

Depois de ter salvo a vida de Zac, Binno e Kira, Maxx revelou ser ele o instrutor misterioso.

Cheio de moral, se virou e saiu a passos largos, seguido pelos dois guardas esfacelados.

Ao longe, o filho do chanceler falou:

- Aprendam de uma vez: um dia eu ganho, no outro vocês perdem.

Naquele momento, Zac e Binno pensaram juntos:

- *Eu prefiro virar comida de cocatrix que ouvir isso outra vez.*

# CAPÍTULO DOZE
# O código perdido

A vida às vezes é cruel.

Num segundo você é o réu de um julgamento com pena de morte. No segundo seguinte, você percebe que o mundo que você conhecia entrou em colapso por conta de um problema na internet, você é mandado às pressas e sem explicações para um mundo que nem sabia que existia. E pior, vai parar em uma cidade cigana que é perseguida pela justiça. E quem mandou você para lá? Um Doutor da Aliança!!! E tem mais, você descobre que existe uma teoria sobre uma música que atrai soldados para o lado inimigo. Quem faria uma música assim?

Se pudesse contar tudo isso para seu amigo Gabriah, vocês dois certamente dariam muitas risadas. Mas, Gabriah sofreu as consequências do destino que ele mesmo escolheu. Ele traiu você. E todos acreditam que ele está morto. Mas você tem pesadelos todas as noites com um velho jardineiro que manda você procurar o barqueiro. O barqueiro! Pela Origem, quem é esse cara? Ninguém jamais ouviu falar sobre alguém com esse nome, você procura em todos os sites e não tem uma única informação sobre alguém que possa ser o tal barqueiro. Então, numa bela manhã, você está numa taverna cheia de bêbados e um cartaz-proibido surge na sua frente, anunciando um esporte clandestino. O nome deste esporte é sumóxe e seu mais famoso lutador atende pelo nome de “o barqueiro“.

Você descobre que a garota mais encantadora da liga de shockey é prometida ao mais arrogante dos ciganos. A sua Cybele Síria é noiva do primeiro-filho Maxx Mind. Maldição!

E piora.

Quer ver?

Kira Bella, sua melhor amiga, anda cheia de segredos. Passa horas patinando pelo Castelo Cigano, e definitivamente, a amizade de vocês não é mais a mesma.

O único que tem tempo para bater papo com você é um sujeito de moicano prateados e olhos amarelos que acredita na conversa de um androide tão magro quanto uma folha de papel que rouba joias do chanceler cigano.

Você acorda perdido em pensamentos e por isso demora horas para sair da cama. Hoje é sua primeira aula de Saber Lógico.

Você levanta.

Mas queria ficar escondido embaixo do lençol cigano. A vida às vezes é cruel.

- A Kira vai com você?

Assim que Binno entrou na sala, Zac fuzilou o garoto com seus olhos amarelos. O aspirante a bardo coçou o piercing na sobrancelha. Depois mexeu no moicano prateado, no piercing de prata do nariz, nas duas orelhas... Falou outra vez:

- Responde logo, é com você que a Kira vai?

- Vai onde? - Binno se atirou na sua cadeira. – Ela vai a algum lugar?

- Eu falei outra vez com a Kira, convidei ela para ir comigo à rave cigana, mas ela disse que já tinha par.

- É mesmo? E não é você?

- Não. É você? - Zac tinha uma expressão que misturava raiva com uma vontade de chorar.

- Não. - Disse Binno já preocupado com Zac.

- Tudo bem. Ela deve estar só me testando. Vou ficar calmo.

- Sim, deve ser isso. - Binno concordou sem acreditar. E sentiu um ponto de interrogação surgir entre seus cabelos crespos. - *Quem é esse par da Kira?*

Foi quando um tufão entrou pela sala.

Era a própria Kira Bella

- Foi enviada uma ordem de prisão para Cybele. - Disse Kira tirando os cabelos fininhos dos olhos.

- Já. – Zac tentou parecer desinteressado em Kira - Achei que essa ordem de prisão ia demorar.

- Não entendo porque ela fez isso. Porque foi falar sobre um esporte meio-proibido?

A palavra ‘injustiça’ veio à cabeça de Binno. Porque alguém tão bacana quanto Cybele deveria ser presa?

- Ela disse para todo mundo ouvir. – Zac respondeu. – Existem prisões piores que grades.

- Se ela queria fugir de um casamento forçado, não precisava ser presa. E além disso, o noivo dela não merece tanto desprezo. – Kira falou com uma pequena timidez.

A reação de Zac não podia ter sido mais impulsiva.

- Binno, - Zac olhou bravo para Kira. – diga para sua amiga, que, se ela gosta tanto do noivo de Cybele, que ela vá com ele para a rave.

Obviamente, Kira não gostou nem um pouquinho da reação de Zac.

- Binno, diga para esse sujeito que anda com você, que eu não preciso de ninguém para ir a rave, sei muito bem o caminho.

Binno ficou quieto, no meio de dois amigos raivosos que praticamente soltavam fumaça pelas narinas.

- Binno, – Zac se virou de costas para Kira. – diga para aquela garotinha estranha e magricela que ela tem mesmo que se acostumar a andar sozinha, porque pessoas ranzinzas não costumam ter companhias.

Kira ficou olhando para Binno, com tanta raiva que seus olhos já estavam ficando vermelhos.

Binno deu um pulo quando Kira gritou.

- Seu amigo falou alguma coisa, Binno OXZ?

Sem reação, o garoto apenas respondeu.

- Bom ele disse que você pode ir sozinha.

- Ah é, que bom que ele sabe que vou sozinha. Aliás, eu iria sozinha mesmo que ele fosse o último garoto sem namorada de todo o Grande Céu. Diga isso para ele, Binno OXZ.

Binno olhou para Zac, que respirava com tanta força que o piercing do nariz balançava.

- Bom Zac, ela disse que tá tudo bem e acabou a discussão.

- Por toda Origem. Isso é ótimo. E vai ficar melhor ainda quando essa garota voltar para baixo da água, que é o lugar dela.

Binno se virou para Kira. Mas a garota não esperou ninguém dizer mais nada, pulou para cima de Zac tentando acertar um soco no garoto. Ele foi ágil e se desviou. Binno estava entre os dois e sobrou até uma cotovelada de Kira em sua testa. Todos os alunos da sala começaram a urrar como macacos eufóricos.

Mas, num segundo a turma fez silêncio.

Eles olharam para a porta e lá viram um jovem com expressão debochada.

Com roupas esvoaçantes, caminhando lentamente e com a voz cheia de arrogância, Maxx Mind, o instrutor de lógica, estava chegando para finalmente dar a primeira aula.

- Peguem seus livros e procurem o Código Sàrta. Não tenho tempo a perder, vamos, vamos, vamos.

O barulho de páginas sendo sacudidas encheu a sala. Passaram alguns minutos até o silêncio voltar. Ninguém achava o tal código.

Maxx mantinha a expressão debochada. Zac falou.

- Não tem nada neste livro sobre o Código Sàrta.

- Muito bem Zac. – Maxx sentou na cadeira do instrutor. – Quantas vezes você precisou repetir o pré-Maior para aprender isso?

A turma inteira riu.

- Não tem graça. – O próprio Maxx pediu silêncio. – Todos vocês deviam saber que livros explicam só uma parte da verdade. As informações realmente preciosas estão perdidas por aí.

- E que código é esse, instrutor? – Vick Vibbor falou num tom delicado, que não era seu normal.

- Esse é “o” código. Não é admissível que alguém frequente Falahcia sem saber o que é o Código Sàrta. Trata-se da informação mais desejada por qualquer cigano. Eu darei tempo para que vocês pesquisem. Mas saibam: quem quebrar esse código será tão poderoso quanto os Reis Mortos. Pois, assim como eles estarão prontos para sair e voltar da vida quando que quiserem.

- Um código assim não existe. – Como sempre, Binno deixou suas ideias

escaparem pela boca.

- Se não é o gênio da lógica, manifestando sua ignorância genial. - Maxx sorriu. – Um pouco de astúcia não faria mal, Binno OXZ. Se você colocasse seu raciocínio lógico para funcionar, entenderia que um código assim é necessário. Quando Heph, o Rei Imperador, deixou a vida para se tornar conselheiro do chanceler, ele avisou que um dia voltaria para reinar acima de tudo e de todos.

- E como ele faria isso? – Vick também estava interessada.

Maxx encarou cada um dos rostos curiosos naquela sala de aula. – É realmente uma informação e tanto. Como voltar à vida depois de abandonar seu corpo?

- É! – Descontrolado, Zac ficou de pé. – Como?

- Código Sàrta. – Maxx disse num tom de obviedade. - Digamos que este código é a chave para um sistema elaborado pelos Reis Mortos, para um dia voltarem à vida. Este código foi criado pelo prepotente Olaph, o Rei Invencível. Aliás, contra o qual eu adoraria a chance de duelar...

Binno baixou a cabeça. Maxx era tão prepotente que não respeitava nem mesmo com um Rei Morto. Certamente, o apelido “invencível” causava inveja no primeiro-filho.

Maxx continuou.

-... E coube a Heph, o último rei, a tarefa de esconder este código. Até hoje, jamais encontrado. – Maxx levantou e caminhou entre os estudantes. – Nem os sacerdotes, nem os Doutores, nem os Juízes, nem mesmo os outros reis ciganos. Ninguém jamais soube onde foi escondido o código.

- Aposto como Aleph, o Rei Jogador, sabe.

- Não Zac. Seu herói morto sequer soube da existência deste código. Aleph não tão inteligente. Mas, nesta minha querida turma existem gênios. Não é verdade? Alguém ousa arriscar onde pode estar este código perdido?

- Se estiver na internet, alguém está baixando neste momento. – Disse Binno, tentando resolver a questão.

- Lógico. – Maxx voltou a sentar na cadeira. – Se vocês não tiverem nada inteligente para dizer podem falar bobagens como esta. - O instrutor colocou os pés sobre a mesa e falou num tom baixo. – Binno, talvez seja por isso que o último rei não colocou o código na internet.

- Então está com uma pessoa. Por toda Origem, se eu fosse esta pessoa usaria essa informação na hora? – Zac também tentava resolver o impasse.

- Talvez esta pessoa não saiba para que serve o código. Talvez não saiba como usar. Talvez nem saiba que o código está com ela. Pela Origem, vocês realmente não tem imaginação?

Binno ficou quieto, tentando achar um jeito de derrubar o orgulho besta de Maxx. Zac ainda falava.

– Vamos aceitar sua opinião, talvez ninguém colocasse esse código na internet. Mas, e daí? A Aliança pode encontrar. Nada pode ser escondido dos Doutores.

- Você acha? – Maxx usou os dedos da mão para fazer uma arma e fingiu atirar no tórax de Zac. – Então porque Falahcia só é encontrada quando os ciganos mostram o caminho?

Zac fingiu ter tomado um tiro no peito e sentou outra vez no seu lugar. - Isso eu nunca entendi.

- É claro que não. Sua imaginação só serve para pensar em penteados ridículos. Talvez a Aliança não seja tão eficiente assim. Talvez, os ciganos tenham um acordo com a Aliança. Existem mil motivos para Falahcia permanecer intocada por não-ciganos. Sempre existe um mecanismo. E, quem usar a lógica para pensar, vai encontrar várias maneiras de encontrar um código perdido. – Maxx terminou a frase olhando para Binno, que estava encolhido em sua cadeira.

A turma era pura curiosidade. Onde estaria este código capaz de trazer os Reis Mortos de volta à vida?

O instrutor foi até a tela grande e escreveu:

*Tarefa do mês: como encontrar um código que não sai da sua cabeça. Dica dos ciganos antigos: não procure somente na sua frente.*

A turma inteira anotou em seus cadernos.

Menos Binno, que continuou olhando para o quadro.

Maxx se virou encarando o garoto.

- Minha obrigação como instrutor é estimular o raciocínio lógico em vocês. E é isso que iremos fazer. Pensem. Como achar o código perdido dos Reis Mortos? Na próxima aula discutiremos os métodos propostos. Alguns alunos poderão, inclusive, falar de suas experiências pessoais. Não é, OXZ? Você até libertou Hefesto Xenon, não foi isso? Deve ser bom em esconder segredos.

Binno não respondeu. Apenas, tentou entender:

- *Onde Maxx quer chegar com isso?*

Binno e Zac saíram da aula discutindo os argumentos do instrutor de lógica. Queriam muito encontrar um jeito de desbancar o arrogante primeiro-filho.

A discussão foi interrompida quando viram um grupo de capangas ciganos escoltando aquela que Binno considerava a mais bela do castelo: Cybele Síria.

- Alguém queria se livrar rápido de Cybele, hein? – Disse Zac, observando a movimentação dos soldados.

Binno não respondeu.

O grupo que passou muito perto, levando a garota que não oferecia nenhuma resistência.

Cybele não parecia triste ou revoltada, simplesmente estava aceitando aquele destino. Os garotos se sentiram meio malucos, mas tiveram quase certeza que a jogadora prendia um sorriso no canto da boca.

A atleta de shockey percebeu o olhar de Binno, e mais uma vez, falou algo surpreendente.

- Eu sei como encontrar o barqueiro.

Binno tomou um susto. Como ela sabia desta história? – *Como ela sabe que procuro esse sujeito há meses?*

Mesmo louco para perguntar sobre o barqueiro, resolveu que tinha algo mais urgente para falar: - Eu vou tirar você da cadeia, Cybele. Depois você me conta o que sabe.

-Tudo bem, você pode tentar. Vai ser divertido. – Ela parecia não ter medo do que vinha pela frente. – Mas, Binno, prometa: não faça nada antes da rave cigana. Muita coisa vai mudar depois desta festinha.

Zac olhava para os guardas com uma expressão amiga, era como se

dissesse: - *“Olha, eu não tenho nada haver com isso, eu estava só passando”*.

Binno e Cybele não disseram mais nada.

Os guardas forçaram a garota a continuar andando.

Quando já estavam bem adiantado, Zac deu um tapa na nuca de Binno.

- Que papo foi aquele, infeliz? “Ai, eu vou salvar você, sou um herói”.

Enlouqueceu!

- Precisamos fazer alguma coisa.

- Precisamos? Como assim? Eu não quero nem saber a cor do calabouço. E quem é esse barqueiro?

- Essa é a pergunta de um milhão de oro$, Zac.

Binno deu uma última olhada para Cybele, levada para longe pelos guardas. Ele e Zac seguiram o caminho. Zac falava o tempo todo sobre como seria impossível tirar alguém do calabouço cigano e, durante todo o percurso Binno não disse mais nenhuma palavra.

Se despediu de Zac e foi para o seu quarto decidido a encontrar um jeito de libertar Cybele Síria.

Mas, ao contrário do planejado, não conseguiu se concentrar nesse objetivo. Assim, que abriu a porta do quarto teve uma pequena surpresa.

- O código está em Falahcia. – Foi assim mesmo, sem nem dizer oi, que Megazila recebeu Binno.

O príncipe mimm, e também instrutor de Saber Megapessoal, estava sozinho. Finalmente tinha dado um jeito de se livrar dos serviçais bajuladores. Ter sempre aqueles carinhas do lado era o grande castigo de Megazila por ter nascido na monarquia mimm.

- O quê? Quem? Como você entrou aqui? – Surpreso, Binno fechou o quarto. - O código. – Megazila ofereceu um lenço para Binno. – Vim aqui escondido para informar você que o código está em Falahcia. Tenho que ir.

Desconfiado, Binno olhou mais uma vez para o corredor. Não havia ninguém ali.

Lentamente, fechou a porta e tentou entender:

- Não tem que ir nada. Explica isso. Do que você está falando?

- É claro que você precisa de explicações. – Megazila não escondeu a decepção. – Desde quando você dispensa explicações, não é? Vou contar a história, rapidinho.

Megazila tentou pular para sentar na cama de Binno. Tentou uma vez e não conseguiu. Tentou a segunda e não conseguiu. A cama era muito alta para o jovem mimm de vinte e quatro centímetros.

- Ok. – Megazila resolver falar em pé. – Estou falando do Código Sàrta. Uma antiguíssima história cigana, diz que este código será revelado no dia da volta dos Reis Mortos.

- Ah! Maxx falou sobre esse código hoje. Mas e daí? – Binno não conseguiu se interessar pelo papo. Caminhou em direção ao banheiro. – Acho que esse papo de Rei Morto é invenção.

Megazila caminhou atrás de Binno.

- Não é invenção de ninguém. É tão real quanto eu e você. Os Reis Mortos são os líderes de Falahcia. Você não viu nenhuma prefeitura aqui, viu?

- Bom, - Binno colocou a escova na boca e falou entre dentes. – estamos no castelo do chanceler. Não é ele o líder?

- Vai escovar os dentes essa hora? Você é estranho.

Binno respondeu com a voz embolada de pasta de dentes. - Só eu sou estranho aqui?

Megazila se fez de desentendido.

- Tá esquece. Presta atenção. O chanceler é apenas um representante dos Reis Mortos. São eles quem decidem sobre a vida em Falahcia.

- Com licença. – Binno fechou a porta do banheiro. Megazila ficou do lado de fora. Mesmo assim, continuou falando alto.

- A lei cigana – disse o príncipe mimm. – manda o chanceler ouvir as ordens destes quatro espíritos, que na verdade são antigos líderes ciganos que foram agraciados com a libertação do corpo. São os Reis Mortos. Suas consciências sobrevivem sem precisar de fato estar ligadas aos seus corpos.

- Por isso existe aquele negócio que o Maxx odeia. O nome é Altar d’Além, não é? – Binno gritou de dentro do banheiro.

- Exatamente, - Megazila voltou a pular para tentar sentar na cama. Mas ainda não conseguia. – O Altar d’Além é um jeito de se plugar para ouvir a consciência de um Rei Morto. E este é o trabalho de um chanceler. Ouvir as ordens das consciências dos reis e obedecer.

Binno abriu a porta do banheiro. Saiu de lá com uma toalha de rosto nas mãos.

- Tudo bem. Então não existe espírito nenhum, não é? Digo, um fantasma.

- Não. Não que eu saiba. – Megazila olhou para os lados, desconfiado. – O que eu sei é o seguinte: existem estas consciências arquivadas num site especial. Funciona como qualquer arquivo de computador: antigos reis ciganos, de algum modo, descolaram sua consciência do corpo. De algum jeito, eles transferiram sua mente para o computador. Então, é como se a consciência tivesse se tornado um IA. Hoje, são estas “cópias” dos Reis Mortos que mandam no chanceler.

- E assim eles comandam Falahcia. – Respondeu com a voz abafada, secando o rosto com a toalha.

- Exatamente. Falahcia é comandada por cópias digitalizadas das consciências de antigos Reis Ciganos. Hoje, estes reis vivem como se fossem um programa de computador, escondidos em um site qualquer, dando ordens, pensando, calculando, tomando decisões, ou seja, continuam liderando, mesmo que seus corpos já estejam mortos.

A porta do banheiro se abriu.

- Então são fantasmas. – Binno tinha o rosto inteiro escondido enquanto secava os olhos. A voz saiu abafada. – Vou te dizer o que eu entendi: esses reis se conectaram em um site e, de algum modo, sua consciência se descolou do corpo, passando a existir como um software e se esconderam em algum servidor secreto. Seu corpo ficou sem vida. E toda sua memória, ou consciência, passou a vagar pela Internet. Converteram impulsos elétricos de neurônicos para códigos digitais, criando essas consciências perdidas. E só quem pode falar com eles é o chanceler, porque possui o Altar D’além. Mas, esse Código Sàrta seria um segundo jeito de chegar até onde estão os Reis Mortos. É isso?

- Mais ou menos, o código é uma chave que abre a porta pelo lado de dentro. Binno bocejou longamente. Depois, jogou a toalha molhada sobre a cama. –

Você veio aqui só para colocar o papo em dia.

- Não. Vim avisar você que o Código Sàrta está em Falahcia. Pelo menos é o que andam dizendo. Até onde sei, você esteve procurando o código.

Binno respirou fundo. Pelo jeito, o jovem príncipe ainda tinha muita história para contar. *Será que não podia ser depois de um cochilo?*

- Eu nem sei como é esse Código Sàrta. Não tenho nada haver com estas coisas de Falahcia. – Binno sentou na cama e tirou seus Adidas. Ainda não precisava lavar. Então, jogou os tênis para um canto do quarto. – Estou aqui só de passagem. - Tirou as meias. Essas sim precisavam ser lavadas. E urgentemente.

- Binno, acorda, pô! Eu já disse: o Código voltou para Falahcia. Este código tem uma função clara, ele permite entrar e sair do lugar onde vão parar as consciências perdidas.

Binno não disse nada. Apenas arqueou as sobrancelhas.

Megazila suspirou.

- Tudo bem, eu explico. Quando os Reis Mortos inventaram este jeito de manter suas consciências vivas eles planejaram um jeito de voltar. Eles não queriam ser para sempre apenas programas de computador.

- E o que eles queriam, ser um programa de celular? – Binno riu.

- Celular? – Megazila ficou em dúvida. – O que é isso?

- Ah! – Binno sempre se aborrecia quando as pessoas não conheciam as coisas pré-caos. – Esquece. Continue sua aulinha.

- OK. Os Reis Mortos planejaram um jeito de voltar. Existe um lugar onde uma consciência perdida pode fazer o processo inverso. É possível transferir todas as uma consciência perdida para uma consciência real. E o Código permite isso. - Você quer dizer, reprogramar um cérebro de verdade.

- Exatamente.

- Caraca! – Binno arregalou os olhos.

- Caraca? – Outra vez, Megazila enrugou a testa. - O que é isso?

- Esquece. – Binno não estava interessado em explicar gírias de Utoppy. – Tem certeza do que você está falando? Se é possível reprogramar um cérebro a partir de uma consciência digital, então um os Reis Mortos criaram um jeito de...

- ... trocar de corpo. – Megazila sorriu levemente. – Entendeu agora qual era

o plano deles? Se eles puderem voltar a vida sempre que fosse necessário, eles simplesmente governariam Falahcia para sempre.

- Sempre que ficassem doentes, velhos ou feios demais, simplesmente voltariam para internet e, depois, voltariam para outro corpo.

- Não é tão simples. – Foi a vez de Megazila se espreguiçar. – Mas você pegou o espírito. No bom sentido, é claro.

- E por que não deu certo? – Binno voltou a se interessar.

- Bom, os Reis Mortos não queriam que esse negócio de voltar a vida em outros corpos virasse moda. Por isso esconderam o Código Sàrta.

- Exatamente. sem o Código, jamais...

- ...uma consciência perdida vai voltar à vida.

- Isso. – Megazila comemorou feliz, como se tivesse feito um ponto no shockey. Em seguida, deu uma cambalhotinha tímida no ar. – Finalmente você entendeu. Viu como você não é tão burro?

Binno deu um sorriso sem graça para o príncipe pequenino.

- E porque eles nunca voltaram?

O príncipe deu de ombros. – O que eu sei é que o Heph, o último Rei Morto nunca entregou o código aos outros reis.

Megazila caiu de costas na cama, exausto de tanta explicação.

Os dois fizeram alguns segundos de silêncio. Pensavam em tudo que tinham acabado de discutir.

Binno perguntou.

- Tudo bem. Mas, como foi mesmo que você entrou no meu quarto?

O príncipe mimm ignorou a pergunta.

- O Código está em Falahcia. Andam dizendo por aí que o código voltou e está aqui no Castelo. – Megazila sorriu. Como se tivesse dito algo muito interessante. Como Binno não reagiu do mesmo jeito, ele voltou a falar: – O Código Sàrta pode trazer consciências perdidas de volta!!!! Pode ajudar qualquer consciência que esteja sobrevivendo na internet a voltar para o seu corpo.

Só agora Binno entendeu porque Megazila veio contar tudo aquilo. O príncipe mimm querendo ajudar no resgate a Gabriah.

Binno sentou na cama e refletiu.

- Como você sabe que estou tentando trazer o Gabriah de volta?

- Todos queremos encontrar o extrovertido garoto da Cidade das Palafitas. –

Megazila piscou o olho para Binno.

O príncipe mimm pulou da cama para o chão.

- Junte corpo e consciência e terá seu amigo de volta. Não foi isso que o jardineiro falou?

- Como você sabe?

- Kira Bella me contou. Ou você acha que ela é apenas sua amiga?

Então, o príncipe do povo mimm assumiu outra vez sua postura solene e prestou uma reverência.

Sem dizer mais nada, marchou em direção à saída do quarto. Binno chamou.

- Ei Megazila, um segundo. Cara, eu sei que agora você é meu instrutor e tal. Mas, antes éramos mais amigos e eu gostaria de dizer que...

- Também sinto sua falta. – Megazila interrompeu e sorriu enquanto falava. – Ainda somos grandes amigos, também sinto falta da Kira e daquele alemão cabeça de vento. Vamos resgatar ele. Palavra de príncipe.

Megazila saiu do quarto e Binno se viu outra vez sozinho. Porém, a sensação não era de solidão. Respirou fundo e sentiu o peito inflar.

- *Como é bom ter amigos de verdade.*

# CAPÍTULO TREZE
# Abutres mordedores

- Ei, garoto. Hora de pagar uma dívida

Binno saltou de seus pensamentos. Tinha um visitante em seu quarto. Aquela voz era inconfundível. Era o barrigudo cheio de simpatia, Pan Psy, tio de Zac.

- Vamos garoto. Não temos o dia todo.

- Pança. Você tinha sumido. Por onde andou?

- Por onde ele andou? – Outro cigano entrou pelo quarto. Era o piloto do Cascudóptero, o Barba. Com seu jeitão apressado, nem cumprimentou Binno e já começou a falar. – É mais fácil perguntar onde o Pança NÃO andou. Estivemos em plena turnê. Agora, vamos logo. É hora de pagar sua dívida com a Trupe dos Absurdos.

- Dívida?

- Sim, em troca da carona que você ganhou para vir para cá, lembra? Chegou a vez de retribuir.

Binno deu de ombros, não tinha nada para fazer mesmo.

Seguindo Pança e Barba, Binno conheceu um caminho novo no interior do castelo.

- Estes corredores são sempre assim tão desertos?

- Na verdade, - Pança apressava o passo, atento ao relógio que trazia pendurado no pescoço. – O castelo inteiro está mais vazio hoje. É dia de pronunciamento e os serviçais acompanham o chanceler até o centro. Parece que vão falar sobre a marcha silenciosa.

- Como assim?

- Estão contando uma história sobre uma música que seduz soldados para

marchar ao lado de Xenon.

- Ouvi falar.

- Pois então. Dizem que o autor desta música está aqui em Falahcia. Essa história de música não faz muito sentido, mas por via das dúvidas o chanceler vai oferecer o próprio peso em oro$ para quem encontrar o autor.

- Nossa. Isso é muito dinheiro.

- É. Se eu achar é bastante oro$. Se for você não é tanto. – Pança deu alguns tapinhas na própria barriga, orgulhoso.

O Barba fez um sinal pedindo pressa.

Subiram algumas escadinhas de corda e em minutos estavam no ponto mais alto daquela magnífica edificação cigana.

Era o terraço.

O vento, extremamente forte, fazia Binno forçar os passos e segurar na camisa de Pança para não sair voando.

Era uma espécie de heliporto, mas era difícil enxergar. O vento era tão forte que Binno mantinha os olhos quase fechados. Assim, chegou a um helicóptero.

Quando entrou no helicóptero, conseguiu abrir os olhos outra vez.

Ali estavam a Vidente Vivian, Zac Psy, Miranda Mind e Kira Bella.

Com cara de poucos amigos, a garota falou.

- Também forçaram você a vir?

- Não. Eu vim porque quis. – Depois Binno falou mais alto. – Mas com esse vento acho que helicóptero nenhum consegue voar, não é?

O grupo se olhou curioso. O Barba já estava posicionado para levantar voo, ignorando os comentários.

Zac falou:

- Garoto, onde tem vento demais é na sua cabeça? Esse ventinho aí de fora não é nada para o Cascudóptero.

- *Estamos no Cascudóptero?* – Binno se deu conta que nunca tinha pensado em como aquele estranho veículo funcionaria fora da água. Olhou pela janela e viu a sombra da aeronave onde estava. Não era nenhum helicóptero, e o garoto se sentiu ridículo por confundir as coisas.

A sombra revelou uma silhueta muito diferente.

Era quase uma bola achatada, com antenas na frente. Lembrava um inseto gigante, destes pretos que orbitam em torno da luz.

- Atenção tripulação, hora de afivelar os cintos. – O Barba gritou lá da frente.

Binno olhou pela janela e se distraiu com a sombra do “falso helicóptero”.

O garoto teve a sensação de estar na barriga de um inseto gigante.

Pela sombra, viu asas se sacudirem com força.

Era a imagem de um inseto prestes pular do chão. O chão começou a tremer e o inseto gigante pulou.

De um segundo para o outro, já estavam a centenas de metros de altura.

A subida foi vertiginosa.

Mas como todos usavam cinto apertado, apreciaram a decolagem tranquilos.

Todos, menos Binno.

Distraído com a fantástica sombra do cascudóptero, não apertou seu cinto direito. A decolagem fez o garoto rolar de sua cadeira direto para chão da aeronave.

Depois, do pulo de decolagem. A parada no ar foi brusca. E lá foi o Binno dar uma cabeçada no teto, uma narigada na cabeça de Pan, uma queixada no joelho de Kira e, por fim, parou com os joelhos no chão e a cabeça nas pernas de Miranda , como se fosse um cãodróide, pedindo carinho.

As asas do cascudóptero começaram a girar como duas hélices perfeitamente sincronizadas. Então, a viagem se estabilizou.

Binno se recompôs, sentou no seu lugar e apertou bem, muito bem apertado, o seu cinto de segurança.

Kira adorou aquele voo. E a adrenalina foi tanta que a cada rasante, curva ou looping que o Barba executava, por conta de correntes de ar ácido ou algo assim, Kira comemorava como se fosse uma queda de montanha russa. Para ela, o cascudóptero era pura diversão.

Binno, segurava firme no banco. Apertava os lábios com força. Todos sabiam, ele estava rezando para aquela viagem acabar logo.

Foi Kira quem puxou um assunto, para tentar distrair o amigo tenso.

- Pena que Madame Anay não está aqui. Ela ia adorar o Cascudóptero.

- É. – Binno estava nervoso demais para conversar.

Kira continuou.

- Pensando bem, Madame Anay anda ocupada demais em seus encontros com o instrutor Amadeus Hotred. Duvido que ela queira vir com a gente.

- *Encontros?* – Binno pensou. – *Será que Madame Anay estava namorando? Até ela?*

Kira percebeu o silêncio de Binno.

- O que houve, Binno? Nós não conversamos mais. Anda muito ocupado? –

Disse Kira, com um sorriso aberto, logo depois que o cascudóptero operou uma curva em “S”.

- É. Tenho estudado muito. Já você parece ter encontrado uma distração, não é Kira?

- Foi sim. E, faz tempo que quero te contar. Parece que estou escondendo, mas não é isso. Só não contei ainda porque não tivemos chance, mas...

Um choque fez o cascudóptero balançar e interrompeu a garota.

Binno percebeu que aquilo não era normal quando toda a trupe olhou para a vidente Vivian. Ela soltou um sorriso satisfeito, como se dissesse: “agora vocês notam que eu existo, né?”.

- Atenção tripulação. – O Barba gritou lá da frente, extorquindo tudo de suas alavancas, tentando manter o cascudóptero no ar. – Eu não vou abandonar a nave, mas sugiro que usem os planadores. Pegamos uma corrente de ar-melado e as hélices não estão respondendo direito. Preciso de menos peso aqui. Saiam logo.

Estranhamente, todos soltaram seus cintos e ficaram de pé sobre suas poltronas. Muito contrariado, Zac fez a mesma coisa.

Kira, simplesmente percebeu que era hora de copiar o movimento dos outros. A garota soltou o cinto e ficou em pé, em cima da poltrona.

Binno continuou sentado, tentando entender aquela atitude.

- Onde estamos? – Miranda falou com calma. De pé em cima do banco, numa posição de surfista.

- Hummm... - O Barba olhou rapidamente um monitor. – Acho que o lugar aí embaixo se chama “Cidade das Palafitas”. Nosso show vai ter que ser aqui mesmo.

- O Grande Céu é mesmo uma surpresa, não é? – Pança também estava de pé no seu banco. – Quem diria que voltaríamos nessa cidade outra vez.

Binno encarou Kira. Os dois lembraram de Gabriah Obé. O garoto sempre falava orgulhoso do lugar onde havia crescido: Cidade das Palafitas.

Miranda chamou a dupla e explicou: - Essas poltronas são preparadas para queda. Seu formato permite que você plane pelo ar. – Ela estava de pé, como uma surfista. - Se fizer assim desce. Se fizer assim vai para direita, e assim para esquerda. E, o mais importante, se estiver absolutamente equilibrada, ela segura o ar embaixo de si, como um paraquedas,

- Oito segundos. – Falou, enquanto a vidente polia seu olho de vidro.

- Porque não avisou antes. – Zac gritou com raiva, velha agourenta.

- O que você ia fazer em dois segundos? – A velha devolveu o grito.

- Muita coisa. – Disse Zac, imitando a voz da vidente.

A vidente fez um breve silêncio, em seguida falou: - Dois segundos – Também de pé, em cima de sua poltrona.

- O que? Já? – Zac puxou o próprio moicano, desesperado. – E os outros oito?

- Você disse que dois segundos era tempo suficiente. – A vidente sorriu ironicamente.

Então, Binno viu algo absurdo acontecer. O chão do cascudóptero se abriu e as poltronas foram jogadas ao vento.

- Boa sorte pessoal – Barba gritou lá de cima.

- Uhuuuuuuuuuuuuu – Esse foi o grito de Kira quando seus cabelinhos fininhos subiram, como se estivessem sendo sugados pelo vento. – A poltrona dela se desmanchou em vários pedaços. E somente a parte onde antes estava sentada sobrou sob seus pés. Esta parte tinha o formato exato de uma pequena

prancha.

De um instante para o outro, era como se Kira estivesse surfando no ar. – Yeahhhhhhhhhhh!!!!!!! – A garota era pura euforia.

Binno caia como uma pedra, agarrando as mãos na poltrona embaixo de sua bunda.

Percebeu que todos “surfavam” no ar. Deslizando de um lado para o outro, como se as pranchas pudessem flutuar.

Miranda demonstrava uma estranha habilidade em sua prancha, planando com leveza. Ela se aproximou de Binno, que ainda caia como um tijolo.

- Binno, preste a atenção. – O vento no rosto alongava ainda mais os seus cílios. – Vou mostrar para você agora. – Miranda equilibrou sua prancha e – puf – a prancha se inflou, como se uma massa de ar tivesse se formado logo abaixo. Num segundo, Miranda tinha praticamente parado de cair. E Binno ficou muito longe da primeira-filha cigana.

Os outros membros da trupe planavam em torno de Binno, com destreza e tranquilidade. Então, o garoto resolveu tentar. Pelo menos, tinha que fazer isso antes de se espatifar no chão.

Ficou em pé na sua poltrona.

A poltrona se desmanchou.

Restou apenas a parte do acento, que tinha o formato de prancha.

Binno tomou um susto quando percebeu como era fácil controlar aquela prancha. Abriu um sorriso quando Kira passou a poucos centímetros dele.

Então, virou para o lado. E, em pleno ar, deu um rasante para direita. Passou a poucos centímetros de Zac. Zac também se divertia, ziguezagueando como um inseto.

Binno forçou a frente de sua prancha. E, num segundo, estava mergulhando com máxima velocidade. Levantou a frente e o mergulho se inverteu, agora mergulhava para trás.

Foi quando olhou para a vidente que planava à sua direita.

À esquerda estava Zac, com um sorriso estampado no rosto.

Os três caiam em perfeita harmonia. Como se voassem.

Então, Zac fechou o sorriso.

Binno fez um sinal com as mãos: “- *O que houve?”*

Zac apontou para a vidente.

Ela abriu um sorriso amarelo, apontando para Zac. E depois, abriu sua contagem para o desastre. Com as duas mãos abertas. Mostrou: “faltam dez segundos”.

Zac ficou com tanta raiva que tentou acertar um tapa na vidente. Mas, acabou entortando sua prancha e mergulhou com força para a direita, quase atropelando Binno.

Caindo rápido, Zac se afastou dos dois.

Binno olhou para baixo e viu algo difícil de entender.

Uma nuvem negra subia com força.

Zac estava indo em direção àquela nuvem.

Mesmo controlando sua prancha, Binno ainda não tinha encontrado o equilíbrio perfeito. Por isso, a prancha não tinha inflado para funcionar como paraquedas.

Quanto mais se aproximava da nuvem, menos ela parecia uma nuvem.

De repente, Binno percebeu. Era um bando de pássaros.

Pássaros enormes e corpulentos.

Eram abutres.

Grandes, com cabeças vermelhas e bocas cheias de dentes.

Realmente eram pássaros colossais.

Suas imensas asas negras eram grandes como asas de um avião.

Era em direção a estes abutres mordedores e gigantes que Zac estava caindo. Binno olhou para a vidente. Ela mostrou uma das mãos com quatro dedos levantados.

Faltavam quatro segundos para um desastre acontecer com Zac.

Binno mergulhou com força, para tentar segurar o rapaz.

Era tarde.

Um grande abutre de cabeça vermelha alcançou o aprendiz de bardo.

A bocarra enorme do bicho ia estraçalhar Zac.

Mas ele não se entregou. Zac saltou com habilidade, fez um “U” com seu corpo e o abutre passou reto por ele. Porém, na ânsia de engolir sua presa, o pássaro acabou engolindo a prancha de Zac.

Como chumbo, o rapaz caía rápido, olhando com desolação para a barriga do abutre comedor de pranchas.

Binno ainda mergulhava em direção ao bando de abutres, quando viu um raio passar do seu lado. O raio era Kira Bella, que mergulhava com uma velocidade impensável. O abutre tentou morder a garota, mas ela desviou da cabeça do bicho e se chocou com força contra a barriga do animal.

A violência do choque foi impressionante.

Tanto, que o abutre acabou cuspindo a prancha de Zac no ar.

Kira se recompôs. E rapidamente voltou a planar com total domínio de sua prancha.

Binno que já estava por perto, agarrou a prancha de Zac.

Zac ainda estava em queda-livre e Binno teve que se esforçar muito para alcançar o rapaz. Quando Binno chegou perto, atirou a prancha de Zac. O garoto de moicano prateado sequer encostou a mão na prancha. De cabeça para baixo, deixou que ela caísse em seus pés e fez um grande looping que deu a volta num bando de abutres que tentavam arrancar sua cabeça.

Binno e Zac agora planavam muito próximos um do outro, quando um grupo de abutres cercou os dois. Simplesmente eles não tinham para onde ir. Um dos pássaros enfiou o bico entre eles. Ao mesmo tempo, os dois chutaram a cabeça do bicho. O abutre desmaiou na hora e começou a cair mais rápido que os outros.

Estavam em meio a um bando de abutres mordedores.

Cabeças mordedoras surgiam de todo lado e a dupla tinha que se esquivar de todo jeito para não perder um pedaço de carne.

E já sem espaço para fugir. Eles se olharam como se dissessem: - *Foi muito bom conhecer você.* – E, em seguida, trocaram outro olhar, que dizia: - *Tudo bem, não foi tão bom assim.* – E, com abutres mordedores tão próximos, realmente não haveria tempo para mais um olhar.

Foi quando algo que lembrava uma bala de canhão furou o bolo de pássaros. Era Pan Psy quem caía. Totalmente maluco, o Pança havia abandonado

sua prancha e se jogado no meio daquele bando de abutres. Sem prancha, em queda livre e mortal, atropelou os abutres a sua frente e passou como um tiro pelos pássaros. Ele agarrou Zac por um braço e Binno por outro. Os três caíram tão rápido que os bichos não conseguiram acompanhar.

- Peguei vocês, garotos.

Os abutres haviam ficado para trás. Agora, Pan Psy caía em queda livre levando Zac e Binno, um agarrado em cada braço.

- Parabéns Pança. E agora quem é que pega a gente? – Gritou Zac enfurecido por ter sido derrubado de sua prancha.

Agora eram os três que caíam sem era nem beira.

1. Caiam.

2. Sem pranchas.

3. Abraçados.

4. Sem eira nem beira.

Binno olhou para cima. A nuvem de abutres já estava ficando distante. Mas, foi de lá que surgiu a salvação.

Mergulhando por entre os pássaros, surgiram Kira e Miranda. A cigana trazia duas pranchas nas mãos. E a menina tinha uma delas num braço, enquanto mordia o piercing sem disfarçar a satisfação com a manobra que acabara de realizar.

As garotas jogaram as pranchas. Binno, Zac e Pança agradeceram. Cada um pegou a sua.

A prancha de Binno primeiro bateu na sua cabeça. Mesmo atrapalhado, o garoto conseguiu segurar sua prancha e se equilibrar em cima dela.

Já estavam todos posicionados quando um último abutre surgiu. Totalmente negro e menor do que os outros, era muito mais rápido que qualquer abutre do bando.

O grupo de amigos mergulhava, no céu azul. Binno olhou para o Pança e percebeu que o balofo ficava para trás. Talvez, por ser mais largo, tivesse mais atrito com o ar e caísse mais devagar.

Binno olhou para trás. Viu o abutre rápido e seu bico esfomeado cada vez mais próximo na vítima mais suculenta.

Pança já era o último do grupo. E ele era a vítima mais suculenta.

Binno ergueu a frente de sua prancha e tentou esperar Pan.

Mas o homem simplesmente estava muito lento.

O abutre-velocista já estava com seus dentes a poucos centímetros das costas gordas do Pança.

Binno pensou na única solução que veio à sua mente. Abandonou sua prancha e pulou para trás.

O garoto conseguiu cair em cima da prancha do Pança.

Agora, os dois estavam na mesma prancha.

Com a presença do garoto a frente de Pan, a aerodinâmica da queda era outra, o garoto funcionou como um aerofólio de carro de corrida, e “furava” o ar.

Binno e Pan agora caíam em cima da mesma prancha. Juntos eram muito, muito, muito mais rápidos que o abutre velocista.

O abutre desistiu de sua caçada.

- Agora precisamos parar. Estabilize a prancha.

- E dá para estabilizar com tanto peso? – Binno perguntou, preocupado com o chão que já era visível.

- Não. Não dá. Um de nós tem que sair. – Pan Psy olhou para o relógio de ponteiros curvos que continuava pendurado em seu pescoço. E gritou. – Não se preocupe comigo. Vai dar tempo.

Binno não entendeu nada.

O gorducho saltou para trás, parando o ar em seu peito e caindo de modo muito mais lento que Binno. Assim, o homem ficou muito distante em segundos. Sua voz distante ainda avisou. - Eu me viro.

Binno se concentrou na estabilização da prancha. Procurou o ponto de equilíbrio perfeito e... puf... a prancha inflou.

Agora, era como se estivesse em cima de um eficiente paraquedas. Passou a cair de modo lento e seguro.

Olhou para baixo e, já pertinho do chão, viu todo o grupo que havia pulado com ele.

Finalmente, o chão.

- Ufa. – O garoto encheu os pulmões de ar.

Pousou.

Com os pés firmes na plataforma de madeira, Binno viu a prancha que tinha abandonado cair ao seu lado.

- Bum. – A prancha abandonada por Binno se espatifou no chão.

- Binno você pousou com a prancha de Pan Psy? Como ele vai pousar? – Miranda perguntou, sem disfarçar a preocupação.

- Você deixou meu tio sem prancha? – Zac olhava para cima, tentando enxergar o tio pançudo. O grupo inteiro procurava o homem no céu. Mas, tudo o que viam era a corja de abutres, voar em círculos como se esperasse alguma coisa.

Até mesmo a vidente Vivian já demonstrava sinais de preocupação. Binno se sentia culpado.

Foi quando o grupou ouviu um zunido agudo vindo de outra direção.

Todos olharam na direção do zunido. E, viram o cascudóptero se aproximando já sob o total controle do piloto Barba .

O cascudóptero pousou rápido feito um inseto.

Assim que o cascudóptero parou de bater asas, desceram o piloto Barba e mais um passageiro: Pan Psy, também conhecido como Pança.

- Encontrei esse cara caindo feito uma pedra. – o piloto Barry Cenna coçava a Barba desgrenhada sem disfarçar o sorriso. - Quem foi que abandonou nosso trapezista no ar?

Todos olharam para Binno. Depois deram uma grande risada.

- Definitivamente, o garoto não serve para super-herói. – Disse Zac também rindo.

Binno voltou a respirar normalmente.

Pança estava orgulhoso do feito. Todos sorriram, aliviados.

Pararam e olharam para os lados, a paisagem era desoladora. Uma plataforma sobre um rio que corria abaixo de pranchões de madeira. No horizonte, milhares de pequenas casinhas de madeira e papelão. Estavam na chamada Cidade das Palafitas.

- Prontos para um pouco de aventura? – Pança já estava cheio de energia.

- Tem mais? – Kira perguntou eufórica.

- Bom, - a vidente Vivian assoprava seu olho de vidro. – Vamos montar o circo. E, não precisa ser vidente para saber que o inesperado sempre acontece quando a Trupe dos Absurdos se apresenta.

Kira abriu um grande sorriso.

Binno também sorriu, mas foi para disfarçar o pavor. – *Pela Origem, o que vai acontecer agora?*

# CAPÍTULO QUATORZE
# Anel de fogo

Miranda Mind, a Sinistra; Barry Cenna, o Barba; Pan Psy, o Pança; Vivian View, a Vidente; Zac Psy, o aprendiz de bardo respiraram fundo, como se em segundos fosse começar uma maratona. Em seguida, vestiram grandes mochilas que estavam no porta-malas do cascudóptero.

- *Eles guardam as mochilas e jogam os passageiros no ar?* – Binno pensou seriamente que estava andando com malucos.

Zac atirou duas bolsas muito pesada para o garoto carregar, e uma pequena mochilinha para Kira. Kira fez cara de quem não gostou e ajudou Binno a carregar uma das bolsas pesadas.

Assim, seguiram caminhando pela Cidade das Palafitas.

A Cidade das Palafitas é um lugar que fica logo acima do nível do oceano, sustentada sobre estruturas flutuantes difíceis de compreender. Funcionam como um conjunto de milhares de plataformas de diferentes tamanhos, a maioria em madeira, todas boiando sobre ferros apoiados em bolhas de oxigênio condensados. Enfim, difíceis de entender.

O caso é que o número de plataformas simplesmente não acabava. Eram milhares de milhares.

E pulando de uma plataforma para outra, o grupo seguiu sua caminhada rumo a algum lugar que, pelo jeito, ninguém sabia ao certo onde era.

Passaram ao lado de muitos casebres, pontes muito tortas, conglomerados de apartamentos amontoados uns sobre os outros.

Binno e Kira eram os últimos da fila.

Chegaram a um ponto central. Era como uma grande praça. E dali, saiam milhares de ruas flutuantes para todas as direções. A visão de Binno se estendeu ao longe, tentando acompanhar aquelas ruas sem fim.

- Não tente entender a Cidade das Palafitas. Eu já vim algumas vezes aqui e nunca me acostumei com o visual deste lugar. – Pança olhou para as ruas com um sorriso reto.

Aquela era a cidade onde Gabriah havia crescido. E era fácil notar que a lembrança também estava na cabeça de Kira.

- Fiquem tranquilos. – Miranda se aproximou, evitando encarar Kira. – Eu sei que Ítalo jamais permitiria que eu trouxesse vocês aqui. Aliás, eu jamais devia ter permitido que vocês viessem.

- Foi um acidente. Ninguém imaginou que teríamos problemas com o cascudóptero. – A vidente Vivian se aproximou de Miranda. – Além do mais, a menina precisa ver a verdade para crescer.

Kira não gostou daquele papo. Resmungou para si mesma.

- O que eu preciso é sair logo daqui.

- Vamos ficar aqui. – Pança se espreguiçou tanto que a camisa levantou. Com o grande umbigo à mostra, falou: - Este é um lugar ótimo para uma apresentação.

Ele foi o primeiro a abrir sua mochila. Dali saiu um imenso lençol de um tecido muito fino.

O piloto Barba coçava os pelos desgrenhados enquanto avaliava o terreno. Em segundos, tirou de sua mochila uma estrutura de ferros finos. E armou o que parecia ser o esqueleto de uma pequena barraca. Depois, acionou uma pequena válvula de ar e a estrutura da barraca a se sacudiu como um cachorro molhado.

Desconfiada, Kira andou para trás.

A estrutura passou a se alongar. Dentro dos ferros finos havia outros ferros mais finos. Assim, iam se esticando.

Esticando.

Esticando...

A estrutura cresceu. Em segundos já era maior que uma casa.

E continuou crescendo.

Binno ficou parado. De queixo caído.

O alongamento do esqueleto da barraca foi tão rápido, que o garoto já estava dentro daquela estrutura que ainda crescia.

Gritou a voz rouca do Pança: - Cuidado com a cabeça.

Binno viu um tecido imenso voando para cima dele. A luz sumiu. Assustado, protegeu o rosto com o braço.

Alguns segundos passaram. Mas o tecido não caiu.

Intrigado, o garoto espiou por cima do braço.

E o que viu foi uma grande surpresa.

O tecido estava perfeitamente encaixado no esqueleto de ferro. E a armação tinha se tornado maior do que muitas casas.

Uma luz laranja era filtrada pelo tecido.

Ele olhou para Kira. A garota estava igualmente boquiaberta.

Ela tentou falar.

- É um... Um...

- Circo. – Miranda completou a frase. – A instrutora olhou para os dois. Que agora estavam realmente surpresos. – Fará bem para vocês assistir à apresentação. Aliás, fará muito bem para a gente desta cidade. Agora, juntem-se ao Zac. Os outros estão se preparando.

Uma arquibancada inflável estava sendo montada pelo aprendiz de bardo. Na verdade, a arquibancada estava se enchendo sozinha. Tudo o que Zac fazia era jogar seu olhar entediado sobre a arquibancada semicheia.

- Vou me preparar – Miranda seguiu com a vidente Vivian, numa saída lateral. A esta altura, Zac já estava deitado sobre a arquibancada. O rapaz estava tão entediado que podia dormir a qualquer segundo. Definitivamente, ele parecia não estar nem um pouco interessado no circo.

Curiosa, Kira resolveu ir para o outro lado. Ainda não dava para acreditar que um circo havia sido montado tão rápido. Era realmente incrível.

Binno se aproximou de Zac, mas resolveu não incomodar. Deitou num dos degraus da arquibancada inflável.

A viagem havia sido cansativa.

Com as costas esticadas, o garoto observou a luz laranja que transpassava a lona e fazia seus olhos arderem levemente.

Devagar, fechou os olhos e observou como tudo fica vermelho quando

fazemos isto na luz. É como se nossas pupilas ainda guardassem um pouco da luz que as pálpebras tentam esconder. E tudo fica vermelho.

Vermelho vibrante.

Vermelho.

Vermelho escuro.

Escuro.

Um escuro tranquilo e seguro. Um escuro onde nada podia ser visto. Mas tudo podia ser ouvido. Uma voz se ouviu ao longe. A voz que Binno só ouvia em seus pesadelos. Era como se Binno ouvisse a própria voz. Mas não a voz tranquila de menino que ganha o mundo cheio de curiosidade. Era a voz de um Binno velho, um Binno cansado, um Binno castigado por anos de maldade e egoísmo. A voz falou tão baixo quanto era possível falar: - Você anda muito distraído, Binno OXZ. Você conhece sua responsabilidade. Só você pode evitar a marcha silenciosa. Acorde, Binno OXZ. Acorde!

Vermelho escuro.

Vermelho.

Vermelho vibrante.

Binno acordou de seu cochilo. Sentou imediatamente. E quando olhou a sua volta, outra vez foi tomado de surpresa.

O circo estava lotado.

Dormiu tempo demais ou o povo chegou muito rápido?

Sentiu alguém cutucando seu ombro. Olhou para o lado, era Zac.

- Ta com cara de assustado. Está com medo de meus músculos avantajados? – Zac beijou o próprio bíceps, depois mostrou orgulhoso seu colete brilhante que deixava os braços a mostra.

Binno riu. Olhando para os lados, ainda tentava entender de onde surgiu aquela multidão.

- Como essa gente chegou tão rápido?

- Eles sempre chegam rápido. – Sem explicação, Zac levantou e deixou um lugar vago ao lado de Binno. – Vou nessa.

O público continuava a chegar. Crianças se divertiam com seus balões em

formatos de abutres.

Lá embaixo, próximo à entrada, o Barba cobrava ingressos, do público que não parava de chegar.

Ali por perto, a vidente Vivian vendia balões e doces.

Pança também estava por ali, mas comia mais do que vendia.

Casais de namorados disputavam espaço nas arquibancadas. Famílias inteiras se acomodavam como podiam. Um homem, com braços muito musculosos e pernas muito curtas, caminhava como um gorila, e carregava dois filhos muito felizes que comiam seus doces cheios de felicidade. Detalhe: os bebezinhos eram maiores que Zac e Binno juntos.

Alguém se aproximou.

Era Kira Bella. Ela trazia um enorme saco de pluftpoca, pequenas sementes que estouravam toda vez que se coloca na boca.

- E aí, guardou um lugar para mim? – A garota estava animada.

Binno sorriu.

Kira sentou: - Toma, pode ficar com isso. Eu não estou com fome. Binno não pensou duas vezes antes de pegar um punhado de pluftpoca e encher a boca.

Elas estouraram em sua língua e ele não conseguiu engolir. Sua boca ficou tão cheia que teve que cuspir algumas para conseguir mastigar.

Kira riu: - Você perderia um concurso de estupidez sabia? Tiraria segundo lugar, por estupidez.

Binno ignorou a amiga e encheu a boca com outro punhado de pluftpoca. E outra vez, teve que cuspir.

Então, em segundos, as luzes baixaram.

Um holofote iluminou o centro do picadeiro.

Ali estava um homem muito elegante. Vestindo um colete brilhante que mantinham os braços tatuados à mostra, um grande chapéu comprido com uma aba redonda escondia seu rosto.

- Aquele lá é o... – Binno ainda não tinha certeza.

- Será? – Kira também não.

Então, no centro do picadeiro, o sujeito ergueu a cabeça e apontou um

megafone para as arquibancadas. Quem estava lá, com toda pompa de apresentador, era o aspirante a bardo, Zac Psy.

- Respeitável público da Cidade das Palafitas. – Ele prestou uma reverência e foi aplaudido por isso.

- Como ele chegou lá tão rápido? – Binno cochichou para Kira.

- Não é tão longe assim. – Kira respondeu colocando uma única pluftpoca na boca.

Uma mãe que segurava três filhos no colo fez uma cara brava para eles, pedindo silêncio.

O apresentador Zac, continuou:

- É com muita honra que a Trupe dos Absurdos se apresenta mais uma vez em sua fascinante cidade. Espero que se divirtam. Porque, sinceramente, eu já não acho mais graça nenhuma nisso.

Muitos gargalharam com a brincadeira do apresentador. Outra vez o público aplaudiu efusivamente.

Então se seguiu uma fascinante apresentação. Um espetáculo tão divertido, que por algumas horas, Binno e Kira esqueceram de todo o resto. Aliás, as centenas de espectadores ali presentes, pareciam não ter nenhuma preocupação.

Barba, o piloto e agora artista, realizou truques mágicos inexplicáveis, como tirar um menino da cartola e esconder o enorme Pança em sua barba.

A vidente Vivian realizava truques com adivinhar cartas e dizer onde o Pan ia cair, depois de fazer malabarismo e equilibrismo, de olhos vendados. Teve um momento que ela errou sua adivinhação e Pan conseguiu se equilibrar sobre três barris vazios. Então, ela mesma derrubou o homem, para confirmar sua previsão. Todo mundo riu quando Pan correu atrás da mulher, cheio de raiva por ser derrubado.

Barba comandava o som. Tocava tambores, trombetas e vários instrumentos ao mesmo tempo enquanto Pan equilibrava a vidente Vivian e até o apresentador Zac, em cadeiras montadas como um castelo de cartas, todas em cima do próprio queixo.

Binno podia jurar que lá no alto das cadeiras equilibradas, Zac estava tirando um cochilo. Mas Kira se recusou a acreditar nisso.

O número de trapézio foi igualmente fascinante. Dependurado pelos pés, a

habilidade de Pança era esplendida. Assim, ele se divertia com seus companheiros de espetáculo, Barba, ainda sonorizava o evento ao mesmo tempo em que voava de um trapézio para o outro, usando sua desgrenhada barbicha para se amarrar em alguns lugares quando sentia que as mãos iam escapar.

Então, o apresentador Zac Psy anunciou.

- E agora, respeitáveis palafitanos, nosso grande momento. É com uma extraordinária honra, e até certa inveja de seu cachê, que apresento a fabulosa, a única, a inigualável: Siiiniiiiistra.

As luzes do circo baixaram.

Tudo ficou escuro e sombrio.

Um vapor gelado subiu do chão.

E então, como por encanto, Miranda Mind surgiu no centro do picadeiro. Ela usava uma esvoaçante capa, leve como o vento.

Seus cabelos planavam como se quisessem voar.

A plateia fazia um silêncio incomum.

Só se ouvia o som que Barba assoprava na flauta. Um assovio de um vento frio, numa noite de solidão.

A pele de Miranda estava branca, como se estivesse morta.

Não era difícil confundir aquela visão com uma assombração. Como se ali estivesse o fantasma de uma linda mulher.

Ela sussurrou palavras inaudíveis. E todos esticaram os ouvidos, tentando entender.

Então, a mulher virou suas pupilas. E seus olhos ficaram totalmente brancos.

A plateia tremia no mesmo medo.

Zac Psy, o apresentador, falou num tom sussurrado.

- Senhoras, senhores e criaturas indefinidas, neste momento, peço que todos que tenham estômago fraco, se retirem. Não nos responsabilizamos por paradas cardíacas, taquicardias ou qualquer espécie de malefício por pânico.

Obviamente, ninguém moveu um músculo. A curiosidade sempre é maior que o medo.

E ali ficaram todos. Aguardando a misteriosa apresentação da Sinistra.

Então, o sombrio silêncio foi rompido por um barulho inesperado.

Sirenes agudas.

Um veículo arredondado invadiu o circo, atropelando quem passasse pela frente.

Os alto-falantes do veículo anunciaram:

- Atenção, todos. O Comando Palafita não autorizou circo nenhum. Ninguém se mexe.

Ninguém obedeceu.

Todos se mexeram.

O povo todo correu de modo desesperado. Pessoas pulavam do ponto mais alto da arquibancada e caíam como panquecas no chão.

Agora outros veículos do Comando Palafita chegaram, vindo das mais diversas ruas. Eram veículos diferentes, pareciam ônibus flutuantes, arredondados como salsichas. Era para dentro destes estranhos camburões onde os criminosos jogavam mulheres, crianças, velhos e qualquer um que passasse na frente.

Para assustar a multidão, os bandidos usavam armas que lançavam jatos de fogo. Então, de uma hora para outra, a lona do circo começou a queimar. E a situação se tornou incontrolável.

Kira segurou a mão de Binno e desceu as arquibancadas, acompanhando a multidão enlouquecida.

Um homem em uma cadeira de rodas tentava acompanhar o tumulto, mas não conseguia se mover.

A fumaça fazia tudo ser difícil de ver.

Mesmo assim, Binno enxergou o velho senhor na cadeira de rodas cercado por um anel de fogo. O fogo parecia estar querendo prender o homem.

Binno soltou a mão de Kira e fez sinal para que ela corresse. A multidão arrastou a garota.

Binno estava sozinho.

Andou contra o fluxo de pessoas, precisava ajudar aquele velho que havia

ficado para trás.

O fogo ficou alto como uma parede.

Um anel de fogo se ergueu.

Binno sabia, ali atrás tinha um homem que não podia andar. Por isso, tapou o rosto com o braço e se preparou para enfrentar o calor. Olhou para os lados e não havia ninguém para ajudar. Já estava quase desistindo.

Mas, subitamente, a imagem do Doutor Orion Sirineu veio à sua mente. Será que não tinha aprendido nada com seu tio?

- *Desistir? Por que, se ainda está vivo?* – Era como se a voz se seu tio estivesse na sua cabeça.

Então, tentou pensar.

Pensou em como ultrapassar o fogo.

Quem saberia o que fazer naquela situação?

Pensou nos ensinamentos do pré-Maior. Tudo o que já tinha aprendido desde que deixou Utoppy. Subitamente a imagem do Doutor Ítalo veio à mente.

*"- Todos querem fazer parte do grupo mais poderoso do universo, o Círculo dos Doutores, e você já provou ter potencial para isso, Binno OXZ...* – a voz do fantástico Ítalo, o sábio, ecoava em sua mente. *– o ser humano possui milhares de dons naturais que não domina. Acredite, um Doutor é apenas um homem que conhece todos seus dons."*

O fogo ficou mais alto e Binno deu um passo para trás.

A multidão gritava.

O caos era absoluto.

Mas Binno estava impressionado com sua própria capacidade de concentração.

Simplesmente, ouvia a voz de Ítalo dizendo coisas que já não lembrava.

- *Telepatia? Premonição? Loucura?*- Binno pensava no que estava acontecendo quando o velho gritou dentro do anel de fogo.

- Pela Origem, alguém me ajude.

O garoto esqueceu todos seus medos.

Olhou para os lados como se ali houvesse um lençol d’água. Lembrou das aulas de Saber Espacial ministradas por Madame Anay. Quantas vezes ela já tinha dito que os Mestres podiam manipular os elementos com a habilidade de suas mentes? Centenas de vezes Binno já tinha desenhado gráficos, estudado grandes fatos, decorado nomes. Pensou nisso tudo e olhou para o ar a sua volta.

Olhou como se pudesse ver o próprio oxigênio.

Olhou e sentiu que entendia toda química ao seu redor. De sua concentração, fez-se uma razão inexplicável. Era como mágica. Seus olhos se tornaram mágicos.

Simplesmente via a umidade do ar. E tudo que havia em cada molécula. Fez um movimento instintivo com a mão.

Se concentrou para tirar a umidade que havia no ar. De repente, sua mão estava molhada.

Quis sorrir.

Mas precisava de concentração. Aquilo era algo que só um Mestre conseguiria executar. Agora, nada disso importava. Precisava de mais água.

Girou sua mão no ar.

E jogou o braço em direção ao fogo.

Um rastro de água seguiu o movimento de sua mão.

Um jato foi diretamente em direção ao fogo.

Uma porta se abriu na parede de fogo.

Binno ficou de queixo caído com o próprio feito.

Não conseguiu disfarçar a satisfação.

Olhou para os lados. – *Será que alguém viu o que eu fiz?* – Ninguém tinha visto nada. – *Bug!*

Não havia tempo para exibicionismos. Binno aproveitou a porta na parede de fogo e entrou onde estava o velho homem na cadeira de rodas.

De repente, a parede de fogo estava outra vez erguida.

Lá dentro, o calor era imenso.

Binno secou o suor do rosto com a camiseta.

O homem já estava desmaiado.

Binno tinha que tirar aquele velho de lá.

Mas, aquele dia teria muitas surpresas que nem a intuição de uma nýstica poderia prever.

Quando Binno ergueu o queixo do homem aprisionado pelo fogo. Não viu um desconhecido, viu o homem que cuidava dos jardins do Internato.

Binno entrou em choque.

O anel de fogo não deu trégua e o terrível círculo se fechava rápido, como se tivesse fome pelos dois corpos.

Mas Binno não se moveu. Diante dele, havia um homem desmaiado. Não era um homem qualquer.

Era seu maior inimigo.

Era o velho que atormentava seus pesadelos.

Ali, desmaiado e indefeso, estava o jardineiro Adamastor.

# CAPÍTULO QUINZE
# O golpe do jardineiro

A verdade é que a mente humana tem tantos mistérios quanto respostas.

Há algum tempo as pessoas descobriram que todo o universo está conectado. Tudo é parte de um único organismo vivo. Quando o homem aprendeu que podia dominar não apenas seu próprio corpo, mas sim tudo aquilo que está à sua volta, a humanidade caminhou a passos largos em sua própria evolução.

Com o caos ecológico, o ser humano enfrentou o maior de seus desafios: sobreviver. Em condições adversas, à beira da extinção, a raça humana se concentrou no que faz de melhor: se adaptar.

Em cada cantinho do planeta que um dia se chamou Terra, grupos de homens viveram do jeito que deu, esses grupos deram origem a novas raças, novos grupos animais, novas constituições físicas, novos reagrupamento de DNA. Porém, algo dentro das subdivisões humanas permaneceu: sua motivação.

Entre guerras, computadores lentos, explosões, festas country, doenças, boysbands, coreografias ensaiadas e outras calamidades, a humanidade finalmente encontrou um jeito de viver outra vez em harmonia: elegeram os sete homens mais evoluídos do universo e os chamaram de Doutores. Agora cabe aos Doutores manter a paz entre todas as raças.

Porém, mesmo que esse controle seja a vontade da maioria. Certamente não é a vontade de todos.

Alguns homens nascem com a anarquia correndo em suas veias.

Simplesmente são movidos por um desejo incontrolável de acabar com a ordem.

E havia um homem capaz de acabar com todos estes anos de evolução, destruindo o sistema que garantiu paz à humanidade.

Este homem não era saudável.

Este homem não era rico, nem um grande político, nem era amigo de pessoas importantes.

Eram seus desejos que tornavam este homem diferente.

Não desejava paz oferecida pelos Doutores da Aliança Maior.

Na opinião deste homem, todo o Grande Oceano, o Grande Céu, a Grande Existência inteira deveria se curvar à sua presença.

Não era petulância.

Não era pretensão.

Nem ao menos era loucura.

Simplesmente, aquele homem estava pronto para exigir a redenção de todos seus inimigos. E, pacientemente, construía as condições necessárias para isso.

E ali estava este homem.

Pálido. Fraco demais para resistir ao calor do anel de fogo que agora cercava sua cadeira de rodas. O homem tinha poucos fios de cabelo branco sobre a cabeça. Olheiras grandes e um rosto magro de pele enrugada. Vestia trapos sujos e tinha braços e pernas tão fracos que não sustentariam o próprio peso.

Mas este homem era mais que isso.

Era um às dos disfarces. Procurado por todos e jamais encontrado.

Agora, este homem se apresentava como um jardineiro.

Uma máscara muito eficiente durante algum tempo. Mas agora, inútil. Binno OXZ sabia, diante dele estava o temido Hefesto Xenon.

O garoto se aproximou do velho.

Não fez isso porque queria, mas porque o círculo de fogo se fechava.

O homem abriu os olhos.

- Você cresceu. – Disse a voz rouca e cansada. – Não parece mais aquele menino ingênuo.

Binno não se assustou com aquela frase repentina. Sabia que podia esperar qualquer coisa daquele homem.

- Eu vou encontrar o barqueiro. – Binno mantinha o olhar fixo no homem. –

Mas acho que é mentira sua, ele não vai ajudar a trazer Gabriah de volta.

- Pessoas inteligentes não precisam mentir, garoto. – O homem fez um sinal e o fogo se afastou.

Binno compreendeu. O tempo inteiro era Xenon quem controlava o terrível anel de calor. – Você arriscou sua vida só para me prender aqui?

- Não arrisquei vida nenhuma. Sou muito maior que este corpo velho. – O homem deu risada baixa. – É incrível como esse mundo é frágil. Eu, preso a esta cadeira, estou reconstruindo o caos. Às vezes acho que nem precisam de mim. O colapso só precisa de um sopro para acontecer.

- Não precisamos de nenhum colapso.

- Ah não? E como vão evoluir? Vivendo em suas vidinhas controladas e confortáveis vão conseguir o quê? Engordar! Não seja ridículo, garoto. Sou a salvação deste mundo. É graças ao caos que a vida tem sentido OXZ. Estou apenas fazendo o que sei fazer: desordenando as regras, ajudando na evolução.

O cérebro daquele homem era cada vez mais incompreensível. Binno ficou em silêncio. O homem contemplou o fogo e depois voltou a falar.

- OXZ, não tenho a menor intenção de fazer sentido para você. Apenas estou dizendo que toda essa organização é a pior coisa que pode acontecer ao homem. Nossa espécie precisa sofrer, sabe? Sem sofrimento, fica tudo tão simplório, tão...- O homem não encontrou a palavra. Entediado, resolveu acabar com aquela conversa. Gritou. – Agora, ajoelhe-se.

Binno não quis. Mesmo assim, caiu de joelhos. O velho voltou a falar de modo baixo, quase sussurrado.

- Guerras, dependência dos recursos naturais, fome. Isso é necessário. É assim que evoluímos, OXZ. Sem isso, apenas existimos. E, essa maldita Aliança Maior... – O velho pareceu ter nojo das palavras que pronunciava. – Esses Doutores tiram todo o sentido da vida. A Grande Existência parece uma creche. Protegem o homem como se todos fossem filhotinhos desmamados. – Sua voz ficou ainda mais grave. - Chega.

O fogo outra vez subiu.

O calor fez Binno verter lágrimas.

- As nýsticas já disseram como derrotar a marcha silenciosa. O clone é a última esperança. – Binno mal conseguia pronunciar as palavras. - Se você não

tivesse mentido sobre o barqueiro, Gabriah já estaria de volta.

- Não menti garoto. O barqueiro sabe como ajudar você a encontrar seu amiguinho traidor. Eu também sei. Muita gente sabe. Eu apenas distrai você com uma palavrinha complicada para pesquisar. Mas, pela Origem, o barqueiro é uma celebridade, você deveria ter encontrado ele mais rápido.

- Sei do seu plano. Sei como a internet foi derrubada. Sei da música.

- Já descobriu quem é o autor? – O velho olhou com desdém.

Binno balançou a cabeça, negativamente.

O velho riu. Girou sua cadeira como se comemorasse o que tinha acabado de ouvir. – Se não sabe quem é o autor, não sabe nada.

Binno tentou levantar. Suas pernas não obedeceram.

O velho voltou a falar:

- A Música é um arquivo muito especial. Ela existe, sim. Ela está guiando a marcha silenciosa, sim. Ela derrubou a internet, sim. Ela fez tudo isso. E um autor comum jamais poderia ter criado a Música. O criador da Música é um programador muito melhor que você, Binno OXZ. Para ouvidos comuns é apenas uma música. Mas, no site certo ela também é um IA. Toda batida é um código. Esse código criou um IA. Um IA muito útil para meus objetivos. Eu só precisava de alguém para instalar essa música no sistema mais seguro da Grande Existência...

- O Palácio da Aliança Maior... – Binno se sentiu tonto.

- Exato, exato... Você é um grande colaborador garoto. A Aliança tomou muitas precauções contra IAs depois de nossa última criação. Até mesmo a Música seria difícil demais instalar no Palácio. Eu precisava de um especialista em furar defesas virtuais. E você é bom nisso, não é?

Binno ficou em pé, estava pronto para lutar contra aquele homem, não importava se era um fraco, doente ou o que fosse.

- Quieto, rapaz. – O homem fez um sinal com a mão. E Binno sentiu suas pernas congelarem. – Você não está pensando, direito. Tá na hora de deixar de ser inocente, garoto. Irá resolver todos os enigmas quando parar de acreditar em todos a sua volta. Ainda não se perguntou como encontrei você aqui? Tão longe de qualquer proteção?

Binno não queria mais ouvir aquilo. Queria acabar com aquela conversa,

naquele momento.

- Foi azar. Você não tinha como saber que eu estaria aqui.

O velho riu alto dessa vez.

- Claro, claro. Azar, sorte... Pela Origem, você continua um menino bobo. Essa é a segunda vez que meu informante diz onde você está. Eu quase peguei vocês ainda no Grande Oceano, quando fugiram naquele maldito Cascudóptero. Meu informante foi muito útil dizendo que vocês estavam lá. E agora, ele me contou que vocês estavam aqui.

- Quem é seu informante?

O velho ria. - Quando vai aprender que não pode confiar em ninguém. Acha que pode confiar no chanceler cigano? Nos filhos dele? Acha que pode confiar naquela magrinha, filha de um Doutor?

Binno avaliava o que tinha acabado de ouvir. Mas, o velho interrompeu seus pensamentos. - Chega de papo. – Fez um sinal e Binno caiu de joelhos.

O velho ergueu um punhal.

Com outro sinal, fez os joelhos de Binno se arrastarem no chão. Em um segundo, a cabeça de Binno estava sobre o joelho deficiente do velho.

Seu ódio era imenso.

O calor do fogo confundia seus sentidos.

Mesmo assim, Binno não teve medo. A raiva alimentava sua coragem. Paralisado por uma força superior, aguardaria o momento final.

Um punhal estava pronto para furar sua cabeça. Mesmo assim, sabia que não era a hora de morrer.

Sentiu o punhal na pele de sua cabeça.

Sentiu o sangue escorrer pelo couro cabeludo.

O velho jogou Binno no chão.

Velho louco.

Começou a golpear o ar, mostrar os dentes, como se visse criaturas terríveis a sua frente.

Golpeava o vento com ferocidade.

- *O que Hefesto está vendo?* - Binno se pôs em pé, observando a loucura do velho.

Então, o homem sorriu.

- Espere um pouco, acho que estou entendendo o que está acontecendo aqui. –

Sinistra. Você está por perto, não está?

Com calma fez um sinal e o fogo se apagou.

Atrás das chamas estava Miranda Mind. Com os braços abertos, as vestes esvoaçantes pareciam grandes asas de uma ave pronta para atacar.

- Só podia ser você, Sinistra? – O velho sorria.

Binno outra vez observou a instrutora naquela posição estranha. Outra vez não compreendeu aquela atitude.

- Conheço muito bem seus encantos. – O velho moveu sua cadeira em direção à Miranda. – Neste momento vejo criaturas pulando em meu pescoço. Vejo demônios. Vejo dentes afiados. Mas sei que tudo isso é pura imaginação. E sei muito bem quem está fazendo isso. Não é Sinistra. Sabemos que tu és mestra na arte da ilusão. Fabulosa Sinistra!!!

Miranda continuava com a mesma posição. Como se usasse todas suas forças para criar imagens na mente do velho.

Então esse era o segredo da Sinistra. Binno arregalou os olhos. Ela criava imagens na cabeça das pessoas. Que dom incrível. Confundia os sentidos a ponto de fazer imagens parecerem reais. Este era seu espetáculo. E assim ela fez o velho desviar sua atenção da cabeça de Binno e tentar atingir algo que imaginava.

- Já chega. – O homem ergueu a mão. E Miranda foi atirada para longe como uma boneca. As costas da mulher bateram no chão. Ela se contorceu de dor.

- Achou mesmo que ia acreditar em diabinhos em torno de minha cabeça? Miranda tinha voz sofrida em dor: - Minha cidade foi perseguida durante anos. Cresci como uma fugitiva, tudo porque meu povo acreditou em você. Nós teremos nossa vingança.

- Acho que não. – O velho mexeu os dedos e Miranda se ajoelhou. O velho continuou falando. - Como você acha que encontrei vocês? Meu informante é

alguém tão próximo de você. E mesmo assim, prefere obedecer a mim. Sabe por quê? Porque os ciganos ainda me amam, primeira-filha.

Ele moveu sua cadeira de rodas em direção a Miranda e a mulher se contorceu no chão, como se estivesse sendo esmagada.

- Chega. – Binno gritou e correu para cima de Hefesto. O velho ergueu uma das mãos e fez o garoto capotar para trás.

O fogo já havia baixado.

O ar tinha um odor sujo de fumaça. Não havia mais pessoas desesperadas, não havia mais circo. Tudo era sobra de cinzas. A fumaça baixou aos poucos e Binno viu algo que queimou suas esperanças.

Não havia fogo, mas um círculo de soldados inimigos. Milhares de soldados. Magros e cheirando a morte. Lembravam hienas circulando sua vítima.

Binno olhou para longe, e mesmo assim, não enxergou onde acabava aquela imensidão de soldados magros. Tudo o que seus olhos viam eram inimigos.

- E agora Binno OXZ? Pretende desistir, ou vai lutar sozinho? – Hefesto se divertia com o sofrimento de Miranda.

Binno procurou ajuda olhando ao longe. E sob um monte longínquo viu a trupe dos absurdos como refém. Pança, Barba, Vivian, Zac, todos aprisionados. Sentiu o gosto amargo de ver Kira Bella acorrentada aos pés de um soldado alto e corcunda.

- OXZ. Vou fazer uma proposta. Quero você do meu lado. – Hefesto esqueceu Miranda e se voltou para Binno. – Que tal ser meu protegido? Acho que nestas circunstâncias você não tem muita escolha. Tem?

- Tenho escolha sim. Posso lutar.

- Você é tão previsível, garoto. – O jardineiro baixou a cabeça, como se estivesse decepcionado. - É uma resposta tão infantil.

Binno encarou o velho. Estava decidido.

O homem aceitou a resposta.

- Se é luta que você quer, é luta que terá. Agora, ouça com atenção: todas as noites, antes de dormir, você vai se arrepender desta escolha. É egoísta demais pensar só na sua moral, na sua honra... Quanta bobagem. Olhe para mim, sacrifico toda minha vida por algo que acredito. E você? Apenas segue o que disseram que era certo?

Binno observou o ardiloso Hefesto, habitando aquela carcaça velha. Sabia que aquilo tudo era um jogo de palavras inteligente, nada mais que isso.

- Vou lutar. – Binno firmou o olhar no jardineiro.

- Então que seja. – Hefesto afastou sua cadeira de rodas, entrando na multidão de soldados e sumindo entre eles. Sua voz foi ouvida já ao longe. – Lute sozinho.

Os soldados magros apertaram o cerco em torno do garoto.

Binno sentiu a pressão do inimigo tomando todo espaço.

Um soldado muito alto deu um tapa na cabeça de Binno, provocativo.

Binno quis revidar. Mas, quando olhou para cima viu a esperança vinda do céu.

Orion caía.

Orion, o Incansável.

O tio que já salvou Binno tantas vezes.

O Doutor Negro.

Orion Sirineu descia pesado sobre uma prancha flutuante.

Robusto, caiu com força sobre um dos soldados.

Enorme como um gigante, fazia os soldados magros parecerem crianças. Orion sequer virou o rosto em direção a Binno.

Gritou para que todos ouvissem.

- Quem disse que ele está sozinho?!!!!!!!!!!!!!!!!!

O mar de soldados inimigos se estendia por toda praça, por todas as ruas, por todo lugar pra onde a vista alcançava. Mesmo assim, mesmo sendo milhares contra dois, houve a hesitação.

O colosso cego assustou o mar de soldados.

Durante segundos, todos, sem exceção, tiveram que segurar a imensa vontade de fugir.

Binno sentiu sua coluna se posicionar de modo ereto. Estava pronto pra guerra. E queria isso. A luta pulsava em suas veias.

O primeiro inimigo atacou Orion. E teve seu braço atirado a quilômetros. O segundo, o terceiro e o quarto, foram esmagados com um abraço que fez seus corpos girarem e seus pés chutarem os próprios aliados.

Um soldado pulou sobre Binno e tentou dar um soco na cara do garoto. Binno fez o impensado, puxou a mão do soldado para mais perto e fez com que ela errasse o alvo, passando pelo lado da sua cabeça. Com o soco errado, o soldado perdeu o equilibro. Então, Binno usou a testa para quebrar o nariz do homem.

Outro homem atacou Binno, com uma rasteira o garoto fez o soldado cair sobre o companheiro que agora sangrava no chão.

Binno sentiu o Saber Corporal guiar seus movimentos.

- *Use a contra-força adversária a seu favor.* – ecoava a voz da antiga Instrutora Nyx Calypso. – *Ninguém pode te atingir se você não estiver lá.* – Dizia em sua mente, a jovem instrutora e atleta Cybele Síria.

O círculo se abria, na medida em que o Doutor Orion atingia adversários com sua força fenomenal. Cada inimigo que atacava o gigante tinha seu corpo destroçado e servia para aumentar o medo dos outros.

- Desculpe a demora, guri. – Orion falou com Binno, enquanto partia o braço de um soldado em pedaços. – Esse seu localizador está meio estranho.

– Que localizador? – Disse Binno desviando de um soldado que pulou em cima dele. O sujeito caiu direto no chão. E Orion jogou outro em cima do caído.

- Esse que está no seu peito. – Orion fez dois soldados se beijarem, enquanto esmagavam seus narizes um contra o outro.

Binno olhou para o i-tudo pendurado em sua corrente. Durante todo esse tempo nem sabia que o objeto tinha essa função.

- Temos que ajudar os outros. – Binno se abaixou para deixar um soldado atingir o outro que estava atrás.

- Eles já têm ajuda. – Orion pegou um soldado pelos braços e fez dele uma hélice, derrubando dezenas de outros que se aproximavam. – Se abaixa aí.

Quando Orion acabou de girar o soldado, atirou o homem em direção ao monte onde estavam os membros da Trupe. Então, Binno viu que alguém lutava por lá.

- Quem está lá?

- Observe antes de perguntar, guri.

Orion continuava a espalhar pavor entre os soldados. E Binno prestou a atenção no outro guerreiro que agora protegia a trupe.

Era um homem tão rápido que mal era possível distinguir seus movimentos. Tudo o que Binno via era um vulto branco, se movendo como um fantasma, derrubando soldados, quebrando ossos, assombrando o mais corajoso dos inimigos.

- Pela Origem, nunca vi alguém tão rápido. – Observando o lutador branco, Binno nem percebeu que um soldado inimigo atirou uma adaga de três pontas direto para sua cabeça.

Binno não viu.

Mas Orion ouviu.

O som do ar sendo cortado por um objeto afiado era o suficiente para alertar os instintos do gigante. Rápido como um tigre, pulou sobre Binno e derrubou o garoto no chão.

Em seguida, urrou de dor.

A adaga havia atingido seu ombro.

Os soldados se sentiram encorajados a saltar sobre o gigante caído. Um monte se formou.

Era um amontoado que esmagaria um homem comum.

Mas Orion não pode ser chamado de homem comum.

O sangue jorrava pelo ombro, molhando sua pesada jaqueta de couro.

Binno estava abaixo do homem que agora suportava o peso de vários soldados inimigos sobre as costas. Orion estava com as mãos e os joelhos no chão.

- Binno, sai daqui. – Disse Orion, sem disfarçar a raiva.

O garoto rolou para o lado e escapou entre soldados que se amontoavam sobre Orion.

O gigante contraiu seus músculos. E mesmo debaixo da jaqueta pesada, foi possível ver seus braços incharem.

Ele levantou o corpo e ficou com apenas um joelho apoiado no chão.

Dezenas de rebelados caíram.

Orion urrou como um urso, pela dor que sentia.

Binno percebeu o que estava para acontecer, se deitou no chão e agarrou firme às frestas do assoalho da plataforma.

Orion ergueu um dos braços para cima e derrubou outros soldados.

E socou o chão.

Socou com a força de um trovão.

A cidade das palafitas inteira ouviu aquele estrondo.

- Brruuuuuuuuuuuuuuuummmmmmmm!

A plataforma inteira se sacudiu.

Como dominós enfileirados, os rebelados caíram uns sobre os outros.

Binno segurou firme, deitado no chão.

Orion se pôs em pé.

E até onde a vista alcançava, ele era o único homem em pé naquele momento.

De suas costas, o gigante tirou uma espada curva que esteve este tempo todo escondida em um coldre negro. Em seguida, Orion agarrou a gola da camiseta de Binno e fez o garoto levantar.

Como um ceifador, Orion correu abrindo caminho na multidão de rebelados à sua frente. Muitos se arriscaram a atrasar sua caminhada. Nenhum sobreviveu.

Binno correu para acompanhar os longos e rápidos passos do tio.

Chegaram ao alto do monte onde estava a Trupe dos Absurdos. O ponto mais alto de toda Cidade das Palafitas. E todo o perigo se viu de lá.

Outra vez, se viram cercados por uma multidão de rebelados.

Ali havia outro guerreiro para amedrontar os inimigos.

Rápido como um vento forte, o homem lutava de modo incansável, derrotando centenas de soldados em poucos segundos. Binno não conseguia distinguir o rosto do guerreiro entre aqueles movimentos.

Orion estava envolvido em uma batalha com oito ou dez soldados quando

Binno ouviu o grito de Kira Bella. Um soldado magro, alto e corcunda puxou uma corrente que estava presa aos pulsos da garota, arrastando seu corpo pelo chão.

Binno quis ajudar, mas um soldado tentou cortar suas pernas. Ele pulou para evitar o golpe, pisou sobre a lâmina inimiga e em seguida abraçou o rebelado, imobilizando seus braços. Os dois rolaram pelo chão. Até que o soldado batesse a cabeça e desmaiasse.

Quando se livrou do problema, Binno procurou Kira, a situação já era outra.

O corcunda estava enrolado na corrente, sendo arrastado pela garota.

- Como?

Não dava para saber como. Mas, outra vez ficou confirmado: Kira sabe se defender muito bem sozinha.

Agora Binno percebeu que o guerreiro branco lutava girando em torno de Kira, protegendo-a de qualquer ofensiva. Então entendeu. Aquele só podia ser o mais respeitado dos Doutores da Aliança. Binno estava tendo o privilégio de observar a técnica do próprio Ítalo Bella, o sábio.

A Trupe dos Absurdos ainda estava acima de Binno. Mas, um grupo soldados já se aproximava de Zac, Vivian, Pança, Barba e Miranda.

Zac arriscou atirar uma pedra em um dos soldados.

A pedra se espatifou no capacete . O soldado não sentiu a mínima dor.

Zac fez uma cara engraçada, como se pedisse desculpas ao soldado. Depois apontou para Vivian ao seu lado. A própria vidente deu um soco na cara do garoto.

Soldados apertavam o cerco em torno da trupe, como lobos que rodeiam cordeiros antes do ataque. Orion e Ítalo estavam ocupados demais para ajudar os artistas de circo. Eles mesmos precisavam se proteger.

A misteriosa Sinistra entrou em ação.

Ela abriu os braços, e suas vestes esvoaçantes lembraram asas de uma poderosa águia. Dobrou levemente o joelho direito, como se preparasse uma dança. Suas pupilas negras sumiram, e seus olhos se tornaram totalmente brancos.

Neste segundo. Um dos soldados cortou a perna de outro soldado ao seu lado.

A ilusão estava criada. Sinistra estava agindo na mente dos rebelados que atacavam seus amigos. De um instante para o outro, os soldados passaram a lutar entre si, de modo absurdo, desordenado, alucinado. Desse jeito, Miranda Mind poderia vencer uma guerra sozinha.

Um rebelado apontou uma arma para Binno. Outro soldado foi atirado sobre ele e os dois se espatifaram. Mais uma vez, o incansável Orion protegia seu sobrinho. O vulto branco segurou Kira sobre os braços. A garota fazia questão de soquear todo rebelado que podia. Mesmo assim, Ítalo segurou sua filha e correu por entre soldados confusos até se juntar a Trupe dos Absurdos.

Então Sinistra deixou seus braços caírem.

Seu vigor havia esgotado.

Esta foi a razão para Miranda esperar até o último segundo antes de causar ilusões, ela precisava poupar energias.

De repente, os soldados pararam de lutar entre si.

Miranda caiu.

O próprio Ítalo a segurou em seus braços.

A mulher pôs a mão em sua barba branca e rala. Depois desmaiou.

Foi quando Binno ouviu uma voz em sua cabeça.

A sua volta, todos os soldados ficaram em posição de alerta. Simplesmente, Binno soube. Naquele segundo, uma força muito poderosa estava emitindo aquela mensagem. E todos ouviram.

- *Concentrem-se soldados. Este é o grande momento da batalha.* – Era a inconfundível voz áspera do jardineiro Adamastor, o corpo decadente sob a qual se escondia o terrível Hefesto Xenon. – *Concentrem-se. Quero que todos posicionem suas adagas e apontem para o alto do monte.*

Binno olhou para Orion. Sabia o que estava por vir.

A voz continuou.

- Não mirem nos homens. Apenas atinjam a mulher de vestes laranja e a menina de cabelos coloridos. Hoje, devem morrer Miranda Mind e Kira Bella.

Binno tentou correr para proteger Kira. Um rebelado mais forte impediu o garoto. Aplicou uma gravata no garoto, prendendo com força seu pescoço. O braço quase o impedia garoto de respirar.

Desta vez, o tio não protegeu o sobrinho. Orion corria para o alto do monte. Mas tinha que lutar com dezenas de soldados que impediam o avanço do gigante.

No alto do monte, Ítalo entregou Miranda aos braços de Pança. Kira tentou ir para frente do pai. Barba segurou a tempestuosa garota.

Ítalo Bella, o sábio, já havia tomado sua decisão.

Seria o escudo que protegeria Kira e Miranda.

O Doutor Branco abriu seus braços, depois dobrou levemente um deles, e lançou um olhar de desafio aos milhares de soldados que agora apontavam suas adagas ao alto do monte. A posição de defesa estava formada.

A voz não fraquejou.

- *Hora de atacar.* – A voz foi ouvida por todos.

Uma tempestade de adagas partiu diretamente contra Miranda e Kira.

Mas as setas mortais precisariam passar pelo guerreiro branco que se movia muito mais rápido que os olhos podiam acompanhar.

Uma a uma, as setas iam sendo derrubas no chão.

Mesmo pressionado pelo braço forte, Binno se concentrou na voz em sua cabeça.

- *Por que matar quem não representa perigo para você?* – Binno quis que seus pensamentos fossem ouvidos.

- *Estou apenas ensinando uma lição para você, garoto.* - A voz respondeu para que Binno ouvisse. – *Quando quiser realmente acabar com um inimigo, não mire apenas nele.*

Binno se concentrou em Ítalo Bella. Aos poucos seus olhos foram captando os movimentos do Doutor. Era como se Binno estivesse aprendendo algo naquele momento. Ao mesmo tempo protegia sua filha e também sua namorada, Ítalo ensinava algo valioso a Binno OXZ.

Os olhos do garoto passaram a se tornar mais rápidos.

A luz dos movimentos de Ítalo já podia ser captada.

Binno sentiu que algo mudar em sua mente. Seus olhos estavam mais rápidos!

Milhares de setas tentavam furar o bloqueio do guerreiro branco.

Pulso, cotovelos, pontas de dedo. A cada movimento de Ítalo, centenas de adagas eram derrubadas.

Um chute desviou uma adaga para cima de outra, que passou em um ponto longe do alcance de seus braços.

Uma adaga trêmula passou sob a axila do Doutor. Esta tinha endereço certo, ia direto para a cabeça de Kira Bella.

Ninguém era capaz de ver tão rápido. Somente Italo possuía tal dom.

Mas agora Binno também via.

E viu a inteligência vencer a velocidade.

Com um movimento de cabeça, a longa trança do Doutor Ítalo raspou na ponta da adaga traiçoeira e a desviou do alvo.

Com um movimento que arqueou sua perna, Ítalo derrubou outras adagas.

Dobrando a cintura, abaixando e levantando rapidamente o corpo, Ítalo fez de sua longa trança uma hélice capaz de derrubar quase uma centena de adagas.

Binno sabia que aquilo tudo era rápido demais aos olhos da maioria.

Por isso, teve certeza. O que acontecia diante de seus olhos era uma das mais raras cenas de luta jamais vistas na história da Grande Existência.

Finalmente a última adaga foi lançada.

E Ítalo a segurou na mão direita.

Foi quando o homem de cadeira de rodas surgiu entre os soldados rebelados. Ele não olhava para ninguém, apenas para os olhos calmos e castanhos de Ítalo.

Hefesto sorria.

Ítalo também exibiu um sorriso branco encarando aquele ser desprezível. Então a roupa branca de Ítalo passou a exibir largas manchas de sangue.

O Doutor havia sido atingido. Não uma, nem duas vezes. Mas, dezenas. Por todo o corpo do Doutor, a roupa branca assumia a cor vermelha.

Houve hesitação. Ninguém teve reação alguma.

Apenas Hefesto e Ítalo sorriam. E assim continuaram. Os dois se encararam

por longos segundos e a Existência inteira parou. Segundos que se tornaram eternos. Nada mais acontecia além daquela esplêndida troca de olhares.

Uma troca de sorrisos maliciosos.

Hefesto ficou sério.

Ítalo manteve o sorriso plácido no rosto.

Fechou os olhos e caiu no chão, sobre o peito ferido, já sem sentidos. Aos prantos, Kira correu para abraçar o pai.

- Espalhem a notícia deste dia. – Hefesto sussurrou para os soldados mais próximos. – O mais digno dos inimigos acaba de ser vencido. Minha vitória incia neste exato instante.

O soldado forte finalmente soltou o pescoço de Binno.

- Em nenhum segundo ele protegeu a si mesmo. – Disse o garoto, vendo o corpo de Ítalo ser levantado por Pança.

Seu coração ainda batia. Mas a intuição de Binno sabia, já não tinha forças para sobreviver.

- Não havia tempo para proteger a si mesmo. – Finalmente Orion conseguiu chegar até o Doutor Branco. - Ele precisava escolher as adagas que bloquearia, escolheu aquelas que atingiriam Miranda ou Kira. – O Doutor Orion Sirineu começou a arrancar dezenas de adagas do corpo de Ítalo. – Ítalo não interceptou estas adagas. Deixou que seguissem seu destino.

- Preferiu a morte ao invés de deixar morrer. – Barba baixou a cabeça, em respeito.

Segurando a própria raiva, o gigante se pôs em pé. Ereto, sobre o ponto mais alto do monte, produziu uma sombra que se alongou por quilômetros.

Orion era só raiva.

Gritou.

- Deixe-me levá-lo e permito que você sobreviva ao dia de hoje.

O velho Hefesto não demonstrou nenhum respeito. E falou olhando para os lados. - Realmente acredita que pode vencer meu exército?

Orion balançou a cabeça negativamente. Apertou as adagas que havia tirado do corpo de Ítalo, fazendo sangrar a própria mão.

- Não posso vencer seu exército. - Disse o gigante. – Mas, ouço o som de seu coração. E sei que posso furá-lo antes que furem o meu.

Hefesto empurrou a cadeira de rodas para trás.

Em seguida, sorriu sem jeito.

- Tudo bem, leve seu Doutor Branco para morrer longe daqui.

Orion Sirineu segurou Ítalo à beira da morte em seus braços. E caminhou seguido por Kira aos prantos, Binno e a Trupe dos Absurdos.

Aquele dia entrou para história da Cidade das Palafitas.

Aquela cidade teve a honra de ser manchada com as últimas gotas de sangue do lendário Doutor Ítalo Bella, o sábio.

# CAPÍTULO DEZESSEIS
# Adeus Doutor Branco

- Ítalo está de volta à Origem.

Madame Anay trouxe a notícia com as mãos ainda sujas de sangue e sem conter as lágrimas que embaçavam seus pequeninos óclinhos.

Binno sentou e colocou a cabeça entre os joelhos. Sentiu como se toda a Existência estivesse desmoronando.

Aqueles foram dias difíceis de lembrar. A morte do Doutor foi como um tombo em câmera lenta. Todos sabiam que estavam prestes a se esborrachar no chão, mas ninguém pode fazer nada para evitar a tragédia.

Kira passou por Binno com os olhos secos e doídos. Era como se já tivesse chorado tudo que dois olhos castanhos podiam chorar.

Fazia quatro ou cinco dias que a batalha havia acontecido. Não sabiam, sequer haviam contado. Ítalo resistiu durante esse tempo graças aos esforços de Madame Anay e suas engenhocas milagrosas. Mas as instalações improvisadas em Falahcia não eram tão eficientes quanto seu laboratório no Palácio da Aliança. Mesmo assim, seria difícil acreditar na sobrevivência de Ítalo. As adagas dos renegados carregavam um veneno ainda incompreendido pela Aliança Maior. Um veneno tão forte, que mesmo Orion experimentava dias de febre e dor, por conta do único ferimento no braço.

No corpo de Ítalo foram contados centenas de ferimentos, a sobrevivência seria humanamente impossível. Nos dias que o Doutor sobreviveu, Kira não saiu de seu lado. E, talvez, tenham até conversado em raros momentos de lucidez do pai. Orion também esteve por perto, mesmo quando lutava pela própria saúde.

Ítalo e Orion até trocaram algumas palavras sobre os passos a seguir. Concluíram que, com a Internet novamente funcionando, seria possível reunir os Clãs Dourados outra vez. Os dias de Adamastor pisoteando a paz tinham que acabar.

Então, Madame Anay trouxe a notícia.

O Doutor Ítalo finalmente havia deixado seu corpo cheio de sofrimento. A morte havia chegado ao homem que seria eterno na memória da Aliança Maior.

E os cílios perfeitos de Miranda não disfarçaram os olhos inchados de quem passou a noite chorando.

Mesmo assim, a primeira-filha cigana teve forças para jogar as cinzas de Ítalo aos céus.

Naquela tarde, houve nuvens tão brancas e extensas quanto à comprida trança do Doutor que agora ganhava os ventos.

As longas costas de Miranda Mind se curvaram. E ela caiu de joelhos.

Chorando a partida do amado. Kira abraçou seus ombros e as duas dividiram a dor.

Kira, a filha, abraçava aquela que poderia, talvez, ter sido sua madrasta.

Choraram juntas.

Uma dor dividida é uma dor menor.

Os dias que seguiram não foram lembrados por Binno. Foram dias com gosto de lágrima. Dias que começavam e terminavam sem que o coração sequer sentisse o tempo.

Binno não tinha coragem de olhar para Kira.

A amizade entre os dois se tornou algo sem forma, sem força, sem carinho. Trocavam cumprimentos. Mas, não caminhavam um ao lado do outro.

Não havia mágoa. Simplesmente não tinham força para conversar. Quando se olhavam, lembravam de algo que não esqueciam. Difícil entender, mas a lembrança da morte de Ítalo ficava mais forte quando estavam juntos. Então, nunca ficavam juntos.

Ainda fraco, Orion voltou para a guerra.

Binno não dormia mais.

Hefesto Xenon estava o tempo todo em sua cabeça. Bastava fechar os olhos, e o velho estava ali, repetindo a mesma frase. *“- Todas as noites, antes de dormir, você vai se arrepender desta escolha. É egoísta demais pensar só na sua moral, na sua honra...”*

O velho jardineiro parecia ter planejado tudo.

Xenon era um pesadelo real.

- *Porque eu quis lutar? Ítalo podia estar vivo.*

Houve uma boa notícia: a volta da internet.

A Doutora Synara Vibbor liderou um clã que combateu as pragas digitais e, sem grandes alardes, restabeleceu a internet. Mesmo assim, por precaução, todos ainda continuaram alerta a novos ataques inimigos.

Com a Internet restabelecida, a vida tentou ser normal.

Falahcia voltou a respirar.

Muitas semanas se passaram sem que nada acontecesse. Zac e Megazila acabaram se tornando amigos e todos os dias discutiam suas teorias absurdas no restaurante do castelo. E Binno apenas assistia as declarações acaloradas dos garotos, como quem assiste a um programa chato na TV, sem demonstrar interesse, sem emoção, nem ao menos emitia opinião.

Foi assim que Binno viveu aqueles dias. Como se não estivesse por ali de verdade. Era apenas um expectador.

Por pura precaução, as aulas de pré-Maior continuaram do mesmo jeito: off-line. Em cada canto da Grande Existência havia um pequeno grupo de estudantes se preparando para a Prova Maior, sem usar a internet.

- A minha vaga na Universidade Maior está garantida. – Vick Vibbor falava cheia de si. Nitidamente tentando impressionar Zac e Wilson. - O ano passado tive muitas distrações. Mas neste ano estou concentrada.

Zac bocejava desinteressado. Já Wilson fixava seu olhar esbugalhado nos cabelos multicoloridos de Vick.

- Então você acha mesmo que vai entrar na Universidade Maior, Vick.

- Claro que vou Wilson. Sou filha de uma Doutora, esqueceu? O talento está no meu sangue.

Kira baixou os olhos, não querendo entrar na conversa. Binno já havia se acostumado com aquela atitude da amiga, mas Zac insistia em tentar animar a garota.

- Kira, escutou isso? – Zac falou alto para a turma inteira ouvir. – Ela acha

que tem algo de valor em seu sangue. E a Kira? Ela é filha do maior Doutor que já viveu.

Melindrosa, Vick se pôs em pé. Estava pronta para lançar uma de suas frases inúteis.

- Vick, antes que você diga algo - Zac falou mais rápido. – Quero saber como anda a preparação para a prova de Saber Físico. Porque você anda meio fora de forma, não? – O cruel aspirante a bardo apontou para a barriga da garota, que vinha engordando bastante nos últimos tempos. Envergonhada ela voltou para o seu lugar enquanto seus cabelos ficavam amarelo-pastel, mesmo assim, manteve o olhar mirando Zac.

Uma voz escandalosa e imperativa interrompeu o papo:

- Binno OXZ, para frente da sala agora. Preciso de um voluntário

Era o Mestre Troy Judá quem entrava pela sala. Binno nem pestanejou. Levantou e, com os braços pendurados, caminhou até a frente da sala.

- Quero que leia este texto para a turma.

Troy alcançou um livro escrito com manchas e borrões. Eram sinais tão estranhos que parecia que alguém tinha usado um conta-gotas cheio de lama para esconder as letras.

Binno tentou ler algo. Mas que som podia ter aquelas manchas estranhas.

- De que planeta vem isso?

- É deste planeta mesmo. Agora leia.

- Eu não consigo.

O Mestre riu com apenas um canto da boca, feliz por ter vencido Binno numa de suas disputas bobas.

- É, realmente um clone tem muita dificuldades em Saber Verbal...

- Não sou um clone. - Binno respondeu ao instrutor.

- Silêncio. – Troy apontou para o lugar de Binno. Subjugado, o garoto foi para sua cadeira. O instrutor continuou. – Para ler uma nova linguagem, você precisa compreender antes de saber. A última coisa que você deve se preocupar é como traduzir, as palavras têm energias próprias, basta entender isso. Mas acho que é difícil para um clone.

- Isso parece língua de outro planeta. – Binno ficava realmente irritado

quando Troy xingava ele de clone.

- Essa é sua teoria, clone? Você é do tipo que defende a vida em outros planetas? – Troy fingiu estar decepcionado. – Eu pedi para eliminar você. Os Juízes foram muito bonzinhos no ano passado. Isso vai mudar. – o Mestre ajeitou sua alta gola e falou para a turma. – Por favor, não sejam tão ignorantes ao ponto de falar em extraterrestres nessa sala. É claro que existe vida original fora da terra. O sol, por exemplo, é vivo. Ele nasceu e vai morrer. Estrelas, gases, óleos, muitas coisas vivas. Mas vida, com pessoinhas iguais as pessoinhas que somos – Troy orgulhava-se de sua superioridade. – é óbvio que não existem. Pessoas verdinhas? Quanta ignorância, por qual motivo outro planeta iria gerar vida semelhante com a vida na terra? O que isso faria pela Grande Existência? É óbvio: isso é uma bobagem que só clones acreditariam.

Binno não se importava com esse papo de extraterrestre. Mas havia sido desafiado pelo instrutor. Resolveu entrar na briga.

- Existem centenas de provas que mostram discos voadores, prisões de seres de outro planeta e...

- Silêncio clone estúpido. – Troy teve outro de seus ataques de raiva. – Vai insistir nessa bobagem, OXZ? Vida original de outro planeta? A ignorância é a mãe da vergonha, rapazinho. Seria menos humilhante para você se estudasse um pouco mais de história. Qualquer um sabe que marte já foi base para seres humanos no passado. Logo depois do Grande Catabum astronautas se negaram a voltar para a terra, na esperança de viver em lugares menos perigosos. Construíram bases em marte e passaram gerações se alimentando com extratos de clorofila para acelerar a fotossíntese. O resultado disso foi que acabaram se tornando verdes com o passar dos anos...

- Os discos voadores foram antes disso e...

- OXZ... – Troy cuspia enquanto gritava. – Informe-se. Não eram discos voadores. Eram máquinas do tempo. Os homens verdes perceberam que viver fora da terra era terrível e lutaram para tentar reverter a situação. Eram conhecedores da tecnologia velocidade/tempo. Pela Origem, porque és tão ignorante, OXZ? Eles tentaram se reintegrar à vida do passado. Mas nunca foram aceitos. E tem mais, as pesquisas da viagem no tempo foram desativadas. Eram caras, cansativas, fedorentas...

O Mestre Troy Judá ficaria gritando por dias se não houvesse alguém muito corajoso o fazer parar. Binno já estava quase entrando para dentro de sua cadeira, tamanha era a opressão que sofria.

- Talvez eu seja de outro planeta, senhor. – Zac interrompeu o xingamento de Troy. Claramente, numa tentativa de amenizar a situação de Binno.

Troy fez um silêncio momentâneo. Tentando entender o absurdo que tinha ouvido. Não disse nada. Apenas espremeu a testa, em desaprovação. Zac ignorou o olhar e continuou:

- É verdade. Acho que eu sou de outro planeta. Outro dia, senhor... – Zac passou a mão no moicano prateado e ficou em pé. – Desculpa gente, mas eu preciso contar. Outro dia eu fiquei com uma garota. E ela disse que eu a levei pras estrelas. Será que sou de outro planeta, senhor?

A turma inteira caiu na gargalhada. Troy levou longos minutos para conseguir restabelecer a ordem na turma. A turma só parou de rir quando ele gritou.

- Repreensão para os dois. – A turma começou a controlar os risos. – Psy e OXZ hoje na sala dos professores servindo os convidados durante o meu pronunciamento.

- Mas... – Binno quis dizer que não tinha nada haver com isso.

- Sem mais nem menos. – Mestre Troy soltou vento pelas narinas.

Binno ficou quieto. Naquele segundo, teve certeza que este era o plano de Troy desde o começo. Provocou Binno só porque queria um garçom para o seu evento. Zac entrou de gaiato na história.

A turma ainda dava risadinhas. Mesmo assim, a aula recomeçou. O Mestre Troy resolveu ler ele mesmo o tal texto na língua das manchas.

- Agora aprendam alguma coisa, seres sem futuro.

Se soubesse o que ia acontecer, o instrutor de Saber Verbal não teria lido aquele texto.

Tentando ensinar a língua das manchas, o Mestre pressionava os lábios e assoprava, imitando o som da lama batendo na folha. – Essa é a língua do povo da areia, seus estúpidos. - Os sons emitidos por Troy lembravam flatulências. Todo mundo ria sem parar.

Irritado, Troy saiu da sala praguejando e prometendo uma punição terrível a todos.

A turma não conseguia parar de rir. Mesmo sob ameaça.

Com o professor longe, Zac foi para frente e começou a “ler” as manchas

por conta própria.

A turma riu tão alto que o Mestre deve ter ouvido as risadas, mesmo que já estivesse em outra cidade.

Quando Zac e Binno chegaram a sala de reuniões do castelo, perceberam que quase todo mundo que era importante em Falahcia estava por lá.

Era um evento muito sofisticado.

E, assim a dupla cumpriu sua repreensão, carregando bandejas pesadas cheias de biscoitos de semente, licores de chuva-doce, chuva-rosa e outros tipos de bebidas-da-chuva.

Com exceção de Troy, os instrutores estavam num canto da sala. Talvez discutindo algo sobre o pré-Maior.

Binno se aproximou do grupo para oferecer petiscos.

Todos se serviram. Megazila agradeceu quando Binno se inclinou para deixar a bandeja em uma altura que o príncipe mimm pudesse se servir: quase encostada no chão.

Miranda e Madame Anay falavam empolgadas sobre alguma pílula para rejuvenescer a pele. Binno pensava que a filha do chanceler não tivesse a menor necessidade de pensar nisso, quando ouviu uma voz ranzinza dizer:

- Ei clone, não é para ouvir a conversa. É para circular.

Era o Mestre Troy quem passava por ele apressado.

Binno teve vontade de tocar a bandeja na cabeça do Mestre, quando alguém comentou ao seu lado.

- Hummm. Que interessante! Então, você é um clone?

Binno viu que era Amadeus Hotred, o instrutor de Saber Musical, quem estava por ali.

- Não sou um clone. – Respondeu Binno, carrancudo.

- Não é? Você me enganou, parece um.

Agora sim Binno se ofendeu e por pouco não jogou uma taça da bebida Chuva Cáustica sobre o instrutor. Mas antes que o garoto cometesse tal agressão, Amadeus falou calmamente.

- Eu conheci um clone uma vez. Era um sujeito bacana. Meio bonzinho demais, sabe? – O instrutor sorriu e mostrou seus dentes vermelhos. – Sem groove, sem ritmo, não sei... Mas era um sujeito bacana.

- Também conheci um clone uma vez. – Binno sentiu as palavras saírem pela boca. Evitava falar de Gabriah, era o jeito mais fácil de aceitar o que estava acontecendo com o amigo. Mas, por algum motivo, teve vontade de falar com Amadeus. – Sabia que este meu amigo clone gostava muito das suas aulas?

- Sério? Então é um bom sujeito.

- Era. - Falar de Gabriah como se estivesse morto era algo estranho. Não parecia verdade. Mesmo assim, Binno continuou. - Ele foi muito bacana por um tempo. Depois fez algo errado e acabou pagando por isso.

Amadeus pareceu ficar triste com o que tinha ouvido. Suas pálpebras vermelhas semicerraram seus olhos.

- Não é preciso ser um clone para fazer algo errado, não é?

Os olhos vermelhos de Amadeus encararam Binno por alguns segundos, como se quisessem dizer algo.

Binno encarou o instrutor vermelho. Era a primeira vez que via aquele homem com uma expressão séria. O garoto resolveu falar.

- Sim, todos nós podemos errar.

- Claro que podemos, Binno OXZ. Errar é viver. - Amadeus Hotred piscou. O garoto não disse nada. Pelo jeito o instrutor era um sujeito mais inteligente que parecia.

Madame Anay se aproximou, bebericando seu licor.

Ela abriu um grande sorriso quando viu Binno.

- Geniozinho, que saudades. – Apertou as bochechas de Binno como nunca tinha feito antes. Virou-se e segurou o braço de Amadeus. – Desculpe, mas vou roubar sua companhia. Tenho alguns assuntos a tratar com seu instrutor de Saber Musical.

Sem dizer mais nada, os dois saíram caminhando entre os ilustres convidados, íntimos como dois namorados.

- *Não acredito. Será verdade que estão juntos?*

Os pensamentos de Binno foram bruscamente interrompidos com o zunido

dos alto-falantes sendo ligados.

- Todos sabem que fui designado a garantir a segurança de Falahcia. – Uma voz enfadonha ecoou pela da sala. Era Troy quem iniciava seu discurso. – E, foi justamente no dia que um grupo resolveu sair às escondidas que aconteceu esta terrível tragédia.

Binno olhou para o palanque.

Para que todos pudessem admirar, ao lado do falante Troy Judá, havia um holograma representando o Doutor Ítalo Bella. A imagem de luz acenava para todos, sorria feliz, como se cumprimentasse as pessoas presentes.

Uma gravação de um momento típico de Ítalo. Sorridente e espalhando paz com seu olhar tranquilo.

Troy continuou:

- Hoje, completam-se vinte e sete dias desde a morte deste homem que foi um professor para mim...

- *Mentira.* – Binno deixou escapar e foi repreendido com um olhar de Miranda, que ouvia muito atenta.

Binno sempre soube que Troy odiava Ítalo e discordava de todas as decisões do Doutor. Provavelmente o Mestre estava até feliz, afinal agora poderia concorrer a uma vaga no Círculo dos Doutores.

O Mestre falava, falava e falava.

Binno caminhava.

Circulando entre os convidados, oferecia bebidas. Tentando ignorar a falação de Troy Judá.

Foi quando percebeu que estava perto demais de outra pessoa que ele detestaria ouvir.

- Micróbio, você nunca vai ser ninguém se continuar andando com aquele cara?

Era Maxx Mind. O filho do chanceler estava displicentemente escorado na parede, desatento ao discurso do Mestre. Com a cabeça, ele apontou seu desafeto: Zac Psy servia bebidas n’outro canto do evento.

- Zac não ameaça ninguém. Tem gente pior por aqui. – Disse Binno, enquanto servia licores e bolachas para um grupo de dançarinos gordos que se

aproximava.

- Ele é um fracassado. – Maxx insistiu, fingindo desinteresse na conversa.

- Nem todo mundo é filho de um chanceler. – Disse Binno, protegendo Zac.

- O problema dele não é ser filho de um ninguém. O problema dele é não aceitar isso e querer roubar o pai dos outros.

Binno não falou. Tentou se afastar, mas os dançarinos gordos não paravam de se servir.

Maxx estendeu a mão e pegou uma bolacha.

- Ouvi dizer que você entrou numa discussão com Judá hoje.

Binno meneou um sim.

Maxx bocejou. Como se aquilo fosse um tédio. Depois falou.

- O segredo para vencer uma discussão não é estar com a razão. Aliás, ter razão é apenas sorte. Um cara esperto não precisa de sorte. Precisa de lógica. Para vencer uma discussão você precisa simplesmente estar no controle. Quem fala muito perde o controle. Quem fala pouco, perde o controle. Quem grita, perde o controle. Quem murmura, perde o controle. – O cigano enfiou a bolacha inteira na boca. - Consegue me entender, micróbio? Uma discussão não é uma corrida. Você não precisa sair na frente, nem ter fôlego, nem nada disso, você só precisa manter o controle. Entende o que digo?

Binno achou estranho aquele assunto. E já sabia que precisava ter cuidado com Maxx. O primeiro-filho cigano voltou a falar, cheio de si.

- Existe apenas uma coisa que eu não entendo: porque sou o número dois? - Mastigava o biscoito de sementes enquanto falava – Por toda Origem! Por que a Aliança considerou você o maior gênio da lógica e me rebaixou para o segundo lugar? Isso é um absurdo.

- Se é tão inteligente, o que você teria dito? – Binno ficou curioso.

- Simples. Eu teria perguntado: de onde vem a máquina do tempo?

- Do povo de marte. – Disse Binno, entrando na conversa.

- Então, Binno. Você tinha nas mãos as armas que precisava. – Maxx pareceu empolgado com o que ia dizer. – Você só precisava dizer: marte é fora da terra. Então, a máquina do tempo é extraterrestre. Logo, os homens de marte são extraterrestres. A turma teria assoviado e você seria um herói.

- Mas, - Binno mordeu uma de suas bolachas. – seria só um jeito de distorcer as coisas. Afinal de contas, ele já tinha explicado que os marcianos são seres humanos que foram para lá e ficaram verdes. Não são originais de Marte.

- Não Binno. Não importa quem tem razão. Entenda: numa discussão você precisa só mostrar que tem o controle. A turma ainda estaria aplaudindo, Judá estaria dando explicações até agora, juntando os caquinhos de sua moral despedaçada.

- Não sei não. – Binno mastigava seu biscoito. - Tenho dúvidas.

- Tudo bem micróbio, você é quem sabe. - O primeiro-filho limpou os dentes de trás com os dedos. Depois, falou. – Fique com seu primeiro lugar no ranking da lógica. Mas duvido muito, muito mesmo, que tire o meu lugar de melhor dançarino de rave cigana. Este título você não tira. Ah, não tira.

Maxx continuou escorado na parede. Mas passou a dançar só mexendo o pescoço.

Binno riu.

- Agora vai trabalhar, garoto. – Maxx recobrou a postura. – Não pega bem para o primeiro-filho ficar ao lado de um serviçal.

Binno se afastou, intrigado com o comportamento de Maxx. O garoto observou Troy Judá que continuava sua cínica homenagem ao Doutor Ítalo Bella. No holograma, o Doutor sorria, encarando a todos na sala. Por um segundo, o garoto sentiu como se fossem os verdadeiros olhos castanhos, calmos e cheios de sabedoria que estavam ali.

Sentiu a paz que só aqueles olhos eram capazes de transmitir.

- *Vai ser bem mais difícil sem você.* – Pensou o garoto, enquanto continuava o trabalho - *Vou sentir saudades, Doutor Branco.*

# CAPÍTULO DEZESSETE
# Elixir do esclarecimento

Às vezes o destino se diverte contra você.

E quando o destino é seu adversário, você pensa: - *Vou desistir.*

Sua vontade é esquecer qualquer coisa.

Deitar e não levantar.

Dormir até o mundo acabar.

Desistir de tudo.

- *Ele falou informante*. – Sentado em seu quarto, Binno insistia em tentar entender tudo que aconteceu naquele dia. E a imagem de Xenon, em seu disfarce como velho jardineiro, não saía da cabeça. – *Ele perguntou se eu confiava no chanceler. Mas Miranda quase morreu, Milton Mind não seria tão cruel com sua filha. Não foi ele. Mas quem foi? Quem avisou Xenon que a trupe estava na Cidade das Palafitas?* – Binno deu um soco na mesa de estudos. – Eu desisto!

- Você desiste?

Binno olhou pra trás e viu a pessoa que mais gostaria de ver naquele momento. Seu tio, Orion Sirineu estava parado na porta do quarto, há sabe-se lá quanto tempo.

- Orion! Você voltou.

- Olá Binno. – O Doutor apontou seu somolho para todo o quarto. – Parece que você anda falando sozinho. E decidiu desistir?

- O que mais posso fazer? - Binno começou a guardar suas anotações em uma mochila. – Eu só queria descobrir como Xenon encontrou a gente na cidade das Palafitas. Mas, quem sou eu para descobrir alguma coisa?

- Bom, - Orion ainda investigava o quarto com seu somolho. – Madame Anay me contou que você e seu amigo têm uma teoria interessante sobre a

Música.

- Na verdade foi o Zac quem pensou nisso.

- Garoto com boa imaginação, esse Zac. Achei interessante essa teoria, assim como tantas outras que os Mestres da Aliança insistem em apresentar nas reuniões da Aliança.

- Naquele dia, Adamastor confirmou que a Música está guiando a marcha.

- Xenon, ou Adamastor como ele se disfarça atualmente, é ardiloso. Eu não acreditaria no que ele diz. Tudo o que vimos foi o mesmo exército de fanáticos que já conhecemos de outras batalhas.

- O chanceler acredita que o autor está escondido Falahcia. E que parece inocente como um menininha. – Binno insistiu.

- Sim. Eu soube. E ofereceu o peso em oro$ àquele que encontrar o autor. – Orion respirou fundo. – Dizem que o chanceler gosta mais de Zac que de seu próprio filho. Quem sabe foi por isso que levou essa teoria tão a sério.

Orion parou e se apoiou na parede do quarto. Ainda não estava completamente recuperado do veneno da adaga.

Binno se sentiu mal por encher seu tio com aquela história. Um Doutor devia ter problemas enormes para se preocupar.

- Desculpe.

- Não se desculpe. – Orion foi ríspido. – Se pretende se tornar um Graduado, precisa aprender a confiar em suas próprias ideias.

Aquele era o tipo de conversa que Binno sentia falta. Era como se os nós na cabeça do garoto ficassem mais fáceis de desatar depois de um papo com seu tio.

- Orion, há muito tempo ando tentando entender o que está acontecendo. Como Xenon está conseguindo fugir dos Clãs Dourados? Por que ele está tão forte?

- Ele nunca foi mais forte que nenhum dos Doutores. Ítalo jamais seria assassinado se as condições não fossem tão desiguais.

- E onde estavam os Mestres, os Soldados, todos?

- Nós fomos enganados. Um falso alerta foi emitido no Grande Oceano.

Todos da Aliança voltaram para lá. Mas Ítalo teve uma intuição muito forte. Ele sentiu que a Trupe corria risco e por isso abandonou seu Clã e veio atrás de

vocês.

- E você veio para protegê-lo?

Orion respirou com força. Ainda era difícil falar da morte de Ítalo. - Ele me protegeu durante toda minha vida, porque eu não faria o mesmo?

- Fico feliz que você tenha aparecido.

- É bom você aprender a se cuidar garoto, nem sempre vou cair do céu para te salvar.

Binno riu. E, voltou a pensar em voz alta.

- É como se eu estivesse tentando montar um quebra-cabeça. Mas, a cada peça que eu acho, mais peças faltam.

- Talvez, você já tenha quase todas as peças sobre a mesa. Esta é a hora mais difícil. É um momento confuso mesmo. Mas, depois que você encontra um jeito de encaixar as primeiras peças, tudo parece ficar mais claro. Talvez você só precise seguir em frente. E, todas as peças vão se encaixar com tanta perfeição que você irá pensar: é claro, como não pensei nisso antes.

- Do que você está falando, Orion?

- De montar um quebra-cabeças. Não é isso que você vai fazer agora?

Binno sorriu. O estranho senso de humor do tio sempre era divertido.

Orion tateou o colchão da cama. Depois, sentou.

- Orion, - Binno falou sem jeito. - aconteceu uma coisa durante o incêndio. Eu fiz um negócio com água e...

- Manipulação de hidrogênio. Você usa o hidrogênio do ar, condensa, mistura com oxigênio abundante e cria jatos d'água. – Disse Orion, displicentemente.

- É. – Binno ficou abobado. – Talvez tenha sido isso.

- É um talento Binno. Normalmente só os Mestres conseguem fazer isso.

Existem outros exemplos como a manipulação de energia...

- Já vi o Mestre Troy fazer isso. Pareciam raios saindo das mãos dele.

- Sim, ele é muito bom nesse negócio.

- E você tio, sabe manipular hidrogênio?

- Já fiz. – Orion se espreguiçou longamente. – Mas não tenho muita paciência.

- Mas não entendo. Como eu consegui fazer isso. Se é preciso estar em um estágio de um Mestre...

- Não me surpreende que seus talentos naturais tenham aflorado em um momento extremo. É a natureza do homem. Você tem em si ensinamentos de gerações e gerações... Sua mãe era muito boa nisso. Ela apagaria aquele incêndio com um estalo de dedos.

Binno não disse nada. – *Minha mãe?* – O garoto cresceu sozinho e às vezes esquecia que tinha tido uma mãe. Pensar que tinha herdado um talento Mestre dela era como ter recebido um tesouro como herança.

O sorriso de Binno brilhava enquanto ele imaginava se um dia seria talentoso como a Mestre Liége Sirineu, sua mãe. Depois de muito pensar, uma pergunta veio à mente do garoto.

- Já nomearam outro Doutor para o lugar de Ítalo Bella? – Binno perguntou, torcendo para que não fosse o Mestre Troy Judá.

- Não. – Orion estava desconfortável. Aquela cama era muito baixinha para ele. – O regimento da Aliança Maior não permite nomeações durante períodos de guerra. A chance de nomear a pessoa errada seria enorme. Até um traidor poderia ser incluído no círculo. As coisas não podem ser apressadas.

- Bom, vocês ainda são seis Doutores. Estamos protegidos.

- Quatro. – Orion falou seco.

- Quatro!!!! – Binno deixou sua mochila cair no chão.

Orion balançou a cabeça.

- Somos apenas quatro. Já faz algumas semanas, não tive a chance de te contar e não noticiamos. Aná Raw e Tol Ken foram emboscados no Grande Oceano. Não tiveram nenhuma chance. – Orion falou baixo, segurando a dor da perda de companheiros. – Não consigo entender o que houve. Foi como se tivessem sendo monitorados. Eu li os relatórios. Seus submarinos viajaram milhas em alta velocidade, realizaram manobras de ataque, mas houveram centenas de falhas técnicas. Nenhum equipamento funcionava. As máquinas pareciam estar lutando ao lado de Xenon. Foi terrível, junto com eles perdemos dezenas de Mestres. Agora somos apenas quatro Doutores.

Binno fez as contas

- Pela Origem, restam apenas Synara Vibbor, a minuciosa; Kounah Onícolo, o gigante; Drag Lobbo, o Doutor Sangue e você.

Orion repetiu as palavras da sacerdotisa. – “Vi a sorte nas mãos do inimigo”, Maya já tinha avisado que seria difícil.

Binno tomou um susto com a ideia que surgiu na sua cabeça.

- Xenon não está tentando derrotar a Aliança. – O garoto socou a mesa, irado.

– Ele quer destruir os Doutores assim ele acaba com a ordem da Grande Existência.

-Talvez. – Orion respondeu, sem entusiasmo.

Instantaneamente, Binno pensou no perigo que Orion corria. Pensou na dor de

Kira e entendeu o quanto é terrível perder aquele que é sua família, sua segurança, aquele que é tudo o que você tem, verdadeiramente.

- Você precisa fugir, se esconder. – Binno começou a falar rápido, sem controle. – Você precisa correr para longe da...

Outra vez, Orion limpou a garganta, fazendo Binno ficar quieto.

- É por isso que estou em Falahcia. Aqui estamos seguros. Quando dizem que só os ciganos podem encontrar este lugar, você deve acreditar.

A cabeça do garoto dava voltas.

- Agora nós é que somos fugitivos? Não é justo.

- É óbvio que não. – Ainda sentado, Orion se ajeitou. A cama se estalou como se estivesse prestes a quebrar. – Somos quatro Doutores. Quem foge é ele. Qualquer Doutor esmagaria Xenon em uma luta justa. Ele é apenas um bandido que sabe se esconder. Os outros Doutores estão à caça dele. Será pego, não pode se esconder para sempre.

Binno sentou outra vez em sua cadeira, ouvindo seu tio. Orion continuou.

- Por precaução, não podemos expor todos os Doutores ao mesmo tempo.

Então, pediram que eu me refugiasse aqui. Eu queria estar na guerra, óbvio. Mas ainda estou doente. E fui voto vencido.

Binno escondeu um sorriso. Estava feliz por ter sido Orion o Doutor escolhido para ficar fora da guerra.

De repente, a cama de Binno estalou ainda mais forte. Orion era pesado demais pra ela.

A cama quebrou e o gigante não teve tempo de levantar, caiu de bunda no chão.

Binno puxou os próprios cabelos.

- Minha cama!

Desajeitado, o gigante lamentou a quebra do móvel com um som parecido com um rugido.

Neste exato instante, Kira e madame Anay entraram correndo no quarto.

- Orioooooon.

Elas passaram por Binno e correram para abraçar o gigante caído. – Cabluft. – Agora eram três terminando de quebrar a cama do garoto.

Com uma voz que era quase um choro, Binno tentou ser otimista.

- Tudo bem, eu ainda tenho o travesseir... – Antes mesmo de Binno terminar de falar, Kira já estava batendo com o travesseiro na cabeça de Orion.

- Seu brutamonte, isso é para aprender a nunca mais fugir sem me dar tchau.

- Plufff! – De repente, o travesseiro de Binno virou uma nuvem de penas. E todos estavam dando risada.

Binno ria por educação. Na verdade, estava tentando imaginar como ia fazer para dormir à noite.

Os amigos colocaram a conversa em dia. Madame Anay estava mais maluca que nunca, falando sobre suas últimas descobertas no Saber Espacial e Orion demonstrou que apesar de tudo estava com um ótimo humor. Binno ficou muito feliz de ver Kira Bella começando a se recuperar.

Estranhamente, ela evitava falar diretamente com Binno. E o garoto se perguntou com quem ela andou conversando durante esse tempo. Alguém numa situação tão triste precisa de outro alguém para conversar.

- *Bom, seja quem for esse confidente de Kira, fico feliz que esteja ajudando ela a sorrir outra vez.* – Pensou enquanto observava a amiga contar, cheia de empolgação sobre uma nova manobra que estava desenvolvendo nos patins.

Agradeceu à Origem por Kira estar bem e isso era o que importava.

Madame Anay contou que ainda tinha um compromisso naquela manhã, iria palestrar para um grupo de cientistas iniciantes de Falahcia. E convidou a todos para ir até a palestra. Orion avisou que precisava descansar.

Mas, Kira e Binno não tiveram escolha. Foram gentilmente intimados a comparecer.

E foram.

Quando encontraram a tal sala dos cientistas iniciantes, os dois fizeram a mesma expressão de decepção.

Um grupo de criancinhas muito pequeninas, algumas ainda mal caminhavam, outras recém chegadas à idade escolar, estavam reunidas em um círculo amplo. Era como se estivessem brincando de roda. A sala era cheia de diferentes brinquedos infantis. Assim que avistou os visitantes, madame Anay ergueu os braços:

- Então aí estão vocês, meus ajudantes.

- Ajudantes? - Binno e Kira trocaram o mesmo olhar de dúvida.

- Na verdade, hoje viemos só assistir. – Disse Kira, já encrespando a voz.

- Assistir? – Madame Anay não escondeu a decepção. – Mas eles são só crianças.

- Não são quaisquer crianças. São cientistas iniciantes. – Binno rebateu, já vermelho de vergonha.

As crianças soltaram risadinhas que deixaram Kira com mais raiva e Binno com mais vergonha.

- Mas preciso de ajuda aqui, geniozinho. Tome, segure isso para mim.

Contrariado, Binno foi até a frente da turminha e pegou um dos tubos de ensaio que madame Anay alcançou.

Ela explicou.

- Eu e o doce Amadeus estivemos muito ocupados em um lindo projeto. E ainda temos a imensidão pela frente. Por isso, não tive tempo de preparar nada para o nosso encontro de hoje. Mas, tenho certeza que o famoso Binno OXZ irá improvisar algo incrível. – Ela sorriu para Binno, que arregalava os olhos em pânico. - Vamos geniozinho, mostre para eles como você domina os elementos compostos.

- Mas, eu... – Binno tentou argumentar, mas recebeu um pesado olhar da inventora.

Sem jeito, ele derrubou o conteúdo de seu tubo de ensaio sobre uma panela de vidro. Madame Anay aplaudiu cheia de euforia, logo depois empurrou uma bandeja com tubos de ensaio coloridos até Binno.

A instrutora de Saber Espacial começou a falar sobre reações nervosas e sentimentos químicos.

O garoto não prestou a mínima atenção às palavras de madame Anay, só se esforçava para não explodir aquele jardim de infância inteiro.

Madame Anay falava e os cientistas iniciantes ouviam. Aliás, nem todos.

Um menininho miúdo, hiperativo, sem os dentes da frente, interrompia a instrutora em cada oportunidade.

Binno tremia.

Não tinha a menor ideia do que estava prestes a fazer. Inseguro, pensava muito antes de derrubar cada tubo de ensaio na grande panela.

Pegou nas mãos um tubo de ensaio vermelho. Mas não sabia se poderia usar. Olhou para Kira, pedindo ajuda. Mas a garota continuou sentada no meio das criancinhas, achando graça do amigo trapalhão.

Foi quando uma menininha chamou a atenção de Binno.

A menininha tinha lindos cabelos crespos e negros. E sua pele não era alaranjada como a pele de uma cigana. Pelo contrário, sua pele era muito branca. Fofinha como uma boneca de pano, tinha o rosto redondo e olhos azuis. Tão azuis que lembravam a água do Grande Oceano.

Ela balançou a cabeça, dizendo um não.

Binno entendeu que ela estava dizendo para não misturar o líquido azul daquele tubo de ensaio.

O garoto obedeceu.

Binno pegou outro tubo, um laranja.

A menininha com olhos d’água fez não, outra vez.

Binno pegou vários tubos ao mesmo tempo e mostrou para ela.

Ela apontou para um líquido cor-de-rosa gosmento que estava em uma jarra, sobre a mesa.

Binno agradeceu. Pegou a jarra cor-de-rosa e derramou sobre seu preparado científico.

Uma pequena bolha começou a se formar na panela. Binno deu dois passos para trás.

Madame Anay estava distraída com as perguntas do menino hiperativo, mas parou para observar o preparado de Binno.

Ela fez uma cara de medo. E também deu vários passos para trás.

A bolha ia ficando maior.

As criancinhas já estavam apavoradas.

Então a bolha estourou.

Madame Anay deu um pulo. De susto.

Do estouro da bolha, saiu apenas vento.

Nada aconteceu. O pouco líquido que evaporou da panela se concentrou no ar e formou um ponto de exclamação.

!

Todos ficaram intrigados com aquilo.

Então, madame Anay não escondeu a euforia, começou a aplaudir efusivamente.

- Geniozinho, geniozinho... – Ela aplaudia e falava ao mesmo tempo. – Você é mesmo incrível. Acaba de preparar um Elixir do Esclarecimento. Fabuloso!

Os cientistas iniciantes também aplaudiam, todos em pé.

Binno se curvou, agradecendo os aplausos.

Sorrindo, aplaudiu também, olhando para a menina com olhos d’água.

Os aplausos eram para ela.

- Quem bebe deste elixir fica com as ideias desenroladas. Simplesmente, tudo fica mais claro de entender. É como se ele organizasse a química de nosso cérebro. Realmente incrível, geniozinho. Muito obrigado por esta demonstração de técnica e talento. – Madame Anay derramou o líquido da panela de vidro em uma garrafa. Fechou e entregou para Binno. – Leve esta iguaria para você. É ótima, mas dá muita dor de barriga. E agora vá se sentar.

Binno pegou sua garrafa e obedeceu.

Sentou ao lado de Kira e dali assistiu ao restante da palestra. E ali ouviram explicações singelas, sobre as mais diversas questões. O relacionamento complicado entre o Grande Oceano e o Grande Céu. O comportamento dos abutres-de-três-asas que caçam nas cidades de cabeça pra baixo. Porque o sol não queima os tecidos ciganos. Como funciona uma cidade flutuante. Como Falahcia faz para fugir até outro lugar no Grande Céu. Enfim, coisas que qualquer jovem cientista deve saber.

Já satisfeitos com tantas explicações. Kira e Binno estavam ansiosos para voltar a perambular pelo castelo. Então, Binno olhou para a menininha com os olhos d’água.

- Sabe que horas essa aula acaba? – Binno cochichou para a menina de olhos d’água que estava ao lado de Kira

Tímida, ela não respondeu.

Desviou o olhar e permaneceu em silêncio.

Então o menininho hiperativo, sem os dentes da frente, explicou num cochicho.

- Ela nunca fala com ninguém. Acho que ela ainda não aprendeu. A menina de crespos negros continuava em silêncio, evitando o olhar de qualquer um.

- Certo. Tudo bem. – Kira se intrometeu nos cochichos. – A gente pode sair agora, não tem problema.

Kira se levantou lentamente, tentando não atrapalhar uma explicação sobre as lendas de Falahcia.

Binno agradeceu ao menininho desdentado, e foi atrás da amiga.

Antes de saírem ainda ouviram uma pergunta do menininho desdentado.

- Se o Cavaleiro Sem Corpo encontrar um Rei Morto, quem vence? E como eles lutam se nenhum deles tem corpo?

Madame Anay não disfarçou a irritação.

- Como vou saber, Alvinho? De uma vez por todas, porque você não fecha a boca?

- É que eu to com a porteira aberta. – Ele apontou para os dentes faltando, na frente da boca. – Aí, as palavras fogem por aqui.

Irritada Madame Anay se aproximou do fedelho.

- Alunos queridos. Agora vou ensinar uma técnica muito útil nas batalhas do dia a dia. – Ela convidou o Alvinho a levantar. O menino ficou de pé, todo risonho.

A instrutora falou do modo mais calmo que conseguiu.

- O que vão aprender agora se chama técnica de nanar inimigo. Fiquem atentos.

A instrutora deu dois cutucões simultâneos nos dois lados do pescoço de Alvinho. A seguir, executou uma série de toques no peito, axilas e cabeça. O menino nem tentou esboçar uma única reação. Simplesmente, caiu no sono.

A turminha aplaudiu eufórica.

Madame Anay ajeitou Alvinho em sua cadeira. E nada fez o menino acordar.

Todos continuavam às palmas. A instrutora agradeceu com uma reverência. Kira e Binno aproveitaram a algazarra para sair.

Já na saída, Binno reparou que a única pessoa que não estava rindo era a menina de crespos negros e olhos d’água. Ela continuava com o olhar perdido em uma grande janela. Como se algo lá fora a preocupasse.

Definitivamente, a menina com olhos de água não pertencia àquele lugar.

# CAPÍTULO DEZOITO.
# Rave com espinhas

Vick olhava para os braços tatuados de Zac, de boca aberta. O adolescente colocou as mãos atrás da cabeça e bocejou longamente, cheio da moral.

Todo o resto da turma bocejava. Virar a madrugada sem sair da sala de aula acaba com a energia de qualquer um. Mas, de acordo com o Mestre Troy Judá, os conteúdos estavam muito atrasados e algum sacrifício não faria mal.

Aguardavam o próximo instrutor chegar.

Zac era o único cheio de energia, fazendo imitações abobadas e tentando acordar o grupo.

Binno virou a viseira para trás. Depois balançou a cadeira de Zac. – Agora senta aí, antes que a Vick comece a babar no chão.

A garota ficou enfurecida.

- Ahhhh! – Seus cabelos viraram vermelho-fogo em segundos. – E você, anda babando o corredor da morte. Já que sua musa-inspiradora foi condenada a guilhotina, não é?

Kira se intrometeu:

- Guilhotina? Só porque falou num esporte idiota?

- Em Falahcia não existe presídio. Se você é condenado, é decapitado. – Vick tinha certo prazer na voz.

As duas garotas trocaram o habitual olhar elétrico, muito próximo de um curto-circuito.

Zac olhou para Binno. Binno nem se deu ao trabalho de dizer nada. Mas a mensagem era clara: - *Eu vou tirar a Cybele de lá.*

O adolescente entendeu a mensagem e demonstrou toda sua preocupação.

- Melhor tirar essa ideia da cabeça.

Binno falou baixo só para Zac ouvir.

- Não é uma ideia. É uma decisão.

O instrutor Amadeus finalmente entrou pela sala.

Usando um smoking vermelho longuíssimo, que se estendia como um vestido de noiva. A pele, o cabelo e os olhos vermelhos não camuflavam a empolgação do instrutor que entrou sorrindo como um menino que ganha um brinquedo.

Chegou ao seu lugar e batucou sobre a mesa.

Ninguém soube o que fazer.

Todos trocaram olhares curiosos.

Louco, Amadeus Hotred subiu sobre a mesa dos professores e começou um tipo de batuque com as mãos.

- Vamos lá. Ninguém aqui tem ritmo.

Inseguros, alguns alunos passaram a acompanhar o professor.

- Tum. Tum. Plaft. Tum. Tum. Plaft.

- Quem não acompanhar, perde pontos pra Prova Maior. – Disse o instrutor, agora sapateando no mesmo ritmo, sobre a mesa.

Kira começou a acompanhar. Irritada, mas com um ótimo ritmo.

Binno tentava, mas não conseguia acertar as palmas.

- Ei, clone, capricha aí. – Disse Hotred, apontando para Binno. – você está estragando a melodia, mais devagar.

- Não sou um clone. – Binno ficou de pé.

- Tudo bem. – Amadeus ignorou a fúria do garoto. – Está estragando a melodia mesmo assim. – Amadeus pulou da mesa e fez um sinal para que os alunos seguissem seus passos.

Todos saíram batucando, numa fila indiana.

Pelos corredores, caminhavam fazendo música com as mãos.

Desajeitado e cheio de mau humor, Binno desistiu de acompanhar as palmas.

Então, o grupo chegou a um salão onde muitas pessoas estavam diante de um cartaz enorme.

A turma parou de bater palmas e ficou atônita diante do cartaz brilhante.

- É isso aí pessoal. – Amadeus mostrou o cartaz, cheio de orgulho. - A rave cigana acontecerá hoje à noite.

Os alunos aplaudiram ainda mais forte. A euforia era quase completa. Somente Kira e Binno não comemoraram.

- Isso é um absurdo. – Kira falou com alto.

Com um sinal, Amadeus fez a turma silenciar. Depois olhou para garota de cabelos lilases.

- Este é o evento mais esperado do ano, porque esse protesto, mocinha? Foi Binno quem respondeu.

- Por que estamos de luto, em guerra, diante de um conflito... Será que não está claro?

- Sim, garoto-que-não-é-um-clone, está claro como os olhos de uma nýstica. – Disse Hotred.

Kira mordia o piercing do lábio, controlando sua raiva. - Só acho que o momento não merece uma comemoração.

- Porque estamos com dificuldades? – Amadeus abriu seu sorriso vermelho. – Só evoluímos com dificuldades, Kira Bella. Uma pulga só é capaz de pular centenas de vezes o seu tamanho, porque milhares de gerações evoluíram essa capacidade diante do risco eminente da extinção. A vida só é extraordinária porque é revolucionária. Estamos vivos e isso merece, sim, uma comemoração.

Amadeus Hotred baixou a cabeça e fez um silêncio teatral.

Depois, falou muito baixo.

- Uma vez um homem me disse uma coisa: “Não é só porque o mundo está acabando que você não vai cumprir com as suas obrigações. Tudo está sempre acabando e começando. E você tem uma parte nisso, apenas cumpra sua parte.” – Amadeus Hotred abriu bem seus olhos vermelhos e encarou os amigos. – Conseguem imaginar quem disse isso?

Nenhum dos dois respondeu.

Mas tanto Binno quanto Kira sabiam. Aquele era um conhecido

pensamento de Ítalo Bella.

Ítalo sempre incentivou que a vida continuasse, houvesse a dificuldade que fosse.

E esta era uma chance de mostrar que haviam aprendido com o Doutor Branco.

- Agora todos prestem a atenção, - Hotred falou outra vez com seu modo entusiasmado. – É dia de festa. E é obrigação de todo jovem que está em Falahcia se divertir muito esta noite. Viva à maravilha de evoluir.

Kira e Binno sorriram, entusiasmados com as palavras de Amadeus Hotred.

- Então, vam'bora. – Kira se empolgou e deu um soco no ombro de Binno. Aquela seria uma noite de comemorações.

Curiosamente, a porta do quarto de Binno já estava entreaberta.

Mas, o garoto não se preocupou, estava empolgado e curioso demais com a festa que começaria em algumas horas.

Sobre a cama, encontrou um pote redondo.

Ao lado do pote, um bilhete dizia: - *Geniozinho. Deixo um presente para que esta noite seja um estouro.*

Era um creme muito cheiroso. Creme para o rosto, como dizia a embalagem.

Binno ficou empolgado com o presente de Madame Anay e louco para experimentar. Por isso, foi logo para o banho.

O garoto caminhava feliz com a sensação de frescor no rosto, usando suas roupas mais legais e o mesmo Adidas surrado de sempre.

Correu empolgado.

A festa já estava começando.

Setas brilhantes indicavam o caminho a seguir.

Quanto mais caminhava, maior era o número de garotos e garotas que seguiam as setas.

As setas brilhantes indicaram uma grande porta iluminada com neon azul.

Ali era rave.

Quando Binno finalmente chegou do outro lado da porta, a surpresa não poderia ter sido maior.

Não havia música nem luzes. Somente milhares de Estações de Virtualização espalhadas em um grande saguão cafona.

Binno demorou para acreditar. Esses sujeitos do Grande Céu são muito mais nerds do que dava para imaginar. A famosa rave cigana era uma festa virtual!

- Fico maluco com festas conectadas. – Wilson passou por Binno, cheio de empolgação e mau cheiro. Sentou em uma Estação e se conectou.

As pessoas chegavam aos montes.

Binno apenas seguiu o fluxo.

Escolheu uma das estações de virtualização e se posicionou.

- *Pela Origem! Há quanto tempo eu não me conectava.*

O garoto olhou aquela multidão bem arrumada, perfumada e feliz, prontos para uma incrível experiência online.

Então pelo reflexo do braço cromado de sua Estação, Binno viu uma enorme espinha em sua sobrancelha.

- Eu não acredito nisso. – Binno colocou a mão levemente sobre a espinha. E ploft. A espinha estourou, espalhando o líquido branco em seu dedão. – Aaaaargh. Que nojo!

Amadeus Hotred e Madame Anay chegaram juntos.

A inventora viu espinha de Binno e também fez uma cara de nojo.

Depois, disfarçando, falou:

- Boa festa, geniozinho.

- É. Tomara. Pra vocês também.

Binno limpou o dedo na calça. Plugou seus conectores auriculares. Vestiu seus visores e começou a enxergar luzes confusas. Em segundos estaria no site da rave. Mesmo assim, quis agradecer madame Anay.

- Muito obrigado pelo creme Anay.

- Que creme?

- Aquele que você me deu de presente. – Binno já estava quase conectado. Começava a ver pessoas dançando em frente a pequenina Anay.

- Eu não dei nenhum creme de presente para você.

- Claro que deu. É muito cheiroso. Eu espalhei no rosto todo.

- Não Binno. Eu não dei presente nenhum para você. – Madame Anay se mostrou muito preocupada.

Binno sentiu uma leve ardência em suas terminações nervosas. Estava se conectando.

Outro universo invadiu sua mente.

Não via mais nenhuma estação de virtualização.

Não via mais Madame Anay.

Não via mais um saguão cafona.

Estava conectado.

Estava na rave cigana.

Um site com cores alucinantes frequentado por gente de todo tipo.

Um grupo de dançarinos de pele vermelha se balançava como doidos, numa coreografia estranha de se ver.

Duas mulheres redondas e grandes batiam suas barrigas uma contra a outra, de modo repetitivo e engraçado.

E a música.

A música repetia sons agudos e estimulantes. Era impossível não balançar a cabeça enquanto se ouvia aquilo.

Uma garota de olhos e lábios lilases andava com um grande leque nas mãos, ela passou por Binno e olhou fundo nos olhos do garoto.

Ele ficou um pouco constrangido, mas gostou de ter sido notado por uma menina tão bonita.

- Amei a produção. – Disse ela, sem tirar os olhos de Binno.

Agora sim o garoto ficou sem jeito. Simplesmente, ele era a pessoa mais normal da festa. Todos usavam figurinos extravagantes. Binno apenas estava

com roupas de esporte.

O site era do tipo onde você vê perfeitamente a roupa e os traços de quem está conectado.

E assim era o lugar onde a rave acontecia. Quem se distraísse, esqueceria que está na internet.

A garota de olhos lilases seguiu seu caminho, mas ainda deu uma olhadinha para trás antes de sumir na multidão.

Fascinado com a festa, Binno nem se importou quando sentiu o rosto coçar. Então, lembrou do creme que ganhou de presente. E se perguntou: - *Se não foi Anay, quem mais me daria este presente?*

Distraiu-se com o espetáculo colorido da festa e observou um grupo que pulava em uma pista elástica, numa espécie de concurso de salto em altura.

A coceira no rosto aumentou.

Pensou outra vez no creme.

- *Só pode ser alguém que gosta de mim, ou...* – Coçava o rosto com as duas mãos. - *... Alguém queria me sacanear.*

- *Quem seria? Quem me chamaria de geniozinho?* – Então, um nome saltou na garganta de Binno. - Maxx! – O rosto do garoto parou de coçar e começou a doer em vários pontos. – Pela Origem, o que está acontecendo? – Correu no meio de dançarinos molengas e parou em frente a uma coluna espelhada.

Binno não reconheceu a própria face.

Dezenas, talvez centenas, de espinhas inchadas e nojentas, pipocavam em seu rosto.

- Eu vou matar o Maxx. – Falou bravo, socando o espelho.

Duas pessoas apareceram no reflexo. Uma baixinha de cabelos quase lilases. A outra de moicano prateado e dez olhos amarelos se aproximou. Eram duas versão bizarras distorcida pelo espelho quebrado.

Binno se virou.

Era Zac quem se aproximava. E sua companhia se escondeu em meio a multidão, claramente não querendo ser vista.

Binno ignorou àquilo. Quase agrediu o amigo com uma pergunta.

- Onde está o Maxx?

- Pela Origem – Zac vestia uma camiseta com milhares de lâmpadas coloridas. – Você sabe mesmo receber um amigo, hein?

- Onde está o Maxx? Fala logo.

- Bug! Foi o primeiro-filho que fez isso com a tua cara? Vai matar ele?

Binno encarou o rapaz com raiva. Mais uma espinha estourou na sua cara.

- Deve estar no camarote lá em cima. – Zac apontou pro outro lado da pista elástica. – É lá que ficam os maiorais. Não vou acompanhar você neste assassinato porque tenho um encontro secreto agora. Mas te desejo sorte.

- Encontro secreto?

- Na hora certa você será informado.

Por algum motivo Binno se lembrou de uma pergunta antiga. – Quem será o informante de Xenon? – Mas não era hora para pensar naquilo. Queria, e ia, encontrar Maxx.

Virou e seguiu em direção ao camarote, sem se despedir de Zac.

Caminhou enfurecido em meio às pessoas que pulavam na pista elástica.

Carrancudo, Binno pulava sem querer, fazendo cara de ranzinza para qualquer um que olhasse para ele.

Sem jeito, tropeçando, caindo e pulando involuntariamente, conseguiu atravessar a pista elástica.

Um grupo de três meninas começou a rir. Binno encarou as garotas, com raiva. Assustadas, elas fizeram silêncio na hora. Binno achou que tinha conquistado respeito. Mas, uma espinha estourou na cara do garoto, como uma pipoca de pus.

As três gritaram ao mesmo tempo: - Aaargh.

Binno ficou ainda mais furioso.

Elas saíram correndo.

Agora, o garoto-cara-de-espinha-explosiva tentava encontrar o tal camarote.

Viu uma marquise, onde garçons engomados serviam outros ciganos mais engomados ainda.

Em poucos segundos, Binno já tinha subido as escadas e estava na entrada do camarote.

Um segurança impediu sua entrada.

Mesmo assim, Binno conseguiu ver o grupo de grã-finos dançando quase parados. Foi neste momento que o garoto viu uma cena que fez suas pernas tremerem.

Binno deu um passo para trás.

Outras espinhas-pipocas estouraram na sua cara.

O segurança soltou o garoto, com nojo.

Binno ainda não acreditava no que estava vendo.

Viu Maxx, dançando abraçado em uma garota. Os dois dançavam como namorados. Tinham as mãos apertadas uma na outra.

Carinhoso, Maxx serviu uma bebida para a garota.

Ela estava feliz, dançava sorridente.

Em todas as direções, exibia um brilho autêntico no seu olhar castanho.

Mesmo envolvida com a dança, a namorada de Maxx percebeu que estava sendo observada.

Ela olhou.

Olhou para o segurança.

Olhou para escada.

Olhou para o penetra cheio de espinhas que tentava invadir o camarote.

A namorada de Maxx desmanchou o sorriso.

Ela encarou Binno e quis sumir.

Foi como se tivesse sido descoberta. Como se fingisse ser outra pessoa. Mas, agora olhava os olhos de alguém que sabia muito bem quem era.

Ela era Kira Bella.

Kira soltou a mão de Maxx.

Binno entendeu. Sua melhor amiga estava namorando o sujeito mais detestável de Falahcia.

De repente, tudo fazia sentido.

A atitude distante. Os longos passeios pelos corredores do castelo. O jeito como às vezes sorria sozinha. A ausência da amiga que antes era tão presente.

O garoto correu escada abaixo.

Kira foi atrás de Binno.

Maxx foi atrás de Kira.

- Espera. – Do meio da escada, ela gritou.

- Esperar por quê? – Binno parou já no último degrau.

- Está bravo porque eu não te contei. Desculpa.

- Desculpa? – Binno limpou a sujeira de uma espinha de sua sobrancelha. – Está brincando comigo? Ele é o sujeito mais idiota da Grande Existência.

Maxx estava parado atrás de Kira.

- Por que odeia tanto o Maxx. O que ele fez para você?

- O que ele fez? – Binno berrava com raiva. – Me fez parecer um idiota desde o primeiro dia em Falahcia.

- Ele também salvou sua vida, no viveiro de cocatrixes.

- Ah sim. Uau. Nossa, que belo ato de generosidade. – Binno prestou uma reverência. – Obrigado alteza, agora sou seu servo. Pode encher a minha cara de espinhas, à vontade.

- Foi você quem fez isso na cara dele? – Kira virou brava com o primeiro-filho.

Maxx não respondeu. Apenas se esforçou para segurar uma grande risada.

Depois, olhou para Binno.

- Calma, micróbio. - Maxx pareceu sem jeito – Você é o maioral da lógica, não é? Devia saber que as pessoas vão ter inveja de você. Eu, por exemplo, sou muito bom em expor minha inveja.

Kira continuava olhando brava para Maxx.

- Tudo bem. – O primeiro-filho começou a subir as escadas. - Vocês realmente não gostam de piadas, não é? Esse creme reage ao seu humor. É só

ficar calmo que passa.

- Calmo? – Uma espinha estourou na orelha de Binno. – To me segurando para não pular no seu pescoço.

Maxx não olhou para trás.

- Se quiserem se divertir, estarei lá em cima.

- Binno. Vamos conversar. – Kira chegou perto do amigo. – Eu sei que devia ter contado para você antes, mas não tive tempo. Além do mais, vocês precisam se conhecer.

- Não teve tempo? – Binno deu uma risada sarcástica. – Claro que não teve tempo, tinha que ficar patinando com ele. E esquece esse papo de conhecer o Maxx. – O garoto apontou para o próprio rosto. – Eu já conheço esse cara mais que gostaria.

- Por que está dizendo isso? – Kira quase chorava.

- Por quê? – Binno não media as palavras. – A humilhação do pijama, o jeito como ele me persegue, me acusa de roubar, e agora esse creme, não são motivos suficientes?

- Mas, ele não fez por mal, tudo deve ter uma explicação...

Binno não ouviu mais a amiga. Virou e saiu caminhando entre a multidão.

- Conhecer Maxx melhor. – Falava sozinho. – De onde ela tirou essa ideia?

Caminhando rápido, outra vez deu de cara com as três meninas risonhas. Elas pararam de frente para Binno e arregalaram grandes os olhos.

Três espinhas estouraram ao mesmo tempo. No nariz, no queixo, na testa.

- Aaaargh! – Fizeram cara de nojo.

O garoto desistiu.

A festa tinha acabado para ele.

Executou o gesto simples para sair do site.

Fechou os olhos e desconectou.

Outra vez, estava off-line.

Binno tirou a camiseta e usou para limpar o rosto.

Enfurecido, saiu do salão cafona.

Caminhou pelos corredores, reclamando e xingando qualquer um que passasse na sua frente.

Aprofundou-se nos corredores escuros do Castelo Cigano.

Entrou em corredores tão escuros que mal enxergava onde pisava.

A raiva era tanta que nem pensou nas luzes. Só xingava todo mundo em seus pensamentos.

Quando entrou em um dos corredores que dava acesso aos quartos, quase atropelou um cartaz que flutuava à sua frente.

Feito num papel marrom e flutuando como um fantasma, o cartaz era velho.

Com pressa, o garoto quis empurrar o cartaz para o lado.

Mas o cartaz desviou de seu braço e outra vez se posicionou em frente ao seu rosto.

O cartaz não ia desistir.

Impaciente, Binno resolveu ler a tal mensagem.

Binno reconheceu o artefato. Era um cartaz proibido.

O cartaz dizia algo que Binno não podia ignorar de jeito nenhum.

*MEGA DESAFIO DE SUMÓXE*

*Barqueiro X Hélice Humana*

*Ao amanhecer, na Arena Nublada.*

- Ao amanhecer. – Binno leu em voz alta. Com a camiseta na mão, limpou o suor da testa, enquanto pensava no tinha acabado de ler. – Faltam só algumas horas!

Então, o cartaz começou a se esfarelar. Rapidamente, virou uma nuvem de pó. E como um sopro, voou pra longe.

Binno já sabia. Um cartaz proibido só aparece para alguém que está

sozinho. Se outro alguém se aproxima, ele se esfarela e some.

Na parede do corredor havia um espelho, com molduras cravejadas em joias. Pelo espelho, Binno viu um vulto se mover rápido em sua direção. Um calafrio assustou o garoto e seu coração disparou.

Os corredores estavam escuros e desertos.

O castelo dos Reis Mortos estava vazio.

No reflexo do espelho, o garoto viu o vulto flutuando em sua direção.

Estava mais perto.

Mais perto.

Muito.

Perto.

Binno não teve coragem de olhar para trás.

# CAPÍTULO DEZENOVE
# Sob olhos de gato

Uma porta.

Ágil, Binno abriu a primeira porta que encontrou.

Estava dentro de um quarto. Viu um colete cravejado em joias, dependurado em uma cadeira.

Viu uma grande gravura com o símbolo da realeza cigana, emoldurada por pedras preciosas.

Livros de lógica estavam pelo chão.

Na parede, um porta-retratos mostrava Miranda ao lado de seu irmão, o primeiro-filho era presenteado por alguma autoridade cigana.

Aquele era o quarto de Maxx.

A maçaneta girou.

Alguém estava do lado de fora da porta.

Binno rolou para baixo da cama.

O vulto entrou no quarto.

Um leve capuz negro escondia o rosto e os cabelos do ladrão.

Binno observou pés usando botas pretas.

As botas se moveram com agilidade. Por toda a extensão do quarto. Silencioso, o vulto permanecia se movendo pelo quarto.

Uma grossa corrente de ouro caiu no chão.

O vulto estava roubando.

- Ladrão Delicado! – Binno deixou escapar um sussurro.

As botas pararam de se mover.

- *Será que ele me ouviu?* – pensou o garoto debaixo da cama.

As botas se viraram.

O ladrão estava se abaixando.

Ia ver Binno.

O coração do garoto disparou.

O ladrão se abaixou.

Sem olhar para baixo da cama, o ladrão usou seus dedos finos para recolher a corrente de ouro.

Rápido, o Ladrão Delicado saiu do quarto.

Binno rolou debaixo da cama.

Outra vez de pé, ficou de queixo caído com o que viu.

Molduras, enfeites, casacos, tudo tinha sido “limpo”.

Nenhuma pedra restava no quarto.

Um bilhete sobre a cama dizia.

- *Amigo, não sei quem é você. Mas sei que uso luvas. E suas digitais estão espalhadas no quarto. Tomara que seu advogado seja bom.*

- Minhas digitais! - O garoto olhou para a ponta dos dedos, não acreditando que estava prestes a ser preso por roubo. – Ah! Isso não vai ficar assim.

Abriu a porta com força.

No lado de fora do corredor estava Kira Bella.

Os dois se assustaram um com o outro.

Binno deu passo para trás. Kira deu um pulo.

- Bug! – A garota colocou a mão no coração. – O castelo escuro desse jeito e você aparece assim?

- O que faz aqui? – O garoto olhou para os lados, procurando o Ladrão Delicado.

- Achou que eu ia deixar você sozinho, depois de sair daquele jeito? – Kira curvou as sobrancelhas, cheia de dúvidas. – O que está havendo?

- Eu vi o Ladrão Delicado. – Binno passou a mão na moldura do espelho do

corredor. Não havia mais nenhuma pedra preciosa ali.

- Mentira! – Kira arregalou o amendoado dos olhos.

Binno encarou Kira.

- Seu batom está borrado?

- Sério? – Envergonhada, Kira começou a limpar a boca.

Binno abriu um sorriso. - Te peguei.

Kira empurrou de leve o ombro de Binno. – Abobado!

Outra porta no corredor se abriu e Binno puxou a garota para dentro do quarto.

O Ladrão Delicado saiu pela outra porta, com o rosto escondido no capuz negro.

Usando uma capa longa e muito leve, o fora-da-lei era baixinho e encorpado.

Com certeza, o homem de cavanhaque azul não caberia naquela capa.

- *Então, quem é?*

Binno decidiu.

- Eu não vou para cadeia por esse ladrão.

Kira mordeu o piercing, com dúvidas. Binno explicou enquanto se rastejava para o corredor.

- Ele roubou Maxx. Usando luvas. – Binno falava baixo e se movia com cuidado no chão escuro. – Agora eu vou ser acusado de roubo. Têm digitais minhas em todo o quarto. Vou seguir esse cara, calmamente, e descobrir onde ele...

Kira segurou Binno.

- Eu acabei de sair daquele quarto. – A garota fechou a cara. –Também tem digitais minhas lá.

Ela nem esperou Binno responder. Indignada. Gritou para o vulto que já estava quase no fim do corredor. – Ei, idiota. Fica aí! Quero acertar uma conta com você.

O ladrão olhou rapidamente para trás. E começou a correr com uma

agilidade incomum.

Binno reclamou. - Viu o que você fez?

- Eu ainda não fiz nada. – Kira se abaixou e ligou seus patins. As botas da garotas sopraram um jato de ar e instantaneamente, estavam flutuando. Ela se equilibrou, fez uma cara brava e falou. – Deixa esse cara comigo.

A garota partiu em perseguição ao Ladrão Delicado. Em segundos, já estava metros à frente.

Binno tentou correr atrás da amiga.

Seria impossível acompanhar Kira sobre patins. Mais impossível era acreditar que o bandido conseguia se afastar cada vez mais, em um labirinto de corredores escuros.

O ladrão parecia um velocista.

Mas, Kira não desistia.

Binno desistiu.

Com as mãos nos joelhos, pensava.

O ladrão já estava longe.

Kira também já tinha deixado Binno muito para trás.

Mesmo sem ar, Binno não podia deixar Kira sozinha atrás de um criminoso.

Respirava pela a boca, tentando encher os pulmões.

Ainda segurando os joelhos sentiu algo macio roçar em seu pé.

- *Que isso!* - Num susto, percebeu que era um animal.

Estava realmente escuro naquela parte do corredor, mas o pelo macio e os olhos brilhantes não deixaram dúvidas. Era um gato!

Silencioso, o gato cruzou por entre as canelas de Binno e entrou numa fenda na parede.

- *Onde esse bicho está se metendo?*

A fenda era fina e tinha a altura de Binno.

O garoto espiou e teve quase certeza que era um atalho.

Binno imaginou: se o ladrão continuasse nos corredores mais escuros, aquele atalho iria fazer o garoto chegar muito antes ao outro lado do castelo.

- Vam’bora! – Binno disse para si mesmo, entrando no caminho obscuro.

A passagem era finíssima. Alguém com um pouquinho mais de barriga não entraria naquele atalho de jeito nenhum.

Com dificuldade, Binno se arranhou muito, mas passou pela fenda.

Estava em um túnel apertado, escuro e mal cheiroso.

Depois de poucos passos, teve vontade de voltar.

Olhou para trás, não viu a saída.

Simplesmente a fenda havia sumido.

Na sua frente, outra vez Binno viu os olhos brilhantes do gato.

- *Tomara que você realmente esteja me levando para um atalho.*

O gato cinza lançou um olhar desafiador. Virou-se para frente e seguiu pela penumbra do túnel, como se quisesse ser seguido.

O espaço era mínimo. Binno precisou se abaixar para continuar por ali. Seguiu o atalho.

O chão estava úmido e escorregadio.

Binno sentiu como se estivesse num encanamento de esgoto, ou algo assim.

Estranhamente, não se sentia sozinho. Sentia que estava sendo observado. Outros canos estavam ligados àquele túnel. Em cada um destes canos, olhos brilhantes observavam o garoto.

- Pelo jeito, tem muitos gatinhos aqui. – Binno falou com o animal que continuava “guiando” o caminho.

O gato nem se deu ao trabalho de olhar para trás. Apenas balançava seu rabo ereto e sinuoso.

Binno escorregou no chão úmido. Se apoiou na parede metálica do túnel molhado. Teve a nítida impressão que os gatos escondidos nos canos tinham dado risada de seu escorregão.

O garoto tentou achar os donos das risadas. Mas tudo o que viu foi o brilho de pupilas finas: olhos de gato.

Uma pequena luz surgiu ao longe.

Finalmente, Binno ia chegar ao fim daquele atalho.

Era lá embaixo.

O lugar era tão escorregadio que bastaria um tropeço para o garoto deslizar por toda a extensão do túnel até a luz da saída.

Em buracos escuros, os olhos brilhantes continuavam a observar.

Mas, ao invés de seguir em direção à saída, o “gato-guia” tomou outro caminho.

Ao invés de se dirigir à saída, subiu em uma escadaria pequenina e enferrujada.

Binno nem olhou para o gato. O garoto estava com pressa para sair dali.

Mas, o animal tinha outros planos.

O gato parou.

Observou com a calma de um monge.

Depois miou longamente.

Só agora Binno percebeu que ainda não tinha ouvido um único miado. Todos aqueles gatos em suas janelas escuras, simplesmente não miavam.

O único a miar era o animal que continuava ali parado.

Binno encarou o gato, com dúvidas.

- *O que esse bicho quer?*

O gato-guia miou muito alto, num agudo anormal.

Binno sabia que tinha que sair logo daquele esgoto.

Sabia que Kira precisava dele.

Mas, sua intuição quase berrava: - *Siga o gato.*

Sem saber ao certo porque fazia isso, o garoto seguiu o bicho.

O gato subiu as escadas.

Eram degraus de ferro enferrujado. Cada degrau rangia como se pudesse se partir a qualquer instante. Certamente, há gerações que ninguém usava aquela escada.

No último degrau, havia uma porta de ferro. Como se fosse a porta de cofre milenar, velha, enferrujada. Mas, ainda assim, imponente e forte.

O gato aguardava Binno.

Binno subiu os degraus. Empurrou a porta de ferro. Era muito pesada. Mas, estava aberta. Como se esperasse por aquela visita.

O garoto espiou para o lado de dentro.

O que havia lá era realmente inesperado, mesmo para a fabulosa Falahcia.

O gato entrou.

A luz era tão intensa que Binno precisou proteger os olhos com o braço. Quando finalmente se costumou com todo aquele brilho, achou que tivesse invadido um cofre de banco ou algo assim. Naquela sala, estava a maior riqueza que seria possível imaginar.

Era uma montanha de tesouro!!!

Um amontoado de pedras preciosas, ouro, prata, rubis e diamantes.

Aos seus pés, medalhões dourados. Correntes de prata se confundindo com o cadarço desamarrado. Diamantes, rolando pelo chão, como uma sujeira a ser varrida

De boca aberta, Binno observou o gato cinza no alto daquele monte absurdo de joias.

- Miaaau! – Brevemente, o gato avisou que ainda não tinha acabado.

Outra vez, o animal queria ser seguido. Subiu mais alguns metros e saltou sobre uma espécie de caixão de vidro.

Sim. No alto da montanha de joias havia um caixão de vidro. E dentro do caixão havia alguém.

O garoto se aproximou e não acreditou no que viu. Era o corpo de seu melhor amigo.

- Pela Origem!

De cabelos loiros cacheados, vestindo uma camisa de Shockey e um sorriso estranho no rosto, o melhor amigo de Binno OXZ estava rígido como uma estátua.

- Gabriah. – Binno arregalou os olhos, surpreendido.

Binno olhou à sua volta. Tudo que havia eram montanhas de ouro, o caixão de vidro com o corpo de Gabriah e o gato cinza.

Gabriah, por algum motivo, estava junto àquele lugar cheio de pedras preciosas, guardado como se fosse uma relíquia.

- Parabéns, Binno OXZ. – Uma voz estridente falou às costas do garoto. – Você encontrou o corpo de Gabriah Obé.

- Quem disse isso? – Binno procurou o dono da voz.

Então, três criaturas estranhas entraram pela porta. Caminhando com os braços e pernas no chão, se moveram rápido pela sala.

Em um segundo já estavam em frente ao caixão de Gabriah.

- Foi eu quem falou. – Uma das criaturas ficou de pé.

Era um velho usando um grande casaco peludo, aberto de modo a mostrar seu peito forte. Ele tinha sobrancelhas peludas. E sua cara era achatada como a cara de um gato persa. Mas, ainda mais arrepiantes eram os olhos negros, com pupilas de gato.

- E quem é você?

Outras duas criaturas ficaram em pé, ao lado do homem. Um jovem de longos cabelos negros e uma garota loira. Os dois também tinham olhos de gato, negros e com pupilas alongadas.

O velho não estava sozinho.

- Você invade nossa casa e pergunta quem somos nós? – Disse a garota, de modo agressivo. – Como encontrou a fenda? Ela não é visível para quem não é de nosso povo.

Foi a vez do rapaz de cabelos longos se manifestar. Ele fez um sinal com a cabeça e o gato cinza saltou em seus braços.

- Acho que o forasteiro não teve culpa. Foi um acidente. – O rapaz de cabelos longos passou a mão sobre o gato. – Acredito que tenha sido o Tupi quem guiou ele até aqui.

A garota encarou o gato com raiva.

- Tupi. – Binno tentou parecer tranquilo. – Então esse é o nome dele?

- Sim. É o nome dele. - O velho de cara achatada não tirava os olhos de Binno. - Se realmente foi o Tupi quem guiou você até aqui, acredito que irá embora sem resistência, não é Binno OXZ?

- Como sabe o meu nome?

- Sei muito mais que seu nome. – O homem alisava seu bigode, orgulhoso.

- E quem são vocês? – Binno observou o caixão de vidro onde Gabriah estava. Um gás azul circulava o caixão. A pele do garoto estava muito mais branca que o normal. Gabriah parecia estranhamente gelado.

- Acho que você já sabe mais que deveria. É hora de ir embora – O homem debruçou-se no chão. E, como um gato selvagem, se aproximou de Binno.

- Tudo bem, - Binno caminhava para trás. – Eu vou embora. Só preciso levar o Gabriah comigo.

- Sabemos que ele é seu amigo. – A garota de cabelos loiros também começou a caminhar como um gato. – Sabemos de sua busca. Mas, um dos nossos pediu que protegêssemos esse caixão, assim como protegemos nosso tesouro. Então, não espere compaixão, caso decida nos enfrentar.

- Quem pediu isso? Um de vocês? – Binno ainda caminhava para trás. – Quem são vocês? E como Gabriah veio parar aqui?

Tupi pulou para o chão, como se fugisse de problemas.

- Seu amigo não está aqui. – O rapaz colocou as mãos no chão e passou a engatinhar em direção a Binno. Seus cabelos taparam o rosto. – Apenas o corpo dele está sob nossos cuidados. E assim irá continuar.

- Eu não posso deixar vocês ficarem com ele. – Binno continuava caminhando para trás, se afastando dos três humanos-gatos.

O garoto já estava próximo da porta e não tinha percebido. Se pisasse em falso, rolaria escada abaixo. Percebendo isso, os três humanos-gatos ameaçaram saltar em direção a Binno. Por puro reflexo, o garoto deu um grande passo para trás.

Pisou em falso.

Desequilibrado, Binno tentou se agarrar nas bordas da porta.

Os três humanos-gatos ficaram outra vez em pé.

Encararam Binno com seus olhos de gato e balançaram a cabeça.

- É incrível como vocês são desajeitados. – A garota loira lambeu os lábios, como um gato que está satisfeito.

Velha e enferrujada, a borda da porta cedeu.

Quebrou.

Binno perdeu o equilíbrio outra vez.

Caiu.

Bateu a cabeça e continuou caindo escada abaixo.

Todo o corpo era machucado enquanto sentia a queda vertiginosa não ter fim.

Quando finalmente chegou ao último degrau da escada, Binno se estatelou no chão úmido daquele túnel.

Binno era um tapete estendido no esgoto.

- Pela Origem, não acredito que estou vivo. – Binno tentava levantar, com dores nos dois braços e pernas. Notou outra vez as janelas escuras cheias de olhos brilhantes. E agora sabia por que não miavam. Não eram gatos que observavam o garoto, eram criaturas como aquelas três que estavam guardando o caixão de Gabriah. Milhares daqueles olhos encaravam o garoto, que agora tentava ficar pé.

Uma leve luz iluminou uma das janelas. O rosto de dois menininhos-gato foi iluminado. Os dois se divertiam com a dor de Binno.

- Bug! - Binno ficou de pé e sentiu as costelas estalarem.

Observou o longo túnel escorregadio. Lá na frente, uma pequena luz mostrava a saída. Quando olhou outra vez para a escada, viu a humana-gata loira saltando com a mesma voracidade de um leopardo.

Com um tapa, a garota levantou uma das pernas de Binno.

Ele bateu com as costas no chão e deslizou túnel abaixo.

Vertigem.

- Obrigada pela visita. E não volte mais. – Outra vez, a loira lambia a própria mão.

Binno continuava escorregando como se estivesse em um tobogã sujo e malcheiroso. Cada vez mais rápido, Binno seguia o sinuoso caminho do túnel.

Uma curva fechada.

Uma curva dupla em S.

Um looping.

- Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!!!

O túnel seguia seu terrível percurso.

As costas de Binno OXZ já queimavam quando a fonte de luz aumentou à sua frente.

A saída.

O alívio.

Binno bateu com a cabeça em um parafuso.

E enquanto pensava se ainda teria tempo de ajudar Kira, o túnel de esgoto cuspiu o garoto para fora. - Vupt!

O garoto rolou no chão como um saco de lixo orgânico.

Tudo estava embaçado.

Tudo girava.

Lentamente, começou a entender o mundo à sua volta.

Estava outra vez nos corredores do castelo.

Dolorosamente, tentou levantar.

Zonzo, viu um sujeito rápido, vestindo uma capa negra vindo em sua direção.

- O ladrão!

Milagrosamente, estava exatamente em frente ao Ladrão Delicado.

Ele corria com uma velocidade descomunal em direção ao garoto.

Binno não teve medo, abriu os braços e fez uma cara feia.

O choque ia ser terrível.

O mascarado estava a poucos metros.

Poucos centímetros.

O homem se deitou no chão passou por entre as pernas de Binno.

- Uau! – A manobra do ladrão foi incrível.

Binno olhou para trás e viu o sujeito levantar agilmente, sacudindo sua capa negra.

Binno olhou para frente.

Viu Kira Bella patinando como uma louca.

Poucos metros.

Poucos centímetros.

Capluft.

Binno foi atropelado.

Kira bateu de cara no garoto intrometido.

Os dois rolaram como uma só carcaça de carro acidentado.

Pluft.

Plaft.

Baing.

Binno parou no chão, estatelado e com os braços abertos.

Kira estava parecendo um ‘L’ com os pés escorados na parede e as costas no chão.

- Aaaaaaarrrghhh! – A garota urrava de raiva. – Eu estava quase pegando aquele infeliz.

Binno não sentia mais os ossos do corpo. Tudo era uma única dor. Continuou atirado no chão.

- Por onde você andou? – Disse Kira, sem se mover.

- Eu peguei um atalho.

- Atalho? Enlouqueceu? – Kira mexeu a cabeça, e os ossos do pescoço estalaram. – Eu já passei umas três vezes só neste corredor. Esse cara não cansa.

- Eu encontrei o corpo de Gabriah. – Disse ele, se controlando para não berrar de dor.

- Gabriah. – Ela quase sorriu.

Os dois trocara um olhar de silêncio e alegria.

- Isso ta ficando ainda mais estranho. – As pernas de Kira caíram no chão. Ela teve dificuldade para ficar em pé com os patins ainda ligados. – Muito estranho.

- Como assim?

- O ladrão deixou cair isso. – Kira já estava de pé. Jogou um pequeno caderninho sobre o peito de Binno, que continuava esticado no chão.

Binno pegou a caderneta, sentindo dor em todos seus dedos.

Olhou página a página.

Viu anotações com palavras como Hefesto Xenon, IA rebelado, música infectada e caixão de conservação para o corpo de Gabriah Obé. Em uma das páginas, viu um desenho perfeito do caixão de vidro com “gases de conservação”, pelo menos era assim que estava escrito numa anotação de rodapé.

Binno enrugou a testa para olhar para Kira, que agora estava de pé atrás do garoto. - Parece que o ladrão estava trabalhando em uma máquina para conservação de corpos.

Binno sentou no chão. Folheou outra vez o caderninho, impressionado com tudo o que estava escrito.

- Sim. E parece que foi feito para o Gabriah. – Binno dobrou um dos joelhos, a perna toda estalou. – Temos que pegar esse cara.

- Eu vi onde ele entrou. – Disse ela, oferecendo a mão para ajudar Binno a levantar. - Ele pulou aquela janela. É a sala onde fica o Altar D’além. Ali estão os livros e todas as fontes de estudo do chanceler. Devem ter uns cem guardas no lado de fora da porta. Esse ladrão não sabia onde estava entrando. Se for esperto vai esperar a gente sair e pular de volta pela janela. Porque, pela porta da frente, é impossível escapar.

A janela era minúscula. E alta. Difícil até mesmo para alguém pequeno.

- Então encurralamos o sujeito?

- Pode apostar. – Kira mordeu o piercing do lábio. – Dali ele não escapa.

Kira e Binno ficaram olhando para a janela.

Dentro daquela sala estava a resposta para todos os acontecimentos daquela noite. O povo-gato, o corpo de Gabriah, o caixão de conservação, o tesouro...

Dentro daquela sala estava o verdadeiro Ladrão Delicado.

Dentro daquela sala estavam as respostas.

# CAPÍTULO VINTE
# O Ladrão Delicado

Era preciso pular a janela.

Binno foi o primeiro.

Quando passou pela janela, o garoto não imaginou que estava prestes a cair outro tombo.

Caplaft!

Os pés pisaram em falso sobre uma cadeira trêmula e o garoto caiu de bunda. - Chega! Eu não quero mais brincar disso. – O garoto quase chorava, passando uma das mãos na coluna dolorosa.

- Psssssssit, quieto. – Kira cochichou, já pulando para dentro da sala.

Era um espaço amplo, que lembrava uma grande biblioteca. Altíssimas estantes, repletas de livros e conectores auriculares saindo das estantes. Olharam e entenderam. Bastava conectar-se às estantes para acessar o conteúdo dos livros. Aquela biblioteca era um jeito de manter material sigiloso longe dos perigos de computadores e internet.

No meio da sala estava o Altar D`Além. Num ponto mais alto. No centro de um círculo de estantes e livros.

Toda a biblioteca parecia planejada para proteger aquele único instrumento: o Altar D’além.

O famoso Altar D’além, um mecanismo onde o chanceler podia ouvir os conselhos dos Reis Mortos.

Binno caminhou até o altar. Imaginou o chanceler vestindo aquele capacete plugado ao site onde estava as consciências dos Reis Mortos de Falahcia.

O capacete era largo e, olhando debaixo, era possível notar, uma finíssima agulha. – Aaaaai! – Binno imaginou a dor daquela agulha furando seu crânio.

Kira estava na frente de Binno e também percebeu a agulha dentro do capacete.

- Pela Origem! É por isso que Maxx não quer ser chanceler.

- É. Quem ia quer furar a própria... – Binno não conseguiu terminar a frase.

- Ploft.

Sentiu uma dor horrível na cabeça. Tinha sido atacado por alguém.

Na hora, ficou tonto. Mesmo assim, virou para a direção de onde havia sido atacado.

Viu uma beldade de pele bronzeada, cabelos negros e olhos pretos. Este anjo segurava uma cadeira nas mãos.

Era Cybele Síria.

A garota tomou um susto. Só agora viu que tinha batido em Binno. Ela soltou a cadeira no chão, absorta com a própria atitude.

O garoto quis falar. Mas tudo ficou escuro. Desmaiou.

Quando acordou, sentiu uma dor horrível na cabeça. Ainda de olhos fechados, ouviu vozes cochichando.

- Por toda Origem, como eu ia saber que eram vocês? Pensei que fossem ladrões.

- Tomara que ele acorde antes que chegue um guarda. – Era Kira quem falava agora. – Mas você tem certeza que não viu o Ladrão Delicado entrar pela janela?

- É claro que não vi. Eu estava preparando as próximas aulas, estava concentrada nos livros e...

- Mas Cybele, você não estava presa. Disseram que você ia para a guilhotina. - Estou presa. Mas estou preparando algumas tarefas para os meus alunos.

- Humm... – Kira pareceu não acreditar.

- Esta é minha prisão. Eu não me importaria de ir para a guilhotina se tivesse que ficar sendo vigiada por guardas para sempre. – A voz de Cybele ficou brava e séria. – Mas o maldito chanceler está fazendo seu jogo político. Ele

não vai querer que a prometida de seu filho seja condenada. Odeio tudo isso.

- Não devia brincar com sua vida deste jeito. – Avisou Kira

- Olha quem falando. – Cybele aumentou levemente o tom da voz. - Quem vocês pensam que são para tentar pegar o Ladrão Delicado sozinhos. Olha só o que aconteceu.

Ainda de olhos fechados, Binno sentiu as mãos de Cybele em seu rosto.

- Afinal de contas, - Cybele afagou os cabelos de Binno. – Porque queriam tanto pegar o Ladrão Delicado.

Binno achou que era hora de levantar.

Mexeu-se e se arrependeu. A cabeça e as costas voltaram a doer.

- Temos um bom motivo para querer falar com este ladrão. – Ele começou a mexer em seus bolsos, tentando encontrar a caderneta.

- Não vai dizer que perdeu. – Kira falou furiosa.

Cybele sentou-se sobre a escrivaninha. Cruzou as pernas confortavelmente.

- Por acaso estão procurando isso?

Ela balançou a caderneta nas mãos.

- Como? – Binno ajeitava os bolsos sem acreditar.

- Vocês acham que o Ladrão Delicado vai ter a resposta para isso tudo?

- Se é a caderneta dele, - Kira arrancou a caderneta das mãos de Cybele. - Claro que vai.

Cybele voltou a sentar na cadeira. Descontraída, passou a folhear alguns livros.

- Acho que não estão sendo inteligentes. Se este sujeito é um ladrão, deve ter simplesmente roubado isso de alguém.

- Já pensei nisso. – Kira olhava desconfiada para Cybele. - Ele rouba pedras preciosas. E esse caderninho não deve ter valor nenhum.

- Claro que tem valor, - Cybele tirou os olhos dos livros e encarou Kira. – Pra vocês, por exemplo, é mais valioso que ouro.

Kira e Cybele continuavam seu jogo de frases confusas enquanto Binno observou por baixo da escrivaninha.

As botas de Cybele eram negras como as viu por debaixo da cama quando se escondia e estranhamente parecidas com as botas de Kira. – *Patins?* – Claro, Cybele era a mais ágil atacante dos Salmões Palacianos. Com certeza ela seria uma das poucas pessoas capazes de patinar mais rápido que Kira.

- Porque você rouba o chanceler? – O garoto falou em tom de acusação.

Kira ficou surpresa com a atitude de Binno.

Cybele apenas sorriu.

Binno continuou. – Não tem o menor sentido, você poderia casar com Maxx e ser dona de tudo isso, se é assim tão gananciosa.

- Não faço isso por mim. – A garota ficou outra vez de pé, e começou a caminhar com uma leveza incomum. – Ela encarou Binno. Chegou muito perto e falou. – Faço isso para ajudar meu povo. – Cybele piscou e, de um instante para outro, suas bela pupilas pretas se tornaram alongadas pupilas de gato. Ela lambeu os lábios, orgulhosa de suas feições. Fechou e abriu os olhos outra vez. Novamente tinha pupilas normais.

- Você é uma humana-gata? – Binno deu dois grandes passos para trás.

- Este nome foi você quem inventou? – Cybele riu. – Meu povo se chama felíndios. Sou miscigenada. Meu pai era um felíndio. Minha mãe era uma cigana. Por isso o Milton Mind quer que eu case com seu filho. O chanceler está com medo de uma reação dos felíndios, nosso povo está organizado, está preparado para reagir.

- Reagir? – Binno deu um passo lento, demonstrando calma.

Kira ouvia atenta.

- Meu povo sustenta os ciganos há gerações – Com um salto, Cybele sentou-se à mesa. E agora, aquela fabulosa agilidade fazia todo sentido. Ela tinha sangue felíndio! - Sofremos por milhares de motivos, nós construímos Falahcia, nós cuidamos para a cidade nunca ser descoberta, nós trabalhamos sempre e nunca fomos recompensados. Deveríamos ser donos de Falahcia e não sermos tratados como escravos. Mas essa não é uma guerra de vocês, não ocupem suas mentes com isso. Apenas acreditem, não faço isso por riqueza, faço pela honra de meu povo.

- Tudo bem. Vamos ao que interessa. - Kira abriu a caderneta na página onde havia o desenho do caixão de conservação de corpos. – Cybele você fez essa máquina?

Num movimento ágil, Cybele tirou a caderneta das mãos de Kira sem que a garota pudesse reagir.

- Isso já estava escrito quando eu roubei isso. – Outra vez Cybele lambeu os lábios, já sem precisar esconder sua origem felíndia. – Isso não tem valor para mim. Mas eu não poderia deixar o garoto morrer. Então, fiz o que achei certo. Levei o caixão para nossa casa e cuidamos dele.

- Está brincando com a gente? – Kira tomou a caderneta das mãos de Cybele. – Quer que a gente acredite que teve pena de Gabriah. Porque não contou pro chanceler, pra Aliança, pra qualquer um?

- Esconder o garoto era a coisa mais lógica a fazer. – Os olhos de Cybele tomaram outra vez a forma de olhos de gato e encararam Kira. – Eu estava roubando o Cascudóptero. Estava procurando por pedras preciosas e encontrei o caixão com o menino dentro. Junto do caixão estava esta caderneta cheia de anotações.

- Você não podia deixar o corpo de Gabriah lá. E se contasse que estava lá iam descobrir que você era o Ladrão Delicado. – Binno sentou ao lado de Cybele. – Mas se não queria ser presa, porque contou para todos sobre sumóxe?

- Maxximus desconfiava de mim. – Os olhos de Cybele se tornaram humanos outra vez. – Se tivessem prova de meus roubos, todo meu povo seria expulso. Mas quando falei do sumóxe, fui posta sob custódia dos guardas. Os roubos continuaram. Por isso, não podem mais provar nada contra mim.

- Você sabia que o chanceler daria um jeito de perdoar essa bobagem de falar de sumóxe. Mas jamais perdoaria roubo. – Binno falou baixo.

- Exatamente. E eles jamais acusariam alguém que estava preso.

- Mas e aquele cara da barbicha azul que você falou? – Kira perguntou para Binno e sentou do outro lado de Cybele.

Agora, os três estavam sentados lado a lado, sobre mesa.

- Mitus Fake, o androide. Os ciganos sabiam ele era inocente. – Binno olhava para os próprios joelhos. – Acho que Maxx tem outro motivo para prender ele.

- Duvido que a Aliança saiba que o corpo de Gabriah foi roubado. – Kira balançava os pés, comparando suas botas com as de Cybele.

Binno pulou da mesa. Ficou em pé.

- Claro que não sabe. – O garoto parecia ter entendido tudo. – Orion teria me contado se soubesse. Quem roubou o corpo de Gabriah está contra a Aliança. Aposto que é um infiltrado de Xenon.

- O informante. – Kira arregalou os olhos amendoados.

- Claro! Estamos falando de alguém que pode andar dentro do Palácio da Aliança Maior e colocar o caixão às escondidas no Cascudóptero. Eu não sei porquê. Mas, foi o traidor que tirou o corpo de Gabriah do Grande Oceano. O que Hefesto quer com o corpo de Gabriah?

Kira largou a caderneta sobre a mesa.

Binno pegou e começou outra vez a ler. A procura de algum detalhe que pudesse ajudar.

Cybele pulou no chão e andou alguns metros com as mãos no chão. Depois pegou um livro na estante e mostrou um desenho idêntico ao desenho da caderneta. - A máquina já estava desenhada. Um grande gênio já tinha deixado tudo planejado. E o traidor apenas produziu o que este gênio criou.

- De que gênio você está falando? – Kira quase gritou.

Cybele sorriu com malícia e mostrou o nome logo abaixo do desenho no livro. O mesmo que inventou as libélulas explosivas e tantas outras coisinhas.

- Engenheiro Luccas. – Binno ergueu as sobrancelhas.

- Ah – Kira socou a própria mão. – Foi demais quando madame Anay jogou esse aí no triturador de lixo. Lembra Binno?

Binno confirmou com um movimento de cabeça.

Cybele fechou o livro e mostrou a capa. O título do livro era fácil de ler: INTELIGÊNCIA ENGUIA – O dono dessa caderneta tem acesso com acesso a esta biblioteca planejou tudo isso.

- O informante é alguém que tenha a confiança do chanceler e que tenha viajado no Cascudóptero. As opções são poucas. – Kira pensava em voz alta.

- Zac. – Binno quase gritou.

- Zac? - Kira estava incrédula. – Não acredito.

- Então acredite nisso. – O garoto mostrou a página da caderneta onde estava escrito: “Era de já Eraz”. – Ele tem esse vício de trocar o S pelo Z.

Kira respirou fundo. Com muita raiva do aprendiz de bardo. – Não acredito

que ele foi capaz.

Binno fechou a caderneta. Precisava continuar pensando.

- Não temos como ter certeza. Mas se foi mesmo o Zac, ele apenas fabricou a máquina inventada pelos rebeldes. Porque os rebeldes perderiam tempo criando esta máquina?

Cybele guardou o livro. – É uma máquina para manter vivo um corpo sem alma. Qualquer corpo.

- Mas eu vi Gabriah dentro dela. – Binno olhava os outros livros, esperando que a sorte mostrasse uma resposta. – Lembra quando viemos do Grande Oceano para cá. O Polvotrom não esmagou a gente porque não quis. E agora eu entendi porque. O corpo de Gabriah estava no compartimento de carga.

- Bug! – Kira também começou a procurar algo nos livros. – Nem me lembra deste ataque. Escapamos por muito pouco.

- O que vocês estão procurando? – Cybele sentou no chão, displicentemente.

Kira abriu um livro cheio de corpos dissecados. - Aaaargh. - Fechou o livro rapidinho. – O Binno teve uma alucinação.

- Foi um sonho. – Retrucou o garoto, se empoleirando nas estantes para pegar um livro grande no ponto mais alto.

- Isso, isso. – Kira se encantou com um livro sobre flores assassinas e começou a folhear lentamente. – O Binno teve um sonho que repetia um milhão de vezes uma coisa que Xenon falou para ele quando era um jardineiro.

- Xenon era jardineiro? – Cybele se espreguiçava.

- Era um disfarce. – Binno já estava quase conseguindo pegar o livro grande.

- Bom, - Kira guardou o livro das flores e abriu outro, com imagens de lutas entre homens, mulheres e criaturas estranhas. – O que estou tentando dizer é que Xenon falou para ele procurar um cara. E Binno nunca achou nada sobre este cara. Só um cartaz que se esfarela.

- Um cartaz proibido. – Binno abriu o livro enorme e tomou um susto com a imagem de um cocatrix.

- Sim. Um cartaz proibido. – O livro de Kira espirrava sangue em cada página. - Então, estamos procurando algo sobre este cara nesta biblioteca que é

meio secreta e tal.

Finalmente, Cybele ficou em pé. – E tiveram a ideia de procurar nos livros ao mesmo tempo? Isso sim que é amizade sintonizada. Digam logo quem é esse cara.

- O barqueiro. – Binno e Kira falaram ao mesmo tempo.

- O barqueiro que vocês procuram é o lutador de sumóxe?

Kira e Binno deixaram seus livros caírem no chão.

- Exatamente.

- Pela Origem! Porque querem falar com ele?

Antes de responder, Binno respirou fundo:

- Xenon disse que ele pode ajudar a trazer Gabriah de volta. Agora eu sei que alguém íntimo do chanceler está ajudando Xenon a trazer Gabriah. Ou seja, Xenon tem o mesmo objetivo que nós. A gente precisa ser mais rápido que ele.

- Além disso, tem aquilo que a sacerdotisa nýstica falou: "*Vi um clone ser a última esperança.*"

- Então, vocês acham que o clone Gabriah vai salvar a Aliança? E para trazer esse Gabriah de volta tudo o que vocês precisam é encontrar o mega famoso lutador de sumóxe conhecido como barqueiro? – Cybele tinha um sorriso estranho no rosto.

- É, - Kira ficou sem graça. – você resumiu bem.

- Eu vi um cartaz anunciando uma luta para o amanhecer. Mas não sei onde fica a tal arena. – Binno se escorou em uma estante e vários livros caíram do outro lado.

- Bom, a instrutora de Saber Físico vai levar vocês para uma aula presencial. – Cybele vestiu sua capa negra e escondeu o rosto. Outra vez, estava vestida como o Ladrão Delicado. E pronta para voltar ao crime.

A janela da biblioteca não tinha como ser aberta por dentro. Mas a garota saiu por uma fresta fina demais para um ser humano comum.

Já do lado de fora, abriu a janela para Binno e Kira também saírem.

Sorrateira, Cybele se movia pelas sombras do castelo, quase invisível.

Kira e Binno fizeram o possível para também passar despercebidos.

A garota de cabelos lilases não estava satisfeita com o plano.

- Não seria melhor a gente avisar alguém que vamos sair da Falahcia. Na última vez foi horrível.

- Bom, - Cybele quase desapareceu em uma sombra. – Sugere que a gente avise quem exatamente?

- Não sei. Talvez o chefe da segurança cigana.

- Quer avisar Maxximus Mind? – A voz doce veio de outra sombra. A garota nem tinha notado a felíndia se mover – Ele jamais vai permitir que eu saia por aí. Sou uma prisioneira, lembra?

Binno deixou a voz sair alta demais. – Não vai deixar seu namoradinho estragar tudo, não é Kira.

- Não é isso. – Kira se exaltou. – É perigoso, só estou preocupada.

O grupo continuava andando do jeito mais sorrateiro que podia, evitando corredores iluminados e usando as sombras para se esconder de guardas.

- Tem certeza que quer fazer isso? - Cybele estava numa sombra muito a frente de Binno. Mas ela revelou seu rosto em uma pequena luz só para encarar Kira. – Talvez queira ficar aqui na companhia do primeiro-filho.

Binno também encarou Kira.

Kira evitou olhar para o amigo.

- Não importa. – Binno aumentou o tom da voz. – Eu vou achar o Barqueiro. E tem que ser hoje.

Kira parou.

- O que foi? – Binno ainda estava virado para Kira. – Vai mesmo fugir?

- Não é isso idiota. – Kira apontou para trás de Binno. – Um guarda cigano, mais gordinho que um guarda normal, apontava sua espada cravejada em joias para a cabeça do garoto.

- O que fazem nesta área? Vocês não têm permissão para...

- Eu fico com isso. – Cybele passou entre Binno e o guarda. E a espada sumiu da mão do cigano.

A garota se escondeu na sombra e o gordinho não teve dúvidas.

Gritou.

- Ladrões! Ladrões!

Por trás do gordinho, viram Cybele fugir corredor afora.

Kira ligou seus patins e passou como um raio ao lado do guarda.

O cigano pulou sobre Binno. Mas o garoto foi ágil e escorregou por baixo das pernas do soldado.

Correndo rápido, Binno olhou para trás e viu que agora o gordinho não estava sozinho.

A multidão de guardas empunhava suas espadas atrás de Binno.

Quando finalmente saiu do corredor escuro, Binno se viu em um grande terraço, cheio de estranhas motos sem rodas.

A luz do sol era absurdamente forte. E os olhos de Binno levaram alguns segundos para se acostumar.

Estava no terraço do castelo. E precisava pensar num jeito de fechar aquela porta.

Os soldados ciganos gritavam cheios de fúria.

Atropelando uns aos outros, lembravam uma manada de rinocerontes.

Binno procurou um lugar para fugir. Mas ali só havia as motos, a plataforma e o céu.

Como fechar a porta? Eram duas abas enormes e pesadas, não daria tempo para fechar aquilo. Além do mais, como ia segurar a porta com todos aqueles guardas empurrando do outro lado?

Os soldados estavam quase saindo do corredor. A manada se aproximava.

Poucos metros e...

As portas se fecharam.

Bum.

Bum.

Kira estava atrás de uma das portas.

Cybele estava atrás da outras.

As duas estavam descalças.

Elas ligaram seus patins com propulsores a ar e deixaram que eles segurassem a porta.

- Eu preciso de um par destes também. - Binno ficou abobado com a força impressionante dos patins. Enquanto Kira e Cybele passavam por ele, descalças.

- A gente também vai precisar de patins novos.

Cybele foi até uma das flutueiras, mexeu levemente no cadeado. Pegou um grampo em um de seus bolsos. Em um segundo, o cadeado estava aberto.

- Você é uma excelente ladra. – Binno se espantou.

- Vou me ofender. – A felíndia passou a língua nos lábios e pulou sobre a moto.

De costas, Cybele falou alto. – Alguém aí sabe pilotar?

Kira e Binno pararam. Nenhum dos dois ia se arriscar pilotando aqueles troços.

- A flutueira só tem dois lugares. – Binno avisou.

- Acho que estou sobrando mesmo. – A garota não disfarçou a tristeza. – Ache o barqueiro e traga Gabriah de volta, tudo bem?

- E eles? – Binno apontou para a porta sendo sacudida com os chutes dos guardas ciganos.

- Vou dizer que vocês são ladrões e eu fui roubada. – Kira riu sem jeito. - Agora vai.

Montada na moto, Cybele olhou para trás.

- Ei garoto, não temos muito tempo. – A felíndia sorriu, como se estivesse adorando aquela perseguição. – Além do mais, você prometeu me libertar depois da rave, não foi? Essa é sua chance.

Binno pulou sobre a moto, na carona de Cybele que não perdeu tempo e acelerou para os céus.

Lá de cima, Binno observou Kira distante e pensou: talvez aquela distância já fosse muito maior, há muito tempo.

Os guardas arrombaram a porta e Kira levantou o braço, deixando-se se pega.

A flutueira subia mais e mais.

A viagem seguiu num longo tempo de silêncio.

Então, Cybele resolveu falar.

- Você vai ficar ainda mais surpreso quando descobrir quem é o barqueiro.

- Você sabe quem ele é? – A moto viajava com a velocidade incrível entre as nuvens. Por isso, Binno precisava berrar para ser ouvido.

- Todo fã de sumóxe sabe quem ele é.

- Quero entrar logo nesta arena. – Binno não conseguia disfarçar a ansiedade.

Cybele fez um longo silêncio. Depois voltou a falar.

- Eu não vou entrar Binno. Nunca entrei e nunca vou entrar.

Binno não entendeu.

- Como assim? Você não sabe tudo de sumóxe.

- Gosto de esporte, acompanho como posso. Mas nunca entrei numa arena. E acho que você devia pensar bem se quer mesmo entrar.

- Por quê?

- Lá eles têm um lema que levam muito a sério. - Cybele olhou para trás e falou tão baixo que foi preciso ler aquela frase em seus lábios:

- Quem entra no sumóxe pertence ao sumóxe.

# CAPÍTULO Vinte e Um
# Duelo de Doutores

Lágrimas corriam pelo rosto de Cybele.

A garota não estava chorando. Simplesmente, depois de toda aquela viagem sem óculos ou qualquer proteção era natural que seus olhos estivessem irritados.

Ela secou o rosto com as mãos.

Binno desceu da moto.

Estavam em algum lugar entre nuvens escuras.

Em uma pequena plataforma, estranhas criaturas desembarcavam de seus absurdos meios de transporte.

Um sujeito com um único braço e sem pernas pulava em algo parecido com um pula-pula manual.

Um grupo de mulheres irritadas como cocatrixes enfurecidos desembarcaram de uma grande bicicleta com vários lugares.

Todos caminhavam em direção àquele que parecia ser um ginásio clandestino, sujo, entre nuvens negras e carregadas.

Cybele ainda coçava os olhos.

Os dois não trocaram mais nenhuma palavra.

Binno não queria ser convencido a desistir. Por isso, evitou falar com a felíndia.

Ela sabia que não havia nada a ser dito. Ele apenas caminhou até o portão de acesso ao ginásio. E leu a frase escrita no tapete encardido da entrada:

QUEM ENTRA NO SUMÓXE PERTENCE AO SUMÓXE.

Binno não olhou para trás.

Ouviu o leve zumbido da moto partindo.

A menina felíndia, noiva do primeiro-filho, agora era uma fugitiva do Grande Céu.

Em silêncio, Binno desejou ver Cybele outra vez.

O barulho era ensurdecedor.

A arena não era grande, mas era perigosa. Binno sentiu como estivesse dentro de uma bomba: pequena, malcheirosa e prestes a explodir.

Uma arquibancada de madeira circulava em torno de um tablado de terra. Tudo por ali era sujeira e agitação.

O lugar estava praticamente lotado. E todos falavam alto, aos berros e ao mesmo tempo. Velhos apostadores trocavam notas amassadas. Duas mulheres gritavam, jogando respingos de salivas sobre os coitados que resolviam passar entre as elas.

Alguém segurou o ombro de Binno.

Quando se virou, o garoto viu um rapaz, magro, alto, cabelos sobre a testa e um detalhe difícil de ignorar: o rapaz tinha um único, e enorme, olho, exatamente no centro do rosto.

- O Barqueiro pede que eu o acompanhe. – Disse o jovem, fixando seu olho verde no centro do rosto de Binno.

O rapaz apontou em direção à arena central. Lá, Binno viu as costas de um homem enorme, tão grande quanto é possível imaginar alguém caminhando entre humanos. Ele vestia um destes roupões de boxeador.

- Preciso falar com ele. – Binno tirou a mão do rapaz de seu ombro.

- Ele pede que eu o acompanhe. - Ágil, o rapaz usou a outra mão para segurar o braço de Binno.

- E quem é você? – Binno já estava irritado com aquele sujeitinho.

- Sou Kuraj Onícolo, Graduado de Prata, salva-costas pessoal do Doutor Kounah Onícolo, o gigante. O Doutor Kounah também é conhecido nas arenas de sumóxe como O Barqueiro. Eu estou encarregado de acompanhar você durante a luta. E você vai me obedecer.

Com rapidez, Kuraj encostou um pequenino punhal no pescoço de Binno.

Binno não se intimidou.

- Você está querendo me dizer que o Barqueiro é...

- É um Doutor. – Kuraj guardou seu punhal com a mesma velocidade. – E eu sou seu salva-costas e também seu filho.

Binno virou o rosto para a arena. Observou o gigante. Ainda de costas ele soltou seu roupão e exibiu as enormes costas musculosas.

A plateia ovacionou o ato.

Quando Kounah se virou para o público encarou a todos com seu grande e único olho.

E todos os olhares se voltaram para o outro lado da arena. Lá estava a oponente de Kounah.

- É a Hélice Humana. – Gritou uma torcedora de cabelos brancos e enormes dentes pretos.

A lutadora tinha uma grande cicatriz que atravessava seu rosto. Binno lembrou da mulher na hora. Era uma cangaceira caçadora de recompensas.

A mulher hoje vestia roupas metálicas. Sobre os seios, dois cones de metal. Na cabeça um capacete cromado. Nos pulsos, a mulher tinha grandes braceletes com pontas afiadas sobressalentes. Numa demonstração de habilidade, ela saltou e virou várias voltas no ar. Depois, exibiu alguns chutes rápidos, como se quisesse intimidar o adversário Kounah.

Outra vez, a mão de Kuraj segurou o ombro de Binno.

- Este lugar não é seguro, Binno OXZ.

- Você não desgruda?

- Estou cumprindo ordens. O Barqueiro viu você e pediu que eu o protegesse.

- Ele me viu? Como assim?

- Ele viu você em sua visão de morte, Binno. Meu pai irá morrer hoje.

Dentro da arena, a luta começou.

O público, outra vez, foi à loucura. Todos gritavam. Pequenos grupos se acotovelavam, se espremendo por pequenos espaços por onde pudessem ver cenas da luta.

Kounah, o Barqueiro, se movia de modo lento e pesado. A mulher girava o

corpo em pleno ar, como uma hélice descontrolada.

Binno encarava Kuraj. O rapaz respirava com sofrimento.

- Seu pai não pode morrer. Só restam quatro Doutores vivos. Toda a Grande Existência depende da vida dos Doutores.

- Não é uma escolha, OXZ. – Kuraj soltou o ombro de Binno, como se não tivesse mais forças. – É apenas o destino. Nosso povo carrega este peso nas costas. Cada um de nós sabe o dia que irá morrer, desde o dia que nasceu. Meu pai sempre soube que hoje seria o dia. A intuição dele mostrou que você estaria presente. Por isso, meu pai pediu que eu protegesse você.

Na arena, a Hélice Humana acertava uma sequência incontável de golpes no rosto de Kounah. O gigante, parecia apenas esperar a derrota.

- Porque ele não usa suas habilidades de Doutor? – Binno não aceitava a situação.

- Porque assim a luta seria injusta, OXZ. – Kuraj passou olhar a luta do pai, como alguém que aprecia uma paisagem distante. – Você acha mesmo que esta mulher venceria o grande Kounah em uma luta? Ele apenas está tentando morrer de modo digno. Hoje ele irá morrer Binno. Está escrito desde a Origem. Ele apenas deseja morrer praticando o esporte que tanto amou, é um desejo simples.

A mulher aplicou uma rasteira em Kounah. O gigante caiu lentamente, com as costas no chão.

Binno não aceitava.

- Pra mim é uma bobagem. O que há de dignidade em apanhar deste jeito?

Kuraj fechou seu único olho, como quem ouve uma grande asneira.

Na arena, a Hélice Humana girava suas pernas em pleno ar, tornando-se rápida demais para olhos destreinados. Um chute atingiu a barriga do Barqueiro.

Depois disso, a mulher de cicatriz no rosto, quis humilhar o adversário.

Ela cuspiu no rosto do Doutor.

- Uhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!!! – A plateia urgiu de dor pelo golpe.

- Tadinha dela. – Gritou a torcedora de cabelos brancos.

Kounah se pôs em pé.

E a sombra do gigante escondeu a luz.

Ele estalou o pescoço para os dois lados.

Depois ficou parado, esperando.

A Hélice Humana girou a sua volta, preparando um golpe.

A mulher atacou.

Um chute forte na canela do gigante.

Ele continuou imóvel

Foi ela quem gritou de dor.

- Ahhhhhhhhhh!!!!

A mulher chutou. Mas, ela mesma sentiu a dor do golpe.

Sua perna estava quebrada.

Teimosa, se ergueu sobre o pé bom e tentou socar a barriga do gigante.

Com a mão direita, o gigante segurou o soco da mulher. Em seguida, deu um golpe. Um único golpe. O golpe que definiu a luta.

Sem se esforçar, Kounah lançou a mulher sobre a plateia. A mulher desmaiou.

Inconsciente, a Hélice Humana não assistiu ao público comemorar a mais uma grande vitória do Barqueiro.

- É, - Kuraj coçava a cabeça. – parece que mesmo querendo perder, o grande Barqueiro não consegue ser derrotado em uma luta no sumóxe.

- Por que chamam Kounah de “Barqueiro”? – Binno estava determinado a descobrir mais sobre o lutador.

- É uma gíria. – Kuraj não comemorava a vitória, continuava sério. – É assim que chamam os assassinos no Grande Céu. Ou, qualquer um que seja um grande matador. A gíria tem haver com a lenda do barqueiro que atravessava as almas para outra vida. É um jeito de dizer que ele é perigoso.

- Está querendo dizer que, - Binno se sentiu muito burro por não saber daquilo. – qualquer um que seja um grande matador pode ser chamado de barqueiro?

- Sim. É apenas um apelido. Esse apelido acabou se tornando o nome de luta de meu pai. – O olho verde de Kuraj encarou Binno. – Por que pergunta isso?

- Xenon mandou que eu procurasse o Barqueiro. Preciso resgatar a consciência de meu amigo que está perdida na internet. E, segundo Xenon, o Barqueiro pode me ajudar.

Kuraj ficou ainda mais confuso.

- Não sei como você falou com Xenon. Mas eu não acreditaria em algo que aquele homem diz.

Binno sabia que Kuraj estava certo. Mesmo assim, achou que devia insistir.

- Por algum motivo, acho que devo falar com o Barqueiro.

Kuraj afastou a franja da testa, depois falou.

- Hoje meu pai irá morrer, OXZ. E, além disso, ele nunca se envolveu com este tipo de resgate. Acredite, se ele soubesse como ajudar seu amigo, eu estaria informado.

Binno encarou longamente Kuraj. O rapaz tinha, em uma única frase, destruído o único caminho que Binno conhecia para tentar salvar Gabriah.

Enquanto a maioria ovacionava Kounah por mais uma vitória, alguns torcedores ferrenhos, se empertigavam ao terem que ceder lugar a um grandalhão que abria caminho em meio ao público.

O grandalhão que rasgava a multidão usava óculos negros enormes, e apontava uma estranha varinha para todos os lados. Era o Doutor Orion Sirineu, sendo guiado por seu somolho.

- Bug! – Binno procurou um lugar onde se esconder. – Ele não deveria estar aqui?

- Nem um passo, garoto. – Orion gritou diretamente para Binno, como se pudesse ver onde ele estava.

- Pela Origem, Orion! Você deveria estar em Falahcia.

- Eu deveria? – O Doutor já estava perto o suficiente para mostrar sua testa enrugando de raiva. – Você tem 14 anos de idade, entra numa arena clandestina, cheia de assassinos e bandidos, e quer dizer o que eu deveria fazer?

- Eu precisava falar com o Barqueiro.

- Se esse barqueiro pudesse ajudar, eu já teria dito. – Orion estava de péssimo humor.

Kuraj assumiu a posição de sentido, como deve fazer um Graduado diante

de um Doutor. Depois, encarou Binno, como se dissesse: - *Eu avisei.*

A mulher de cabelos brancos e dentes pretos grudou os olhos em Orion e não tirou mais.

- Como me achou? – Perguntou Binno, enquanto observava a reação da mulher.

– Orion “varreu” todo o ambiente com o somolho, como se estivesse analisando o lugar. – Zac me procurou. Ele estava muito preocupado com você.

- Zac? – Binno baixou a cabeça. – E se for ele o informante de Xenon? Orion curvou as sobrancelhas, em sinal de dúvida.

Binno explicou.

- Zac faria qualquer coisa por informações para sua história. É o único que esteve no Palácio e tem acesso livre a biblioteca do chanceler. Precisamos avisar a Kira. Ela corre risco de vida perto daquele traidor.

Binno olhou para Orion, em preocupado com o tio.

- Ele queria tirar você de Falahcia, Orion. Você é um dos últimos Doutores. Aposto que ele já avisou Xenon que você está aqui.

Orion não se deixou convencer.

- Zacharias Psy estava apenas preocupado com você. Queria ficar sozinho numa arena de sumóxe? Coisas horríveis podem acontecer aqui. – Orion apontava o somolho diretamente para Kounah. – E pelo jeito não sou o único Doutor que anda se arriscando à toa.

O Graduado Kuraj continuava em posição de sentido. Mas era óbvio que aguardava uma oportunidade para falar. Antes que o rapaz tivesse uma chance, a torcedora de cabelos brancos falou para que todos por perto pudessem ouvir.

- Doutor Orion Sirineu! Estamos honrados com uma presença tão magistral.

- E eu ficaria honrado em encontrar a saída. – Orion segurou o ombro de Binno com força. – E você vem comigo.

- Não, não, não. Todos queremos ver suas habilidades na arena, Sirineu. – Um homem barbudo gritou. – Há anos o Barqueiro não enfrenta um lutador à altura.

- É verdade. – Outro berrou.

- Não Orion. – Binno segurou a mão do tio. – Vamos sair daqui.

- Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe. – A mulher gritava exibindo seus dentes pretos.

- Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe. – A multidão gritava em um coro absurdamente alto. - Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe. Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe...

- Orion, você não precisa... – Binno estava em desespero.

A multidão continuava.

- Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe.

- Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe.

- Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe.

Orion desligou sua mão da mão de Binno.

– É óbvio que eu não precisaria lutar. Mas seria desrespeito da minha parte quebrar o código do lugar. Além do mais, eles estão pedindo.

Orion parecia estar se divertindo com aquilo. Binno era pura preocupação.

- Entrou no sumóxe, pertence ao sumóxe. – A multidão continuava.

Orion Sirineu, o incansável, seguiu em uma trilha que se abriu para que ele entrasse na arena.

- Porque está sorrindo. – Binno indignou-se com Kuraj.

- Você não entende, OXZ? – O Graduado finalmente desmanchou sua posição de sentido. – Tudo o que posso querer hoje é que meu pai tenha uma morte honrada. Ser morto por um lutador rebelado, seria terrível. Entretanto, morrer nas mãos de um Doutor tão respeitado quanto Orion Sirineu, seria uma honra.

- Seu pai vai morrer. – Binno balançava os ombros de Kuraj. – Faça alguma coisa.

- É inevitável, OXZ. - O olho do rapaz mostrou uma tristeza que só a morte poderia provocar.

Então, nada mais pôde ser ouvido. A multidão passou a berrar descontroladamente a partir do momento que Orion pisou na arena. Nem mesmo Kuraj e Binno conseguiam se fazer ouvir.

E um instante de silêncio se fez.

Surgiu o inesperado.

No alto da arena, se formou uma imensa bolha d’água. Era uma grande bola, imensa o suficiente para preencher toda a arena de sumóxe.

- O Aquóhyō! – Kuraj deixou o queixo cair.

- O que é isso? – Binno observava a imensa bola d’água descer lentamente sobre os lutadores.

- O Aquóhyō é a arena das lutas eternas. Somente um atleta pode sair com vida. Há gerações não era usado. É uma homenagem ao duelo que está por vir. – O olho de Kuraj se fechou, para conter uma lágrima. – Agora está confirmado, esta luta não acaba sem que um dos dois esteja morto.

Binno não conseguiu dizer uma única palavra.

- Está vendo? – O Graduado tentava conter a tristeza. – É feita de pura água, mesmo que a luta seja equilibrada, um dos dois irá ficar sem fôlego e se afogar, mais cedo ou mais tarde.

Uma estranha força mantinha o globo d’água firme. Não havia qualquer tipo de proteção, vidro ou o que fosse. Era apenas uma bola de água girando no ar

E abaixo da bolha, haviam dois homens dispostos a entrar nela para uma luta onde apenas um deles sairia vivo.

- Meu tio não é um assassino. Ele não vai matar Kounah. – Binno só queria que aquilo acabasse logo.

O Aquóhyō desceu lentamente até o chão. Os dois lutadores foram absorvidos. Lá dentro, segurando a respiração, Orion apontou seu somolho para todos os lados. Mas, o objeto era inútil dentro d’água. Então, atirou o utensílio fora.

- A Origem sabe o que escreve, OXZ. – Kuraj apenas observava.

E a luta começou.

Orion tentou um golpe e errou.

Kounah devolveu um soco no estômago de Orion.

A água tirava o impacto dos golpes, mesmo assim, um ser humano normal teria sido esmagado pela força daquele soco.

Orion era mais desajeitado, se movia com dificuldade dentro daquela bolha

d’água.

Kounah era maior e também mais ágil, nadava com grande desenvoltura e acertava muitos golpes na retaguarda de Orion.

Na plateia, Binno se desesperava. O garoto sabia que seu tio guiava seus movimentos pelo som. Dentro d’água, não havia nenhum barulho. No silêncio, Orion era desprotegido como um bebê.

Outro soco atingiu a barriga do gigante negro.

Binno sentia a dor de cada soco que seu tio recebia.

- Calma, OXZ. Seu tio entrará para história com a vitória de hoje. – Disse Kuraj, colocando a mão no ombro de Binno. – Está escrito.

Orion tentava encontrar os golpes de Kounah, mas o gigante de um olho só era mais rápido dentro do Aquóhyō.

Uma sequência de socos fortes cortou as duas sobrancelhas de Orion.

Binno não aceitava assistir ao tio sofrendo.

- Se Kounah vai morrer, porque está fazendo isso com Orion?

- É uma luta histórica. Aprecie e aprenda, OXZ – Kuraj mantinha sua calma irritante. – Deixe meu pai morrer de modo digno, lutando com todas suas forças.

Outro golpe de Kounah. E o Aquóhyō ficava cada vez mais manchado com o sangue de Orion.

Binno tentou entender aquela situação. Imaginou o que faria um homem diante da certeza da morte. E por isso, entendeu a fúria dos golpes de Kounah. Qualquer um lutaria com toda sua força. E o gigante de um único olho fazia isso.

Orion finalmente conseguiu se esquivar do primeiro golpe.

Com o pé direito, pisou no ombro de Kounah. E com o pé esquerdo, atingiu um chute no queixo do gigante.

- Vê? – Kuraj não piscava. – Se seu tio quisesse, fugiria agora mesmo do Aquóhyō. Mas é um homem honrado, ficará na luta.

- É. – Binno falou com raiva. – Ele nunca desiste.

A água tornava Orion ainda mais indefeso. Por isso o Doutor Negro se movimentou para longe de Kounah. Abriu os braços e pernas e flutuou como uma estrela.

- Pela Origem, - Binno rapidamente entendeu seu tio. – ele precisa sentir um soco de Kounah para saber onde está o resto do corpo.

Onícolo nadou como um torpedo em direção a Orion. Era tudo o que o Doutor Negro precisava. Assim que levou o soco na barriga, Orion soube exatamente como Kounah estava posicionado. Orion segurou o braço do oponente. Depois, passou a desferir pesados golpes com o cotovelo diretamente no rosto de Kounah.

- Isso. – Binno não disfarçou a torcida.

Mas Kounah Onícolo era o Barqueiro, o maior lutador da história do sumóxe, uma lenda que o esporte jamais esquecerá.

Orion jamais soltaria o braço de Kounah. Coube ao Doutor de um único olho soltar-se por si mesmo. Como recentemente havia aprendido na luta contra a Hélice Humana, Kounah girou o corpo um número incontável de vezes, até que as mãos de Orion cederam.

Ao se soltar, Kounah passou a nadar de modo rápido e instável, como se fosse leve e pequeno, aplicava pequenos golpes às costas do oponente cego.

Orion se debatia, tentava segurar as mãos do adversário.

Tentava encontrar alguma forma de atacar.

Tentava.

Tentava.

Até que a água entrou em seus pulmões.

Caiu.

Dentro do círculo de água, o corpo de Orion boiou.

O ar nos pulmões do velho guerreiro havia se esgotado.

A morte encontrou o Doutor Negro.

O Barqueiro venceu outra luta.

- Orion acorda!

Binno berrava, olhando para o tio afogado.

O garoto encarou Kuraj, procurando uma explicação.

O jovem Graduado apenas meneou a cabeça negativamente.

- Não entendo...

Aquela expressão Binno conhecia bem, mas não quis acreditar.

- Ele não pode morrer. – Binno tentava se desvencilhar dos torcedores a sua volta. – Meu tio não pode morrer.

Dentro do Aquóhyō, Kounah segurou firme a cabeça de seu oponente, com a mão tampando a boca e nariz de Orion, garantiu a morte do oponente.

A plateia gritava eufórica.

- Entrou no sumóxe pertence ao sumóxe. Entrou no sumóxe pertence ao sumóxe.

O globo d’água se desfez.

O Aquóhyō se desmanchou e toda aquela água desceu pela areia da arena.

Kounah mantinha o braço direito erguido, comemorando sua vitória absurda.

No braço esquerdo, o gigante ainda segurava a boca e o nariz de Orion morto.

O gigante de um único olho estava tão cansado que era possível ver o ar encher e esvaziar seus imensos pulmões.

Já Orion, permanecia inerte, sem respirar. Sem vida.

- Nãããão.

Binno pulou para dentro da arena.

O garoto abraçou seu tio enquanto ouvia a plateia comemorar aos berros.

Quando levantou a cabeça, Binno viu o Barqueiro caminhar rápido em direção ao seu vestiário, sendo cumprimentado por tapinhas em suas costas. O Doutor Kounah Onícolo, o Barqueiro, tinha acabado de matar o Doutor Orion Sirineu e agora ia para o vestiário como se aquela tivesse sido uma luta qualquer?

Orion não respirava. Não reagia.

Os olhos de Binno ficaram vermelhos de raiva.

- Nãããããããããããããão!!!!

Binno não aceitaria a morte do seu tio tão fácil.

Aquela morte precisava ser vingada. Por isso, o garoto levantou cheio de fúria. Passou por todos em direção ao vestiário de Kounah. Sem pensar, deixou a raiva guiar seus movimentos. Com os instintos incontrolados, sentiu como se a pele pudesse perceber todos os elementos presentes no ar. Era como se pudesse entender toda a química à sua volta. Naquele instante, percebeu que podia dominar o mundo à sua volta.

O conhecimento de gerações pulsava em seu cérebro.

Por algum motivo ergueu os braços. E toda a água que a terra estava absorvendo também se ergueu.

Estava acontecendo outra vez.

Binno estava manipulando a água.

Ele não racionava. Apenas sentia.

Era como se toda água a sua volta fosse parte de seu corpo.

Manipulava o líquido da vida com a mesma facilidade que movimentava seus dedos. Apontou dos dois braços para frente e um jato d'água abriu caminho entre a multidão.

Cego de ódio, correu até o vestiário do Barqueiro.

Dois soldados guardavam a entrada do vestiário.

Binno sentiu a água suja no chão úmido do lugar.

Esticou os dedos de modo que a palma da sua mão ficasse plenamente visível.

Os guardas tentaram atacar Binno.

Dois jatos d'água saíram do chão e seguiram a direção apontada pelo garoto.

Estilhaços d'água derrubaram os guardas.

Com um bombardeio d'água, Binno abriu as portas do vestiário do Barqueiro. Entrou.

Com as mãos abertas, sugou a água a sua volta.

Dois jatos d'água congelaram.

Binno era um caçador armado com lanças de gelo. Lanças! De gelo!

E procurou sua presa.

Procurou o Barqueiro, o grande Doutor Kounah Onícolo.

Encontrou.

O que viu, silenciou sua fúria.

Binno voltou a si.

Respirou outra vez.

Deixou as lanças de gelo caírem no chão.

Num estrondo, as duas lanças de gelo se partiram em mil pedaços.

O ódio se desfez como o gelo que derrete.

Aos poucos Binno começou a enxergar o ambiente à sua volta.

Olhou para os lados e não entendeu como foi parar ali.

- *"Eu vi um gigante caído"*. – As palavras da sacerdotisa ecoaram em suas lembranças.

Só agora conseguiu enxergar o ponto onde estava. Era uma espécie de academia, havia espelhos, pesos, um saco de pancadas e uma grande poltrona exatamente no centro do vestiário.

Sentado na poltrona estava o Doutor Kounah Onícolo, o Barqueiro.

Morto.

Kounah, o gigante com um único olho, tinha duas lanças de gelo atravessadas em seu coração. Foram duas lanças certeiras e mortais.

Naquele momento, o sangue do Doutor empapuçava a poltrona.

- Eu não fiz isso. – Binno falou baixinho para si mesmo.

Apavorado, Binno virou-se para a saída do vestiário.

Às suas costas, estava a última pessoa que queria ver.

Viu o Graduado Kuraj Onícolo, com todo o ódio de um filho que encontra o pai assassinado.

- Kuraj eu não... – Binno não encontrou forças para falar.

O rapaz era apenas raiva.

- Você está preso Binno OXZ pelo assassinato do Doutor Kounah Onícolo,

meu pai.

O Graduado bateu as palmas da mão e um som absurdo saiu daquele movimento.

- *Manipulação de som! Que poder incrível.* – Binno pensou assim que viu o que o Graduado Kuraj estava fazendo.

Ondas de som fizeram todo o vestiário estremecer.

Os aparelhos de ginásticas se partiram em muitos pedaços.

Binno foi atirado contra a parede.

A cabeça do garoto bateu no chão.

- *Eu não matei Kounah!* – Pensou. - *Alguém fez isso antes de mim.*

Caído no chão, Binno tentou levantar. Mas, não teve forças. Desmaiou enquanto sentia o sangue do Doutor Kounah tocar seu rosto.

# CAPÍTULO VINTE E DOIS
# Dois frascos para morte

A escuridão era tão gosmenta que podia enlamear os cabelos de quem mergulhasse em sua tristeza.

O lugar era úmido e frio.

- Todos têm um lado maligno, Binno OXZ?

Binno olhava para o dono daquela voz fria e sentia que olhava para um espelho que mostrava o futuro. O rosto era seu, mas era velho. Mas também era o rosto da maldade, do egoísmo, da dor.

O homem era Binno OXZ adulto.

- Você um dia será igual a mim. Você ajuda os rebelados porque sabe que a Aliança deixou sua mãe morrer. Tem ódio de toda a Origem e sabe que está ajudando a destruir tudo isso. – As pupilas negras do homem inchavam a cada segundo, fazendo sumir o branco de seus olhos.

- Não é verdade. – Binno sentiu que suas pupilas negras também inchavam. – Eu nunca quis ajudar os rebelados.

- Discordo. Desde o começo você soube que aquela música tão difícil de instalar no computador do Palácio, levava perigo a toda internet. Seu amigo Gabriah clama por vida e você se distrai com mil bobagens. A marcha silenciosa está crescendo e você ainda não descobriu nada sobre isso. Os Doutores estão morrendo. A Aliança Maior está frágil. E tudo está sendo tão fácil graças a você, garoto.

A escuridão era cada vez maior.

- Chega. - Binno gritou. – Eu não estou do seu lado. Sou fiel à Aliança.

- Verdade? Então porque não acaba logo com isso? Porque não encontra o autor das músicas e descobre como funciona a marcha silenciosa?

Tudo estava tão escuro que já era impossível ver o rosto do Binno adulto. Mas, sua voz fria ainda podia ser ouvida. - Ou você acorda e para a marcha silenciosa ou eu vencerei.

Era hora de acordar.

Binno acordou.

- Preciso resgatar Gabriah. Preciso encontrar o autor. Preciso parar a marcha silenciosa. Preciso salvar a Aliança.

Binno viu os óclinhos pequenininhos de Madame Anay. Preocupada, a inventora zelava pelo garoto.

- O que você precisa é ficar calmo, geniozinho.

- Mas...

- Foi um pesadelo, apenas um pesadelo.

Em silêncio, Binno tentou entender onde estava, viu grades e paredes sujas. Sentiu um odor fétido. Reconheceu o lugar: estava preso nas masmorras do Castelo Cigano.

- O Graduado Kuraj prendeu você sob acusação de assassinato. Eu sei que jamais faria isso, geniozinho. – Madame Anay enchia um prato com comidas de todo o tipo. – Apenas fique forte, a Origem não permitirá que nada aconteça com você.

A mulher estava tremula e triste.

- Anay. – Binno falou com dificuldades. – E Orion?

- Psssssiiiit. – Nervosa ela fez um grande barulho ao pedir silêncio. – Fique, calmo, fique calmo... – A inventora estremecia evitando o choro.

- Mas...

- Foi um acidente, apenas um acidente. Kounah era um homem honrado, jamais faria mal a um companheiro. Tudo fugiu do controle. Homens são estúpidos. Honra, orgulho, ego... diante de uma plateia tornam-se animais.

- Está querendo dizer o quê? – Binno sentou no chão úmido da cela. Segurou o prato que a inventora serviu.

- Binno, os rebelados estão caçando os Doutores. Eles querem acabar com a

Aliança.

- Isso eu já sei.

- Então, preste atenção: Orion e Kounah tiveram uma ideia. Decidiram simular a morte de seu tio, para enganar o inimigo.

- Então era um plano?

- Bom, na verdade, a ideia era fazer isso em outro lugar. Mas por algum motivo os dois se encontraram numa arena de shockey. Então, como ambos eram telepatas, eles conversaram e resolveram simular a morte de Orion naquela luta idiota. Mas a coisa fugiu do controle.

- Como assim fugiu do controle? Como você sabe disso?

- Orion me contou.

- Orion está vivo? – Binno vibrou. Como se acordasse com o sol no rosto, sentiu a esperança iluminar suas ideias.

- Psiiiiiiiiit – Outra vez a inventora fez barulho pedindo silêncio. – Isto é um segredo. Contei porque eu não podia deixar você sofrendo. Mas não conte a ninguém. Sim. Ele está respirando. Não tenho meus equipamentos aqui. Ele está sofrendo muito. Mas está vivo. A luta fugiu do controle dos dois, Kounah acabou ferindo Orion gravemente. Queremos que a notícia de sua morte se espalhe, assim Xenon achará que tem um inimigo a menos.

Binno sentiu a sala se iluminar. Para ele, saber que Orion estava vivo era como sentir que ainda havia motivos para lutar. Lembrou do Barqueiro.

- O Doutor Kounah tentou matar Orion, trancou sua respiração.

- Errado Binno. – A inventora se acalmava aos poucos, conforme conversava com o garoto. – Kounah percebeu que havia exagerado quando Orion ficou inconsciente dentro do Aquóhyō. Kounah era um grande manipulador de oxigênio, então, criou uma bolha de ar escondida na palma da mão e forçou Orion a respirar.

- Por isso ele não soltava o nariz de meu tio. – A imagem de Kounah com a mão firme no rosto de Orion voltou à mente de Binno.

- Exatamente, geniozinho. Exatamente... – Madame Anay segurou um acesso de choro.

- Se Orion vai sobreviver, porque está tão triste Anay?

- Kounah era um ótimo Doutor e agora está morto. Alguém fez parecer que você é um assassino. E agora você será condenad... – O choro encharcou o rosto redondo da inventora. Anay ficou em pé. Encheu um pouco mais o prato de Binno e virou às costas. – Preciso ir. Tenho muito a fazer.

Ela entrou num corredor escuro, sendo acompanhada pelos olhos atentos de dois guardas que guardavam a masmorra.

Com a cabeça encostada na grade, Binno sentiu raiva de si mesmo por não ter percebido que Orion estava vivo. Sem fome, empurrou o prato para longe.

- Não vai comer? Melhor jogar para cá. - Uma voz arranhada quebrou o silêncio da prisão.

A voz vinha de uma cela escura, mais ao fundo da masmorra. - Confesso que prefiro a culinária oceânica. Mas, não dispenso um preparado cigano.

Aquela voz arranhada com jeitão descontraído só podia ser de uma pessoa.

Binno levantou. - Spike? – O garoto sentiu a felicidade que enche o peito de quem revê alguém que gosta muito. – Pirata Spike Spy, você está aí?

Do fundo de uma cela escura, o rosto magro se revelou.

Spike estava ainda mais magro que da última vez, seu olho mecânico continuava horripilante e sua mão de ferro ainda estava suja.

- É, parece que o moleque aí andou aprontando outra vez, hein.

- Bom, não sou o único que está preso.

Uma cela vazia separava os dois amigos. Por isso, não apertaram as mãos. Mas o olhar que trocaram serviu como um abraço apertado de amigos satisfeitos.

- Então, além de instalar IAs no Palácio e assassinar Doutores tem cometido mais algum crime?

Binno fez uma cara séria. Depois respondeu.

- Agora estou pensando em matar piratas.

- Não faça isso. Piratas são sujeitos tão amáveis... - Spike terminou a frase falando baixinho. – ...quando estão bêbados e dormindo.

Binno sorriu.

- Onde ouviu que eu instalei um IA no Palácio?

- Meus amigos cumpridores da lei não me deixam desinformados. - Spike

cumprimentou os guardas com um grande sorriso prateado. Os dois retribuíram o cumprimento, estranhamente sorridentes.

Binno enrugou as sobrancelhas.

- Quando não pode vencê-los, sorria. – Disse Spike se espreguiçando longamente.

- E você? Está por aqui só fazendo amizades? – Binno sentou outra vez no chão.

- Sabe, procurei meus amigos ciganos. Lá fora está meio perigoso para quem ajudou a combater Xenon, sabia?

- Hummmm.... – Binno falou rindo. – Então, os ciganos gentilmente ofereceram estas confortáveis acomodações.

Spike soltou uma risada rasgada. – Eu aprontei tanto que às vezes esqueço de algumas coisas. Quando cheguei aqui lembrei que também era caçado por ciganos.

O pirata ria e segurava a barriga inchada.

Durante o resto do dia, os dois conversaram, contaram histórias e riram de qualquer bobagem. Binno não estava feliz. Mas com Spike por perto, você entende que manter o humor é a melhor forma de manter a lucidez.

Enquanto sacolejava seu chapéu prateado na mão de ferro, o pirata contava feitos mirabolantes e aventuras inacreditáveis. Tão inacreditáveis que Binno sabia: a maior parte era pura imaginação. Por isso mesmo, aquele era um jeito maravilhoso de passar a tarde.

Atento, o pirata percebeu quando os dois guardas abriram um baú e retiram de lá uma gorda garrafa de chuva-de-rum.

- Este é o tipo de coisa que estraga uma amizade. – Gritou Spike, para que os guardas pudessem ouvir.

O pirata piscou o olho bom para Binno. O garoto, não entendeu, apenas riu.

- Do que você está falando, pirata imundo. – Um guarda gritou do seu canto.

- Pergunte ao seu amigo. – Respondeu Spike.

Os dois guardas se olharam em dúvida. Então se aproximaram, com duas gordas taças transbordando de rum.

- É melhor ficar quieto, se não quiser perder o outro olho. – O guarda ameaçou Spike com uma espada longa.

- Concordo. – Spike levantou as mãos. – Só achei que colegas verdadeiros deviam dividir a bebida de modo justo.

Os guardas olharam um para a taça do outro. Um falou.

- Os copos são iguais.

- Sim. – Spike sentou no fundo de sua cela. – As taças são idênticas. Mas é inegável que a sua taça está mais cheia que a dele.

- Ora seu...

- Não, espere. – O outro guarda se intrometeu. – Realmente, a sua está mais cheia.

- Não está não. – Rebateu o guarda.

- Amigos, amigos. – Spike se pôs em pé. – Não briguem por tão pouco. O melhor a fazer é pedir a ajuda de alguém neutro.

Os guardas olharam para Spike, desconfiados.

Depois, os dois alcançaram a taça para o pirata.

- Tudo bem, qual das duas está mais cheia?

Spike pegou cada uma das taças com cuidado, cheirou o rum demoradamente. Depois sentenciou:

- Esta está mais cheia. – Tomou um gole enorme da tal taça. Depois entregou aos guardas.

Eles entenderam a malandragem, os dois ameaçaram o pirata com suas espadas através das grades.

- O que você queria? Que ele bebesse mais que você? – Spike falou rápido.

O guarda olhou para sua taça e falou.

- Tudo bem, mas agora a minha tem menos.

- Não se preocupe. – Spike sacou a taça da mão do outro e tomou um grande gole. – E agora, está justo?

- Não. – O guarda fez sinal para que Spike bebesse a taça do colega.

O pirata obedeceu e assim bebeu a taça inteira dos dois.

- Prontinho. Agora nenhum dos colegas vai beber a mais.

Indignados, os guardas tentaram atingir Spike. Mas ele se moveu agilmente e correu para o fundo da cela.

Os guardas bufavam.

- Tudo bem, tudo bem... – Spike falou lá do fundo. – Prometo que amanhã poderão ficar com meu café da manhã.

Cansados, os ciganos se deram por satisfeito e voltaram para suas posições de trabalho.

Spike fez uma reverência para Binno, que assistia a tudo boquiaberto. Em seguida, com a barriga cheia de rum, o pirata caiu no sono.

O garoto também deitou.

Mas o sono não veio.

Ao contrário, tudo o que sentiu foi a luz sumir e a madrugada se tornar pura escuridão.

Os guardas já roncavam, sentados no chão.

Pela minúscula janela, uma estrela tímida era tudo que iluminava a cela de Binno.

Distraído em pensamentos, o garoto se assustou com uma sombra rápida se movendo pela masmorra.

- Olá gatinho. – A luz da estrela revelou detalhes de um rosto por baixo do capuz negro. Era Cybele Síria quem estava ali.

- Você voltou ao Castelo?

- Psit!- Ela usou o indicador para fechar a boca de Binno. – Vim porque me senti culpada. Eu não devia ter levado você até aquele lugar.

- Eu iria naquela arena de qualquer jeito. – Binno falou tão baixo que Cybele quase não ouviu.

- Nunca imaginei que você ia matar o Barqueiro.

- Eu não matei. – O garoto não controlou o tom da voz.

A felíndia silenciou o garoto com a mão inteira nos lábios.

Depois ela falou.

- Não importa. Existem provas e testemunhas, o julgamento já aconteceu. Sua execução está marcada para amanhã, logo depois do meio-dia. Será torturado e guilhotinado, por alta traição, instalação de IA proibido e assassinato de autoridade Maior.

Binno ficou tonto com a notícia.

Sentou no chão e colocou a cabeça entre os joelhos.

- Sei como são terríveis as torturas ciganas. - Escondida sob o capuz, Cybele revelou sua tristeza com a voz tremula e chorosa. - Vim pois não quero que você

sofra.

Cybele estendeu o braço para dentro da cela.

Na delicada mão da garota, havia dois pequenos frascos com um líquido azul.

- Não quero que sinta dor. – Disse a voz triste de Cybele.

Binno ficou outra vez de pé.

- O que é isso?

- Um vidro e você dormirá até sentir o cheiro do antídoto. Duvido que algum guarda esteja usando perfume de chuva-de-almíscar, por isso, você pode tomar com a certeza de que não irá acordar durante a tortura.

- E se eu tomar os dois vidros?

Cybele quis responder. Mas teve que conter o próprio choro.

No outro canto da masmorra, os guardas se mexeram. Iam acordar a qualquer momento.

Cybele precisava ser rápida. Recompôs a voz suave.

- Somados, o conteúdo dos dois vidros são um veneno letal. Você toma, adormece e morre. Não haverá dor, tortura, guilhotina... Apenas um sono eterno.

- De qualquer jeito eu bebo e não acordo mais. – Binno era pura decepção.

- Por isso eu trouxe dois. Assim você se livra destes ciganos nojentos.

Um dos ciganos se espreguiçou. Instantaneamente, Cybele se esgueirou até

uma sombra escura.

O guarda levantou e foi até o banheiro, arrastando os pés.

Binno foi até a grade.

Cybele veio até muito perto dele e falou em seu ouvido.

- Nunca vou esquecer você.

Ela beijou os lábios do garoto.

Ele saboreou aquele beijo, sabendo que seria o último que ganharia na vida.

O guarda que ainda dormia, tossiu longamente.

Ágil como um gato, Cybele se moveu pelas sombras e sumiu da masmorra. Binno ficou só. Outra vez, sob a luz da estrela solitária.

Olhou para os dois frascos com líquido azul. Um frasco para dormir até a morte. Dois frascos para morrer.

O garoto precisava decidir o que fazer.

Deitou e ficou pensando naquilo. Deveria beber um ou dois frascos?

O sol ardia no rosto do garoto quando acordou.

A noite acabou num piscar de olhos.

Cansado, Binno havia caído num sono profundo. Quando acordou ainda não tinha decidido por um ou dois frascos.

Olhou para a cela ao lado e não havia sequer a sombra do pirata.

Os dois guardas dormiam um sono pesado demais para quem roncou a noite inteira.

A porta da cela do pirata estava aberta!

Então, Binno percebeu uma tira de pano com um gancho em uma das pontas. O pirata poderia ter usado aquilo para “pescar” alguma coisa. Mas o quê?

- Ei, vocês. – Binno gritou com os guardas que ainda dormiam. – *Parecem desmaiados. Será que o pirata os fez beberem...*

Binno procurou os frascos pela cela, apenas um deles estava ali.

O outro frasco havia sumido.

O pirata havia “pescado” um dos frascos e, talvez diluído no café da manhã, convenceu os guardas a beberem.

- Bug!

Binno olhou para onde deveriam estar as chaves. Não estavam. Spike havia roubado as chaves dos guardas e fugido.

- *Maldito Spike! Ele podia ter aberto a minha cela se quisesse.* – Binno apertou o único frasco que restou. – *O que eu poderia esperar de um pirata?*

As horas que se seguiram foram terríveis.

Chutando as grades a ponto de quase quebrar os pés, Binno praguejava o pirata que o abandonou.

Depois, Binno xingou Kira Bella, que o esqueceu completamente, sem nem ao menos tentar uma visita. Binno quis quebrar Zac por ter armado aquela armadilha para Kounah e Orion, praguejou contra Madame Anay, por não inventar algo eficiente para tirar ele dali, odiou profundamente Megazila por ser tão cdf e jamais enfrentar a lei, pensou em Miranda e todos os integrantes da trupe, que agora deveriam estar bebendo na Taverna do Xarope, completamente alheios a condenação de Binno.

Binno odiou a todos naquele momento.

Depois, sentiu uma terrível solidão.

Nem nos anos que esteve no Internato se sentiu tão sozinho.

Lá, nunca teve a esperança de receber a ajuda de ninguém.

Agora, achava até o último momento que alguém surgiria para ajudar. Afinal, tantos se diziam amigos. Onde estavam agora? Traidores!

A única pessoa que se arriscou por ele foi Cybele.

Binno sentou no chão olhando para o frasco de sonífero. Estava prestes a chorar.

Mordeu os lábios, com raiva do que estava prestes a fazer.

Pensou em todos os amigos que acreditou ter tido.

Pensou em Gabriah, com a consciência presa na internet depois de ter cometido um erro.

Entendeu Gabriah. Entendeu que, muito pior do que não ter amigos é ser abandonado por eles.

Binno sentiu todas as esperanças escaparem pela minúscula janela de sua cela.

O sol indicava claramente, faltava pouco tempo.

Olhou para o frasco demoradamente.

Tomou sua decisão. Abriu o frasco e bebeu o líquido em um só gole. O sabor era ácido e azedo. Com raiva, jogou o frasco vazio contra a parede. Quis gritar, mas um sono absurdo abateu suas pálpebras. Binno sabia, estava prestes a dormir para nunca mais acordar. Não queria dormir. Não queria morrer.

Não havia mais nada para ser feito. Entregou-se ao sono sem volta.

# CAPÍTULO Vinte e Três
# O barqueiro cego

Uma forte luz cegou o garoto assim que abriu os olhos.

- *Eu devia acordar morto.* - Binno parou e refletiu sobre o próprio pensamento. – *Desde quando morto acorda? Aliás, porque estou acordado?*

Olhou para os lados e percebeu que estava em uma execução pública. Uma multidão acompanhava a cerimônia, enquanto alguns capangas cuidavam para que nada atrapalhasse a punição daquele criminoso.

Era uma execução diante do povo cigano.

E era Binno OXZ quem seria executado.

O garoto olhou para cima e viu uma afiada lâmina refletindo o sol intenso. E com um simples cálculo, percebeu:

- *Ela está vindo para o meu pescoço.*

Binno tentou se mexer, se sacudiu. Mas o corpo estava completamente amarrado.

A lâmina continuava caindo em direção ao pescoço de Binno.

Uma multidão gritou eufórica.

- Uhhhhhhhhhhh!!!

A guilhotina trancou. Como se alguém tivesse apertado no pause, a lâmina parou. Congelou há poucos centímetros do pescoço do garoto. Estava tão próxima que foi possível ver o reflexo de cabelos lilases se sacudindo.

Com certeza era Kira.

- Aguenta firme Binno, a gente vai tirar você daí.

Binno olhou para trás, e enxergando tudo de cabeça para baixo, viu Kira fugir de dois carrascos usando capuzes com buracos nos olhos. Os capangas

tentavam acertar a menina com tacapes, mas ela irritava os dois como uma mosca impertinente.

O garoto olhou outra vez à sua volta e descobriu que estava em uma praça pública, na parte baixa de Falahcia. Havia um terraço, onde estava o chanceler Milton Mind e outras autoridades. Binno odiou saber que as autoridades estavam, confortavelmente, observando uma execução. E pior, pensou: - *A minha execução.*

Olhou para trás outra vez. Kira ainda estava lá, deixando os dois carrascos tontos. Mesmo com capuzes brancos, Binno reconheceu os dois brutamontes: eram os irmãos Brobabov e Brobaboa. Binno chamou Kira:

- Ei, se você tiver um tempinho aí, tira esse troço de perto do meu pescoço, por favor?

- Estou meio ocupada... – Ela gritou enquanto deslizava por baixo das pernas de um dos torturadores. O homem tentou acertar a patinadora com o tacape a acabou atingindo o próprio joelho. Caiu urrando de dor. A garota avisou: - ...Além do mais, isso não é trabalho meu.

- Não é trabalho seu? Como assim? – Binno perguntou, mas não ouviu respostas. Ao invés disso, ouvia sons de luta vindos de todo lado.

Binno sentiu um peso estranho sobre seu peito. Alguma coisa mexia nas cordas que prendiam seu corpo. Essa coisa falou: - O trabalho dela é distrair os carrascos. Temos que seguir o plano à risca. – Era o pequenino Megazila, que se atrapalhava com sua pequena coroa mimm e seus apetrechos monárquicos, enquanto lutava contra as cordas que prendiam Binno.

A multidão que havia se reunido na praça para observar a punição a um criminoso. Eufórica com a ousadia da patinadora aplaudia e assoviava a cada vez que Kira fazia um dos carrascos de bobo.

Havia uma corda impedindo que a guilhotina seguisse seu destino. A pequenina espada de Megazila havia trancada a ponta da corda em um ponto da própria guilhotina. Em outras palavras, Binno estava salvo, mas por poucos segundos.

Um carrasco menor, mais magro e vestindo um estranho capuz vermelho subiu no palanque onde Binno estava amarrado.

- Megazila tinha que libertar Binno rápido.

Mas, os dedos pequeninos de Megazila não conseguiam desprender os nós.

- Megazila, anda logo. – Binno entrou em pânico. – Outro carrasco vem vindo para cá, dá o fora.

Por baixo da navalha, Megazila sorriu. - Pelo jeito, você não conhece os amigos que tem.

O carrasco de capuz vermelho começou a ajudar Megazila a desatar os nós.

- Onde está Orion? – Binno perguntou para Megazila. E já emendou outra pergunta: - E quem é esse cara?

Megazila respondeu à primeira. – Seu tio está sob medicação. Ele não sabe que você está aqui.

O encapuzado falou antes que Megazila respondesse à segunda: - É bom ficar calminho garoto, hoje vou te ensinar mais uma lição importante...

Abrupto, o encapuzado olhou para frente, como se tivesse sido surpreendido por algo realmente assustador. - Maldição. Eu sabia que não podia confiar no Zac. - Puxou uma espada curva da cintura e correu em direção a um grupo de capangas que abria caminho em meio à multidão.

Nervoso, Megazila começou a falar sem parar, enquanto tentava desatar os nós.

- Ai, ai, ai. O Zac não conseguiu. Ele devia trancar a sala desses capangas. A gente só tinha que subir, deixar aqueles dois carrascos tontos, tirar você daqui e fugir. Mas o Zac não consegue fazer nada direito. É difícil trancar uma porta? Me responde? É difícil? E agora, não vai dar tempo, não vai dar tempo.

Enquanto Megazila tagarelava o encapuzado combatia sozinho um grupo enorme de brutamontes que tentava subir no palanque.

A plateia estava incendiada em euforia. Alguns aplaudiam. Outros jogavam tomates. Ninguém estava quieto.

Alguns brutamontes escaparam do sujeito de capuz vermelho. Um deles subiu no palanque e, num único golpe, cortou a corda que suspendia a lâmina.

Milímetros antes de atingir o pescoço de Binno, a lâmina foi presa por Megazila que usou sua pequena coroa de príncipe mimm.

- Eu sabia que essa coroa ia ser útil um dia. – Megazila sorriu nervoso. A lâmina da guilhotina estava prestes a escapar. - Vai escapar. Me ajudem aqui. – Megazila gritou, fazendo Binno arregalar os olhos e se debater em pânico.

E como por mágica, a lâmina subiu rapidamente.

Os olhos de Binno foram direto para o extremo da corda. Era o sujeito de capuz vermelho quem puxava única corda que suspendia a guilhotina. Binno voltou a respirar.

Com uma das mãos, o encapuzado lutava. Com a outra, segurava a corda.

A cada ataque do aliado, seu corpo ia para frente e mais afastava a lâmina do pescoço de Binno, e mais aliviado o garoto se sentia.

A cada golpe de espada que aliado precisava defender, o movimento de defesa fazia com que desse um passo para trás e mais Binno arregalava os olhos.

Megazila finalmente conseguiu arrancar as cordas que prendiam Binno. Então, um dos capangas conseguiu atingir o sujeito de capuz vermelho. Com o braço ferido, a corda escapou de sua mão e a lâmina caiu reta.

- Uhuuuuuuuuuuuuuu!!!! – A plateia urrou de espanto.

Binno rolou rápido para o lado.

A guilhotina caiu seca.

Binno apalpou o pescoço, feliz.

Mas a felicidade durou poucos segundos. Binno estava caído no chão e muitos capangas apontavam suas espadas para o garoto. Megazila já estava rendido por um capataz, sem chance de luta.

Quatro homens agarravam os pés e as mãos de Kira Bella, que mesmo assim não parava de se sacudir, tentando escapar de qualquer jeito.

Também caído no chão, o guerreiro encapuzado soltou sua espada se rendendo ao grupo.

A plateia fez um silêncio inesperado.

O capanga Brobabov agarrou o topo do capuz vermelho que escondia a face do guerreiro.

- *Quem será esse cara?*

Antes de puxar o capuz, Brobabov olhou para o camarote de luxo onde estava o chanceler Milton Mind. Ao seu lado, havia um homem baixinho, barrigudo, que usava um elegante terno amarelo e usando óculos amarelos.

Binno reconheceu o homem barrigudinho. Era Orfeu, o Juiz cego que tantas

vezes já esteve diante de seu destino.

O chanceler se pôs em pé.

-Todos aqui ouviram a sentença dada pelo Juiz. Portanto, é justo que estes traidores que tentaram poupar a vida de Binno OXZ sejam punidos com igual valor. – Milton Mind fez um gesto forte com o braço. - Que paguem pela traição com a morte.

Os carrascos ergueram suas espadas.

A plateia gritou de euforia. – Uhuuuuuu!!

O carrasco Brobaboa arrancou o capuz vermelho que escondia a face do guerreiro, para que todos soubessem quem era o traidor.

Estarrecida, a plateia silenciou.

Por baixo do capuz, estava Maxximus Mind, o primeiro-filho.

De todas as pessoas, ninguém imaginava que seria o primeiro-filho um traidor do povo cigano.

O silêncio continuou.

Nem mesmo o chanceler conseguiu falar. Mesmo ele havia sido surpreendido.

A única voz que se ouvia era a do Juiz Orfeu. Cego, continuava sem saber quem estava por baixo do capuz. – Afinal de contas, quem é o rapaz? Alguém pode me contar?

Kira continuava presa. E Megazila estava preso nos braços de um carrasco como se fosse um bebê.

Ainda sob espadas ciganas, Binno não resistiu:

- Maxx? Você! Eu pensei que...

Maxx mostrou que não tinha abandonado sua habitual arrogância.

- Psit. Não quero saber o que você pensou. Aliás, você não é muito bom nesse negócio de pensar. Deixa essa parte comigo. – O primeiro-filho se pôs em pé e falou para que todos ouvissem. – Não sou um traidor. Pelo contrário, luto por aqueles que estão do nosso lado. Esse garoto, - Maxx cochichou baixo, para que só Binno ouvisse. – micróbio – depois voltou a falar para todos. – É tão culpado quanto cada um de nós. Xenon está preparando algo muito maior. O novo exército rebelado está vencendo cada um dos Doutores. Não sabemos

como isto está acontecendo, mas com certeza, este garoto não é uma de suas armas. Olhem para ele, nem sabe amarrar o cadarço.

A plateia inteira riu. Em seguida aplaudiu

- Chanceler, como primeiro-filho eu peço diante do povo de Falahcia. Permita que possamos sair daqui. É hora de alguém descobrir qual o segredo de Xenon. E ninguém pode ser melhor do que eu para fazer isso.

Outra vez, o povo aplaudiu. Eufórico, gritava vivas ao primeiro-filho que instantaneamente havia se tornado um herói.

O chanceler Milton Mind fez todos silenciarem com um simples erguer de braço.

- Basta. Há anos aguento sua arrogância e desprezo às tradições de seu povo. E agora você mostrou diante de todos que é um traidor. Escolheu ser aliando deste clone que tantas vezes já serviu a Hefesto Xenon. Portanto, escolheu seu destino.

O primeiro-filho olhou para Binno e sorriu. Como aquele sujeito conseguia manter o sorriso no rosto numa hora destas?

Maxx falou:

- Na verdade, já imaginava esta sua resposta, respeitável chanceler. E foi por isso, que convidei minha irmã para vir com a gente.

A filha do chancelar era o grande triunfo daquela aventura.

O próprio chanceler não conseguiu esconder seu medo, caminhando para trás, até onde foi possível.

Sem dizer uma única palavra, a primeira-filha Miranda Mind surgiu caminhando entre a multidão e subiu lentamente no palanque.

O carrasco que segurava Megazila no colo, gentilmente soltou o príncipe Mimm no chão. Em seguida, tirou o capuz que escondia seu rosto como se estivesse diante de uma santa.

Miranda abriu os braços e todos ali sabiam o que aconteceria.

- Vai lá Sinistra. – Maxx sussurrou. – Tira logo a gente daqui.

Os carrascos que seguravam Kira, soltaram a menina e começaram a soprar as mãos como se estivessem queimando. Logo depois, esfregaram as mãos no corpo e começaram a gritar em desespero, rolavam pelo chão. Caíram do

palanque e não se importaram, agonizaram num fogo imaginário. O fogo imaginário, de algum jeito, ia passando de pessoa em pessoa. Todos gritavam de dor.

Não havia fogo algum. Não havia dor. Só havia ilusão. E quem causava aquela ilusão era o incrível dom da primeira-filha Miranda Mind.

A multidão se rendia à ilusão causada por Sinistra.

Binno ainda estava atônito, observando o pânico de todos quando Kira pegou sua mão e ajudou o garoto a levantar e fugir. Maxx e Megazila também saíram correndo.

Quieta e cruel, Miranda continuou lá, fazendo todos queimarem apenas na imaginação.

Binno havia escapado da guilhotina.

O grupo corria com pressa. Como se soubesse exatamente para onde ir. Binno era o último. Kira olhou para trás e se despediu.

- Eu não vou abandonar você Binno. Logo, logo a gente vai se encontrar. Binno parou de correr.

- Como assim? A gente vai se separar de novo?

Maxx, Megazila e Kira continuavam correndo. Sem olhar para trás, se distanciaram. Binno ficou sem respostas. Mas, percebeu que estava diante da Taverna do Xarope.

A porta se abriu. E, do lado de dentro da Taverna, uma mão mecânica de unhas sujas agarrou o rosto do garoto.

Binno foi arrastado até o interior da taverna. Os olhos de Binno demoraram para se acostumar com a luz fraca do lugar. Irritado, tentava se livrar daquela mão que já trancava sua respiração.

A mão soltou Binno.

Era o pirata Spike Spy quem havia arrastado o menino até o interior da taverna.

- Calma garoto. – O pirata ajeitava suas roupas maltrapilhas. – Estou do seu lado. Sou seu amigo, lembra?

- É claro que é. – Disse Binno limpando a boca. – Você usou a poção para

fazer os guardas dormirem e me abandonou para morrer, só mesmo um amigo faria isso.

- Não seja burro. Estou do seu lado. Quem você acha que avisou o primeiro-filho cigano? E quem criou seu plano de resgate com ele? Você só acordaria com almíscar, lembra? Você realmente acha que os torturadores usavam este perfume? A menina magrinha te acordou com o perfume que eu roubei para ela.

Lentamente, a respiração de Binno voltava ao normal.

Só agora Binno percebeu que outra pessoa estava dentro da Taverna do Xarope. Era um homem baixinho, barrigudinho, que sempre vestia ternos amarelos. Era o Juiz Orfeu.

- Jovem, Binno OXZ. Finalmente teremos uma conversa frente a frente. Porque me procuras?

- Eu, procuro você? – Binno olhou para o pirata Spike, como se pedisse ajuda para uma resposta. O pirata abaixou o chapéu prateado escondendo seus olhos e se escorou em uma pilastra da tenda. Binno entendeu que estaria sozinho naquela conversa. – Eu nunca procurei você. Pelo contrário, toda vez que estou na sua frente, sou condenado à morte.

- Eu não invento às leis, jovem OXZ. – O Juiz ajeitou seus óculos redondinhos. – Um Graduado, o jovem Kuraj Onícolo, filho da vítima, é testemunha do crime que você cometeu. Não há como negar o acontecido.

- Eu não matei ninguém. Eu apenas...

- Basta. A talentosa Sinistra já deve estar perdendo suas forças neste instante. Se quiser as respostas, é melhor fazer logo as perguntas.

- O que você quer comigo? – Binno encarou o Juiz.

- Quero ajudar você a realizar seu objetivo. Quando o jovem Kuraj me contou sua história, entendi que ninguém mais mim podia ajudar você. Por isso, tratei de colocar os piores guardas de Falahcia para vigiar o pirata. Ele sabia que teria uma dívida comigo ao sair do calabouço. A partir daí, você já sabe o que aconteceu.

Binno olhou para Spike, que dava a nítida impressão de estar dormindo em pé, com o rosto escondido no chapéu. Depois voltou a olhar para o Juiz, que falava virado para a parede.

- Você procurava o barqueiro. É uma gíria para aquele que é responsável por encaminhar às almas a outro plano. E é assim que sou conhecido aqui em Falahcia. Sou o Juiz. Eu decido a vida e a morte. E Xenon mandou você me procurar porque ele sabe: também dedico minha vida para resgatar uma consciência perdida.

Lá fora os gritos de horror continuavam. Uma multidão tinha pesadelos com fogo.

Dentro da taverna Binno sentiu um silêncio cair sobre suas ideias.

- Se Hefesto queria que eu pedisse ajuda para você. Porque ele não falou seu nome?

- Hefesto não quis facilitar as coisas. Poucos têm coragem de me chamar por este apelido. Mas, a Origem quis que Kuraj me contasse sua história. Agora sei que você quer resgatar a consciência de seu amigo.

O Juiz segurou firme as mãos de Binno.

- Garoto, você precisa ouvir atentamente.

Binno encarou os óculos amarelos do homem à sua frente. Em seguida falou lentamente. – Ouvirei cada palavra.

Orfeu soltou as mãos de Binno. Em seguida, afrouxou a gravata. – Não tenho a resposta. Mas, se você ouvir minha história, usarei meus poderes como Juiz e ordenarei que o pirata leve você até aquele que tem todas as respostas.

Spike retirou o chapéu dos olhos e mostrou que estava ouvindo a tudo com atenção. – Eu não tenho nada haver com isso.

- Se quiser ser livre outra vez, é bom obedecer. – Orfeu foi ríspido.

- Mas, - Spike ficou claramente nervoso. – eu desisti de minha carreira como bardo por jamais ter encontrado o Retróculo. Esta foi a grande história que nunca consegui contar. Viajei por nuvens traiçoeiras, ultrapassei cascatas cegas em uma viagem longínqua e tive o coração roubado por noivas mortas. Não posso passar por isso outra vez.

Binno ficou encarando Spike. O garoto nunca imaginou aquele pirata como um ex-bardo.

- Você pode encontrar o Retróculo e nós sabemos disso. – Orfeu diminui o tom. – Faça o que estou pedindo e você terá sua liberdade e seu Zum Voador de volta. Ou isso, ou enfrentará a guilhotina ainda antes do pôr-do-sol.

Spike pensou por alguns segundos. Respirou fundo e concluiu. – Gosto muito do meu pescoço, sabe? Vou ficar com a primeira opção. – Outra vez, escondeu os olhos debaixo do chapéu e voltou para seu estranho exercício de dormir em pé.

Confuso. Binno ouviu as palavras de Orfeu.

- Eu ajudarei você, mas precisarei de sua ajuda. Xenon quis brincar comigo. Ele mandou você porque sabe que há anos tento resgatar uma consciência que se perdeu. Ele quis me humilhar e também quis perturbar você.

Binno sentou, sem tirar os olhos do velho Orfeu, que continuava sua história. - Eu já havia deixado para trás minhas responsabilidades com a Aliança. Era meu primeiro ano como Juiz, e, portanto, estava acima das regras e das leis. Eu era o senhor da vida e da morte, eu era... o barqueiro.

- E arrogante. – Binno deixou escapar.

- Você tem razão. Hoje eu vejo isso com clareza. Na época meus olhos não eram doentes, mesmo assim eu não enxergava com lucidez.

O Juiz continuou, falando num tom mais baixo.

- Mesmo assim, eu era a plena felicidade. Eu não estava sozinho. Eu tinha com quem dividir minha satisfação. Minha esposa era a mais talentosa biofísica cerebral de sua época. Seu nome era Elisa. Era uma mulher delicada, pequena, rosto delicado como o rosto de um passarinho. E cabelos curtos. Eu não poderia ser mais feliz.

Binno tentou entender aquela curiosa sensação de dividir a vida com outra pessoa. Estranhamente, lembrou de Kira Bella.

O Juiz continuou.

- Como biofísica, Elisa tinha grandes planos. Ela estava desenvolvendo um incrível projeto, um experimento que permitiria que códigos digitais aderissem à mente como se fossem impulsos elétricos.

- Em outras palavras ela estava inventando um jeito de instalar coisas na cabeça de uma pessoa?

- Não fale assim. Ela detestava que comparasse seu trabalho a esta bobagem de computadores. – Disse o Juiz, com a testa enrugada.

Binno ficou envergonhado pela bola fora.

O Juiz sorriu. Depois, voltou a falar muito sério.

- Mas, eu acho que sua interpretação foi perfeita. Ela estava fazendo exatamente isso, descobrindo um jeito de instalar coisas na cabeça das pessoas, sem chips, sem máquinas, apenas com eletricidade, ou algo assim.

- E ela conseguiu?

- Não – O Juiz franziu a boca. – Ela descobriu que só possível implantar impulsos em uma cabeça vazia. Desculpe, não sou cientista, não sei explicar isso direito. Mas foi assim que entendi. Se o cérebro é ativo, se tem memórias e estas coisas, você não pode simplesmente colar por cima. Não do jeito que Elisa tentou.

- Mas... – Binno mexeu no cabelo crespo. – Como ela podia ter certeza?

- Da pior maneira possível. Sua assistente, a jovem Susi se ofereceu para um teste. Elas estavam felizes e confiantes. Ainda lembro-me da pequenina Susi – Orfeu colocou a ponta dos dedos por baixo dos óculos e enxugou os olhos. – Ela teve uma lobotomia, seu cérebro entrou em colapso e...

Binno colocou a mão sobre o ombro do Juiz. O homem continuou.

- Minha mulher foi a julgamento pela morte de sua assistente.

- Mas você é o Juiz...

- Apenas o Juiz. Eu não faço as leis.

- Mas foi um acidente...

- Sou apenas um Juiz, Binno OXZ. Lembre-se que no Grande Oceano as coisas são diferentes de Falahcia, lá são sete Juízes que decidem. Fui o único que votou pela vida de Elisa.

Binno ficou sem reação.

O Juiz ficou em silêncio. Seus pensamentos foram longe, como se fugissem da dor daquela história. E voltaram.

- Foi no dia do julgamento que Hefesto Xenon me procurou.

Binno aproximou-se ainda mais de Orfeu, como se quisesse ouvir melhor esta parte da história.

- Na época, Xenon ainda era um Mestre da Aliança. Já era conhecido por sua atitude transgressora, o jeito como ele resolvia as coisas não me agradavam. Mas eu estava desesperado, minha mulher estava indo para o tubo de desoxigenação. Resolvi ouvir o que Hefesto ia propor. E... – Orfeu falou baixo,

como se falasse para si mesmo. - ...Quem me dera ter a chance de voltar atrás neste erro. Ele me propôs salvar Elisa em troca dos estudos de implantação de impulsos elétricos.

- Como?

- Hefesto era muito próximo dos ciganos. E, segundo ele, os ciganos tinham o espírito tão livre que descobriram um jeito de descolar a alma do corpo.

- Consciências perdidas.

- Isso. Era assim que eles chamavam as consciências que se separavam do corpo. E, somente os Reis tinham este direito. E Xenon trabalhava com os ciganos. – O Juiz Orfeu embargou a voz pela primeira vez. – Hefesto queria descolar a consciência de Elisa, do mesmo jeito que os Reis Ciganos fizeram. Xenon disse que ajudaria Elisa a deixar seu corpo e em troca queria conhecer a técnica para implantar memórias no cérebro. Parecia justo.

- E maldoso.

- Sim, e maldoso. Mas, salvaria Elisa. Ela descolaria suas memórias, seus sentimentos, seus medos, sua essência...

- Sua consciência? – Ansioso, Binno não conseguiu esperar toda aquela descrição.

O Juiz sorriu com um canto do lábio. - Exatamente, Elisa descolaria sua consciência do cérebro e ela sobreviveria. Ao menos na forma de impulsos elétricos.

- Isso é vida?

- Eu estava desesperado, achei que seria ao menos uma lembrança. Pelo menos assim poderíamos nos encontrar em algum site. Você já esteve na Esfera de Hades, você sabe que lá a realidade se confunde com o virtual. Nós tínhamos um plano. Combinamos que nos encontraríamos lá e viveríamos juntos, mesmo que virtualmente.

- Vocês sabiam onde estava a Esfera de Hades?

- Não. Mesmo assim eu passei anos tentando encontrar a Esfera de Hades.

Aquele site maldito. Aonde você, Binno OXZ, derrotou seu IA no passado. E quando finalmente a encontrei não me deixaram entrar.

- Você não tinha ‘A Chave’ .

- Exatamente, ‘A Chave’ que só foi descoberta por vocês do Clã de Prata.

- E o que aconteceu?

- A Esfera de Hades estava muito bem-guardada. Quando fui descoberto pelo sistema de segurança, eles tomaram providências para que eu nunca mais tentasse me conectar.

Orfeu tirou os óculos. E pela primeira vez Binno estava vendo o rosto inteiro daquele homem baixinho. Seus olhos não estavam ali.

No lugar dos olhos, havia apenas dois buracos vazios. Ao fundo era possível ver seus nervos e algo que parecia ser seu cérebro.

Binno se assustou e ficou de pé.

- Esta foi a punição. – O Juiz sem óculos falou.

Binno agradeceu à Origem por ter ‘A Chave’ naquele dia que entrou na Esfera de Hades.

- Eu sei que este papo está ficando complicado e longo. Mas acho que vai esclarecer muita coisa. Você quer resgatar seu amigo. E eu garanto para você, se fizer isso vai salvar muito mais gente que simplesmente um garoto das palafitas. E eu sei como.

- Como?

- Você conhece as Estações de Virtualização. Elas causam sensação de realidade através de seus nervos ópticos. E sem olhos, se tornou impossível para mim. A partir deste dia, dediquei a minha vida tentando descobrir um jeito de trazer a consciência de Elisa de volta. Preciso de ajuda.

O ronco do pirata interrompeu a conversa.

Spike que continuava escorado na parede, com o chapéu escondendo o rosto, pareceu se engasgar com a própria respiração. Coçou o nariz e voltou a cumprir sua incrível peripécia de dormir em pé.

- Eu vou ajudar você. – Binno falou sem pensar.

- É claro que vai. – O Juiz vestiu outra vez seus pequeninos óculos redondinhos. Em seguida abriu o paletó e retirou de lá um objeto pequeno como uma chave. O objeto tinha um dos lados fino e chato. Eram visíveis terminações de transferência elétrica. – Sabe o que é isso?

- Claro, é um pendrive.

- O que?

- Pen-drai-ve, pelo menos é assim que chama lá em Utoppy.

- Olha Binno, eu não conheço essa língua alienígena. Mas isso aqui é um guardador de arquivos digitais. É raríssimo. E eu quero que você traga Elisa para mim, dentro dele.

Binno fez apenas uma expressão de dúvida. É óbvio que Orfeu não viu. Mesmo assim, percebeu as dúvidas do garoto.

- A consciência não é um arquivo de computador comum. Não pode ser copiado, é impossível. Mas, ele pode ir de um lugar para outro.

- Recortado e colado? Transferido?

- Que seja. Preciso que traga Elisa para mim. – Orfeu quase gritou.

Binno ficou em silêncio. Naquele instante, o garoto percebeu que estava diante de um homem louco.

Orfeu tentou parecer calmo.

- A Aliança rastreou um movimento estranho na internet. Parece que todas as consciências perdidas estão sendo conduzidas para o mesmo site. Um site chamado Vale do Devaneio. Preciso que você se conecte, encontre este Vale do Devaneio e traga Elisa de volta para mim.

Binno se descontrolou.

- Isso é uma loucura. Como eu acho esse site?

- Você precisa encontrar uma ponte.

- O que? – Binno se irritou. – Onde eu acho isso.

- Sinceramente, não sei. – Orpheu afrouxou a gravada, tentando encontrar respostas. – Existem algumas por aí. Ache a sua. Eu já tive a minha. Mas... fui roubado por uma nýstica. Maldita Soraiah. Aquela nýstica insana, prometeu que me ajudaria...

- Tudo bem, além de achar uma ponte. Mais alguma coisa para eu procurar.

- Não. É basicamente isso. Ache uma ponte. Entre no site. Encontre Elisa. Traga ela para mim.

- Dentro do um pendrive?

- Que seja.

- Não acha que está pedindo um pouco demais?

- Você é jovem, saudável, disposto. E, não tem muitas escolhas. – Outra vez, o

Juiz sorriu com um canto do lábio. – Você vai conseguir. Seja otimista.

- Quem garante que vão me deixar tirar ela de lá? Porque a Aliança não faz isso? O que eu tenho que eles não têm?

- Ah! É verdade. Tem mais isso. O Código Sàrta. – O Juiz tirou a gravata do pescoço.

- O que? – Binno socou a mesa. - Tenho que achar o Código Sàrta. Para quê?

- O Código Sàrta é o código que os Reis Mortos criaram para garantir que poderiam voltar a vida. Xenon mandou você me procurar porque achou que eu seria pura frustração e tiraria suas esperanças. Mas, ao contrario disto, eu ajudarei você a encontrar o código mais procurado da Grande Existência. Mandarei o pirata levar você até o Retróculo. E o Retróculo contará onde está o Código Sàrta. Somente com este código é possível trazer uma consciência de volta a vida. Traga seu amigo Gabriah. Mas, lembre-se. Você está em dívida comigo e precisa trazer minha Elisa de volta.

Binno pegou o pendrive, colocou no bolso de sua calça.

- Recapitulando. Vou até o Retróculo. Ele entrega o código. Acho a ponte.

Entro no site. Uso o código. Acho sua mulher. Trago a consciência dela dentro de um pendrive. Mais alguma coisa? Um lanche, uma bebida?

O Juiz fechou a cara. – Vá logo. Você é minha última esperança.

O garoto ficou em pé.

- Tudo bem. Outra vez tenho que procurar uma porção de coisas que não tenho a menor ideia do que é. Só pode ser piada.

Binno passou pela porta e deu um tapa na cabeça do pirata, derrubando o chapéu prateado no chão.

O pirata acordou.

Assustado, seguiu Binno para a saída da Taverna.

# CAPÍTULO Vinte e Quatro
# Plano de fuga

As ruas de Falahcia estavam ainda mais assustadoras.

Binno e o pirata não tiveram coragem de sair da taverna. Observavam tudo pela fresta da porta entreaberta.

Os ciganos não estavam mais sob as ilusões de Sinistra. Miranda não conseguiu resistir por tanto tempo. Mesmo assim, as coisas por ali estavam longe do normal.

Todos corriam como se fugissem de um furacão ou um fenômeno qualquer deste tipo.

- *Do que estão fugindo?* – Pensou o garoto.

Uma pequena prisioneira chamou a atenção de Binno. Ela estava sendo arrastada por um grupo de capangas. Sob os ombros, os capangas traziam uma espécie de gaiola, mas ao invés de uma ave, havia uma menina lá dentro.

Os soldados estavam chegando mais perto da taverna, mas Binno não conseguia tirar os olhos da garotinha. Presa como um pássaro, ela nem ao menos tentava escapar. De repente, o olhar da menina cruzou com os olhos de Binno, ela tinha olhar vazio, leve, claro e azul como água. Eram olhos d'água.

A porta se fechou.

- Ei garoto, o maluco aqui sou eu. – Spike empurrava a porta para que não fosse aberta outra vez. – Não enxergou aqueles caras vindo para cá?

- Eu lembro daquela garotinha, Madame Anay estava dando uma aula para cientistas mirins, ou algo assim, ela estava lá, eu lembro.

Spike deu um tapa na cabeça do moleque.

- Se ela está presa é porque não é boa gente.

Binno encarou Spike. Ouvir aquilo de um cara que vivia em calabouços era

irônico.

O próprio Spike se corrigiu. – É claro que existem exceções. – Ajeitou o olho biônico. – Mas são raras. E mais rara ainda é a chance da gente ficar aqui e se dar bem. Vamos sair fora.

Spike espiou a porta outra vez. Os soldados haviam sumido. – Chegou a nossa vez, vamos nessa. - A rua principal de Falahcia estava deserta.

O ciganos haviam fugido.

Todos.

Binno saiu à rua seguindo o pirata. – O que está acontecendo com essa gente? Do que estão fugindo?

- Rrrrrrrrrrrrrrrrrr.

Um ranger absurdo de ferros mal lubrificados completou as impressões assustadoras.

A voz de Spike tremia. - Acho que eles estão fugindo do que vêm aí atrás.

- Seguir o exemplo deles não seria má ideia. – Binno levantou os ombros assim que ouviu um segundo estrondo.

- Concordo com o cavalheiro. E se me permitir, tomarei a iniciativa

Spike correu como louco, sem olhar para trás.

Por mais que Binno tentasse era impossível acompanhar a correria do pirata apavorado.

Por um instante, Binno agradeceu ter ficado para trás.

Uma mão gigantesca socou o chão e esmagou Spike

Era uma mão metálica e robotizada.

Binno olhou para cima, e percebeu que estava entre as pernas de um enorme monstro mecânico. Pernas compridas como prédios. Braços igualmente imensos. Mecanismos, peças e alavancas primitivas e sofisticadas. Era um robô. Um inacreditável e gigantesco robô!

Um robô que tinha esmagado Spike Spy com um único soco.

Talvez Binno ainda pudesse ajudar o pirata. O garoto correu e agarrou o polegar gigante da mão mecânica. A mão era tão imensa que Binno precisou esticar os dois braços para agarrar o dedão.

A criatura robótica ergueu sua mão e aproximou Binno de seus olhos.

Olhos protegidos por círculos de vidro: - *Óculos?*

O rosto do monstro era estranhamente familiar, tinha olhos pequeninos, um nariz minúsculo em comparação às grandes bochechas. O robô falou.

- Geniozinho, o que faz aqui.

Agarrado ao dedão, Binno usava suas últimas forças para tentar não cair daquela altura absurda. Confuso, perguntou: – Madame Anay. É você?

No rosto do robô gigante, as peças começaram a se desencaixar. Então, seu pequeno narizinho saltou para frente, como uma gaveta que se abre. Ali dentro, operando hologramas, a genial Madame Anay mostrou sua cara sorridente.

- Olá geniozinho. Sou eu sim. E essa é a Anayzona, uma invençãozinha que eu usei para me distrair nos últimos meses.

- Isso você chama de distração. É incrível. – Binno estava impressionado. – Criou tudo sozinha?

- Não, não. Tive ajuda de outra pessoa.

Outra vez, as peças do Anayzona começaram a desencaixar. Desta vez, na altura do peito. No coração, outra gaveta se abriu. Dentro da gaveta estava o instrutor de Saber Musical, Amadeus Hotred.

- Olá clone. – Ele também operava hologramas. – Como eu disse para você, a música é capaz de coisas incríveis.

Binno não entendeu nada, mas naquela altura só queria era saber como não cair.

Uma explosão desequilibrou Anayzona. Eram os ciganos contra-atacando. Lá debaixo, lançavam explosivos em catapultas.

O robô balançou a cabeça freneticamente, imitando os movimentos da inventora. - Pela Origem, é melhor eu colocar você para dentro. - A mão robótica conduziu Binno até a gaveta no peito da Anayzona. Lá dentro, o instrutor Amadeus estava de braços abertos aguardando um abraço.

Anayzona guardou Binno dentro de sua caixa torácica. Em seguida, a gaveta se fechou.

- Fique à vontade “garoto que não é um clone”. – Amadeus fez aspas com os dedos. É impressionante o trabalho que fizemos aqui, não acha?

Incrédulo, Binno ainda tentava entender aquele robô gigante criado por Madame Anay.

O interior da Anayzona era como um grande salão vazio, com paredes metálicas e pouca luz. No fundo daquele salão, uma bola de luz vermelha pulsava feito um coração. Amadeus estava muito orgulhoso.

- Madame Anay é realmente muito hábil com engenharia. Mas, a ideia de usar música para ritmar a pulsação energética foi minha. Acho que fomos uma dupla muito bem-sucedida.

- Também acho. – Binno ainda estava boquiaberto.

- O coração de Anayzona é uma bomba de música que equilibra as energias do piloto com todo este engenho mecânico. Graças a este coração, quando Madame Anay se mexe lá em cima, todo o gigantesco corpo da Anayzona imita seus movimentos. Para isso, eu aprisionei uma música poderosíssima ali dentro daquela bola vermelha. Entendeu?

Binno nem se deu ao trabalho de responder. Era óbvio que ele não tinha entendido nada.

Amadeus sacudiu seu grande fraque de maestro. - Não importa, mesmo não entendendo você também ajudou bastante, Binno OXZ.

- Eu? O que eu fiz?

- Encontrei essa música numa pesquisa aos computadores da Aliança. Duvido que outra pessoa fosse tão hábil para instalar uma música proibida no Palácio da Aliança Maior. Obrigado, Binno OXZ. Essa música foi minha inspiração para criar o coração da Anayzona.

- Eu não sabia que era uma música proibida.

- Você não tinha como saber, OXZ. Esta música é simplesmente genial. Poucos reconheceriam a força que ela tem.

Binno sentiu que era uma oportunidade para acabar com uma dúvida que há tempos atormenta sua cabeça.

- O Zac disse que Hefesto Xenon está usando uma música para recrutar soldados para sua Marcha Silenciosa. Acredita nisso?

- Não. – Amadeus olhou demoradamente para a bola vermelha que pulsava no centro do salão, cheio de orgulho de sua obra. – Uma música é só uma música. Já ouviu falar de programação por som?

Binno balançou a cabeça negativamente. Amadeus explicou.

- É um jeito de criar e espalhar programas proibidos para driblar qualquer sistema de segurança. Na verdade, é apenas uma música. Mas, as batidas são pensadas para serem convertidas em bits no futuro.

- Está dizendo que, para nós é apenas uma música. Mas, alguém pode converter som em códigos de programação e criar, por exemplo... – Binno não teve coragem de falar.

- Por exemplo, um IA. - Amadeus completou. – Sim. Talvez essa música possa ser convertida em um IA que servirá a Xenon. Assim como aconteceu no passado, com o IA que você criou.

Binno ficou em silêncio. Era como se tivesse caído duas vezes no mesmo truque. Outra vez, estava servindo ao Império Renegado.

Amadeus pôs as mãos nos ombros de Binno.

- Anime-se. Xenon não irá derrubar a Aliança inteira agora. Só depois que os Generais voltarem à vida.

- Generais?

- Na primeira guerra, Xenon aprendeu que ia precisar de aliados. Desta vez ele trará seus Generais de volta à vida. Depois, esmagará os Doutores. - Adamastor parecia se divertir com aquilo.

Binno reclamou. - Ninguém falou destes Generais.

- A Aliança prefere acreditar que eles não existem. Mas, eu acredito que os Generais Rebelados sejam como notas musicais. Sozinhos, são simplórios. Mas, quando regidos com talento, serão poderosos e avassaladores. - Os olhos vermelhos do instrutor nunca estiveram tão sérios. – Eu asseguro: Xenon precisa de homens inteligentes e poderosos ao seu lado. E logo estes Generais aparecerão.

Binno ficou quieto. O único som que ouviam era o pulsar do coração de Anayzona.

O coração de Anayzona pulsava mais e mais rápido. Amadeus sorriu, feliz com aquilo.

Amadeus segurou o próprio peito. – Este ritmo forte mostra que a batalha está feia lá fora. É melhor você sair logo daqui.

- Sair daqui? Como?

As portas do tórax de Anayzona se abriram outra vez. E uma das mãos da gigante de ferro agarrou Binno.

Lá fora, as explosões e o cheiro de guerra eram incessantes.

Acima de tudo aquilo, Anayzona era quase inatingível.

De dentro do robô, Amadeus acenava feliz, como se despedisse de um amigo que tivesse partindo para um passeio.

Dezenas de ciganos insistiam em atacar Anayzona de todo jeito. Catapultas, armas e bombas. Anayzona se esquivava como podia.

O robô colocou as duas mãos lado a lado.

Na mão direita, Binno se equilibrava.

A outra estava fechada, como se estivesse pronta para um soco. Lentamente, o robô abriu a mão esquerda, revelando que trazia alguém ali dentro.

Com um sorriso prateado no rosto, Spike alinhava sua roupa, indignado por ter ficado tanto tempo preso entre aqueles dedos.

Binno continuava se equilibrando na palma da outra mão gigantesca.

- Eu sabia que você não tinha morrido.

- Como você podia saber? Às vezes até eu tenho dúvida. – Spike ainda sorria, nervosamente. – Com este cheiro, até eu me confundo com um cadáver.

Madame Anay bufava, dentro do nariz de Anayzona

- Eu não quis esmagar este imprestável. Soquei o chão para ele passar entre meus dedos. O que eu não sabia é que ele estava atrasando você, se eu soubesse... - Anayzona tremeu os dedos, como se resistisse à tentação de espremer o pirata.

Spike falou entre dentes.

- Eu pensei na segurança dele. Dentro da taverna estava mais seguro que sair correndo por aí.

Anay ajeitou seus pequeninos óclinhos e bufou.

- Seu covarde. O plano era que vocês fugissem e eu segurasse os ciganos aqui. Mas, você fez tudo errado. Tire logo o geniozinho desse lugar.

Outro explosivo acertou a costas de Anayzona.

Anay olhou para Binno e movimentou os braços. O robô gigante imitou os movimentos da inventora. Derrubou Spike na mesma mão onde estava Binno. Com um indicador imenso, acariciou a cabeça do garoto.

- Geniozinho, seus amigos sempre estarão com você. Agora vá, este inútil vai mostrar o caminho.

O robô Anayzona deu um peteleco no pirata.

O piloto madame Anay bebeu uma dose de seu licor borbulhante e respirou fundo. Mais calma, sorriu para os dois.

O nariz voltou para dentro da cara de Anayzona.

Binno e Spike se olharam, sem saber o que aconteceria nos próximos instantes. Então, um trapezista puxou os braços de Spike e fez o pirata subir a uma velocidade impossível de acompanhar com os olhos.

Outra vez, Binno havia esquecido aquela particularidade de Falahcia.

Naquela cidade, quase sempre o que é importante acontece acima da sua cabeça.

Os trapezistas puxaram a dupla.

Alguém puxou os braços de Binno e jogou o garoto para cima. Ele já havia feito aquilo uma vez, mas era difícil se acostumar. Com uma rápida olhada, percebeu que quem agarrava seus braços era um dos integrantes da trupe dos absurdos, o Pança.

- Você demorou garoto. Onde andou?

Obviamente, Binno não conseguiu responder. E antes de chegar ao fim daquela carona, manteve a respiração trancada.

Lá embaixo, nas ruas de Falahcia, ainda dava para ver Anayzona dando uma surra em todo cigano que se aproximava, com direito a pontapés e destruição de catapultas com petelecos assassinos.

Binno viajava para cima.

Sua respiração só recuperou a normalidade quando ele e Pança já haviam chegado às escadarias do Castelo Cigano.

Pança puxou o relógio de ponteiros curvos que trazia pendurado no pescoço. - Garoto, estamos sem tempo para os seus piripaques. Está tudo atrasado. Por onde andou? Afinal de contas, quem é o irresponsável que ia trazer

você para cá?

- Ele. – Binno falou, ainda tomando ar, apontando para o outro lado da plataforma onde o piloto e trapezista Barba deixava Spike Spy pendurado pelos braços.

O pirata batia sua roupa usando seu chapéu prateado.

- Você? – Pança abriu um imenso sorriso, ao mesmo tempo que abriu os braços. – Eu sabia que não tinha morrido.

- Todo mundo está me dizendo isso hoje.

- Pela Origem, por onde andou? Temos tanto para conversar.

- Eu adoraria conversar, - Spike completou a frase num tom mais baixo. - Se você não fosse um idiota.

- Ah! Claro... – Pan limpou a garganta, claramente tentando disfarçar alguma coisa. – É melhor esperar a hora certa.

Binno e Barba continuavam quietos. Os dois estavam igualmente confusos com aquela situação repentina.

Pan Psy se descontrolou.

Emocionado, abraçou Spike com força.

O pirata tentava se desvencilhar daquele abraço apertado. Mas, depois de alguns segundos, retribuiu.

- Eu também senti saudades. Não tanta. Acho que você sentiu mais.

Pança secou as lágrimas, em seguida soou o nariz com a manga da camisa.

- Meu irmão. Meu irmão!

Spike apertou a barriga do homem. – É. É. Sou seu irmão.

Andou se alimentando bem, não foi?

- Como é que é? – Binno interrompeu. – Spike você é o irmão do Pança?

- Sim. Não. Como assim? – Spike mexeu em um parafuso em sua mão mecânica. – A verdade é que somos amigos tão chegados que somos quase irmãos. Entende?

Era engraçado ver Pança controlando um choro. Um sujeito daquele tamanho emocionado daquele jeito.

- Sim. – Disse Pança, segurando as lágrimas. – Éramos muito chegados.

- Tudo bem. – Spike afastou Pança como pôde. – Depois a gente debate este assunto. Agora, vam’nessa.

Spike foi o primeiro a subir às escadas, seguido pelo emocionado Pança e o calado Barba. Binno seguiu o grupo, intrigado.

Muitos degraus depois, chegaram à entrada do castelo. Lá, encontraram a Vidente Vivian. Primeiro Binno se assustou achando que a mulher ia chamar os guardas. Mas, logo entendeu que toda a Trupe dos Absurdos estava apoiando aquela fuga. Então, usando seu dom de prever dez segundos, ela guiou o grupo para estar sempre no corredor onde não haveria ninguém. E assim, passaram por todos ambientes do castelo, até chegarem aquela frágil ponte de cordas que levava às gaiolas dos wyverns e cocatrixes. A partir daquele ponto ela avisou:

- Não há nenhum guarda nas gaiolas. A maioria deles está lá embaixo, caçando vocês. Nos próximos dez segundos sabem que estarão seguros. Depois disso, não posso garantir mais nada.

A velha virou as costas e voltou para o interior do castelo. Barba foi o primeiro a caminhar pela ponte, seguido Pança, Spike e por último Binno.

- Deveríamos ter passado por aqui há muito tempo. – Barba era o mais preocupado.

Pança consultou outra vez o seu relógio de pescoço. – Vai dar tempo, eu sei que vai.

Logo depois da ponte, estavam Miranda, Maxx e Kira Bella, todos ansiosos.

- Por que tanto atraso? – A garota correu e abraçou Binno demoradamente. O aperto daquele abraço fez ele se arrepender de ter desconfiado da amizade da garota.

Maxx cutucou Binno para acabar com aquele abraço.

- Alguém tem notícias do Zac?

Binno também ficou em silêncio, mas guardou para si suas desconfianças. Preocupado, o primeiro-filho olhou para o relógio de peito do Pança. Depois falou.

- Atenção. Nós escondemos o cascudóptero dentro da gaiola dos wyverns. Não sei o que houve com Zac e também não sei por que vocês demoraram tanto

para chegar aqui. Mas, a partir de agora quero saber de tudo. Ninguém faz nada que eu não mandar. Estão comigo?

Pança concordou com a cabeça. Barba, Miranda e até Spike repetiram o gesto. Binno ficou imóvel. Kira apenas sorriu.

Seguindo Maxx, o grupo entrou no corredor que levava às gaiolas. O grupo caminhava de modo nervoso, quase correndo, tropeçando em seus próprios calcanhares, como se previssem que a fuga não sairia como planejada.

Chegaram bem às gaiolas.

Segurando uma espécie de pistola de eletricidade, Maxx abriu a gaiola dos wyverns. Antes de entrar, fez uma de suas piadinhas.

- Hoje nós vamos entrar na gaiola dos wyverns. Mas, se quiser abro a gaiola dos cocatrixes, Binno OXZ. Acho que eles estão com saudades de você. – Maxx provocou, lembrando-se do dia que salvou as vidas de Kira, Zac e Binno.

Contrariado, Binno entrou na gaiola do wyverns em silêncio. Os animais coloridos, bizarros, com pernas fortes, asas e cauda eram assustadores. Mas, morriam de medo da arma na mão de Maxx.

Binno colocou a mão na garganta, lembrando-se do animal vermelho que quase enforcou o seu pescoço na última vez que esteve ali: o wyvern vermelho.

Miranda segurou o ombro de Binno, como se adivinhasse seus pensamentos. - Aquele animal realmente estava com ódio de você. Não saia do meu lado, pediu a primeira-filha.

Maxx apontou o Cascudóptero, camuflado no meio da gaiola.

Kira se aproximou de Binno.

- Cadê o pirata?

- Ele estava aqui agora mesmo, - Binno olhou para os lados, inutilmente. –

nunca entendo porque ele faz isso.

Maxx baixou a arma e exibiu um sorriso desapontado.

- Eu acho que é cedo para comemorar. – O primeiro-filho apontou para o chão, mostrando pegadas recentes. – A guarda do chanceler sabe que estamos aqui. Estão à espreita.

- Como assim, não vi ninguém até agora. – Pança procurou por todos os lados. Seus olhos investigaram tudo que podiam naquela gaiola escura e não

encontraram nem vestígio de guardas.

Binno chamou a atenção de todos. – Sou novo por aqui, mas já aprendi que em Falahcia, tudo vem de cima.

O grupo inteiro olhou para o céu, onde nuvens de wyverns se debatiam desajeitadas. Um zunido forte vindo do alto e se aproximava cada vez mais rápido.

- Flutueiras. – Binno falou para si mesmo.

Maxx usou a pistola de eletricidade e atirou para cima. O disparo iluminou o viveiro inteiro. Foi apenas um instante, mas o suficiente para encher de medo todo o grupo.

Como um batalhão de vespas, soldados ciganos desciam pilotando flutueiras em direção aos fugitivos.

- Corram. – Maxx guiou o grupo. O barulho das flutueiras deixou os wyverns ainda mais transtornados, os bichos passavam entre as pessoas, como se também tentassem fugir daquela confusão.

Graças às suas botas, Kira foi a primeira a chegar no cascudóptero, seguida por Maxx, Binno, Miranda e Barba. Só Pança não havia chego ainda quando os primeiros tiros começaram a salpicar o chão. O cigano pisou em um buraco e caiu.

- Fiquem aqui. Nenhum soldado vai ter coragem de atirar onde estiver os filho do chanceler. – Maxx ordenou para o grupo.

Binno não obedeceu. Pulou para fora do cascudóptero e ajudou o trapezista gorducho a levantar.

Ainda sob a mira das flutueiras cada vez mais próximas, Pança e Binno correram outra vez para o cascudóptero.

O piloto Barba já estava pronto para partir. O cascudóptero já estava alguns centímetros acima do chão.

Pança pulou para dentro do veículo.

Binno tentou fazer o mesmo. Mas, seu pé foi agarrado por algo gelado e gosmento.

O garotou caiu no chão. Os tiros obrigaram o cascudóptero a sair do lugar.

Binno olhou para seu pé e viu o wyvern vermelho.

O animal que já tinha tentado enforcar Binno em outro dia, hoje segurava sua perna sem medir esforços para arrastar o garoto para o lado mais escuro da caverna.

Raivoso, o animal abriu sua imensa bocarra e estava prestes a engolir a cabeça de Binno. Não havia tempo para lutas, Binno tinha que escapar e precisava ser rápido.

Outra vez, o garoto percebeu que já não era um menino indefeso. Simplesmente, compreendeu que todas suas experiências haviam feito dele alguém mais consciente de suas próprias forças, seus limites e suas virtudes. Num instante, todo o medo sumiu. E, diante do wyvern, sabia que aquela era uma criatura que não merecia ser temida.

Ainda caído, Binno ergueu a mão como se exibisse a mais terrível arma de guerra.

Indomado o wyvern seguiu sua meta e tentou morder o garoto.

Binno não teve medo, nem perdeu tempo. De modo inconsciente, como se aquilo fosse simplesmente sua natureza, agiu com competência e exatidão. Sua mão erguida captou a umidade daquele ambiente. Num golpe certeiro, ainda sem compreender aquele dom, Binno comprimiu a umidade do ar numa seta de gelo. O cérebro do wyvern foi perfurado e a criatura perdeu a vida naquele instante.

O corpo gosmento do wyvern caiu sobre Binno.

As flutueiras alcançaram o solo. Os soldados iam aprisionar a todos.

O piloto não podia esperar.

O Cascudóptero levantou voo. Rápido feito um inseto que foge do predador, Barba guiou sua nave para longe das flutueiras. Binno quis gritar, mas ouviu uma voz arranhada vindo de uma escura sombra.

- Espere moleque. Deixe esse bicho morto esconder você. Só eu sei que você está aqui.

As flutueiras se aproximaram. Os soldados olharam rapidamente à sua volta. E, em segundos, partiram em perseguição ao Cascudóptero.

As flutueiras foram.

O caos foi.

A gaiola estava outra vez cheia de seu silêncio sombrio.

Com nojo, Binno tirou o corpo do wyvern de cima de si.

- Spike. – Binno falou com o pirata, que ainda se camuflava nas sombras. - Porque não foi com eles?

O pirata caminhou em direção a Binno e ajudou o garoto a se levantar. Com um sorriso prateado, o pirata falou.

- Fiquei impressionado garoto.

Binno limpava sua roupa.

- Pois é, ainda não sei como faço esse negócio. Mas, estou começando a gostar.

Spike chutou a cabeça do wyvern, onde a estaca de gelo derretia lentamente.

- Interessante. Muito interessante. Vai ser um dom muito útil. Com você do meu lado, nunca mais vou beber nenhuma bebida quente.

Binno sorriu.

Alguém se aproximou dos dois. Era alguém pequeno e rápido.

- Acho bom a gente sair logo daqui. – Era Kira Bella quem se aproximava.

Binno gritou bravo

- Porque não foi com eles? Bug Kira. Este é o pior lugar para você estar em toda Grande Existência.

- Eu não ia deixar você sozinho outra vez. – Kira encarou o pirata com raiva. Depois voltou a falar. – Além do mais, agora o Cascudóptero é a isca. Nós estamos sozinhos aqui.

- Como assim?

- Quando eu estava pulando daquela nave, Maxx não tentou me impedir. Ao invés disso ele disse que ia atrair os soldados. E falou que sabia onde encontrar a gente.

Binno não entendeu nada.

- Isso não faz sentido nenhum.

- Olha Binno. Hoje Maxx disse que você é muito mais importante do que imagina. Ele quis falar, mas não dava para conversar com tanta gente atirando e com toda essa correria. Mas, ele não ajudou na sua fuga porque eu pedi. Ele

ajudou porque acredita que você pode ajudar a salvar Falahcia.

Binno não soube o que dizer. Por isso, apenas olhou para cima.

As saídas do viveiro já haviam sido abertas e agora tanto naves quanto animais já voavam acima das nuvens.

Ainda era possível ouvir um leve zunido das flutueiras ciganas, já distantes, numa perseguição insana contra o cascudóptero da trupe dos absurdos.

- Vamos sair logo daqui. – O pirata caminhou sozinho à frente. E logo no primeiro passo, pisou num grande coco de wyvern. – Bug. Esse lugar é nojento.

Kira, Binno e o pirata Spike decidiram voltar a caminhar pelos corredores do Palácio Cigano. Estavam sozinhos, mas sentiam que logo, logo iam ter companhia.

# CAPÍTULO Vinte e Cinco
# O androide de duas cabeças

- As tuas respostas estão no passado. – Resmungou o pirata, enquanto sacudia a poeira do próprio chapéu.

- O que? – Perguntou Binno.

- Estou falando sozinho. Será que um pirata não tem mais direito a sua privacidade?

Kira e Binno se olharam, em dúvida sobre a sanidade mental de Spike.

Para não dar de cara com um soldado perdido no Castelo Cigano, os três caminhavam pelos corredores mais escuros. Em certos momentos, a luz realmente não existia. O resultado disso era que Binno seguia o pirata não mais com os olhos e sim com o nariz. - Pela Origem, esse cheiro de coco de wyvern não sai da sua bota, Spike. - Disse Kira, que vinha logo atrás.

- Eu já limpei a bota. - A voz arranhada do homem gritou lá da frente. - Esse cheiro é meu mesmo.

Binno quis rir, mas algo chamou sua atenção. Dois pequenos pontos brilhantes muito próximos do chão se aproximavam.

- O que é aquilo? - Kira também viu os pontos iluminados.

- São olhos. - Binno falou baixo. - Olhos de gato.

O garoto sentiu o pelo macio roçar na sua perna. - Este é o Tupi. É o gato dos felíndios.

- Ah! Ele parece tão bonitinho. – Kira se abaixou para acariciar o felino.

- Ele é daqueles sujeitos com bigode de gato? São parte da família de Cybele. Lembra?

- Claro, claro. – Kira limpou as mãos, como se o gato fosse sujo. – Cybele Síria, a ladra.

Tupi se afastou do grupo. Pelo corredor escuro, seus miados puderam ser ouvidos cada vez mais longe.

- Parece que ele quer ser seguido. - Kira falou baixinho, como se não acreditasse no que ela mesma dizia.

O gato já estava longe quando o pequeno grupo tomou a iniciativa de seguir o bicho. Cautelosos, continuaram a uma distância segura.

- Foi este o gato que mostrou aquela fenda para você? - Kira perguntou com a voz mais baixa que conseguiu.

- Foi.

O pirata se empolgou com a notícia.

- Imagine a riqueza que esconde essa fenda, hein? - Spike começou a tatear a parede no ponto onde o gato havia parado de miar. - Vamos lá gatinho... pi, pi, pi. - O pirata começou a chamar Tupi, como se ele fosse uma galinha. - Onde está a fenda dos gatunos, onde?

A esta altura, os olhos de todos já tinham se acostumado à escuridão. Exatamente por isso, perceberam que não havia nenhuma fenda na parede.

- Acho que ele não vai mostrar para nós. – Kira era a menos interessada.

Binno e Spike tateavam a parede sem sucesso. Kira parou e cruzou os braços.

- Acho melhor a gente sair logo desse corredor escuro.

Binno continuava distraído com a parede, ignorando o apelo da garota.

Ela insistiu. – Ei. Vamos sair logo daqui. Vai aparecer alguém.

Spike também não respondeu, estava concentrado tentando abrir um buraco na parede com as unhas.

A garota respirou fundo. Qualquer um odeia ser ignorado. E Kira Bella odeia isso mais que todo mundo.

- Bug Mental! Não quero ficar parada aqui. - Com raiva, ela socou a parede. Em seguida, gritou com raiva. – Chega de seguir um gato idiota.

Spike e Binno ficaram vidrados no ponto onde Kira havia socado.

A parede começou a rachar. Os três deram passos assustados para trás. Uma fenda se abriu. E dentro daquela fenda estava Tupi que voltou a miar, como se

risse de todos.

- Muito bem, magricela. - Spike falou enquanto entrava na fenda. – Agora sim, a gente vai para um lugar aonde ninguém vai achar a gente.

Binno seguiu o pirata.

– Eu esperava que a fenda abrisse sozinha. – O garoto riu para Kira. - Mas assim também serve.

Kira foi a última a entrar, ainda surpresa com a precisão do próprio soco.

- Este é o atalho que você me contou?

- Exatamente. - Binno lembrava cada passo que tinha que dar naquele corredor escuro.

O trio seguia o gato dentro de grandes canos escuros. Binno já conhecia aqueles corredores. Naquele túnel tinha conhecido os felíndios.

Chegaram até aquela traiçoeira escada, sem surpresas. Ninguém cruzou o caminho dos três. E, com passos cuidadosos em cada degrau podre, subiram até o depósito dos tesouros felíndios.

Quando abriram a porta do depósito, tiveram que proteger os olhos: a luz do tesouro felíndio era imensa.

Tupi continuava à frente, guiando o trio.

A riqueza ali presente era incalculável. Joias espetaculares, espalhadas pelo chão e amontoadas pelos cantos como se fosse estrume de cocatrix.

Spike era o mais impressionado.

Binno estragou a alegria do pirata. – O que vai fazer agora? Você falou que ia ajudar a gente a sair daqui.

- Eu não falei.

- Falou sim.

- Não, garoto. Eu falei que ia ajudar a chegar até as respostas. E, as respostas estão aqui.

- Do que você está falando?

- Psit. - O pirata fez um gesto pedindo silêncio. Seu olho mecânico se movimentava nervoso, como se procurasse algo escondido naquela sala. – Você já esqueceu o que tenho que fazer para reaver o meu submarino?

- Por ordens do Juiz, encontrar o Retróculo. Exatamente por isso temos que sair do castelo e ir atrás dele.

- Quem disse que o Retróculo está fora do castelo?

- Ué. E aquele papo de nuvens traiçoeiras, cascatas cegas, viagem longínqua e noivas mortas?

O pirata olhou rapidamente para Binno.

- Eu precisava dizer alguma coisa. Aquele Juiz é maluco. – Spike observou o imenso monte de joias. Sem explicações, começou a escalar o monte.

- Não pensou em dizer a verdade? - Binno se irritou.

- Isso nunca funciona comigo. Sou melhor inventando histórias. - O pirata subiu em uma pilha de ouro, apressado. – Mas não se preocupe. Hoje, você conhecerá a verdade.

Binno seguiu pirata. - Que bom.

- Acontece que antes de você aparecer no calabouço, havia outro sujeito naquela cela.

- Quem?

- O Retróculo estava lá. E eu sei quem roubou ele.

Kira acompanhava a conversa. – Esse cara estava preso no calabouço e alguém o roubou de lá?

O pirata explicou. - O Retróculo não é um cara. E vocês já, já vão descobrir o que ele é.

Finalmente chegaram ao ponto mais alto do monte de tesouros, lá estava o Tupi, miando enquanto lambia a própria pata. O gato estava em cima de um caixão de vidro, onde gases complexos mantinham intacto um corpo adormecido.

- Ora, ora. Se não é o amigo que você abandonou. - O pirata encarou Gabriah através do vidro. O garoto mantinha a mesma expressão congelada.

Cansado, Binno escorou os cotovelos sobre o caixão. Tupi pulou em seu ombro.

- Não adianta nada a gente vir até aqui. Para tirar o Gabriah deste caixão,

preciso achar o Retróculo.

- Você ainda não entendeu? Eu disse que o Retróculo foi roubado.

- E daí?

- Foi o Ladrão Delicado que roubou o Retróculo. – O olho mecânico do pirata continuava se movendo de modo estranho, como uma luneta que não consegue achar o foco. Spike estava procurando alguma coisa. - Por isso eu imaginei que o Retróculo estaria aqui. E, olha que coisa incrível, astutamente eu acabo de descobrir onde ele está.

Binno não entendeu.

Spike encarou Binno com uma expressão maluca, tentando dizer alguma coisa.

Binno deu de ombros.

Agilmente, o pirata se abaixou e enterrou a mão de ferro na montanha de joias. O pirata não disfarçou a felicidade de ter agarrado algo.

- O que você está desenterrando?

- O Retróculo – O olho de ferro do pirata praticamente dançava, comemorando o feito. - Acabei de pegar o “cara”.

Spike puxava com força. E aos poucos foi revelando seu achado. Era a mão de alguém! Era uma mão de dedos tão finos que podiam quebrar. Spike puxou mais e mais, aos poucos, foi desenterrando alguém que não fazia a menor questão de sair de lá. Como um pescador contra um grande peixe, aos poucos foi arrancado um homem debaixo das moedas.

Um homem!

Metade do corpo já estava totalmente para fora quando o homem se deu por vencido.

- Tu-tu-do bem. Eu saio. - Trêmulo e nervoso. O homem implorou por clemência. – E-e-eeu já es-es-tou que-que-querendo sa-sair mes-mesmo.

Era o androide magrelo. Aquele que Binno viu ser preso no quarto de Zac. E o garoto voltou a se assustar com o visual bizarro da criatura.

- Este é o cara do cavanhaque azul.

- Parabéns, moleque. - Spike segurava firme o braço do androide. - Você já sabe ver as cores.

Binno ficou sério.

- Ele é um androide e está com problemas de programação. Não consegue mentir sem gaguejar.

- Sim, sim. – Spike ajeitou o chapéu prateado. – Sua personalidade mudou e o software deu pau. Agora para ser curado alguém precisa acreditar plenamente nele.

Binno ficou impressionado. – Como você descobriu isso?

- A gente conversou um pouco na cadeia. – Spike balançou o braço magro do androide. - E ele contou que você descobriu como curar esse problema da gagueira. Mas, o que você não sabe, jovem gênio, é que este é o cara que o Juiz mandou a gente procurar.

- É ele?

- Exatamente. Eu apresento a você o guardião do temível Retróculo. Aquele que vai salvar seu dia. - Spike pegou um jarro de ouro do chão, limpou e usou para apreciar seu próprio reflexo.

- Espera um pouquinho... - Kira encarou de perto o homem de cavanhaque azul. – Já vi uma este sujeito lá no Palácio da Aliança. Ele é Mitus Fake. É um trapaceiro que trabalhava para o império Enguia. Foi condenado e devia estar preso.

Spike ironizou. - Ele estava, acabei de contar.

Kira se aproximou ainda mais do sujeito de cavanhaque azul.

- Você devia estar em Alcatrix. O que faz em Falahcia?

O homem magro engoliu em seco. Respirou e pronunciou firmes palavras.

- Procuro por Binno OXZ.

Kira e Spike olharam para o garoto. Ele reagiu.

- Procura por mim? O fugitivo aqui é você. Quer dizer...

O garoto foi interrompido por Mitus Fake, que desatou a falar.

- Yvan, o motorista. Ele me mandou procurar você, Binno OXZ. Você precisa das respostas. Elas estão em mim. Eu estou aqui para ajudar. Só você pode ajudar a menina. Você precisa das respostas para ajudar a menina.

Spike pôs a mão mecânica sobre o ombro magro de Mitus.

- Chega de enrolar. Mostra logo para ele, homem de lata.

Mitus respirou fundo. Spike apertou ainda mais o ombro magro do homem. Um barulho de ferro amassando fez todos se assustarem.

- Tu-tu-do bem. – Mitus Fake fez um sinal, pedindo que as pessoas se afastassem. Spike chegou a se esconder atrás do caixão de vidro.

Uma cena difícil de esquecer veio a seguir.

No peito de Mitus, uma cavidade se abriu, como uma pequena janela que bate durante a tempestade.

Ao invés de sangue, o peito aberto liberou um estranho gás de cheiro forte.

Kira segurou a mão de Binno, assustada.

Os dois se afastaram, enquanto observavam o que vinha a seguir. Algo estava dentro da janela aberta no peito de Mitus. Era algo que lembrava uma cabeça, porém, de costas, e de cabeça para baixo. Binno observou aquela estranha formação e percebeu que o pescoço daquela cabeça estava diretamente ligada a cabeça de Mitus.

Mitus tinha uma expressão séria. Estalos mecânicos e mais gás malcheiroso saíram de dentro do peito aberto do androide. Ele continuava parado, com pernas e braços imóveis, e uma expressão que parecia morta. Seu peito mecânico continuava emitindo um gás malcheiroso.

Binno puxou Kira para trás de si, protegendo a garota.

Os dois olharam para Spike, o pirata se protegia atrás do caixão de vidro.

- Sim. Ele é um androide de duas cabeças. - Spike respondeu. Enquanto observava a transformação do homem magro. - E como cheira mal, hein?

Outro estalo alto fez os três olharem para Mitus.

O androide jogou sua cabeça para trás, virando completamente o pescoço. E, como se houvesse ali uma espécie de gangorra, a cabeça que estava dentro do robô saiu peito afora. Aos poucos, esta nova cabeça assumiu a posição acima do pescoço.

Nem Kira, nem Binno disseram uma única palavra. Nem mesmo Spike ousou fazer uma piadinha. Todos estavam de queixo caído diante da nova cabeça do androide.

O rosto que viam era horripilante.

Com as formas do rosto de um bebê, bochechas gordas e queixo arredondado, a cabeça tinha pele enrugada como um velho centenário. Um rosto apavorante, que não se sabia se era jovem ou velho. Inocente ou malicioso. Aliado ou inimigo?

O peito do androide se fechou. E, uma voz metálica suspirou.

- Ah. Faz décadas que não respiro um ar tão puro.

Só Spike se atreveu a falar.

- Para onde foi a sua outra cabeça?

O androide sorriu, virou-se e mostrou outra janela se fechando em suas costas. Ali, estava guardada aquela antiga cabeça magra com cavanhaque azul.

Kira saiu de trás de Binno, já irritada. Foi até o androide e encarou o rosto de bebê com pele de velho.

– Pela Origem, a outra cabeça era esquisita, mas essa é terrível. - A menina olhou para o pirata, quase exigindo uma explicação. - Tudo bem, ele é um robô de duas cabeças. Uma delas fica guardada no peito e a outra em cima do pescoço. E daí?

Spike saiu de trás do caixão de vidro.

- Tecnicamente, o Retróculo não é um robô. É um androide. Ou seja, uma mistura de gente com máquina. Mas, estamos aqui porque o moleque quer perguntar alguma coisa pro Retróculo. Se continuar de boca-aberta e não perguntar nada, só perdemos nosso tempo.

De queixo caído, Binno continuava surpreso.

Kira olhou outra vez para o androide. A boca pequena de bebê sorria para ela, de modo assustador.

- Tudo bem. - Spike quis apressar as coisas. – Permitam que eu faça as apresentações. Meninos, este é o Retróculo. O mais velho dos seres na Grande Existência. Ele tudo viu, tudo sabe, tudo conhece. Ele traz todas as respostas em si e blá, blá, blá. Vocês devem conhecer a lenda.

- Tudo o que sabemos, foi o Pança que contou para gente. – Binno se manifestou. – Parece que ele dá todo o conhecimento que for pedido. Mas, depois exige que este conhecimento seja pago com a vida.

- Ele não mata as pessoas. – Spike olhou para o Retróculo, como se pedisse um apoio.

O mesmo sorriso maldoso continuava no rosto do bebê velho.

Spike continuou.

- Ah! Talvez se a pessoa não for digna da resposta, ele coma seu cérebro. Ou, algo do gênero. Não sei bem esta parte da história. Mas ele é um bebê que nasceu diferente. Olhando para esta cara dá para imaginar, não é? - Spike falava rápido, querendo encerrar logo aquele assunto. – A lenda diz que há milhares de gerações, nasceu este garoto que não envelhecia. Ou pelo menos envelhecia diferente. E por isso viveu muito, muito mais do que qualquer tartaruga-rugosa. E o que alguém que vive para sempre terá mais do que todas as outras pessoas?

- Rugas. – Respondeu Kira.

- Também. – Spike esticou a própria pele, como se pensasse nas suas próprias linhas de expressão. Depois voltou a explicar. – Mas, além de rugas alguém muito velho teria muitas memórias. Tanto conhecimento teria um valor absurdo. E para proteger toda esta informação, os Doutores Antigos transformaram o bebê que não envelhece em um androide juntando pedaços de carne com ferro. Hoje, o Retróculo vive escondido dentro de um robô. Não é isso, meu amigo. – O pirata descansou um cotovelo sobre o ombro magro do androide.

- Não. - A voz metálica do Retróculo surpreendeu a todos. - Você não é mais o mesmo Spike. Já foi bom com histórias, mas perdeu o jeito.

O Retróculo derrubou o cotovelo do pirata. Fez alguns segundos de silêncio, encarando cada um dos presentes na sala. Seus olhos ficaram mais tempo sobre Gabriah, que mantinha um riso congelado no rosto.

- Trago em mim toda a história. Todos os fatos. Todos os feitos. Sou feito das lembranças de todos os tempos. Sou protegido por Mitus Fake, um fiel mecanismo de defesa, criado pela Aliança e confiado a mim para minha própria proteção. Mitus é um robô feito à imagem sobre o corpo de um homem e, por isso mesmo, fraco. Por ser assim, tão cheio de defeitos, transita entre os homens sem gerar desconfiança. A ele foi confiada a missão de agir como espião da Aliança. Por isso, já estive entre os homens de bem, entre salafrários e egocêntricos. Conheço o amor, a guerra, a morte e os sonhos de crianças inocentes. Sei mais que vejo, pois vejo onde ninguém vê. Possuo um corpo eterno e isso irá garantir o que mais prezo. – O Retróculo abriu os braços finos, como se quisesse exibir todo seu corpo. - Vivo sob esta carcaça metálica por opção. Aqui de dentro ouço o mundo e construo meu próprio saber. Não preciso que o mundo me conheça. Mas, preciso conhecer tudo que vive, morre e existe.

Só assim cumpro minha parte nesta maravilhosa máquina que chamamos de planeta.

O androide silenciou, como se falar tanto tivesse feito dele alguém muito cansado.

O pirata limpou a garganta e falou.

– Bom, eu não estava contando tão mal. Concluindo minha apresentação. Este é o Retróculo, moleques. - Spike sorriu, sem jeito. - E, Retróculo, estes são os moleques. Você deve saber já. Você sabe tudo. Então, terminei minha missão. Vou buscar meu submarino. Voialá. Tchau, tchau. Beijos, mandem e-mails. Fui.

Binno deu um passo à frente e segurou o braço do pirata.

- O Juiz quer que você me mostre como resgatar a mulher dele. Você ainda não fez isso.

- Eu mostrei quem sabe mostrar. Não é a mesma coisa?

- Ainda não. Precisamos de você. – Binno soltou o braço metálico do pirata. Spike respirou fundo, já conformado com a situação.

Kira, Spike e Binno fizeram silêncio. Prontos para ouvir tudo o que precisavam saber.

O próprio Retróculo tomou a iniciativa de falar.

- Tudo é culpa sua, Binno OXZ. Nada pode ser feito.

Chocado com a acusação, o garoto ficou em silêncio.

- Olha aqui. – Spike coçava a barba tranquilamente. E, rápido, surpreendeu a todos quando puxou uma navalha de um dos bolsos e colocou na orelha daquela cabeça de bebê velho. – Eu já conheço seus métodos há algum tempo. Esta tentando assustar o garoto. Seus preciosos segredos... É só isso que preza, não é? Quando revela um segredo é como se uma joia se quebrasse, não isso? Mas, quer saber? Eu não estou nem aí. Isso realmente não me importa. Quero meu submarino de volta. E não vou poupar suas orelhas, seus olhos ou o que for para ter meu Zum Voador outra vez. Conte agora o que sabe ou nunca mais vai ficar sabendo de nada.

- Todas suas vidas somadas não seriam suficientes para que contasse tudo o que sei. – O Retróculo desafiou Spike.

- Pode começar contando onde encontrar uma torta de molustrácio no Grande Céu. – Spike falou bravo.

Kira e Binno lançaram um olhar de dúvida sobre Spike. O pirata sorriu. – Tudo bem, tudo bem. Fala logo moleque, o que você quer saber?

Binno se aproximou. Afastou a navalha de Spike da orelha do androide.

- Quero resgatar Gabriah. De algum modo isso irá ajudar a Aliança a derrotar o Exército Rebelado. Meu tio corre risco de vida. Só o clone pode trazer esperança. Por isso a resposta que preciso é: como trago Gabriah de volta?

O Retróculo abriu um sorriso sem dentes.

- Não sou um respondedor de perguntas. O que direi é o tudo que sei. O que vai ouvir agora não será algo bondoso, nem confortável. Será simplesmente, a verdade. E, acredite quando eu digo, a verdade é sempre perigosa.

Os olhos do Retróculo brilharam de modo assustador. Spike deu longos passos para trás. Uma descarga elétrica surgiu na cabeça do Retróculo. A energia visível desceu pelo corpo do androide até o chão. No chão, correu como uma cobra e alcançou Spike. O pirata foi lançado para longe.

- Como eu disse, posso me irritar como qualquer humano. E não vou tolerar que me façam ameaças. – O androide sentou-se no chão. E, como um monge em plena meditação cruzou as pernas. - É da natureza humana esquecer o próprio passado, se livrar das memórias pesadas. Mas o futuro é feito de memórias. Elas não pesam. Elas nos libertam.

Uma áurea de eletricidade envolveu todo o corpo do Retróculo. Sem mover nem um músculo, o androide passou a flutuar. Continuou falando.

- Você não pode simplesmente esquecer, tampouco viver de lembranças. Precisa derreter suas memórias e transformar aquilo que lembras na base sobre a qual irá construir o futuro. – O rosto de bebe encarou Binno. - Você se arrastaria no lodo do Grande Oceano para salvar seu amigo?

Binno ficou em silêncio. O Retróculo sussurrou:

- Peço apenas que não me interrompam. É muito dolorido atingir o estágio que entrarei agora. Não poderei mentir, nem poupar verdades desnecessárias. Em transe, só contarei fatos.

Os pequenos olhos de bebê se viraram por completo para trás.

Kira segurou a mão de Binno. O garoto continuava imóvel, com o olhar fixo no Retróculo, como se não quisesse perder nenhuma palavra. Com Spike desacordado, ninguém ousaria interromper a história que o androide estava

prestes a contar.

- Sua mãe foi uma traidora. – Com esta primeira frase, o Retróculo iniciou sua história. Binno quis reagir, mas Kira segurou o braço do garoto, como se pedisse para que ele apenas ouvisse. – A mulher com aroma amendoado era uma Mestra. Mas estava insatisfeita. Ela jamais seria escolhida para fazer parte círculo dos Doutores. Por isso, cedeu a tentadora oferta de Hefesto Xenon. O Imperador Renegado precisava uma mulher para dar continuidade aos seus planos e Liége Sirineu aceitou a proposta. Sua missão seria gerir um bebê. Como em uma barriga de aluguel, durante nove meses, protegeria em seu ventre não o filho dela mesma. Mas, um feto concebido em laboratório. Ela cuidaria e alimentaria alguém inventado por Hefesto. Este bebê era apenas um experimento criado pelos renegados para garantir a liberdade do Imperador Hefesto Xenon na hora certa.

Binno fechou os olhos, como se este gesto impedisse que aquela verdade continuasse. Não impediu. E a verdade continuou.

- O exército rebelde estava fraco, e Hefesto sabia que ainda não seria capaz de vencer os Doutores. E este bebê fabricado serviria para ajudar o Imperador rebelde a voltar na hora certa.

O Retróculo flutuava em eletricidade. Ainda em transe, falava.

- Porém, algo errado aconteceu. A Mestra Liége sentiu o coração daquele feto batendo em seu ventre. Seus instintos venceram sua razão. E ela jurou proteger com a vida o bebê que crescia em sua barriga. Ela não contou a verdade aos Doutores, ela não cedeu às ameaças dos renegados. Ela nem mesmo revelou a seu irmão, Orion Sirineu, tudo o que estava acontecendo. Ela tinha uma amiga, uma fiel e inseparável amiga. A grande Mestra Jane Bella. Esta amiga prometeu ajudar Liége. As duas fugiram. Fugiram para salvar o bebê criado pelos rebelados. Fugiram para viver. Mas Hefesto encontrou as duas. E não poupou suas vidas. Diante da raiva, ele estava disposto a eliminar os dois bebês recém-nascidos.

Mesmo em transe, o Retróculo esboçou um leve sorriso. Como se soubesse das reações que estava provocando em Kira e Binno.

- Sim, a jovem Jane Bella também estava esperando um bebê. E os dois bebês nasceram na mesma época. Os dois estavam lá, chorando em berços improvisados. E assim ficaram enquanto as mães eram assassinadas. Para sorte dos pequeninos, o então Mestre Oblax Zoop alcançou aquele submarino. Foi Oblax quem salvou os bebês. Mas, ele não fez isso por bondade. Ele queria

apenas a glória. Aquela glória faria Oblax se tornar um Doutor. E foi o que aconteceu.

Os olhos totalmente brancos do Retróculo tremiam.

- Mas, Oblax jamais venceria Xenon em uma batalha. O que aconteceu ali foi um acordo de fidalgos. Xenon já estava quase sem aliados. A Aliança estava mais forte. Xenon sabia que seria derrotado a qualquer momento. Tudo fazia parte do grande plano. Oblax recebeu a falsa glória da vitória em uma luta que não aconteceu. E para isso, aceitou ajudar Xenon. Um dos bebês foi devolvido ao seu pai legítimo, o grande Doutor Ítalo Bella. O outro bebê foi entregue para ser criado em um Internato para Clones. Foi inventada a história onde Oblax fingia ser pai daquele bebê. O plano de Hefesto era aguardar. Na hora certa, o garoto criado em laboratório cumpriria a primeira tarefa: libertar Hefesto. Esta era sua missão Binno OXZ. Você é apenas um clone criado pelos renegados. E, acredite, você vem ajudando muito os inimigos da Aliança até agora. Você é um clone muito obediente.

Binno queria gritar. - *Eu não sou um clone. Minha mãe não é uma traidora.* – Mas, fez silêncio. Sua vontade era encher aquela cara enrugada do Retróculo de socos até que ele calasse sua pequena boca. Porém, ainda havia mais para ouvir. Kira segurava firme o braço do amigo.

Binno respirou fundo.

O Retróculo também encheu os pulmões de ar. E suas pupilas brancas se tornaram ainda mais assustadoras.

- O jovem OXZ é um experimento científico muito bem sucedido. Foi criado com três propósitos. E o primeiro deles era soltar Xenon. Mas existem outros dois. É engraçado você perguntar como trazer uma consciência perdida de volta a vida, pois este é seu segundo propósito. Você, jovem OXZ, é a resposta. Você foi criado para resgatar os Generais de Hefesto.

O Retróculo passou a falar mais baixo e lentamente.

- Hefesto Xenon já tinha descoberto como instalar consciências perdidas novamente em cérebros humanos. E precisava proteger este segredo. Por isso, criou um código.

- *O Código Sàrta.* – Binno pensou em silêncio.

O rosto do bebê velho se moveu levemente.

- O Código Sàrta, exatamente. E você, Binno OXZ é o guardião deste

código. Você guarda o código desde que você foi criado. Hefesto não podia permitir que o código fosse descoberto. Por isso, seu segundo propósito é esconder o código e revelar somente no momento certo. A hora de trazer à vida os Generais.

O Retróculo voltou a falar mais alto que o necessário.

- As consciências perdidas estão todas agrupadas em único site. Mas elas só poderão voltar se o código for apresentado. Quer resgatar a consciência de seu amigo Gabriah? Encontre o site e apresente aquilo que protegeu durante toda a vida: o código.

Binno não quis aceitar nada daquilo. Mas, era a verdade finalmente sendo contada. Continuou ouvindo:

- Você é um experimento científico criado pelos rebeldes com três propósitos. O primeiro propósito era libertar o próprio Imperador Hefesto Xenon. E isso você já fez.

Binno guardou a raiva de si mesmo. Apertou uma das mãos com a força de quem quer quebrar os próprios dedos.

Aquela horrenda criatura quase sorriu:

- O segundo propósito é proteger o Código Sàrta para que Hefesto possa trazer seus Generais de volta a vida e assim ter a equipe necessária para dominar o mundo. E isso você está fazendo muito bem.

Binno tentou continuar quieto. Mas não conseguiu segurar pergunta que agora corroía sua garganta.

- E o terceiro?

O Retróculo saiu de seu transe. Estava de pé: - Você não está pronto para conhecer o terceiro propósito de sua criação. Não contarei.

- Fale agora. – Binno ergueu a mão, com raiva.

- Todos têm um lado maligno, Binno OXZ. Descubra quem você é. E saberá qual o seu maior designo.

Os olhos do Retróculo fecharam.

Seu peito se abriu e de lá saiu a cabeça fina de Mitus Fake. Os gases fétidos outra vez foram expelidos. O efeito gangorra outra vez trocou as cabeças daquele androide.

O Retróculo estava protegido e negava-se a falar. Dentro daquele robô, magro e estranho estava aquele que tinha todas as respostas.

Binno não insistiu. Kira segurou seu ombro, como se pedisse calma.

Mas Binno sabia, a hora de ter calma havia acabado. Dentro dele fervilhava um universo de respostas que não planejava encontrar.

O peso da verdade estaria para sempre sobre suas costas.

# CAPÍTULO Vinte e Seis
# Segredo felino

Binno reclamava consigo mesmo.

- *Este tempo todo eu lutava para não ser um clone. Mas, eu sou pior do que isso. Sou um clone criado para ajudar Hefesto Xenon.*

Sem dizer nada, Kira segurou as mãos de Binno, tentando acalmar o garoto. Mas, Binno estava longe de ficar calmo. Mitus Fake baixou os olhos, como se quisesse que todos esquecessem que ele existia.

Binno foi cruel.

- Você é um androide idiota mesmo. Vai morrer gaguejando e ninguém jamais acreditará em você. – O garoto gritou. - Faça Spike voltar.

- Acalme-se. – O androide quase implorava. – O pirata estará bem em pouco tempo. Pare de agir como um cãozinho tentando pegar o rabo. - Mitus falou e se arrependeu instantaneamente, como se tivesse deixado as palavras escaparem.

Binno correu para cima do androide e derrubou aquele corpo magro e metálico no chão.

- Vou mostrar o que aprendi a fazer com a água.

O comprido cavanhaque azul de Mitus se movimentou, como cobras que tentam fugir. – Nã-nã-não te-te-tenho me-me-do.

- Então explique as baboseiras que o Retróculo falou. Como encontro o código Sàrta?

- Você devia saber, OXZ. Não prestou a atenção? Você é o guardião do código Sàrta. Você está procurando por você mesmo.

O garoto soltou o androide. Fraco, o corpo magricelo levantou com dificuldades.

Atordoado, Binno sentou. Lembrou-se do que Maxximus Mind escreveu na tela *Tarefa do mês: como encontrar um código que não sai da sua cabeça. Dica dos ciganos antigos: não procure somente na sua frente.*

- *Idiota.* – Binno xingou Maxx, em pensamento.

Kira sentou ao lado do amigo.

- Tem alguma ideia?

- Acho que o maldito código já está na minha cabeça. - Binno segurava os cabelos, como se quisesse arrancar uma resposta. – Mas onde?

Mesmo amedrontado, Mitus se intrometeu na conversa.

- Pense na palavra, Binno OXZ. Os rebeldes adoram jogos de palavras.

- *Pensar na palavra? Sàrta. O que quer dizer isso?*- A resposta pareceu saltar para Binno. Ele gritou – Atrás!

- O que? - Kira se virou. – Atrás do que?

Binno levantou. - Sàrta. É um palíndromo de “atrás”. Lembra do código para entrar na Esfera de Hades, só era possível ler refletido no espelho. Tá acontecendo de novo. Atrás. Eu sou o guardião e tenho o código atrás da minha cabeça. É por isso que nunca vi. Por isso não devo procurar sempre olhando para frente. O código está atrás de mim.

- Como assim? Não entendi nada. – Kira também levantou.

Binno achou que não havia mais tempo para explicações. Se virou para a amiga e puxou o cabelo, mostrando o couro cabeludo.

Kira chegou perto e tentou ver alguma coisa. Tomou um susto.

- Tem alguma coisa aqui. Parece... - Ela deu passo para trás. - Um código!

Finalmente, Binno havia encontrado o único código capaz de trazer de volta à vida as consciências perdidas na Esfera de Hades. E, este código estava o tempo inteiro impresso na pele de sua própria cabeça.

- Parabéns Guardião. – O rosto fino de Mitus agora tinha uma expressão menos apavorada. - Parece que você vai precisar disto.

Com os dedos magros, Mitus manipulava uma navalha que refletia a pouca luz do lugar. O androide jogou a navalha para Kira.

A garota teve receio. Mas, Binno pediu pressa.

- Vai logo Kira, eu já tava a fim de raspar a cabeça mesmo.

- Mas eu gosto tanto do seu cabelo.

Binno olhou para ela, achando graça da declaração. Kira disfarçou.

- Ah! Não gosto tanto assim.

O garoto sentou no chão. E, contra a vontade, Kira não poupou os crespos de Binno.

Concentrado, Binno não pensava em nada além do código.

- Como isso foi parar aí?

- O DNA é composto por informação. - Disse Mitus, que se aproximava dos dois, lentamente. - Funciona de modo muito parecido com um software. Quem tem domínio da tecnologia genética pode programar qualquer coisa. Conhece sinais de nascença?

- Como este? – Kira mostrou um pequeno sinal escuro que tinha na perna. – Meu pai também tinha igual, no mesmo lugar.

- Exato. – Mitus continuava se aproximando. – Muitas vezes estes sinais são genéticos. No caso do Binno foi programado. Quem criou o Binno queria que ele nascesse exatamente como nasceu. E isso inclui o sinal que ele traz na cabeça. Pode até parecer apenas uma mancha escura na pele. Mas nós sabemos que é muito mais do que isso. Binno OXZ é um clone criado com...

O próprio Binno concluiu:

...com três propósitos. Libertar Xenon, trazer os Generais Rebelados de volta à vida e um terceiro propósito ainda não revelado.

- Isso mesmo. - Mitus agora estava muito próximo.

- Bug Mental! Porque tem que ter tanto suspense. – Binno observava seus cachinhos de cabelo caindo no chão.

- Não é suspense garoto. É simplesmente assim que Xenon planejou as coisas. Se você quer assumir o controle da sua vida, precisa tirar ele do comando.

Kira não falava nada. Concentrada, parecia cada vez mais impressionada com o desenho que Binno tinha na cabeça. A garota pegou uma bandeja dourada do chão e usou para refletir o código. Binno pegou outra, para que pudesse ver o código. Era um destes sinais de nascença que a maioria de nós tem. Mas,

formava um quadadro perfeito repleto de pequenos quadrinhos com ângulos estranhos.

- Posso dar uma olhada nisso? Pro-pro-meto gua-guardar se-se-segredo. – Mitus se aproximou.

Kira quis dizer não. Mas antes dela uma voz fina avisou.

- Você não vai ver nenhum código, Mitus Fake. É melhor sair de perto.

A voz vinha de cima.

Alguém falava do teto.

Binno, Kira e Mitus olharam para cima, à procura do dono da voz.

Só agora o grupo percebeu que o teto daquela sala tinha muitas janelas. Como se cada janela fosse a abertura de um túnel. E muitos felíndios começaram a sair daquelas aberturas. Mas, nenhum pulava no chão, continuavam agarrados ao teto, como insetos.

Binno teve certeza. Os felíndios estavam aqui o tempo inteiro, ouvindo toda a conversa.

Dois deles saltaram.

Caíram em pé.

Eram felíndios já conhecidos de Binno. A loira e o cabeludo. Ambos com olhos de gato e cheios de raiva. Eles encararam Mitus.

- Você foi muito útil, robozinho. – Disse a loira, raivosa. – Mas, o código você nunca verá.

Rápidos, ambos se jogaram sobre o fraco Mitus Fake. Ergueram as pernas do androide, antes que ele pudesse eletrificar o chão.

Com o corpo leve, suspenso pelos felíndios, o androide era inofensivo.

Por diversão, o rapaz de cabelos longos arrancou um dos braços finos do androide. Mitus não gritou. Nem mesmo sentiu dor. Mas o pânico estava estampado em sua face.

Os dois riram.

A loira foi ainda mais agressiva. Com força, jogou aquele magro homem contra uma grande pilha de pedras preciosas.

Os ossos e placas metálicas se espatifaram.

Mitus Fake havia sido estraçalhado.

Binno quis acabar com aquela covardia. Mas antes que pudesse agir, outro felíndio caiu do teto.

Um homem.

Velho.

Forte.

E ainda mais perigoso que outros dois.

O terceiro a saltar até o chão era o velho de sobrancelhas peludas e a cara chata de um gato persa. O ancião esticou seus longos fios de bigode. - Eu avisei para não voltar, moleque. O Imperador vai ficar muito feliz quando souber que arrancamos o código da sua cabeça para dar a ele.

- Então vocês estão ao lado de Xenon?

- A Aliança sempre ajudou os ciganos. E, quem está com os ciganos, está contra nós. – O velho exibiu unhas longas e pontiagudas. – Não é nada pessoal, mas vou precisar da sua cabeça.

Kira tentou intimidar os felíndios, cheia de raiva.

- São três contra três. Acho que vão ter que lutar um pouco antes de roubar o código.

- Acho que você não contou direito, menina. – O velho estalou os dedos.

Dezenas de felíndios começaram a despencar do teto negro. Todos revelavam um a um suas faces, cada vez menos parecidas com seres humanos. Alguns já circulavam Kira e Binno, oprimidos num pequeno círculo. A frente de todos estava o velho que esticava seu longo bigode, com calma.

Binno tentava pensar em um jeito de escapar dali. Mas seria impossível vencer os felíndios que agora enchiam a sala.

O ancião mostrou as unhas longas e pontiagudas. Ele não olhava para o rosto de Binno, mas sim para sua cabeça. Ia arrancar o couro cabeludo do garoto.

Mas antes que o velho pudesse atacar, ouviu um som agudo que fez todos taparem seus ouvidos.

Como se aquele barulho causasse imensa dor, os felíndios foram caindo ao chão.

Um a um.

Todos felíndios caíram.

Nenhum deles tinha força para enfrentar aquele agudo.

Pela única porta da sala dos tesouros, entrava a origem daquele barulho. Alguém entrava tranquilo, passeando entre a multidão de felíndios que agonizava no chão.

Com cabelo moicano prateado e braços tatuados à mostra, Zac Psy soprava um estranho apito com três pontas e formato de cachimbo.

- Sabem? – Ele parou de soprar seu apito, e começou a subir no monte onde estava Binno. - Para ser um bardo, você precisa amar o conhecimento, ser curioso. Na verdade, ser enxerido. E eu andei pesquisando um pouquinho sobre a vida de povo-gato...

Um felíndio raivoso tentou saltar sobre Zac. O rapaz soprou outra vez o apito. O felíndio caiu sem nem mesmo tocar Zac.

O rapaz voltou a falar.

- Fiquei pensando, porque os ciganos dominam os felíndios com tanta facilidade. Deve haver um truque, pensava eu. Foi quando descobri um livro que ensinava a fazer este brinquedinho.

O velho de sobrancelhas peludas tentou lutar contra sua dor, se aproximou de Binno. Mas Zac soprou pela última vez seu apito agudo. O velho urrou, sofrendo outra vez com uma intensa dor no cérebro. Rosnou e fugiu pelos túneis do teto.

Todos felíndios seguiram seu líder. Todos se afastaram o mais rápido possível do aprendiz de bardo. Zac soprava o apito com a alegria de quem toca flauta.

O rapaz se aproximou de Binno e Kira, satisfeito. Abriu os braços, pronto para receber um abraço. Mas levou um soco de direita de Kira.

- Você é o informante de Xenon. – Kira esta pronta para atacar Zac com outros socos.

- Do que você está falando? Eu salvei vocês.

Antes que Kira pudesse dizer qualquer coisa, um vulto caiu ao lado de Zac.

O último felíndio havia saltado do teto. Com a pele morena e corpo atlético,

quem estava ali era a dona de um rosto muito conhecido por toda a Grande

Existência. Era a bela Cybele Síria.

Binno respirou aliviado. Kira, nem tanto.

A felíndia sorriu, satisfeita com a surpresa de todos.

Com o punho esquerdo, acertou outro soco no queixo de Zac.

- Traidor. Você enganou seus amigos.

Com um inchaço cada lado do rosto, Zac estava desorientado.

- O que está acontecendo? Quem são vocês. Como tomaram o corpo de meus amigos? Por que estão me acusando de traição?

Binno e Kira se olharam, estranhando a reação de Zac.

O rapaz pegou seu apito e soprou o mais forte que pode, diretamente no rosto de Cybele.

- Você não devia ter fugido com os outros? – Zac ficou surpreso com a calma da felíndia.

- Esqueceu que sou metade cigana? – Cibele piscou, seus olhos se tornaram olhos de gato. Em seguida, viraram olhos humanos outra vez. - Essa é a melhor vantagem de escolher entre ser cigana ou uma felíndia. Quando sou cigana, este apito é inofensivo para mim. Esqueceu-se disso, senhor pesquisador?

- Pois é, esqueci mesmo. – Disse Zac, ajeitou o maxilar deslocado.

Binno mostrou a caderneta de anotações que trazia no bolso.

- E como você explica esses garranchos. São seus. Não são? E essa mania de escrever tudo com a letra Z. É um vicio seu. Ou vai negar.

Zac apertou os olhos, tentando ler a caderneta nas mãos de Binno.

- Você acha que eu sou o informante só porque troco o S pelo Z? Rapaz, você leva ortografia bem a sério, hein? – Zac esticou o braço e arrancou a caderneta de Binno. - Me dá isso aqui. Essa caderneta é minha. É onde eu anoto as coisas que descubro sobre a ciência rebelde. Quem roubou isso?

Os três olharam para Cybele.

Kira olhou para Binno, não foi preciso dizer uma única palavra para transmitir uma mensagem silenciosa: - *Eu falei para não confiar nesta garota.*

Zac inflou o peito. Ajeitou mais uma vez o maxilar e desandou a falar.

- O astro aqui vai apresentar um raciocínio realmente inteligente. Quem roubou o corpo de Gabriah e escondeu no porta-malas do Cascudóptero foi alguém capaz de jogar em dois times. Alguém que saiba sobre a busca de Hefesto por um corpo sem consciência. Alguém que queria negociar com o Imperador. Mas, para ganhar a confiança de Hefesto passou a atuar como informante dos rebelados. Assim, poderia se aproximar de Hefesto e colocar em prática seu plano: destruir os ciganos e devolver Falahcia aos felíndios. – Zac soltou o ar dos pulmões.

Continuou.

- Lembram quando pegamos vocês no Palácio dos Doutores. Eu mesmo tinha limpado o porta-malas do Cascudóptero. Não vi nenhum corpo lá. Mas, como Gabriah foi parar ali? Talvez escondido na bagagem imensa de uma atleta de shockey. Naquele dia havia um jogo importante no Palácio e a nossa atacante pediu uma carona para voltar a Falahcia. Lembram o passageiro misterioso que não queria ser identificado. O mesmo passageiro que continuava totalmente calmo durante o ataque do Polvotrom? Pois é, eu apresento a vocês, nosso carona encapuzado.

Zac fez uma reverência a Cybele.

A felíndia não disfarçou o orgulho. Lambeu os lábios e sorriu.

- Se você sabia de tudo isso porque não contou logo? – Kira quase deu outro soco na cara de Zac.

- Na verdade, eu não sabia. Aí bebi um negócio que achei numa garrafa lá no quarto do Binno.

- O elixir do esclarecimento. – Kira arregalou os olhos castanhos. – O Binno preparou isso numa aula da Madame Anay.

- É. Acho que é. Eu tomei. Me deu uma dor de barriga enorme. Nem consegui visitar o Binno no calabouço. Mas, aos poucos, as minhas ideias foram se desenrolando.

Ploft.

Sem aviso, Kira deu outro soco na cara de Zac. – Isso é por deixar a gente pensando que você fosse um traidor.

Os dois olharam para Binno. O garoto não se movia. Encarava Cybele com

uma raiva difícil de esconder.

- Diga que não foi você. – Com raiva, Binno quase chorava.

- Não me julgue. Eu até pedi ao Tupi para trazer vocês até aqui. - O gato branco pulou nos braços de Cibele. Ela alisou o bicho. - Eu queria muito te ver, Binno.

- Queria me ver? Ou estava mais interessada no código que tenho na minha cabeça?

Kira segurou Binno pelo braço, decidida a entrar na discussão.

- Cybele, é melhor você sair logo daqui.

- O que vocês estão pensando? – A felíndia soltou Tupi com força no chão. O gato lançou um olhar amedrontado para a dona e saiu da sala com pressa. – Eu confiei em vocês. Revelei meu segredo, sabem que sou eu o ‘Ladrão Delicado’. Deixei o Tupi mostrar a fenda para vocês. Até entreguei a caderneta desse projeto de bardo. Binno queria ir até a arena de sumóxe, e fui eu quem levou ele até lá. Gosto tanto de vocês que até avisei o Doutor Orion quando saíram naquela viagem com a trupe.

- Mentira. – Kira deu um passo a frente. – Orion disse que tinha sido o Zac.

Zac levantou a mão.

- É verdade. Fui eu quem falou para Orion. Fiquei preocupado.

- Mas fui eu quem contou para você, aprendiz de bardo. – Cibele piscou. E num segundo, ela não exibia olhos humanos. Suas pupilas estavam finas e alongadas, como pupilas de gato. Sua expressão era de desdém.

Lambeu os lábios, como o gato diante da caça fácil.

- Como tirou o corpo de Gabriah do Palácio da Aliança?

Cybele fingiu estar surpresa com a pergunta.

- Como atleta profissional posso circular em alguns corredores bem especiais. Encontrei o laboratório onde o corpo de Gabriah estava sendo conservado. Enquanto Miranda Mind aproveitava a noite como convidada do Doutor Ítalo Bella, eu escondia o corpo de Gabriah no porta-malas do Cascudóptero. Eu sabia que Xenon estava a procura de um corpo sem consciência. E, por isso trouxe Gabriah para cá.

- Por que trair a Aliança? Você é adorada no Palácio.

- Quem está com os ciganos, está contra os felíndios. – Cibele respondeu ríspida. – Meu povo sempre foi explorado por estes idiotas, nossa cidade foi roubada. Nós construímos Falahcia e eles simplesmente a tomaram de nós. E, depois de tudo, o chanceler ainda quis humilhar meu povo propondo um casamento para celebrar a paz. Não! O povo felíndio tinha que mostrar sua força.

Kira estava cheia de raiva.

- Você usou a gente como iscas. Você sabia que meu pai jamais me deixaria sozinha numa situação daquelas. Você ajudou Xenon a preparar uma armadilha para o meu pai.

- A Aliança jamais fez nada para libertar meu povo. Todo Doutor merece morrer.

- E você acha mesmo que o Xenon ajudará vocês? – Binno falou baixo. – Vocês cometeram um erro enorme quando confiaram naquele sujeito.

- Agora é tarde. – Cybele sorriu. – Logo os Doutores estarão todos mortos.

Zac voltou a se manifestar. Com o apito de três pontas na mão, olhou para Cybele com raiva.

- Desculpa Binno, mas você não escolheu muito bem a sua namorada. Depois que isso acabar, vou ensinar umas coisinhas sobre mulheres para você.

Zac puxou o ar para soprar o apito, mas antes que conseguisse concluir seu gesto, Cybele executou um giro perfeito de pernas. Com um chute, arrancou o apito das mãos do adolescente. Com outro chute, aplicou uma rasteira e fez Zac bater a cabeça com força sobre o monte de joias.

Zac desmaiou na hora.

Os olhos felíndios da garota observaram Zac caído. - Este idiota foi covarde e usou o ponto fraco de meus irmãos. Vou resolver essa luta sozinha.

Antes que a felíndia terminasse de falar, percebeu que já estava sendo atacada por Kira Bella. Rápida, a garota arrancou um punhal de ouro dentre as joias espalhadas e deslizou em seus patins de ar com uma velocidade impossível de ser acompanhada. Cybele foi desleal, com um gesto firme, puxou o Zac para sua frente, usando o desmaiado como escudo.

Kira não teve opção, desviou como pode para não atingir Zac em cheio. Deslizou monte abaixo, capotando feito uma flutueira desgovernada. Lá embaixo, a garota parou já desacordada.

Binno quis atacar Cybele. Mas, ela saltou e chutou as costas do garoto. Em seguida, usou as pernas ágeis para afirmar o garoto no chão. Com as mãos fortes, pressionou a cabeça de Binno.

Por segundos, a felíndia observou o código que ele trazia na cabeça.

- Obrigado, Binno. – Cibele sorriu, enquanto Binno ainda se debatia. – Você protegeu a vida inteira este código. E agora ele será a minha arma contra os ciganos.

Cybele estava há um golpe de arrancar a cabeça de Binno.

O garoto não tinha forças para escapar da felíndia assassina.

Zac e Kira continuavam desacordados.

Cybele ergueu uma das mãos. Unhas compridas saltaram, a garota estava prestes a escalpelar Binno OXZ.

O inesperado despertou.

O barulho agudo do apito de três pontas se fez ouvir.

Com muita dor, Cybele procurou Zac, e viu o garoto ainda desmaiado e inofensivo. Sem entender nada, apenas gritou de dor e caiu.

O silvo agudo do apito havia surpreendido a felíndia que não teve tempo de assumir a forma cigana. Por isso, agora agonizava de dor.

Atrapalhado Binno levantou e logo viu quem havia salvado sua cabeça. Spike ainda caminhava zonzo, com os cabelos totalmente arrepiados, se recuperava do choque elétrico. Sem forças, soprava o apito do jeito que conseguia.

O pirata atirou o apito para Binno. Ainda zonzo, Spike caiu outra vez desacordado.

Insana, Cybele saltou sobre Binno, disposta a liquidar com a vida do garoto.

Binno soprou o apito com toda força de seus pulmões.

Cybele parou. Tonta, tentou encontrar um apoio continuar em pé.

Binno se aproximou e soprou ainda mais forte.

Os olhos de gato da felíndia se tornaram vermelhos, como se estivessem cheios de sangue. Ela caiu de joelhos e gritou, cheia de dor.

Seu rosto outra vez assumiu expressões humanas. E aquela foi a última vez

que a famosíssima Cybele Síria sorriu para Binno.

O garoto parou de soprar o apito de três pontas.

Binno olhou para todos os lados. De repente, era o único ainda acordado naquela sala cheia de tesouros roubados e corpos caídos.

Binno venceu aquela luta. Mas a dor da derrota encheu seu peito. Sentiu que estava mais próximo daquilo que Xenon desejava. – *Todos tem um lado maligno*. – O garoto dizia para si mesmo, enquanto observava o corpo de Cybele Síria, jogado no chão e imóvel e sem vida.

# CAPÍTULO Vinte e Sete
# A família do pirata

Ao romper fronteiras do incompreensível, somos surpreendidos com o amargo de cada resposta. E mesmo sabendo disso, a ignorância continua insuficiente.

Binno pensava nas descobertas das últimas horas. Olhou com calma para o androide destroçado no chão e tentou imaginar todo o conhecimento que aquela criatura possuía.

Lentamente, caminhou até onde Kira estava desacordada. Ajeitou a garota em uma posição menos desconfortável. Ela não tinha nenhum corte, nem parecia ter quebrado um osso. Mesmo assim, era triste ver Kira Bella, tão frágil e desprotegida.

No outro lado da sala, Zac foi o primeiro a despertar. Levou a mão à cabeça.

- Rapaz. Ainda estou vendo estrelas. – Caminhando, Zac passou ao lado do corpo de Cybele Síria. –Essa felíndia me assustou. Achei que todos nós estaríamos de volta à Origem a esta hora.

Binno ficou em silêncio.

Zac juntou o apito de três pontas do chão.

- Sabe quando você chega diante de uma grande encruzilhada moral em que toda direção parece estar errada?

Em silêncio, Binno consentiu.

Zac sorriu.

- Engraçado, eu não sei. Para mim, toda direção parece certa. – O aprendiz de bardo ajeitou seu moicano. – E, se eu estivesse em seu lugar ia me sentir muito bem por ter salvado a vida de seu melhor amigo.

Foi a vez de Binno sorrir. – Ué. Não vi o Megazila aqui. Ele é meu melhor amigo.

- Engraçadinho. – Zac mostrou Kira. – A bela adormecida está acordando. Lentamente, Kira abriu os olhos. E sorriu quando viu Binno tão próximo.

- Olá meu guardião.

- Não quero atrapalhar o momento love, mas preciso apresentar alguém para vocês. - Zac pediu que olhassem para a porta de entrada na sala do tesouro.

Alguém entrava.

Era uma menina. Baixinha e frágil. Era uma menina de cabelos encaracolados, pele clara e jeito tímido. De longe, era possível notar os olhos enormes e claros da menina. Olhos quase brilhantes. Olhos azuis. Era a menina com olhos d'água.

Antes que qualquer um pudesse dizer alguma coisa, viram o pirata levantar. Trôpego. Com os cabelos ainda eletrificados, estava com a aparência ainda mais horrenda. Ele caminhou em direção à garota.

Qualquer menina se assustaria.

Mas ela não fugiu, nem ao menos tentou se defender. Para surpresa de todos, ela abriu os braços. E correu para os braços do pirata.

Spike abraçou a garota com tanta força que quase impediu a menina de respirar.

- Vai ficar aí fingindo? - Spike chamou Zac. – Venha logo abraçar a sua família.

Contragosto, Zac foi até eles.

Kira começou a falar, mesmo sem acreditar no que dizia

- Zac, Spike e essa menina são...

De repente, as peças se juntaram na cabeça de Binno. Ele completou...

- Uma família! Isso quer dizer que Spike é o irmão do Pança. Aquele que o Pança tem tanto orgulho, lembra da conversa no nosso primeiro dia em Falahcia? Pança contou sobre seu irmão. O maior bardo do Grande Céu. O ídolo de Zac. Aquele que os ciganos amam e odeiam. O enganador. O falsário. O contador de histórias. O único que...

Kira completou.

-... foi capaz de encontrar o Retróculo.

Os dois olharam para androide, ainda destroçado no chão.

Binno arregalou os olhos.

- Foi por isso que o Pan Psy, o Pança, abraçou o Spike daquele jeito? Eles são irmãos. O cara quase chorou na escadaria. Lembra?

Zac tinha um ar orgulhoso, feliz por estar seguindo os passos do pai. – Espero que entendam porque eu não cumpri a minha parte no plano de salvar Binno da guilhotina. Eu tinha outra pessoa para salvar. – Zac pegou a menina com olhos d'água no colo. – Eu não podia deixar a minha irmãzinha com aqueles canalhas.

- Sim. – Binno lembrou. – Eu a vi ser levada em uma gaiola.

- Dei um jeito naqueles caras. – Zac beijou o próprio punho.

- Espera aí. Ela é sua irmã? – Kira sorriu. – Mas ela é diferente de você. Ela é bonita!

– Brigado. - Zac fechou a cara. – Temos mães diferentes. Apresento minha irmãzinha, Anja Psy.

- Então, - Kira se aproximou da família. – você não é um pirata de verdade?

- É claro que sou. – Spike puxou Anja para o seu colo. – Já fui um idealista. E realmente "morri" para os ciganos. Faz tempo que troquei a fama do bardo, para buscar riquezas verdadeiras.

- Chegou a minha vez de contar as histórias. – Zac estufou o peito, orgulhoso.

- Eu já disse que isso não é profissão para ninguém. – Spike olhou sério para Zac.

- Nem começa. – Zac reclamou.

Kira e Binno se olharam sem acreditar. Quem diria que Spike pudesse ter uma família.

Trazendo a menina pela mão, Zac se aproximou de Binno.

- Moleque, lembra que o chanceler ofereceu o peso em oro$ para quem descobrisse o autor?

- Sei. O chanceler disse que o autor da música que derrubou a internet

estava aqui em Falahcia... – Binno parou de falar. De queixo caído passou a encarar a pequenina Anja Psy.

Zac continuou a fala de Binno. – ... e avisou que o bandido ia parecer inocente feito uma menininha.

Spike se aproximou de sua filha. Com um ar satisfeito, falou. - Tão jovem e já é uma das maiores fugitivas da lei. É lindo ver uma filha seguir os passos do pai. Não acha?

Kira e Binno ficaram em silêncio, ainda sem acreditar.

Zac provocou.

- Binno, você lembra-se de como eu estava chamando o colapso da internet?

- Claro. Você usou o seu nome. Chamou de Colapso Psy.

- Quem disse era o meu nome? É o nome dela. Ela é a responsável pelo colapso. Foi a música dela que causou todo esse alvoroço.

Tanto Binno quanto Kira se sentiram burros por não terem pensado nisso. Kira perguntou.

- Mas, porque vocês não têm o mesmo nome que o pirata. São filhos dele, não são?

Spike já estava desinteressado na conversa. Mas, Zac explicou.

- Se vocês prestassem mais atenção às letras, já teriam entendido. Os nomes são Spike Spy, Anja e Zac Psy. Spy e Psy.

- Como assim? – Kira se indignou. – Explica direito isso.

- Meu pai se chamava Spike Psy, quando era um bardo. Mexeu nas letras de seu nome e partiu em uma nova jornada. Sou Zac Psy, filho de Spike Psy. Agora vem o grande lance. Não sou tão egocêntrico como vocês pensam. Minha irmã é a autora da música que derrubou a internet. Nada mais justo que uma homenagem na hora de dar um nome para toda essa bagunça que ela armou. O nome dela é Anja Psy. E o nome que criei para o caos foi...

- Colapso Psy. – Kira encarou os olhos d’água da menininha.

Zac deu um sorriso sem graça e segurou firme a mão de sua irmã.

Spike se aproximou, lentamente.

- Quando fugi das nýsticas, não roubei apenas prata. Também roubei a minha própria filha.

- A mãe dela é uma nýstica? – Binno entendeu o porquê daqueles olhos tão claros.- Aposto como o nome dela é Soraiah, a nýstica insana.

- Como sabe? – Spike falou para dentro.

- Na Aliança dos Doutores eu conheci a insana. Ela disse que vai matar você na primeira oportunidade.

- Sim. – Spike concordou. – É esta mesmo.

Binno estava perplexo. – Como isso aconteceu?

- Você conheceu aquelas mulheres. Sabe como são encantadoras. – Spike colocou um braço sobre os ombros da filha. – Me apaixonei por uma delas. A mais insana delas, aliás. A mãe da Anja. Namorar um viajante, obviamente é proibido entre as nýsticas. E por isso, ela teve este bebê em segredo. Mas a sacerdotisa jamais permitiria que Anja crescesse em paz entre as nýsticas. Afinal de contas, ela é filha de um pirata. Por isso, levei minha menina para Utoppy. Lá ela estaria em segurança.

- Utoppy. Quer dizer que você foi minha vizinha. – Binno colocou as mãos nos joelhos e se aproximou de Anja. - Como você cresceu lá?

Foi Spike quem respondeu. – Ela não fala, é muda. Mas eu respondo essa para você: deixei minha filha com o padrinho. É um grande amigo que fiz em uma de minhas viagens. Chama-se Yvan, ele é motorista de gente importante.

- O motorista Yvan!? – Kira e Binno falaram ao mesmo tempo.

- Ah! Vocês conhecem o homem?

- É claro que sim. – Binno quase gritou. – Ele era o motorista do governador de Utoppy. O desgraçado quase matou a gente da última vez. Lembra que fomos perseguidos por limusines?

- Pra tu ver. Que mundo pequeno hein? – Respondeu o pirata, se afastando e levando Anja para outro canto da sala. – Inimigo de vocês, mas amigo meu.

- Como pode confiar em um sujeito assim, Spike? – Kira se indignou.

Spike nem olhou para Kira. – Pelo menos não sou amigo de nenhum pirata. Eu hein?

- Anja está bem, não está? - Zac estava orgulhoso da irmã. – Isso significa

que o tal Yvan cuidou bem da nossa filhote de nýstica.

- Ela tem o dom da mãe? – Perguntou Binno.

Zac fez suspense.

- Como você acha que ela criou uma música que pôde derrubar sozinha toda a internet? Foi preciso ter algum tipo de intuição, não acha?

Kira quase gritou. – Foi por esta brincadeira que toda a defesa do Grande Oceano caiu. Os Doutores estão morrendo por isso. Meu pai morreu por isso!

Zac interferiu.

- Os Doutores foram tocaiados porque havia um informante na alta cúpula cigana. Foi Cybele Síria que passou todas as informações para os homens de Xenon.

- Se a defesa do Palácio não tivesse caído nada disso aconteceria.

Binno segurou a amiga e falou baixo.

- Anja não sabe o que fez. Ninguém explicou nada. Aposto que nem sabia quem era sua mãe. Simplesmente, fazia músicas para se divertir. E, de repente, uma destas músicas se tornou um IA que derrubou a internet. – Binno respirou fundo. – Que culpa ela pode ter?

- Eu sabia que o garoto que libertou Xenon ia entender. - Zac encarou Binno. – Sabe como ela veio parar em Falahcia? O tutor de minha irmã, o motorista Yvan, pediu para Mitus Fake, o androide, trazer minha irmã até você Binno OXZ. Yvan sabia que ela seria condenada em qualquer tribunal. Então, achou que somente o garoto que se livrou da morte, mesmo tendo libertado Xenon poderia ajudar.

Kira olhou para o destroçado androide, caído entre coroas e colares de ouro. – Mas, esse Mitus é um bandido procurado pela Aliança. Vocês realmente não sabem em quem confiar.

Zac meneou. – Na verdade, Mitus Fake é um androide criado pelos Mestres da Aliança para proteger o Retróculo. Ele é programado para mentir. A missão de Mitus é andarilhar pelo mundo e levar o máximo de conhecimento ao Retróculo. Nós sabemos que aquela criatura que vive na barriga do androide não é nem um pouquinho adorável. Seu conhecimento é muito útil.

Zac era um contador de histórias muito apressado. Continuou.

- Era missão de Mitus espionar os homens de Xenon. Como os rebelados

descobriram isso, seria desmontado para sempre. Foi o motorista Yvan quem salvou Mitus da destruição completa. Em troca, pediu ao androide para proteger Anja e trazer ela para você Binno. Yvan sabia que você ajudaria a pequenina Anja Psy. Ajude minha irmã, OXZ.

Binno ouviu toda a história em silêncio. Mas pouco tinha para dizer.

- É claro que eu entendo o que aconteceu com sua irmã. Ela apenas uma criou música. Eu não faço a menor ideia de como um simples arquivo de música conseguiu derrubar toda a internet. E duvido que ela saiba. Mas fui eu que fiz esse caos entrar no Palácio. Também sou culpado. – Binno coçou os cabelos crespos, tentando organizar as ideias. – Mas não tenho a menor ideia de como ajudar. Eu mesmo sou um procurado agora. Não posso fazer nada por ela.

A menininha se afastou do grupo junto com seu pai. Ela e o pirata Spike passaram a experimentar joias como se estivessem em uma elegante joalheria.

Zac falou sério. – Você precisa encontrar uma solução Binno. Minha irmã é tão vítima de Xenon como você foi. Vocês dois tem o mesmo inimigo.

Kira ainda não conseguia acreditar que Mitus tivesse boas intenções.

- Esse androide é um mentiroso. O motorista não devia ter salvado essa coisa.

- Ele foi criado para mentir, Kira. – Zac levantou o braço fino de Mitus. – É uma máquina. Foi programada para jamais merecer confiança. Imagine se alguém descobrisse que o Retróculo estava guardado em sua barriga? A Aliança criou um mentiroso.

- Mas agora ele está condenado à destruição. – Kira argumentou.

- Sim. E será desmontado assim que for preso. – Binno parecia estar com pena do destino daquele androide.

- Eu preferia só contar essa história. Mas, agora preciso ajudar minha irmã. - Zac sentou ao lado de Kira. - Agora eu entendo porque a sacerdotisa é tão controladora. O poder de uma nýstica é incalculável.

O garoto sentou ao lado de Kira e Zac. Ninguém disse nada.

A sala dos tesouros mergulhou num grande silêncio, só interrompido por pequenas risadinhas de Anja, toda vez que Spike fazia graça. O pirata experimentou uma coroa de ouro cravejada em esmeraldas. A coroa ficou pequena na cabeça dele, por isso experimentou em sua filha. Para ela, a coroa

ficou grande. Desinteressado, Spike jogou a joia longe.

Binno olhou para Anja e pensou como Xenon podia usar uma criança para objetivos tão egoístas.

O garoto levantou num pulo, uma lembrança surgiu forte em sua mente.

- Kira, você lembra quando conheci a mãe da Anja, a Soraiah. Ela estava ao lado da sacerdotisa durante a visita das nýsticas ao Palácio. Lembra, Kira? Ela me encarou antes de derrubar a bolsa de Madame Anay.

Kira teve um sobressalto

- Ei. Eu me lembro desse momento. Foi numa reunião lá no Palácio. Não foi nesse dia que Madame Anay encontrou o...

-... O i-tudo. – Binno olhou para o objeto que trazia pendurado no peito. – Madame Anay foi enganada. Foi a nýstica quem largou o i-tudo no chão. Ela queria que chegasse até mim.

- Ela é uma nýstica, sabia que Madame Anay daria este presente para você. – Zac acompanhou o raciocínio.

Spike arrotou alto, interrompendo a conversa. - Desculpem. Podem voltar a pensar.

O silêncio voltou a sala dos tesouros. Todos pensavam exatamente a mesma coisa. – *Para que serviria aquele maldito i-tudo.*

Zac passou a mão pelo moicano prateado. - São realmente irritantes essa nýsticas. E elas só precisam revirar as pupilas para tudo aparecer em uma visão. E a gente tem que revirar o mundo atrás de pessoas que nem sabemos quem são.

- É isso. – Binno socou a própria mão.

Kira tomou um susto. – O que foi?

- Antes de vir para cá, - Binno ficou em pé outra vez. – Estive na Taverna do Xarope. Lá, eu encontrei o Juiz Orfeu. Ele é o barqueiro.

- Aquele barrigudinho cego? – Kira elevou o tom da voz.

- Exatamente, esse maluco aí. – Binno tentou explicar tudo do jeito mais rápido possível. – Ele soube que eu estava procurando por ele. Por isso, deu um jeito de facilitar a nossa fuga dos ciganos. E por quê? Porque ele queria me dar isso. – Binno tirou do seu bolso um pequenino objeto retangular.

- Ah! Legal. – Kira quase bocejou. – Isso parece lindo.

- É um pendrive. Serve para transportar arquivos digitais.

- Certo, mas e daí?

Binno não parava quieto, caminhava de um lado para o outro.

- Quando o Juiz me entregou este pendrive, ele me contou como devo fazer para resgatar uma consciência perdida. Ele falou o seguinte: quando alguém descola sua consciência do corpo, o cérebro humano passa por um choque tão profundo que perde a capacidade de funcionar.

- É como uma morte cerebral? – Zac tentava acompanhar. – Ou é como um desmaio?

- Nem morte, nem desmaio. É entre um e outro. Mas, antes disso acontecer, a internet faz uma espécie de cópia da memória e manda essa cópia para um site especial que é conhecido como Vale do Devaneio.

- Pela Origem, - Zac engoliu em seco. – Isso dá medo.

Binno estava empolgado.

- Essa cópia de memória, ou consciência perdida, pode ser resgatada de lá. Mas para isso você precisa do Código Sàrta. Só o código pode habilitar você a trazer uma consciência de volta.

- Até aí, tudo bem. – Kira também acompanhava. – Você é o guardião, e o código está desenhado na sua cabeça.

- E como faz para entrar nesse Vale do Devaneio? – Zac era o mais ansioso. – Esse site não pode ser fácil de ser acessado.

- Na verdade é impossível. Você só entra se tiver uma coisa que o Juiz chamou de ponte.

- Ponte?

- É um mecanismo que liga você ao Vale.

- Nossa agora ficou difícil. – Zac se irritou.

Kira pediu silêncio para Zac.

- Se você ficasse mais quieto ia entender Zac. É simples. Toda consciência perdida está sendo enviada para o Vale do Devaneio. E para você entrar lá precisa desse conector. Esse negócio que eles chamam de ponte.

Zac e Kira ficaram em silêncio esperando Binno concluir.

- O Juiz já teve uma ponte. Mas foi roubada por uma nýstica que prometeu ajudar. O Juiz pediu para eu encontrar outra ponte e trazer a consciência da esposa dele dentro deste pendrive. Mas acontece que ele não viu que eu já tinha um jeito de transportar arquivos sempre comigo. – Outra vez, Binno pegou nas mãos o i-tudo que trazia no peito.

- Bom, - Zac se espreguiçou longamente. – o Juiz não viu seu i-tudo por um motivo simples: ele é cego.

Binno sorriu, realmente não tinha se dado conta disto.

- Boa, Zac! Mas o que eu estou tentando dizer é o seguinte: talvez a nýstica que roubou a ponte do Juiz seja a mesma que enganou Madame Anay.

- A mãe da Anja. – Zac ficou boquiaberto. – Soraiah, a nýstica insana.

- Exato. Eu acho que este i-tudo é a ponte roubada. Por isso, a nýstica insana fez ele chegar até nós. Ela queria ajudar a própria filha.

Afastada do grupo, a pequenina Anja estava “escavando” um túnel entre as moedas de ouro. O pirata Spike ajudava, e parecia se divertir mais com a brincadeira.

Agora foi a vez de Kira ficar em pé, num pulo.

- Binno, lembra o que dizia o aviso das nýsticas. A visão da sacerdotisa?

- Claro, elas disseram que o Gabriah ia impedir Xenon de dominar a Grande Existência. A gente já falou disso um milhão de vezes.

- Não. – Kira quase gritou. – Eu quero saber o trecho exato.

Binno forçou a memória.

- “Vi um clone ser a última esperança. Vi a sorte nas mãos do inimigo. E a morte em uma canção de criança.”.

– Os três olharam para Anja Psy que ainda brincava com Spike.

- É ela a criança. – Zac falou para si mesmo.

Kira mordeu o piercing em silêncio. Binno também ficou quieto. - *O que tudo aquilo queria dizer?*

- Bug! – Zac levantou num pulo. – Binno, pela Origem, é você. A nýstica falou que só você pode enfrentar Xenon. Por que não contou antes?

Kira falou com mais calma.

- Foi o que o Retróculo falou. Você é o guardião do código. Você é o predestinado. Você é o clone. Você é a última esperança.

Binno colocou as mãos na cabeça e não disfarçou o espanto.

- O que eu faço agora?

- Posso interromper um minutinho?

Era Spike quem gritava do canto da sala dos tesouros. O pirata ainda estava ao lado da pequenina Anja. Os dois pareciam duas crianças brincando na praia. E, como se escavassem na areia, estavam fazendo um buraco na montanha de joias. Depois de tanto remexer em todo aquele ouro, descobriram algo que estava escondido embaixo de tantas joias.

- Achei um negócio aqui que parece bem útil.

Spike havia descoberto três estações de virtualização.

Binno conhecia aqueles instrumentos muito bem. Eram mecanismos para entrar em Esferas Virtuais. Através daquelas máquinas, era possível visitar qualquer site. Alguns sites eram tão reais que podiam ser confundido com a realidade.

- Como encontrou isso? – Kira gritou.

Spike abriu um sorriso prateado.

- Tenho um faro imenso para mercadoria roubada, não tenho?

Kira e Zac encararam Binno.

- Você tem a ponte e o código. – Disse Zac, eufórico. – Vamos ser heróis.

- Você tem a nossa ajuda. – Disse Kira, também empolgada.

Zac falava sem parar. – Vamos conectar, trazer esse Gabriah de volta, descobrir o que ele sabe. Vamos salvar a Grande Existência. Vamos ficar famosos e fundar uma marca de camisetas. Eles vão vender bonecos em miniatura com as nossas caras em shoppings. Vamos logo.

Kira fez um sinal pedindo para Zac parar. Contragosto, o rapaz cruzou os braços tatuados e fez silêncio.

Binno estava quieto. – Lentamente, segurou o i-tudo que trazia no peito. – Não sei se devo fazer isso. Sou um clone, pô.

Zac desanimou. Decepcionado, sentou outra vez no chão.

Kira se aproximou lentamente de Binno.

Ela pegou na mão do garoto e falou. – Você é Binno OXZ, é o guardião do código, é o predestinado, é aquele a nýstica viu como sendo a única esperança. Nós precisamos de você.

- Mas... – Binno quis argumentar. E foi interrompido pela garota.

- Binno, esqueça o que as nýsticas. Pense em mim, eu acredito em você. Sempre acreditei.

O garoto respirou fundo. Olhou outra vez para o seu i-tudo e concluiu.

- Tudo bem. Vamos conectar.

# CAPÍTULO Vinte e Oito
# O cavaleiro sem corpo

Era como estar outra vez em casa.

Instalar e configurar as estações de virtualização era natural para Binno. Em minutos ele havia organizado tudo para conectarem. O pendrive que havia sido entregue pelo Juiz Orfeu já estava plugado. As três estações foram conectadas entre si. Por isso, Binno só precisaria de uma ponte: seu i-tudo.

Zac e Kira se instalaram em suas estações, vestiram os conectores auriculares e os óculos de visualização. Binno fez tudo isso. Em seguida, procurou um jeito de conectar o i-tudo. Mas, não havia nenhuma entrada. Tentou conexão sem fio. Nada. Pela primeira vez, procurou um jeito de abrir aquele apetrecho em forma de maça. Conseguiu. Aberto, o i-tudo exibia uma agulha finíssima. Quase invisível.

Binno lembrou do Plug D'além que o Milton Mind usava para receber conselhos dos Reis Mortos. Não conseguiu pensar em mais nada além de repetir o mesmo método usado pelo chanceler.

Massageando o próprio couro-cabeludo, procurou o ponto perfeitamente central em seu crânio. Quando Kira entendeu o que Binno estava fazendo, tentou gritar. Mas, não houve tempo. Num movimento rápido, o garoto perfurou a mente com aquela finíssima agulha.

Uma dor lasciva percorreu todo o corpo de Binno. Luzes, cores, cheiros e dores rasgaram o corpo de Binno. Em segundos ele não estava mais no depósito de ouro dos felíndios. Estava conectado.

Aos poucos, Binno conseguiu compreender o novo mundo que se desenhava a sua volta. Era um site. Um site com aspecto selvagem. Era como estar em uma selva úmida e plástica. Uma selva que acabava de repente diante de um vazio enorme, um enorme penhasco para o nada. Tudo ali parecia artificial. Árvores enormes erguidas em estruturas metálicas com folhas artificiais. Plantas carnívoras. Flores mórbidas. Gramado escuro. Tudo plástico.

Tudo falso.

Kira e Zac também conectaram.

- Como viemos parar aqui? – Zac era o mais impressionado

- Vieram atrás de mim. Nossas estações estão conectadas. Estamos todos usando a mesma ponte. – Binno explicou. – Eu conectei. Vocês vieram atrás.

- Esse aqui é o... – Zac quis perguntar

Kira respondeu antes.

- Sim Zac. Estamos no Vale do Devaneio. Este é o lugar para onde as consciências perdidas são envidas.

Aquele era um site onde era difícil manter a concentração. Perder-se de si mesmo era tão fácil quanto esquecer que um sonho não é real. Talvez por isso tenha sido tão difícil entender o que aconteceu nos minutos seguintes.

Kira, Binno e Zac mal começaram a caminhar pela relva plástica quando um grupo de brutamontes se aproximou. Eram homens com imensas barbas, cabelos e tranças ruivas. Mulheres usando armaduras metálicas que escondiam muito pouco de seu corpo. Todos portavam armas pesadas, como machados, escudos e martelos.

Ainda estavam longe, mas já eram feios e assustadores.

- Vikings? – Zac gritou incrédulo. – Não faltava mais nada?

De perto, eram piores.

- Somos IAs bárbaros. – Um deles gritou, com a voz tão rouca quanto um leão.

– O que querem aqui, conectados.

- Chamou a gente de conectados? – Zac continuava batendo boca. – Onde está o respeito?

Sem disposição para conversas, o bárbaro usou seu imenso braço forte e aplicou uma gravata no rapaz. Com a garganta espremida pelo bíceps do líder viking, Zac não falou mais nada.

- Matem estes conectados. – Gritou o líder ruivo. Enquanto se esforçava para estrangular Zac.

Os IAs bárbaros cercaram os outros dois. Binno levantou a mão, tentando

captar a umidade do lugar. Mas lembrou que aquele era um site e não o mundo real. - Bug – O garoto praguejou a si mesmo. – Kira, lembra quando eu disse que este lugar era como a Esfera de Hades?

- Não é hora para conversar, Binno.

- Só quero lembrar que aqui a morte também é real.

Brava, Kira quis xingar o líder dos bárbaros. Mas, assim que encarou aquele sujeito ruivo de trança nas barbas, teve a sensação de conhecer aquele homem.

- Quem é você?

- Não respondo mais perguntas. – Disse o bárbaro.

- ComputAtor!! – Kira e Binno gritaram ao mesmo tempo.

Todos os vikings encararam o líder, com dúvidas. Como uma TV mal sintonizada, o rosto rechonchudo do líder começou a sofrer alterações rápidas. Assim, foi possível reconhecer a multiface do IA.

Era a primeira vez que viam o ComputAtor online. Era estranho observar o IA favorito de Madame Anay longe de sua tela azul. Nem mesmo Binno havia se dado conta que aquele era um IA como qualquer outro e poderia ser encontrado passeando em diferentes sites por aí. Mas, naquele momento não parecia estar a passeio.

- Por que está fazendo isso? – Kira tentou se aproximar do ComputAtor.

- Eu disse que não respondo mais perguntas.

- É claro que responde. Você adora fazer isso. – Binno provocou.

Zac já estava roxo. O rapaz se debatia, tentando de todo jeito afastar aquele braço pesado de seu pescoço.

O ComputAtor parecia confuso.

As alterações de rosto ficaram cada vez mais extremas. Até que o IA não resistiu e outra vez assumiu a simpática face do conhecido ComputAtor.

- Vocês têm razão. Eu adoro responder perguntas. – Agora era engraçado olhar para aquela figura. Um rosto simpático, uma cabeça pequena e um corpo truculento, exageradamente forte. – Estou apenas seguindo as ordens da Música. Todos os IAs estão obedecendo as ordens dela.

Os garotos pensaram a mesma coisa. Era a música de Anja Psy. Só podia

ser.

- E o que a Música pediu? Como ela funciona? – Binno sabia que devia perguntar rápido.

Os outros bárbaros olhavam para o seu líder com dúvidas. Tentavam entender aquela estranha mudança de atitude de seu líder.

- Eu tenho a missão de proteger a entrada do Vale do Devaneio. A Música me deu as ordens. E eu preciso obedecer. Por este caminho ninguém deve passar. Somos sentinelas aqui. E para isso eu lidero estes idiotas. Vocês sabem como sou bom em interpretações. Eles nunca vão desconfiar que não sou um IA bárbaro de verdade.

Os IAs bárbaros encaravam o ComputAtor, incrédulos. Zac continuava esperneando.

Kira provocou. – ComputAtor, você não é mais o mesmo. Nós perguntamos como a Música funciona. Você já respondeu melhor, hein?

Indignado, o ComputAtor jogou Zac no chão. Sem ar, o rapaz arfava no chão.

Um dos bárbaros pisou no peito do rapaz, garantindo que Zac continuasse em silêncio.

O ComputAtor passou por uma grande transformação em seu corpo. E diante de todos, o terrível bárbaro havia se transformado em um elegante pianista sentado em um pequeno banquinho e segurando um tecladinho de criança nas mãos.

- Agora vocês vão ver como sou bom para responder perguntas.

Kira aproveitou o momento. – Ah é. Então diz logo, porque você está aqui?

Os bárbaros continuavam coçando a cabeça, cheios de dúvida.

E aquele que deveria ser o líder, agora parecia mais pianista de restaurante barato. Ele iniciou seu show. Dedilhando o teclado sem conseguir acertar uma única nota, cantou de modo desafinado.

- Estou aqui porque fui chamado. Fui chamado e fui encantado. Sou um IA enfeitiçado. Pela canção roubada. Escrita e desenhada, pela menininha, pobre coitada. Xenon foi um espertalhão, aproveitou esta canção, que hipnotiza qualquer programa, pequenino ou grandalhão. Que coisinha mais dengosa. A Música poderosa. Atraiu todos IAs e criou a marcha silenciosa.

Binno interrompeu a cantoria do ComputAtor. – Então não existe uma marcha de soldados? A marcha silenciosa é apenas uma reunião de IAs aliciados?

- Apenas? – Kira discordou. – Se os IAs estiverem do lado de Xenon, as máquinas também estão. Isso explica porque os Doutores não conseguiam combater os rebeldes. É impossível vencer quando suas próprias armas estão jogando no outro time.

Claramente, o ComputAtor se irritou com a interrupção.

Kira e Binno fizeram silêncio. E esperaram pacientemente até o ComputAtor voltar a falar.

- Aliciados, encantados, hipnotizados, fissurados. Chame como quiser. Mas essa Música correu a internet numa noite e fez todos os IAs trabalharem para Xenon. Nunca um arquivo foi tão poderoso. Além disso, os Doutores jamais teriam medo de uma marcha de soldados. Os Doutores são invencíveis numa guerra justa. Mas, quem pode vencer um inimigo que não vê? A marcha silenciosa é a grande jornada que os IAs estão enfrentando para se encontrarem todos aqui, neste site especial, onde nenhum conectado deveria entrar, o Vale dos Devaneios.

O ComputAtor voltou a posicionar os dedos sobre o pequenino teclado.

- Posso voltar a cantar?

- Não. – Binno olhou para os IAs vikings que pareciam prontos para saltar sobre o ComputAtor. – Explique melhor essa história.

Contragosto, o ComputAtor jogou seu tecladinho fora. Inflou o peito e falou como se fizesse um discurso.

- A menina fez a mais poderosa canção já composta. Quando você instalou a Música no Palácio, eu fui seduzido. Foi eu quem derrubou as defesas daquele lugar. Sou uma espécie de herói por aqui. – O ComputAtor ajeitou o cabelo, cheio de orgulho. – Sei que fiz algo errado. Mas, é impossível resistir. Todos os IAs estão do lado do Xenon agora. Por isso a internet cai toda vez que ele manda. Xenon possui um bom número de soldados. Mas, a força de seu exército está na marcha dos IAs.

- A marcha silenciosa. – Kira pensou em voz alta.

- É uma música para os ouvidos humanos. – Binno também pensava. – Mas para os computadores é uma líder de Xenon na internet.

- E como a gente vence um IA que comanda todos os outros? – Kira perguntou.

Binno ainda não tinha uma resposta.

Os dois olharam para o pianista de restaurante. Mas, ele estava emburrado e de braços cruzados.

- Ah! Lembraram que eu existo? Sou eu o respondedor, lembram? – Disse o ComputAtor, abrindo outra vez um sorriso bobo. – Vou explicar de um jeito simples: para um IA, as ordens da Música são muito especiais. É impossível resistir.

Kira e Binno falaram ao mesmo tempo. – E como a gente deleta ele?

- É ela. – Disse o ComputAtor, com um sorriso apaixonado no rosto. – Nossa musa inspiradora é uma IA feminina.

- Claro. – Kira fechou a cara. – Tinha que ser uma mulher. E como vencemos essa IA, música, mulher, musa, ou seja quem for a queridinha?

Prestes a responder, o ComputAtor foi interrompido por um dos IAs bárbaros que encostou a espada em seu pescoço.

Foi o suficiente para o ComputAtor ser lembrado de sua missão. Sua face mudou rapidamente. Outra vez, seus cabelos ficaram vermelhos, uma volumosa barba ruiva encheu seu rosto. Seu corpo tomou formas robustas e em segundos, o líder viking estava formado. Outra vez assustador.

Kira pediu. – Não faça isso. A gente precisa de você.

- Eu não posso, princesinha. Ela me deu ordens. Sou um rebelado agora. Não tenho forças para enfrentar isso sozinho. Vocês precisam me tirar daqui.

- Como?

- A saída é na direção daquele penhasco. Sobrevivam. Só vocês podem me libertar.

O IA deu um grito rouco olhando para cima, como se agonizasse diante das ordens que recebia dos céus. Em seguida, olhou para seus homens e ordenou.

- Matem todos. Nenhum conectado pode sobreviver. A internet pertence a Hefesto Xenon.

Até agora, Zac estava caído em silêncio, tentando manter a pescoço intacto. Mas quando o IA bárbaro ergueu seu machado, o rapaz entendeu que era hora de

se mexer. Rápido se esquivou do movimento viking.

Ficou de pé.

Mas, já era tarde. Zac viu-se no centro de um círculo pequeno, junto com Kira e Binno, indefesos. O círculo se apertava, enquanto IAs com sede de sangue faziam girar suas armas letais.

Com as costas encostadas uns nos outros, os três amigos não tinham o menor espaço para escapar daquela situação. Os três estão cercados, desarmados e sem qualquer ideia.

- Amigos, gostei muito de ter conhecido vocês. – Zac não escondia o medo. – Mas se a gente saísse daqui eu ia gostar mais ainda.

Uma viking muito alta girou sua espada. Ela estava pronta para partir ao meio os três amigos. Mas, se assustou com um barulho.

Um relinchar de cavalo num volume altíssimo fez todos olharem na mesma direção.

Ao longe, altivo e imponente. Um cavaleiro erguia sua montaria de modo imperial.

Era a salvação.

Os IAs bárbaros se olharam com medo.

- É o Cavaleiro Sem Corpo. – O líder era o mais apavorado. – Preparem-se para lutar.

Sem qualquer receio, o cavaleiro cavalgou rápido em direção ao grupo. Os bárbaros tentaram assumir uma formação de combate. Mas, trêmulos de medo, mal conseguiram erguer seus escudos.

Emanando uma luz fortíssima, o cavaleiro impedia que qualquer um olhasse diretamente para o seu rosto. Bruto, seu cavalo saltou sobre os primeiros bárbaros. E, em seguida. Com golpes de uma espada leve e coices de seu cavalo altivo, derrubou os bárbaros um a um.

Kira, Zac e Binno continuaram imóveis. E, apenas tentavam observar a técnica limpa do cavaleiro iluminado. Mas, a luz e a velocidade do cavaleiro impediam qualquer um de visualizar a luta.

O único que não foi atingido pelos golpes do heroico salvador foi o mais covarde dos IAs. O líder dos bárbaros, o ComputAtor, fugiu floresta adentro. E foi seguido pelos subordinados.

Ainda emanando uma luz difícil para os olhos. O cavaleiro espantou o último dos bárbaros. Em seguida, empinou seu cavalo de modo imponente e seguro.

- Uau! – Zac não escondeu a admiração. – Quem é esse cara?

Kira também estava de queixo caído. – Eu também queria saber.

A luz emanada por todo o corpo impedia que alguém pudesse olhar diretamente para o herói e sua montaria. Isso aumentava ainda mais a curiosidade sobre aquele misterioso cavaleiro.

O sujeito troteou em círculos, em torno dos garotos.

Empinou outra vez seu cavalo, que relinchou num volume absurdamente alto.

Parecia estar oferecendo um show. De modo exagerado, ousou manobras como trotear de ré. Empinar as patas da frente e depois as patas de trás. E até mesmo, dar pequenos saltinhos acrobáticos. Fez isso tantas vezes, que o chão úmido passou a se tornar enlameado e já respingava lodo para todo lado.

- Sujeitinho exibido esse, hein? – Zac já tinha se cansado do Cavaleiro Sem Corpo.

Empolgado, o cavaleiro continuava realizando suas manobras exibicionistas, cada vez mais rápidas. Até que um acidente aconteceu.

Atrapalhado, o cavaleiro exagerou num movimento e ergueu demais as patas dianteiras de sua montaria. O resultado foi o herói cair do cavalo, com a cara no chão enlameado.

- Aaaaaai. – Gritou o cavaleiro. Sua voz parecia mais a voz de um garoto. – Bug Mental. Eu sempre caio no meio dessa manobra.

Com o tombo, a luz foi se apagando rapidamente. Então, ficou evidente que aquele que parecia ser um nobre cavalo era na verdade uma imitação mecânica de um pangaré de ferro. Aquela engenhoca era quem emitia a luz forte suficiente para cegar quem tentasse encarar o cavaleiro.

Aliás, o cavaleiro continuava com a cara no chão, lamentando o tombo. Tinha a altura de um menino. Franzino, cabelos loiros crespos e vestindo um moletom que chamou muito a atenção de Kira e Binno. O moletom tinha as cores do time de shockey do Palácio.

Kira e Binno gritaram ao mesmo tempo.

- Gabriah!!!!!

O garoto tirou o rosto do chão. E, mesmo com uma máscara de lama no rosto era impossível não reconhecer o garoto da Cidade das Palafitas. Ali, esparramado no chão enlameado, estava o grande amigo de Kira Bella e Binno OXZ.

- Finalmente vocês chegaram. – Disse Gabriah, sem cerimônias.

Kira e Binno ignoraram a recepção ranzinza do garoto. Os dois correram para abraçar Gabriah.

Gabriah retribuiu. Eram três amigos em um único abraço. Um abraço tão apertado quanto um nó que não pode ser defeito, nem pelo tempo, nem por injustiças, nem por falhas ou erros pessoais. Eram três amigos em um abraço de reencontro. Gabriah era o único com os olhos fechados, como alguém que fecha os olhos e respira fundo quando chega de uma longa viagem.

- Finalmente vocês chegaram. - Subitamente, o garoto empurrou Kira e Binno. - Pela Origem, eu não aguentava mais ficar sozinho aqui.

Zac deu um passo para trás, se afastando de uma discussão que não queria participar.

Binno e Kira encararam Gabriah, sérios.

Binno quis falar. Mas, Kira foi mais rápida:

- Escuta aqui senhor Gabriah Obé. – Na primeira frase, a garota deixou claro que não estava com a mínima paciência. - Desde o dia que o senhor resolveu trair a confiança de toda a Aliança e arriscou a nossa vida para atender aos desejos do seu Original não houve um único dia de paz nas nossas vidas. Era impossível saber que o senhor estava vivo. E tem mais: o Binno não teve uma noite de sono tranquilo porque sempre foi assombrado por pesadelos que mostravam você pedindo ajuda. Ele, e eu, passamos este tempo todo tentando encontrar você. – Kira continuava sem parar para respirar. – A gente nem sabia se você estava vivo. Depois a gente achou o seu corpo. E depois a gente descobriu que tinha que vir aqui buscar sua consciência. E agora é bom o senhor ficar bem quietinho porque vamos levar você até o seu corpo que está vegetando num caixão de vidro no meio de uma porção de tesouros roubados. Entendeu?

Gabriah arregalou os olhos e ficou muito sério.

Binno também estava sério.

Kira era a mais irritada.

De repente, Binno e Gabriah e se olharam. Perceberam que estavam com medo da Kira.

Binno segurou uma risada. Gabriah também tentou não rir.

- Do que vocês estão rindo?

Binno e Gabriah não conseguiram conter as risadas. Até Zac, que não tinha nada haver com a conversa, ria sem controle.

- Tudo bem. – Gabriah falava e ria ao mesmo tempo. – Eu só queria que vocês viessem logo. O tempo aqui é diferente. Faz tempo que isso tudo aconteceu?

Kira estava ainda mais séria. Falou para si mesma. – Por que todo garoto tem que ser retardado?

Zac se aproximou de Gabriah. – Muito prazer, sou Zacharias Psy, um futuro bardo.

- E vai contar a nossa história? – Gabriah cumprimentou Zac. – Aconteceu tanta coisa nesse Vale que tenho histórias para cem bardos.

O cavalo mecânico de Gabriah estava caído. E sua forte luz já estava completamente apagada. Gabriah levantou o mecanismo e mostrou. – Estão vendo? É tudo cenográfico. Eu inventei isso quando percebi que uma marcha de IAs estava vindo para o Vale dos Devaneios. Então, criei essa uma bicicleta que forja eletricidade toda vez que eu pedalo. – Ele mostrou o sistema de pedais por "dentro" do cavalo. No guidão da bicicleta, um alto-falante enorme emitia o som do relinchar de um cavalo imperial. – Passei a correr por aí assustando IAs e procurando meu corpo. Eles até deram um nome para mim. Me chamam de Cavaleiro sem Corpo, acham que eu sou uma assombração.

- Sua fama já tinha chegado até o Grande Oceano. É genial. – Binno olhou de perto o invento. – Parabéns Gabriah.

- Pois é. Foi divertido. - Gabriah desmanchou o sorriso. – Eu sei que devo desculpas para todos vocês. Mas, eu não sei direito o que aconteceu. Por algum motivo, as ordens de meu Original eram difíceis de desobedecer. Não sei explicar.

- Esquece isso. – Binno colocou a mão no ombro de Gabriah. – A gente tem coisas mais importantes para se preocupar agora.

- Ah. É claro. – Gabriah voltou a sorrir. - A Prova Maior? Quando vai ser?

Foi a vez de Kira tocar o outro ombro de Gabriah. – A gente não vai fazer a prova. As coisas saíram do controle.

- É a Música, não é? – Gabriah desmanchou o sorriso. – A Música está seduzindo IAs de toda parte. De repente, IAs que trabalhavam para a Aliança estão se rebelando.

- Você está bem informado. – Zac se intrometeu na conversa.

- Ouvi muita coisa por aí. Dizem que os Generais de Xenon irão voltar. Dizem que a Aliança não sabe que os IAs estão ajudando Xenon. E por isso, Xenon está matando os Doutores.

Kira, Binno e Zac ficaram quietos. O silêncio foi suficiente para confirmar: os Doutores estavam morrendo. Gabriah ficou sério.

- O que a gente vai fazer?

- Vamos sair logo daqui. – Kira mordeu o piercing e olhou para a floresta artificial às suas costas. Aquele lugar dava medo.

- E como a gente faz isso? – Zac coçava o cabelo moicano.

Todos esperavam uma resposta de Binno. O garoto encarou o penhasco ao seu lado e não soube o que dizer.

Ao longe perceberam um grande grupo se aproximando rapidamente. Eram centenas de homens. O chão já começava a tremer.

- IAs bárbaros! – Gabriah era o mais nervoso. – Bug! Eles estão voltando em maior número. Eu sabia que não iam desistir. E agora meu cavalinho de luz está desligado. Bug Mental!

- A gente não pode fazer nada? – Binno tentava pensar.

- A gente pode se esconder. – Gabriah olhou para os lados, procurando o lugar ideal.

O exército de bárbaros estava chegando.

Binno também olhou para os lados, mas procurava Kira e Zac que haviam sumido. Simplesmente, se esconderam tão rápido que Binno e Gabriah não conseguiram acompanhar. Binno lamentou.

Gabriah tentou se atirar em uma moita multicolorida, mas deu de cara com um IA bárbaro que saiu lá de dentro.

Binno foi agarrado. Um pequeno grupo de bárbaros tinha chegado antes do grande exército.

- Gabriah, acho que é tarde para fugir. – Binno tentou sair para o outro lado, mas foi encurralado por IAs truculentos. – Parece que alguns bárbaros chegaram mais cedo.

Um grande IA torceu o braço de Binno e amarrou as mãos do garoto. Outro IA tentou fazer a mesma coisa com Gabriah, mas o garoto foi rápido e escapou.

- Não sobrevivi este tempo todo para vocês me pegarem assim tão fácil. – Ele ameaçou um golpe sobre um dos bárbaros, mas foi surpreendido por uma mulher viking que ensacou a cabeça do garoto com um saco de tecido. Rápida, ela amarrou firme a ponta do tecido em seu pescoço.

Mesmo sem enxergar, Gabriah conseguiu se livrar da mulher pisando em seu pé. E começou a dar golpes no ar, sem sentido. E um destes golpes acertou a mulher que foi à nocaute.

- É isso aí Gabriah. – Binno vibrou.

Outros três IAs cercaram Gabriah.

Imobilizado, Binno assistia à bravura de Gabriah. Tentou ajudar.

- Se abaixa. – Gritou Binno. Gabriah obedeceu e assim se esquivou de um soco que levaria na orelha. – Na sua frente. – Outra vez, Binno avisou. Gabriah deu um soco para frente e acertou em cheio o nariz de outro IA.

- Na sua esquerda!

Gabriah deu um soco para a direita.

- Não na direita. Na esquerda!

Agora sim, Gabriah acertou o lado. Mas o IA barbudo já tinha se movido para o outro lado.

- Não. Agora é para direita.

No meio da luta, Gabriah colocou as mãos na cintura. – Se decide Binno! Não houve tempo para mais nada.

O mesmo IA barbudo acertou uma paulada na cabeça de Gabriah que outra vez caiu de cara no lodo.

O pequeno grupo com seis IAs comemorou a captura de Binno e Gabriah. Em minutos, um exército de IAs bárbaros chegaria.

A terra tremia enquanto o exército se aproximava.

Binno havia sido jogado num canto, com mãos e pés amarrados. Gabriah continuava com a cabeça ensacada e a cara no chão. A mulher viking se aproximou dos meninos e falou.

- Os Generais vão ficar muito felizes quando a gente mostrar quem capturamos: o Cavaleiro Sem Corpo e o guardião do código.

A mulher conseguiu assustar ainda mais os garotos.

Mas a sorte estava mudando.

Binno sentiu alguém encostar sutilmente em seu braço.

Um toque delicado, sutil e silencioso.

Era uma mulher. Pequenina e camuflada entre as folhas. Tão camuflada que jamais os vikings enxergariam seu esconderijo.

A mulher tocou o braço de Binno com leveza. O garoto quis falar. Mas, a mulher fez um sinal pedindo silêncio.

Um dos IAs bárbaros entrou em pânico. – Onde foi parar o garoto negro?

O outro viking ficou ainda mais bravo. – Você deixou o guardião escapar, seu idiota. – Os dois olhavam diretamente para Binno. Mas, de forma inexplicável não viam o garoto. – Ele sumiu. Como? Onde ele foi parar?

Incrédulo, Binno olhou para si mesmo. E, percebeu que sua pele estava de outra cor. Era um verde quase transparente, de modo que seu próprio corpo se confundia com folhas e galhos.

O garoto estava camuflado. Como por mágica, tinha se tornado invisível.

Um viking ordenou. – Você: cuide do cavaleiro. Os outros, venham comigo procurar o guardião. - Os bárbaros se afastaram, xingando um ao outro e tentando achar Binno entre os arbustos já distantes. A pequena mulher cochichou.

- Eu sou Elisa. – Ela puxou Binno lentamente para o meio dos arbustos. Ali estavam Kira e Zac também com aquela estranha cor que confundia seus corpos com as cores das folhas. – Vivo aqui faz muito tempo. Aprendi a técnica de camuflagem com os camaleões tétricos. E consigo transmitir minha habilidade para vocês.

- Você é Elisa? A mulher do Juiz Orpheu? – Binno quase gritou.

Elisa fez um sinal pedindo silêncio. Tinha olhos esbugalhados e cabelos curtos. As rugas no rosto marcavam a idade madura. Sua boca e nariz eram tão pequenininhos que faziam o rosto da mulher lembrar a face de um passarinho. Ela falou muito baixinho. – Sim, sou esta Elisa. Eu fui a mulher de Orfeu. Mas, isso aconteceu há muitos anos atrás. Passou.

Kira e Zac continuavam em silêncio, atentos aos movimentos dos IAs Vikings.

Lentamente, Elisa explicou: - Estou aqui, para ajudar vocês a voltarem para casa. Agora, ouçam.

Os três aguardam as palavras da mulher.

- Este é um site malicioso. Nossos sentidos são enganados aqui. Vocês já olharam para cima? – Instantaneamente, todos encararam o céu. O que viram foi uma imensidão de espelhos. Como se todo o chão estivesse espelhado no céu. – Tudo o que vemos aqui é refletido no céu. E esta é apenas uma das características absurdas deste site.

Elisa segurou as mãos de Binno.

- Pequeno guardião. Você tem o código. Qualquer consciência perdida daria tudo para ter o desenho que você tem na pele, atrás da cabeça. Você precisa pensar nos seus amigos e sair daqui o mais rápido possível.

A mulher respirou fundo. Olhou em direção ao desfiladeiro. Em seguida, explicou.

- Existe uma única saída deste site, por onde consciências conectadas podem sair. Mas, esta saída só poderá ser vista por aquele que mostrar trouxer o código. Você é o guardião. Então, minha dica é simples. Olhe para chão. O céu espelhado irá refletir o código. E, assim o reflexo do código irá revelar o portal.

- Isso é complicado de entender. – Binno realmente estava tendo dificuldades.

- Basta correr e não olhar para trás. O código fará tudo que precisa ser feito.

- E meus amigos?

Elisa mexeu em seu pequeno narizinho. – Correr com a cabeça baixa não devia ser complicado para alguém que é considerado um gênio da lógica. Apenas faça isso. Seus amigos só precisam seguir seus passos.

- Devo correr em direção ao desfiladeiro?

Elisa concordou. – Você é tão jovem e tão incrédulo. Corra como nunca correu antes. E torça para que seus amigos consigam acompanhar você.

- E se alguém ficar para trás.

- Acontecerá o mesmo que aconteceu comigo. – Ela exibiu um riso triste. – Se tornará uma lembrança.

Binno respirou fundo. – Eu posso ajudar você. O Juiz já planejou tudo. Ele me deu um pendrive, que já está conectado. Corra comigo e atravesse o portal. Você finalmente estará em segurança, longe desta loucura. O Juiz tem um plano, ele construiu um lugar para que vocês possam viver juntos.

Elisa quase chorou. Mas, ao invés disso, sorriu. – Orfeu. Ah! Como ele é teimoso.

- Você vem com a gente? – Kira tentou ajudar.

- Não, Kira Bella. – Elisa levantou. Puxou Kira, Binno e Zac outra vez para fora das folhas onde estavam escondidos. Ela falou ainda mais baixo. – Toda minha missão acaba no dia de hoje. Terminei minha jornada e agora sou apenas uma lembrança. Minha alma, meu corpo e quase todo meu ser já se extinguiu. Hoje, mostro ao guardião o caminho para libertar a consciência de seu amigo, que ainda é jovem e o corpo ainda vive. Quero e preciso ser esquecida. E peço que respeitem meu desejo.

Com alguns passos para trás, Elisa fez seu corpo tocar a vegetação plástica. A cor de sua pele lentamente assumiu o mesmo verde das folhas que havia ali. Diante dos olhos dos três, Elisa sumiu. Entre galhos e plantas era impossível encontrar qualquer vestígio daquela mulher.

A bioquímica Elisa, mulher do Juiz Orpheu, havia sumido para nunca mais ser vista.

- Quero e preciso ser esquecida. - Aquela voz delicada ecoou, pela última vez.

Zac foi o primeiro a olhar para trás. Ele cutucou Binno. Estavam outra vez de pé, diante dos insanos IAs bárbaros.

- Acho que é hora de sair daqui. – Disse Zac, esticando os braços tatuados como se espreguiçasse, numa tentativa idiota de disfarçar.

Os bárbaros olhavam para eles, cheios de raiva.

Cinco deles estavam mais afastados. Apenas um ainda estava por perto, e

segurava Gabriah.

- Isso é raro, mas... – Binno também disfarçava. - ...Vou concordar com você, Zac. É hora de correr.

Gabriah continuava tentando levantar. Mas, o enorme IA viking mantinha o garoto com a cara no chão e a cabeça ensacada. Binno e Zac trocaram um rápido olhar e decidiram fazer a mesma coisa.

Com toda a força, correram para cima do viking. Os dois, saltaram ao mesmo tempo e, com o ombro, se chocaram contra o IA brutamontes.

O viking, Zac e Binno rolaram pelo chão enlameado.

Kira ajudou Gabriah a se livrar do saco de pano.

- Qual é o plano agora? – Perguntou o garoto, com os seus cachos amarelos ridiculamente bagunçados.

- Pelo que eu entendi, o plano é correr. – Kira tentou ligar seus patins. Mas, percebeu que os patins de ar não funcionavam naquele site. – Bug Mental! – Ela deu um soco nas botas, inúteis para aquela situação.

O exército viking já estava muito próximo. O chão tremia tanto que o grupo se sentia praticamente em um terremoto.

Binno levantou e correu com o máximo de velocidade que tinha em suas pernas curtas.

- Fiquem perto de mim. – Gritou.

Zac ainda chutou a cabeça do viking grandalhão. Em seguida, seguiu Binno. Gabriah e Kira seguiram os dois.

Binno estava completamente confuso. Mas, não podia parar para pensar. O garoto corria em direção ao desfiladeiro e estava apavorado com isso. Ele só tinha as palavras de Elisa. E precisa acreditar no que ela disse para ter alguma esperança. Mas, tudo o que via a sua frente era um imenso nada.

O garoto continuava correndo, sendo seguido por Zac, Gabriah e Kira. Ele sabia que a vida de seus amigos dependia apenas da sua própria fé. Os bárbaros corriam mais rápido e estavam cada vez mais próximos.

O penhasco estava há poucos metros. Binno só conseguia pensar que ia cair feito uma pedra.

- “Basta você não olhar para trás, Binno. O código fará tudo que precisa ser

feito”. – As palavras de Elisa agora ecoavam na mente do garoto, que corria na direção do desfiladeiro.

Baixou a cabeça como Elisa pediu.

Estava há poucos metros.

Sentiu a nuca exposta a um sol que não existia naquele vale.

O próximo passo seria em falso.

Sentiu a marca queimar em sua nuca.

Estava diante do penhasco, sabia que milhares de IAs bárbaros estavam tão próximos que não haveria tempo para mais nada.

Jogou-se.

Seus pés pisaram com força em um chão impossível de ser visto. Era como se houvesse ali uma ponte invisível. Binno olhou para frente. Viu uma grande porta de vidros e espelhos. No centro daquela porta estava um reflexo de Binno e seus amigos, correndo como loucos.

- *Então é só um jogo de espelhos?* – A cabeça de Binno agia tão rápido quanto suas pernas. E correu sobre a ponte invisível em direção às portas de vidro.

Sabia que seus amigos estavam logo atrás. Por isso, assim que pode, saltou para dentro daquela porta. Lá dentro, não enxergou mais nada. Uma imensidão de luz invadiu sua mente.

De repente, sentiu que não estava mais no Vale dos Devaneios.

O portal já tinha se fechado.

Estava desconectado.

# CAPÍTULO Vinte e Nove
# O fim do mito

Foi como se saísse de um nevoeiro.

Binno desconectou. E aos poucos percebeu a realidade à sua volta. Estava em cima do tesouro felíndios. Ao seu lado, a jovem Anja aguardava pacientemente. Assim que Binno saiu da Estação de Virtualização, retirou o i-tudo delicadamente. A menina correu e abraçou o garoto.

- Não me pergunte por que ela fez isso. – Disse o pai de Anja, sentado em trono e futricando em um braço mecânico. – Desde que ela soube que você conectou sentou ao seu lado e ficou esperando.

Ainda zonzo, Binno sorriu para a menina.

Zac Psy foi o próximo a desconectar. O rapaz nem respirou antes de gritar

- A Kira ficou lá. A Kira não conseguiu voltar. – Estava em pânico. – Ela não desconectou, ficou presa.

- Como assim? Vocês estavam juntos. Por que ela não seguiu a gente?

- O viking! Ele segurou a Kira. Quando olhei para trás já era tarde. Eu e o Gabriah entramos no portal. Mas a Kira... – Zac tapou a própria boca. Estava apavorado.

Binno olhou para o caixão de vidro, onde o corpo de Gabriah continuava praticamente congelado. – Mas, e o Gabriah? Se ele passou pelo portal, onde ele foi parar?

Foi quando a garota de cabelos lilases abriu os olhos. Rapidamente, ela se livrou dos conectores e encarou os garotos. Seus conhecidos olhos castanhos claros estranhamente tinham mudado de cor. Estavam azuis.

- Gabriah?!? – Binno e Zac falaram ao mesmo tempo.

- Eu voltei! - A garota sorriu. Feliz da vida. – Finalmente saí daquele lugar

horrível.

- Gabriah, você não está no seu corpo. – Binno apontou para o caixão de vidro. – Aquele é seu corpo.

O rosto de Kira arregalou aqueles estranhos olhos azuis. Era a consciência de Gabriah quem habitava aquele corpo, naquele momento. Ele olhou para baixo e não reconheceu nada em seu corpo. Estabanado, passava a mão no próprio rosto, ainda sem acreditar.

Olhou para suas pernas e fez uma cara estranha. Depois, puxou a gola da própria blusa olhou para dentro. – Ahhhhhhhhhhh!!!!!! Eu tenho peitos!!!

Com as duas mãos, o garoto tentou esconder aqueles peitos de menina.

- Tira a mão daí. – Binno gritou.

- Mas...

- Tira.

Gabriah colocou os braços para cima, como se tivesse sido assaltado. – Bug!

Pela Origem, como vocês queriam que eu voltasse se não conectaram meu corpo. Seus imbecis.

- A gente nem sabia se ia encontrar você. – Zac se defendeu.

- Ah é. – Gabriah caminhava de modo estranho. Com as mãos para cima, tentava não encostar no corpo de Kira, que estava sob seus comandos. – Pela Origem, vocês são mesmo incompetentes. Deixaram meu corpinho ali. – O garoto caminhou até o caixão de vidro e observou o próprio corpo congelado. – Meu corpinho tão lindo. Tão perfeitinho. Construído com uma dieta rica em algas-marinhas, suplementos alimentares e siri-de-chocolate. Meu cabelinho loirinho. Minha barriguinha...

- Como isso foi acontecer? – Binno interrompeu a ladainha. – Cadê a Kira?

- Ela vinha atrás de mim. Não sei como aquele viking alcançou a gente na última hora.

Os dois se assustaram com um berro de euforia.

- Consegui! – O pirata tinha reinstalado o braço e ligado outra vez o androide Mitus. Sem ninguém perguntar nada, o pirata começou a explicar. - Eu devia estar com raiva dele. Ainda estou zonzo com o choque que tomei. Mas, eu

sei que não foi o gago com cara de palito que tentou me matar. Foi o bicho feio com cara de bebê velho quem me eletrocutou. Não é porque dividem o mesmo corpo que não vou saber diferenciar. Além disso, esse cara de palito trouxe a minha garotinha em segurança para cá, não foi?

O androide levantava com dificuldade, ainda trêmulo. E, quase voltou a cair quando Anja correu até ele e abraçou suas pernas finíssimas.

- Fi-fi-que lo-lo-longe me-me-ni-nina. – Mitus sorriu com timidez. – Quem estou enganando? Adoro seu abraço.

Depois de ver Mitus Fake se transformar em Retróculo, ficava difícil acreditar que aquele corpo metálico não era totalmente artificial. Mas, o carinho que existia entre ele e a frágil Anja Psy era uma prova incontestável: naquele androide ainda batia um coração humano.

Binno tentou manter a concentração. – Preciso voltar. Tenho que trazer Kira de volta.

- Não é tão simples. – Mesmo no corpo de Kira, Gabriah ainda tinha sua voz de menino. – O Vale dos Devaneios não vai deixar a gente escapar outra vez. É muito perigoso.

- Como assim? Você viveu este tempo todo lá. Sobreviveu, não foi?

- Quando eu cheguei, não era tão perigoso. Mas, a Música trouxe os IAs. Eles tomaram conta de tudo. Eles são milhares hoje. Por sorte eu já tinha construído um disfarce. Lembra? Meu cavalo está com os vikings agora. Não sou mais o Cavaleiro Sem Corpo. E os Generais já devem saber que escapamos. Eles não vão deixar a gente entrar de novo.

Zac se intrometeu na conversa.

- Você está falando dos Generais Rebelados.

- Sim. São os Generais do Imperador Hefesto Xenon. Eles fugiram para o Vale e esperam a hora de voltar. Lá, todo mundo conhecesse essa história. Dizem que Xenon enviará corpos jovens para eles.

- Como assim? – Zac sentiu o moicano arrepiar com a história.

Gabriah continuou. - Os Generais são consciência perdidas que fugiram de seus corpos há quatorze anos atrás. Estão escondidos no Vale dos Devaneios e só esperam pelo sinal de Xenon para voltar.

Gabriah começou a mexer no cabelinho vermelho, como se realmente fosse

uma menina. Em seguida, percebeu o que estava fazendo e ficou sem jeito.

Binno quis apressar a história de Gabriah.

- A gente já entendeu. Os Generais querem voltar e para isso Xenon precisa enviar corpos para lá. Mas Xenon não vai conseguir porque só eu tenho o Código Sàrta, que mostra a saída. Lembra?

- Você está certo, Binno. Xenon não vai tirar os Generais de lá enquanto eles não pegarem você. Mas a Kira está lá com eles. Toda consciência perdida é capturada e levada até Heph, que dizem ter uma relação muito forte com Xenon.

Zac se alterou.

- Peraí. Você disse Heph. Este é o nome do último rei: Heph, o Rei Imperador. Está dizendo que os Reis Mortos são os Generais de Xenon?

Gabriah explicou. – Aleph, o rei jogador; Joseph, o rei criativo; Olaph, o rei invencível e, por último; Heph, rei imperador. São os Reis Mortos de Falahcia e Generais de Xenon. Lá no Vale dos Devaneios todo mundo sabe disso.

- Mas aqui ninguém desconfia. Nem mesmo o chanceler Milton Mind. – Zac estava extasiado com a novidade. – Os ciganos são fiéis à Aliança. Milton quebraria o Plug D'além e governaria Falahcia sem a ajuda de nenhum rei se desconfiasse dessa traição. Os Reis Mortos são traidores.

- Então enfrentaremos os Reis Mortos, ou Generais Rebelados, ou seja lá como se chamam. Não importa. – Binno estava com pressa. – A gente precisa entrar lá e trazer a Kira de volta.

Zac e Gabriah se olharam. Nenhum dos dois sabia como dizer, mas estavam com medo de voltar ao Vale dos Devaneios.

Uma explosão fez uma das paredes do depósito tremerem.

Anja e Mitus se esconderam atrás de Spike, como se o pirata fosse uma espécie de protetor. Zac balançou a cabeça, achando aquilo ridículo.

Uma segunda explosão, desta vez mais forte, causou um buraco em uma das paredes e uma nuvem de poeira invadiu o lugar. Desta vez, até Zac correu para trás do pirata.

Alguém entrava na sala dos tesouros. Todos ficam cegos diante de tanta poeira.

Quando Binno recuperou a visão, teve raiva. Quem invadia a sala dos tesouros era alguém que jamais gostaria de ver. Era um homem esguio, que usava cabelos lambidos para o lado, uma gola muito alta que praticamente escondia o seu pescoço e pomposas vestes verdes. Era o Mestre Troy Judá.

- Bug Mental! – Binno resmungou. - Eu já tinha até esquecido que esse cara existia.

- Finalmente encontrei vocês, seus pestes. – O Mestre tossiu forte, evitando engolir aquela poeira. – E agora chega de fuga. Estou aqui para garantir que a lei seja cumprida. Chega de tanto caos. É hora da ordem e do respeito voltarem à Grande Existência. - O Mestre olhou para onde estava Spike, Anja, Zac e Mitus e sorriu. – De uma vez só eu encontrei todos os fugitivos de Falahcia. Para que minha incursão fosse mais vitoriosa só faltou eu encontrar o tal Cavaleiro Sem Corpo, não é?

Gabriah, o garoto no corpo de garota, deu uma olhada para trás, tentando disfarçar. Achou curioso ver a própria bunda, mas foi repreendido por Anja Psy que lançou um olhar de desaprovação.

- Troy, a gente precisa de ajuda. - Binno argumentou. - Existe uma marcha que está se reunindo no Vale dos Devaneios. A gente precisa impedir.

Binno sabia que precisava ser rápido. Nesta hora, Kira já estava em apuros.

- Que absurdo, clone. IAs não trabalham em equipe. Cada um tem sua função. Foram programados com um objetivo. IAs só obedecem sua programação.

- É a Música. Ela atrai IAs de todo lugar. E ordena que trabalhem para Xenon. A Aliança não terá mais poder sobre nenhuma máquina da Grande Existência. Precisamos destruir a Música.

- Então, você acha que Xenon as máquinas trabalharem para ele? E isso vai acontecer graças a uma Música criada por esta menininha? Muito criativo, Binno OXZ. Mas não estamos na aula de redação.

- O ga-ga-garoto sa-sabe o que-que es-está di-di-zendo. – Disse Mitus Fake, o espião que não sabia mentir, tentou ajudar.

Zac se irritou. – Obrigado, Mitus. Colaborou muito.

- De-de-desculpe. – Pediu Mitus, mais trêmulo que o normal.

- Realmente, tenho aqui um bando de criminosos. – O Mestre Troy mostrou

seus punhos. Uma estranha energia verde se concentrava nas suas palmas. Era como se ele reunisse uma bola de eletricidade sobre suas mãos. Aquela capacidade tornava o Mestre Troy ainda mais perigoso.

- Ah! – Zac ironizou. – Então foi assim que você abriu buracos nas paredes.

Troy não disse nada. Mas, o pirata Spike fez questão de falar. - E ele pode abrir um buraco na sua cabeça se você não ficar quieto, garoto.

O Mestre Troy ignorou a conversa de pai e filho. - Tenho muitos prisioneiros nesta noite, vai ser complicado levar todos até a prisão. Vou ter que eliminar alguém. - A voz do Mestre parecia ainda mais ameaçadora. - Há muito anos é proibido usar órgãos humanos para construir robôs. Ouvi que a própria Aliança construiu este androide magro. Mas, a própria Aliança não confirma esta história. Tecnicamente, este androide não existe. - As bolhas de energia se tornaram ainda maiores sobre as mãos de Troy. - Dizem que ninguém pode acreditar em você, Mitus Fake. Hoje, vou garantir que você continue sendo apenas uma mentira.

O Mestre ergueu uma das mãos e estava pronto para disparar um jato de energia para destruir Mitus. Mas, a pequenina Anja foi mais rápida e se colocou entre androide e Troy. Com o queixo erguido, ela encarou o Mestre, cheia de coragem.

- Saia da frente menina. – O Mestre tinha uma voz assassina. – Você está atrapalhando o cumprimento da lei. Além disso, você também foi condenada pela Aliança. Você é autora da música que derrubou a internet. Se eu eliminar você agora, me tornarei um herói.

- Não é bem assim. – Spike pensou rápido. – Segundo o “Código Penal da Aliança” nenhum homem está habilitado a tirar a vida de um menor. E ela só tem seis anos.

- Seis? – Troy observou o rosto de Anja. – Para mim ela parece ter sete.

- Ela tem seis. Posso garantir. – O pirata continuava tenso.

- Bug! Eu devia ter feito uma lei para diminuir a idade penal para cinco anos. – O Mestre lamentou. – Jamais serei aceito no Círculo dos Doutores se eu tiver matado uma menor.

- Mestre. – Binno enxergou uma oportunidade. – O Mitus precisa continuar vivo. Os Doutores o escolheram para uma missão. E Mitus merece a nossa confiança.

- Então você acredita que os Doutores ficarão felizes se eu levar Mitus vivo para Aliança? – O Mestre faria qualquer coisa para se tornar um Doutor.

O garoto olhou para Anja. A menina parecia agradecida pelas palavras de Binno. Ele falou.

- Mitus já provou merecer a confiança de todos nós. Anja nos ensinou a acreditar nele. E, tenho certeza que os Doutores também acreditarão.

Mitus pareceu extremamente feliz. Ele colocou a mão no ombro da Anja. Ela também percebeu a felicidade do androide. De repente, ficou claro. Aquele estranho mecanismo estava curado. Finalmente, tinha conquistado a confiança de alguém. E, de algum jeito, aquilo tinha transformado Mitus em um instrumento funcional outra vez.

- Mestre. – O androide falou cheio de confiança. – Terei muito prazer em testemunhar em seu favor junto aos Doutores.

Era uma mentira. Mas, o androide não tinha gaguejado. Anja sorriu. Spike sorriu. Todos estavam satisfeitos: Mitus Fake era outra vez um grande mentiroso.

Troy acreditou.

- Que bom, Mitus. Vou considerar isso. Mesmo assim, alguém terá que ser eliminado. Quem sabe este garoto que já foi condenado, por matar um Doutor. Posso dizer que houve luta, que você me ameaçou. Vou ser um herói. A Aliança me aplaudirá se eu matar Binno OXZ.

O homem virou todo seu corpo em direção ao garoto. A energia verde viajou por entre seus dedos e se tornou se tornou densa como a lava de um vulcão.

O jato de energia viajou direto para o peito de Binno.

O garoto nem ao menos teve tempo de pensar. Zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzump.

Mais rápido e mais ágil, o androide Mitus Fake tomou uma atitude inesperada.

Girou pelo chão e ficou em pé diante de Binno. E, como um escudo fino e metálico, salvou o garoto.

O falsário mais procurado pela Aliança foi eletrocutado. Troy não poupou a vida de Mitus. Indignado pela intervenção, manteve a voltagem altíssima sobre aquele corpo magro, mesmo depois de perceber que o androide não tinha mais nenhuma reação.

Troy ria alto enquanto descarregava toneladas de watts sobre o androide sem vida.

Em choque, ninguém se movia. Gabriah, Spike e Binno se sentiram congelados. Anja era desespero. Zac era o único que mantinha a mente ativa.

- Ei Binno, olha para mim.

Lentamente, Binno moveu o pescoço. Ouviu a voz de Zac ecoar como se estivesse a uma distância enorme.

- Binno, você lembra aquela aula da Madame Anay? Quando ela colocou um fedelho para dormir?

Como se saísse de um transe, Binno sentiu sua mente acordar.

- A técnica de nanar inimigo?

- Isso. – Zac explicou. – Você me contou. Mas acho que você entendeu melhor como a coisa funciona.

– Tem razão, Zac. - Binno já havia entendido o recado. – Eu aprendo com facilidade.

O garoto aproveitou enquanto Troy contemplava sua vitória sobre Mitus e se aproximou. Firme, socou a parte de trás do joelho do Mestre. Troy ajoelhou-se no chão. Quis gritar, mas foi interrompido por dois cutucões simultâneos nos dois lados do pescoço. A seguir, Binno executou uma série de toques no peito, axilas e cabeça. Troy não conseguiu esboçar uma única reação. Vencido, caiu com a cara no chão.

Ajoelhado, com a bunda para cima e a cara no chão, o Mestre Troy Judá agora roncava em um sono profundo.

- Rapaz, - Zac se aproximou. Levantou o braço de Troy e largou. – Você realmente é muito nerd. Não é a toa que a Anay chama você de geniozinho.

- Troy vai dormir por horas. – Binno nem olhou para o Mestre que agora roncava alto. Correu para perto de Mitus. Sobre o corpo do androide, a pequenina Anja chorava.

O choro da menina era tão intenso e verdadeiro que qualquer um se sentiria tocado.

Binno quis dizer alguma coisa para confortar a menina. Mas, não soube pronunciar uma única palavra. Mitus Fake havia partido e nada poderia recuperar aquela perda.

Mas Spike, o pai atencioso, se aproximou. Com uma das mãos, fechou os olhos de Mitus. Com a outra segurou Anja pertinho de si.

- Acho que ele está sorrindo. Sabe por quê?

Anja balançou a cabeça. Ela não sabia responder.

O pirata falou.

- Ele morreu como um herói, cheio de amigos a sua volta. Morreu para salvar as pessoas em que ele acreditava e que acreditavam nele. No fim, depois de uma vida cheia de mentiras, ele morreu por acreditar e ser acreditado.

A menininha secou as próprias lágrimas.

Spike falou baixinho.

- Vá em paz, maior falsário da Era de Já Eras. Hoje, você deixa a vida para se tornar um mito. Sua história será contada para sempre.

Zac Psy encarou Spike. O rapaz sabia que seria dele a responsabilidade de contar tudo àquilo no futuro.

Em silêncio, Binno lembrou outra vez as palavras da sacerdotisa.

- “Vi o adeus de um mito”.

Aquele era o destino de Mitus.

Gabriah, que habitava de modo desajeitado o corpo de Kira, se aproximou. Colocou a mão sobre o ombro de Binno e falou num tom baixo.

- Chega de pensar. Vamos logo trazer a Kira de volta. Ela precisa da nossa ajuda.

Zac também se aproximou.

Os três continuaram em silêncio. Eles sabiam: era hora de enfrentar o maior desafio de suas vidas.

# CAPÍTULO TRINTA
# Os jogos Aleph

Enquanto os garotos preparavam sua conexão, Spike ajudava Anja a acomodar a carcaça de seu amigo. – Dentro deste monte de ferro ainda vive o cabeça enrugada. A Origem não permitirá que a morte elimine o Retróculo. Mitus não está mais entre os vivos, mas o Retróculo dará um jeito de voltar.

O pirata largou o corpo de Mitus sobre um manto de pedras preciosas.

– E vocês conectem logo. Vou desplugar o corpo da menina magricela e plugar o garoto congelado assim que vocês chegarem ao Vale.

Anja secou as lágrimas e correu até Zac. Ela se despediu do irmão, como se ele partisse para viagem sem volta.

Binno não esperou. Sem nem uma palavra, conectou.

Em segundos, deixou aquele lugar cheio de tesouro e morte.

Aplicou a ponte e os conectores auriculares. Sem paciência, sentiu a eletricidade se espalhar entre seus nervos.

Os sentidos estavam conectados ao mundo digital.

Estava outra vez na esfera virtual.

Zac e Gabriah apareceram a seguir.

Os três chegaram ao Vale dos Devaneios. Outra vez, tudo que viam era aquela fria vegetação artificial. Zac, o mais alto, parecia irritado com as plantas plásticas estragando seu penteado.

- Estamos num lugar diferente. – Zac reclamava. – Não é o mesmo lugar onde encontramos os vikings.

- Eu não escolhi vir para cá. – Binno também estranhava aquela vegetação.

- Vocês não decidem nada aqui no Vale dos Devaneios. - Gabriah parecia satisfeito por estar outra vez em suas formas originais. – São os Reis Ciganos

que tomam as decisões por aqui. Eles escolheram que a gente viesse parar no meio desse mato de plástico. Logo, vamos descobrir o porquê.

Foram interrompidos.

- Bem-vindos ao meu jardim. – Do topo de uma árvore muito alta, uma voz esganiçada recepcionou os garotos. – Este é Vale dos Devaneios. Mas, nós, os Reis Ciganos, dividimos em quatro partes iguais. Carinhosamente, chamamos cada parte de jardim. E, neste momento, vocês estão no jardim de Aleph.

- Aleph, o jogador? – Zac olhava para cima, mas a árvore era tão alta que não conseguia ver mais que uma silhueta fina.

- Exatamente. – A voz respondeu. – O primeiro Rei. Aquele que conquistou Falahcia em uma simples aposta. Até hoje aquele velho felíndio deve estar arrependido. Quanta ousadia, tentar vencer Aleph. Tsc. Tsc.

Zac parecia realmente empolgado por estar nos jardins daquele rei. – Todo cigano deve seu lar a Aleph, o jogador. Seria uma honra cumprimentar este homem.

- Sendo assim, lhe darei uma oportunidade.

Um corpo esquálido jogou-se sem qualquer preocupação, uma comprida gravata balançava ao sabor da queda.

O corpo desengonçado caiu apoiando um dos joelhos no chão. Aquele homem usava roupas ao mesmo tempo pomposas e espalhafatosas. Rapidamente, ficou em pé. Com a elegância de um cavalheiro, se pôs totalmente ereto. Ele vestia um colete que parecido com aqueles que usam os croupiers que trabalham em cassinos.

Magro e desenvolto, o sujeito caminhou em torno do grupo enquanto falava.

- Apreciem a presença de Aleph, o primeiro rei cigano. Estou aqui. O próprio. Em cores e consciência. E, vocês devem ser os conectados que vieram resgatar a menina. Certo?

- Onde ela está? – Binno deu um passo à frente e encarou o rosto magro com uma grande boca de Aleph.

- Ela está com Heph, o Rei Imperador. E eu estou aqui para explicar tudo para vocês. – Com a ponta de sua bengala, Aleph afastou Binno. – Vocês estão em meus domínios e devem ouvir as minhas regras antes de qualquer

movimento.

- Você está ao lado de Hefesto Xenon. É inimigo da Aliança, não vou aceitar suas regras. – Binno contestou.

- É claro que vai. – Os lábios de Aleph se espicharam num sorriso assustador. - Sou um Rei Morto e minha única chance de voltar à vida seria me aliar ao mais sábio homem da Grande Existência. Xenon fará de mim um de seus Generais. Um dia fui rei dos ciganos. E logo, estarei ao lado do Imperador de todos os reinos.

- Pela Origem. – Gabriah coçou seus cachos loiros. – Que ótimo plano de carreira.

- Xenon não ajudará você. – Binno desafiou o Rei Morto.

- Ele deve isso a nós. – Aleph ajeitava sua gravata. – Xenon não venceria os Doutores sem a ajuda dos Reis Mortos. A Música foi ideia nossa. Passamos tantos anos vivendo entre IAs que foi fácil criar um jeito de atrair estes softwares para o nosso lado. Nós mandamos a inspiração para a menina: Anja, a autora. Vocês sabem que é impossível programar aqui de dentro. Então, rastreamos alguém com talento para criar a Música sem levantar suspeitas. Encontramos a inocente Anja Psy. A música dela atraiu os IAs para nós. E pronto. Assumimos o poder sobre a internet. Seria difícil fazer a Música entrar no computador da Aliança. Mas aí, você ajudou. Certo, Binno OXZ? Xenon sempre disse que você seria útil.

Binno quis avançar sobre Aleph. Mas, com suas compridas pernas, o Rei Morto se afastou e continuou falando.

- Depois disso, vocês já sabem o que aconteceu. Nós ordenamos que as máquinas e armas da Aliança falhassem. Nós sabotamos as lutas. Nós garantimos que Xenon vencesse as batalhas, e os Doutores nunca desconfiaram do que estava acontecendo. Nós sempre estivemos ao lado do Império. E Xenon fará dos Reis Mortos os seus Generais.

Binno lembrou o que disse o Retróculo. “– Você foi criado com três propósitos. O primeiro, libertar Xenon. O segundo, trazer os Generais de Xenon de volta à vida. E o terceiro propósito, você ainda não está pronto para saber.”

Gabriah falou. – Mesmo assim, vocês não deviam confiar num sujeito como Hefesto Xenon. Ele deixará vocês aqui para sempre.

- Você está errado, Cavaleiro Sem Corpo. Hefesto Xenon sempre cumpre

sua palavra. Ele prometeu corpos jovens. E aqui estão vocês, conectados, prontos para entregar sua vida pela nossa liberdade.

Gabriah virou de costas para o Rei Morto e cochichou para Zac. - Se esse cara acha que meu cérebro tem lugar para ele, está muito enganado. Não fiquei todo esse tempo vivo para entregar meu corpo assim.

Binno continuava encarando Aleph. - Não viemos aqui para ajudar vocês. Viemos aqui para buscar a filha do grande Doutor Branco. Vamos levar Kira Bella de volta para casa.

- Tudo bem. – Aleph lustrou as unhas em seu colete. - Vocês poderão caminhar pelo Vale dos Devaneios, e quem sabe, chegar àquilo que objetivam. Mas, para isso terão que passar por meus jogos. Serão quatro desafios. Cada desafio será apresentado por um rei diferente. A cada desafio, os vencedores estarão mais próximos da menina. Os perdedores estarão fora do jogo.

- Não saio daqui sem levar a Kira comigo. – Binno retrucou.

- Regras são regras. – A boca imensa de Aleph outra vez se abriu num sorriso sinistro. – Se entrar no jogo, não haverá opções. Ou você vence ou está fora.

- Tudo bem, - Zac parecia empolgado. – nós podemos vencer e ir adiante. Mas o que acontece exatamente se a gente perder?

Aleph respirou fundo, satisfeito com o que tinha para dizer a seguir: - O pior jogador terá sua consciência eliminada e seu corpo passará a ser do Rei Cigano que vencer o desafio. As regras são estas. Fui claro?

- Não queremos jogar. – Binno continuava enfrentando Aleph. – Esta bobagem não faz sentido.

Aleph aproximou o rosto do rosto de Binno. Com raiva contida, explicou: - É impossível obrigar uma consciência a deixar seu corpo. Se eu tentar fazer isso a força, você morre aqui e seu corpo também morre, esteja ele onde estiver. – Aos poucos, a expressão de Aleph foi sendo amenizada. - Por isso, ofereço o direito de escolha. Quem quiser, pode ir embora. A minha proposta é essa. É uma aposta: a chance de libertarem sua amiga, contra a chance de perderem seus próprios corpos. Interessa?

Gabriah e Zac se encararam. Ambos estavam apavorados demais para responder à pergunta. Foi Binno quem falou. - Então este é o plano. O tempo inteiro era isso? Vocês sabem que o código que mostra a saída do Vale está

comigo. Então, usaram Kira como isca. É assim que Xenon pretende dar a vida de volta a vocês?

- Na verdade, a isca deveria ser este garoto aí. – Aleph cutucou Gabriah com seu dedo comprido. – Mas as coisas mudaram depois da última fuga de vocês. Por um fabuloso lance de sorte, conseguimos segurar a menina com a gente. Então, é isso. Se quiserem, podem ir embora.

Binno não disse nada.

Zac também encarava Aleph, em silêncio.

Foi Gabriah quem deu um passo à frente. – Kira está aqui por minha causa. Eu vou jogar.

Aleph não segurou sua satisfação com a resposta de Gabriah. - Hefesto nos prometeu a liberdade. Ele disse que um dia enviaria os corpos. Temos sede de vida. A Grande Existência nunca mais será a mesma depois que os Generais voltarem a reinar ao lado de Hefesto Xenon. – Aleph caminhou cruzando os passos. - O Império será invencível.

- Nós não podemos permitir isso. – Zac olhou sério para Binno. - Essa é a vontade de Xenon. Vamos sair daqui, tem que ter outro jeito de salvar a Kira.

Binno encarou os olhos amarelos de Zac.

- Zac, você já tem uma grande história para contar. Pode desistir agora, nós vamos entender. Mas, eu não posso. Kira precisa de mim. – Binno se voltou para Aleph. – Eu vou jogar.

Zac respirou fundo.

- Anime-se. Os vencedores vão adiante.

- Exatamente. – Aleph saboreava aquele momento. – E o que é mesmo que acontece com o pior jogador?

- O pior jogador terá seu corpo tomado pelo Rei Morto.

- Isso é injusto. Vocês são quatro reis. E nós somos três. Esse jogo começa já em desequilíbrio?

Aleph voltou a ajeitar sua gravata, como se esperasse o tempo responder a esta questão.

O silêncio durou poucos segundos.

Uma nova voz se uniu à conversa. – Na verdade, comigo jogando com

vocês. O jogo será injusto para eles.

Binno, Zac e Gabriah se viraram e deram de cara com um sujeito usando calças e colete cravejado em joias. Forte, alto e com um insolente sorriso branco sempre presente no rosto, o rapaz piscou um dos olhos. – Acharam que eu ia deixar vocês salvarem a minha garota sem mim?

- Maxx? – Zac se adiantou. – Como você achou a gente? E como chegou aqui?

- Sou o primeiro-filho. Tenho obrigação de saber como visitar os Reis Mortos. Meu pai não queria acreditar, mas eu sempre soube que estes caras estavam do lado errado. Tudo o que fiz foi esconder o Plug D'além no Cascudóptero e pronto. Estou conectado e estou aqui. – Binno se impressionou.

- O micróbio achou que era o único que sabia como chegar aqui? – Maxx nem olhou para Binno. Encarou Aleph. – Tudo bem, eu assumo a partir daqui. Vamos jogar?

- Adoro esta frase. - Aleph comemorou balançando seu corpo alto e magro como se as pernas e braços estivessem desajustados. Em seguida, estalou os dedos.

- Clic.

Naquele breu de mato artificial, um clarão se abriu.

O mato plástico foi sugado pela terra. E, como mágica, foi possível ver algo que estava escondido em meio à vegetação. Ali, havia uma pequena mesa redonda, coberta de uma toalha verde. Quatro cadeiras surgiram em torno da mesa. Outra vez, Aleph abriu seu sorriso exagerado.

- Senhores, vamos jogar dados contra cartas. – Com movimento rápidos, o Rei Morto fez surgir dois dados em uma das mãos. Na outra, um baralho.

- Eu serei os dados. E vocês serão as cartas. Cada jogador deve retirar uma carta do baralho sobre a mesa. Eu jogarei os dados. Aquele que tiver uma carta maior que a soma dos dados vence. Aquele que tiver um número abaixo dos dados perde. O jogador com a menor carta da mesa entregará seu corpo para mim. Simples, como as melhores apostas. - Aleph fazia os dados viajarem por entre os dedos de uma única mão enquanto brincava com o baralho com a outra. - Como todo jogo de azar, vocês terão muito pouco para fazer além de torcer.

A noite escura não permitia ver mais do que a pequena mesa redonda. Um único foco de luz iluminava jogadores. Gabriah, Maxx e Binno sentaram-se à

mesa.

Zac continuava de pé. - Quem garante que você não vai manipular as cartas?

Aleph sorriu sem mostrar os dentes. Mesmo assim, seu riso se estendeu até sua boca quase tocar as duas orelhas.

- Sou um jogador, eu não estragaria aquele que é meu maior prazer com trapaças de baixo nível. - Aleph manipulava os dados entre os dedos, de forma impressionante. - Dou minha palavra, o jogo é difícil. Até desleal. Porém, não existe nenhum truque.

Zac puxou a última cadeira e sentou. Ainda resmungava: - As regras são injustas. Nós somos quatro. É impossível que todos tirem cartas altas.

O Rei Morto era só alegria. Ajeitou seu colete e sorriu. Com um movimento rápido, lançou quatro cartas sobre a mesa. Eram aquelas simples cartas que decidiriam o destino de cada jogador.

Discretamente, todos olharam suas cartas.

Com cuidado, Binno espiou a carta que havia sido largada em sua frente. Era um cinco de paus. Socou a mesa com raiva. Os dois dados podiam somar até dez. Suas chances eram mínimas. Irritado, amassou sua carta com força enquanto esperava que Aleph jogasse logo os dados.

Maxx permaneceu quieto e concentrado. Gabriah sorriu e se entregou: pela reação foi fácil perceber que sua carta era alta. Mas o aprendiz de bardo fez pior ainda, mal viu sua carta e comemorou em voz alta.

- Isso! - Em seguida, voltou a se comportar, tentando permanecer sério. Mas, o sorriso no canto do rosto não deixava dúvidas, tinha tido sorte.

Aleph observou cada um dos jogadores. A esta altura, o experiente Rei Morto já sabia que jogador tinha tido sorte e qual tinha tido azar.

- É hora de lançar a sorte. - Com outro movimento habilidoso, jogou os dados sobre a mesa. - O destino de vocês acaba de sair de minhas mãos.

Os dados giraram como peões. Por segundos intermináveis, dançaram sobre a mesa. Binno apertou sua carta, torcendo por um número menor que cinco. Maxx concentrava toda sua atenção sobre os dados, como se aquilo fosse ajudar no resultado. Relaxados, Gabriah tamborilava os dedos sobre a mesa, enquanto Zac mexia em seu moicano prateado.

Os dados pararam de girar.

Quietos, revelaram seus números. Cinco e cinco. O máximo que a soma poderia permitir.

Binno esmagou com tanta raiva sua carta que quase fez o papel entrar em sua mão. O garoto estava fora jogo. Tinha sido derrotado pelos dados. E se fosse a carta mais baixa teria que entregar seu cérebro para o Rei Morto e vagar para sempre pelo Vale dos Devaneios. Mas não era em nada disso que pensava enquanto apertava a carta de papel. Só pensava em Kira, abandonada a própria sorte. Simplesmente, pela soma de dois dados idiotas.

Ainda com um largo sorriso no rosto, Aleph falou.

- E os dados somaram dez. Mas que azar. Realmente hoje é um dia ruim. Provavelmente a maioria de vocês perdeu. - O Rei Morto não parecia surpreso com aquilo, como se o tempo todo ele soubesse que soma aqueles dados revelariam.

- Primeiro filho cigano, mostre sua carta.

Maxx permanecia concentrado. Com desprezo, jogou a carta sobre a mesa.

Aleph desmanchou o sorriso. - Um rei de ouro, uma carta muito digna para alguém de sangue nobre. O rei vale quinze. Parabéns.

Sem esconder a satisfação, Maxx finalmente voltou a respirar. - Ainda não conheci um morto capaz de me vencer. – O primeiro-filho saiu vitorioso da mesa.

Aleph também ficou decepcionado quando a viu a carta de Gabriah. – Onze. É isso que vale seu valete, garoto. Parabéns, um valete de espada é a carta perfeita para um cavaleiro, não é mesmo? Você passou pela aposta. - O Rei Morto batucou os dedos sobre a mesa, ansioso para ver as próximas cartas.

Binno sabia que havia perdido. Queria fugir. Lutar. Qualquer coisa. Mas, não havia opções. Tinha sido derrotado. Jogou sua carta amassada sobre a mesa, como uma bucha de papel.

Aleph esticou o comprido braço para pegar a carta amassada de Binno, mas Zac segurou seu braço.

- Sabe Aleph, um bom jogador não pode ser ansioso.

O Rei Morto se irritou.

- Sou o maior jogador que a história já conheceu garoto. Você não tem nada

para me ensinar.

- É claro que não. Aliás, sempre achei a sua história muito interessante. Para ser um jogador é preciso ter coragem. Admiro isso. - O rapaz esticou os braços tatuados, se espreguiçando longamente. - Mas, gostaria de saber se você aceitaria uma aposta realmente alta.

O rei arqueou as sobrancelhas.

- As apostas já foram feitas, aprendiz de bardo.

- Todo cigano sabe, as apostas só terminam depois que o jogo acaba.

- E o que você tem para apostar?

- Dois cérebros novinhos e saudáveis. – Zac apoiou as duas mãos sobre a mesa. – Nós sabemos qual é o plano de vocês. A cada jogo, o pior jogador entregará seu cérebro para um Rei. E, assim, os quatro Reis Mortos voltarão à vida e se tornarão Generais que Xenon. Que lindo. Mas, a minha proposta é mais linda ainda: você tem uma chance de passar a perna nestes traidores. Foi você quem ganhou Falahcia numa aposta. Você é o primeiro rei. Você é o maior rei que os ciganos já tiveram. Joseph, o criativo, foi desleal com você quando tirou Falahcia das suas mãos. É sua vez de revidar. Aposto nossos dois cérebros com você. Vamos mudar as regras. Se você vencer, você poderá escolher em qual de nossos corpos vai habitar. E, ainda terá um corpo a mais, para barganhar uma nova negociação com um dos seus amigos Reis Mortos traíras.

- Gostei disso. – O sorriso de orelha a orelha de Aleph era impressionante. – Eu não estou estragando nenhuma regra que foi combinada. Foi você quem propôs uma nova aposta. Como jogador, posso perfeitamente aceitar. Nenhum de meus companheiros poderá reclamar de traição. Com um cérebro extra para negociar com eles, eu poderei pedir mais poder, mais oro$...

- Eu sabia que você ia gostar. – Zac coçou o piercing da sobrancelha.

- E gostei mesmo, rapaz. - Aleph voltou a caminhar em torno da mesa. - E qual é a aposta?

- Esqueça os dados. - Foi a vez de Zac ficar em pé. - Vamos confrontar as cartas. Somos três ainda no jogo. Vamos fazer uma aposta pelo azarão. Aquele que tiver a carta mais baixa é o vencedor.

- A carta mais baixa... - Aleph pensava em voz alta. - A carta mais baixa...

Zac insistiu.

- Exato. Pegue uma carta no baralho para você. Se ela for mais baixa do jogo você vence.

- Eu sei como é uma aposta pelo azarão. - Aleph deu um soco com raiva na mesa. – Você realmente acha que sou burro? Nós dois vimos qual foi a reação deste garoto negro. Ele suou frio quando viu a carta que tinha recebido. Ninguém amassaria deste jeito uma carta alta. Sabemos que a carta dele é mínima. Você espera que ele vença a aposta pelo azarão.

Zac ficou quieto. Aleph continuou caminhando em círculos.

- Pois eu aceito a aposta pelo azarão. - O Rei Morto assumiu feições ainda mais sinistras. – Mas, eu não jogarei com uma nova carta do baralho. Quero a carta de Binno OXZ. A aposta é ainda mais simples. Eu contra você, Zacharias Psy.

Aleph fez Binno levantar a força. Empurrou o garoto sobre Maxx e Gabriah. – Saia OXZ. Eu deixo você continuar no jogo em troca de sua carta. Junte-se aos vencedores. – Em seguida, o Rei Morto sentou na cadeira de Binno. – A aposta agora é só contra o aprendiz de bardo. Uma aposta pelo azarão. A carta mais baixa vence.

- Quem sabe, a carta mais alta... – Zac quis falar.

- Cale-se. – Aleph berrou. – Eu jogo com a carta amassada sobre a mesa. E você com a carta que tem nas mãos. Se minha carta for a mais baixa, vocês dois entregam a posse de seus corpos para mim.

- Mas...

- É exatamente isso. – Aleph desamassou a carta de Binno e virou sobre a mesa. – É um cinco de paus. Agora, mostre sua carta aprendiz de bardo. É uma aposta pelo azarão. Se tiver uma carta mais alta, dê adeus ao seu corpo, rapaz.

Zac tinha revelado sua boa sorte quando comemorou como louco, sua carta era alta. Portanto, Aleph tinha criado uma situação onde não poderia perder.

Zac falou com um riso na voz. – Eu venci você, Rei Morto.

Ansioso, Aleph arrancou a carta das mãos de Zac. Era um dois de copas. Um dois! O louco havia apostado tudo em um teatro muito bem interpretado. O tempo inteiro, tinha uma carta baixíssima nas mãos.

- Você trapaceou! - Aleph virou a mesa, com raiva.

- Desculpe, rei jogador. Você mesmo fez a aposta. Se eu tivesse a carta mais

baixa, nós venceríamos. Simples, como as melhores apostas.

Gabriah, Maxx, Zac e Binno ficaram alinhados um ao lado do outro.

- Agora, nós vamos para o próximo jogo. – Disse Zac.

- Nãããão. – Aleph chutou a mesa para longe. – Você não pode mudar as regras. Nossa última aposta não falava em ir adiante. Você está fora Zacharias Psy.

Aleph agarrou a camiseta de Zac atirou o rapaz para dentro da mata fechada.

Zac caiu e desapareceu no mato, feito uma pedra que é jogada no rio.

Binno quis correr até Zac, mas o Rei Morto alertou.

- Chega. – Vocês venceram. Sigam adiante no jogo. – O rapaz sabe o caminho de volta, ele já viu o portal e pode voltar lá. Deixarei que ele parta, pois ele venceu a aposta. Zacharias continuará dono do próprio corpo. Mas, só vocês podem ir adiante. E façam isso agora mesmo.

Zac estava livre. Foi o suficiente para que Binno, Maxx e Gabriah virassem as costas para o Rei Morto e seguissem seu caminho, sem olhar para trás.

Binno, Maxx e Gabriah permaneceram em silêncio.

Aleph, o jogador, praguejou aquele dia para todo o resto de sua existência. Aquele maldito dia. O dia que foi enganado por um aprendiz de bardo.

Mas ainda havia três grandes desafios pela frente.

Kira Bella ainda precisava ser salva.

# CAPÍTULO 31
# O labirinto do rei criativo

Os três avançavam no único caminho possível: uma ruela.

Um som doce e continuadamente repetida estava cada vez mais alta e clara. Os três seguiram o som desta melodia.

Nesta altura, Gabriah estava na frente do grupo. Ele apontou um lugar distante, onde canhões de luz chamavam a atenção. – Estão vendo aquelas luzes, parece um palco de show, certo? É para lá que a Música atrai os IAs. Lá ela transforma todos em soldadinhos obedientes.

- Como ela é? - Binno se aproximou de Gabriah. – É difícil imaginar como uma música pode ganhar uma personalidade tão poderosa.

Gabriah levantou as sobrancelhas, tentando encontrar palavras.

- Ela parece um personagem de videogame. Mas daqueles que você tem que matar.

- Não ajudou muito. – Binno comentou.

Maxx caminhava alguns passos atrás. - Ei, duplinha. Que tal olhar logo para a moça? – O rapaz apontou para o alto de uma árvore. Lá, uma mulher envolta em luz observava o trio, enquanto o vento fazia tremular suas vestes brancas.

- É a Música! – Binno e Gabriah dividiram a mesma surpresa.

Maxx sorriu com desdém. – Uau, micróbios. Vocês são gênios.

A Música era uma mulher alta, magra e bonita. Até parecia uma nýstica. Mas, sua cor era outra. Sua pele, seus olhos e cabelos eram tão dourados como um tesouro felíndio. E suas roupas de um tecido tão branco quanto papel.

A mulher fez um sinal pedindo silêncio. - Não se deve cantar antes de morrer. – Ela exibiu um pequeno punhal que refletiu seu rosto.

- Mas quem ta cantando? – Gabriah se indignou.

- Devia perguntar quem vai morrer. – Binno respondeu.

Sem dizer mais nada, a mulher abriu os braços. Suas vestes assumiram a forma de asas. E, feito uma ave caçadora, a mulher saltou do alto da arvore para cima dos garotos.

Rápida como um tiro, mergulhou sobre Binno.

Não houve nem tempo para reagir. Em pleno ar, a Música apontou o punhal para cima do garoto de Utoppy.

Binno ia morrer ali, diante de um golpe covarde e sem aviso.

Gabriah saltou e derrubou Binno.

O punhal da mulher perfurou a perna de Gabriah.

Os dois caíram. Gabriah gritou, cheio de dor e sangue.

A Música também caiu. Levantou e quis voltar a atacar. Mas, alguém saiu de dentro da mata e ergueu os braços.

- Calma lá, minha querida. – Era um homem pequeno, de aparência frágil e que segurava uma muleta. Ele se pôs entre a Música e os garotos. Ergueu os braços e gritou. – Eles são convidados. Acalme-se, mulher.

Maxx ajudou Gabriah a levantar. O garoto sentia muita dor.

Binno levantou devagar. Em voz baixa, falou com Gabriah. – Cara, você salvou minha vida.

- É verdade. Agora sou um herói. Vai me dar uma medalha? – Gabriah tentou rir, mas sentiu ainda mais dor.

- Quietos vocês dois. – Maxx fez força para manter Gabriah em pé.

O homem pequeno começou a enxotar a Música. – Vai, vai, vai. Ninguém precisa de você agora. Saia logo daqui, Olaph espera por você.

Como um cão obediente, a mulher sumiu mata adentro.

Só agora o homem pequeno olhou para os garotos.

O homem usava um bigode curvo, tinha destas carecas em que só possui cabelo na nuca. Mesmo assim, mantinha uma trancinha rabo-de-cavalo meio engraçada. Com trejeitos que mais pareciam uma mulher que um homem, se apresentou.

- Olá meninos. Sejam bem-vindos ao meu jardim. Sou Joseph, o criativo.

Sou o segundo rei cigano.

Com a pequena muleta, pressionou a perna machucada de Gabriah. Um esguicho de sangue obrigou Maxx a se afastar. Gabriah caiu, gritando de dor.

Binno quis defender o amigo. Mas Joseph usou a muleta como se fosse uma espada. E, com um golpe certeiro, fez Binno cair no chão.

- Acalme-se menino. O punhal da Música era envenenado. Estou limpando o sangue deste rapazinho loiro. – Com a muleta, balançou os cachos de cabelo amarelo de Gabriah. – Eu adorei seu cabelo. Hefesto se esforçou tanto para enviar vocês para mim. Eu não vou deixar que morram agora.

Outra vez, pressionou o ferimento de Gabriah. E outro esguicho de sangue jorrou.

O Rei Morto usou um lenço para proteger o rosto.

- Está feito. Agora, preciso apresentar o jogo. Quero que percam logo. Percam para eu voltar a viver toda a juventude que preservo em minha consciência.

Maxx apenas observava. Outra vez, ajudou Gabriah a levantar

- E qual é o seu jogo, rei criativo?

Joseph afirmou a fina muleta no chão. Começou a desenhar linhas na terra.

- Eu sou um dos poucos que conhece o real poder da imaginação. E hoje, desafio vocês a controlar seus impulsos criativos. – O Rei Morto continuava desenhando estranhas linhas pelo chão. – Eu vos apresento o Labirinto do Rei Criativo. Onde há uma saída, que leva até o próximo desafio. E outra, para aqueles que desistirem. Como sabem, não podemos obrigar vocês a jogarem. Então, se quiser ir embora, basta sair pela porta. Mas, lembrem. Se o labirinto vencer um de vocês, sua consciência morre e seu corpo passa a ser meu, na horinha.

- Só isso? – Binno acompanhava as linhas desenhadas por Joseph. – Um labirinto com duas saídas?

- Mais ou menos isso. – A muleta de Joseph tinha a precisão de uma régua. – O maior desafio não é encontrar a saída, mas sim conter seus impulsos criativos. Pois, neste labirinto, tudo o que imaginarem irá acontecer. Paredes se moverão. Saídas mudarão de lugar. Outros jogadores surgirão. Basta imaginar e acontecerá.

- Então temos que manter a mente limpa. – Binno observava as linhas sendo desenhadas.

- Muito perspicaz, Binno OXZ. – A muleta do Rei Morto não parava de riscar o chão. – Mantenham a imaginação quieta e o labirinto continuará inofensivo.

- Vamos logo com isso. – Gabriah se desvencilhou de Maxx, tentando resistir à dor e ficar em pé sozinho. – Esse jogo vai ser moleza.

O pequenino Joseph colocou uma das mãos na cintura e sorriu para Gabriah. – Vou adorar se o perdedor for você, Cavaleiro sem Corpo. Acho que vou ficar ótimo com esses olhinhos azuis.

Em seguida, como um bailarino, se afastou do grupo, dançando e rodopiando.

Maxx e Binno trocaram um olhar constrangido.

Mesmo com muita dor, Gabriah não perdeu a chance de fazer piada.

– Eu acho que esse rei é rainha, hein!

O Rei Morto já estava longe das linhas traçadas no chão, quando gritou.

– Agora, meninos. Criem o labirinto que quiserem e cheguem ao fim, se tiverem controle mental para isso.

Os três garotos ficaram em silêncio.

Quietos e sem qualquer movimento, os três tentavam manter a mente limpa.

Mas...

De repente, cada linha traçada no chão se transformou em uma parede. Eram paredes altas, feito muralhas. As paredes não eram feitas com tijolos, mas sim ossos e crânios humanos.

As paredes separaram os garotos.

Neste momento, cada um deles estava em um diferente ponto do labirinto

- Pela Origem, quem imaginou um labirinto feito de esqueletos? – Binno praguejou àquelas paredes horrendas.

- Desculpa. – A voz distante de Gabriah tentou explicar. – Fiquei com medo que as paredes fossem vivas. Aí, imaginei paredes mortas.

Binno concordou. – Bom, é melhor assim.

Binno estava sozinho.

O garoto seguiu seu caminho pelo labirinto. Sabia que devia manter a mente limpa. Por isso, se concentrou. Nenhuma imagem podia surgir em sua imaginação. Nada podia surgir em sua memória. Tentou pensar em algo bom. Lembrou de Kira. – Será que ela ainda está bem? - De repente, no fim daquele comprido corredor, avistou uma menina de cabelinhos vermelhos. A menina dobrou à direita. Binno correu atrás dela. – Kira! Espera! – Binno tentou alcançar a garota de cabelos vermelhos, mas a menina outra vez dobrou à direita.

E outra vez à direita.

E outra vez à direita.

Binno parou. Colocou as mãos nos joelhos e tentou recuperar o ar.

- Por que ela está correndo em círculos?

Binno se sentiu burro quando percebeu que estava sendo enganado. – É o labirinto. Eu pensei na Kira e o labirinto usou isso para me enganar. Ainda bem que eu não pensei num wyvern.

Um grito agudo quase ensurdeceu Binno.

- Não acredito que fiz isso!

Voando de modo desajeitado, um wyvern assassino batia asas em direção a Binno OXZ.

A criatura de pele vermelha, asas de couro e unhas afiadas não escondeu seu objetivo, estraçalhar o garoto.

E ele apenas correu.

A criatura estava cada vez mais perto. Por sorte, uma de suas asas esbarrou nas paredes de um apertado corredor. O wyvern caiu pelo chão.

Binno continuou correndo sem olhar para trás. Quando virou uma das esquinas, deu de cara com Maxx. Os dois bateram cabeça.

- Aaaai! Achou a saída?

- Não.

- É melhor a gente sair logo daqui. Este lugar parece cada vez mais apertado.

- Será? – Maxx analisou as paredes de osso. – Acho que é imaginação sua.

Maxx e Binno trocaram o mesmo olhar espantado. Como um compactador de lixo, as paredes começaram a se aproximar e os corredores ficaram cada vez mais estreitos.

- Foi você quem imaginou isso. – Acusou Binno.

- Eu nunca imaginei que as paredes iam esmagar a gente. Isso foi ideia sua.

Os dois corriam sem ter a menor ideia de onde queriam chegar.

- Como vamos achar a saída?

- Sei lá. Não consigo enxergar nada.

De repente, as paredes do labirinto começaram a ficar transparentes, como se fossem feitas de vidro.

Maxx e Binno pararam de correr. Surpresos se perguntavam de quem havia sido aquela ideia.

Viram Gabriah no outro lado de uma das paredes transparentes. A perna dele ainda sangrava. – Quando o Rei Morto falou que a gente não podia imaginar nada, eu sabia que era impossível. Daí, comecei a pensar no que podia ajudar a gente a sair daqui.

- Boa Gabriah! – Binno falou alto, para o amigo ouvir do outro lado da parede.

Com as paredes transparentes ia ser mais fácil enxergar todos os cantos do labirinto.

- Olha lá. A saída. - Binno apontou uma porta logo nas costas de Gabriah. Nela, via-se a Estação de Virtualização onde os corpos de Gabriah e Binno estavam conectados.

- Essa aqui é a saída para desistir. – Gabriah gritou.

Se Gabriah quisesse desistir do jogo, bastariam alguns passos para trás e finalmente voltaria ao seu corpo, depois de tanto tempo.

Gabriah pensou nisso e sorriu. – Daqui, consigo ver meu corpo. O pirata já me conectou direitinho.

Binno e Maxx pensavam em seguir adiante. Procuravam a saída que levasse ao próximo desafio.

Maxx encontrou. O primeiro-filho cutucou Binno e apontou a outra saída, onde se via a floresta artificial do Vale dos Devaneios. – É aquela! A saída para

continuar no jogo.

Binno sorriu. – É aquela mesmo.

Binno fez um sinal para Gabriah, chamando o garoto. Mas, ele apontou para o outro lado do corredor. O wyvern assassino havia encontrado o garoto machucado.

Gabriah e o wyvern estavam no mesmo corredor. No extremo oposto, o animal encarava o garoto.

Gabriah não tinha como correr.

Binno e Maxx não podiam ajudar, pois estavam do outro lado da parede.

- Ei bicho idiota. – Binno socou a parede com força, tentando chamar a atenção da criatura. – Vem caçar quem pode correr.

Maxx repetiu o gesto.

Os dois socaram a parede, ainda mais desesperados quando viram que o wyvern ignorou a provocação e passou a voar na direção de Gabriah. O garoto se desesperou. Tentou correr. Mas com a perna estava muito machucada.

O animal estava há poucos metros de Gabriah. O garoto se abaixou, como se tentasse ficar distante das garras fortes daquela criatura.

O wyvern ia arrancar a cabeça de Gabriah com um único golpe.

Maxx e Binno entraram em pânico, assistiam a tudo de perto. Mas estavam impedidos de qualquer atitude.

Então, do alto do labirinto, caiu a salvação.

Uma rede caiu do céu.

Era uma rede de pesca, costurada em uma linha grossa e pesada, que caiu exatamente sobre o wyvern. No chão, o animal se sacudia irritado, tentando escapar daquela rede.

Só agora Gabriah olhou para trás.

- Foi difícil imaginar uma rede tão grande. – Gabriah ria de nervoso. – Tive que contar cada nó.

Binno e Maxx olharam outra vez para a saída.

As paredes transparentes continuavam a espremer os corredores do labirinto.

Gabriah tentou passar pelo wyvern. Mas, mesmo embaixo de uma rede de pesca, o animal era muito perigoso. O garoto machucado olhou para trás, e viu outra vez a saída que levava de volta ao ponto onde seu corpo estava conectado.

- Não posso atrasar vocês. É perigoso ficar aqui. – Gabriah estacava o sangue da perna com as próprias mãos. – Não consigo mais. Por favor, tragam a Kira de volta.

Maxx e Binno concordaram. E, em silêncio seguiram em direção à saída.

Gabriah arrastou a sua perna até a porta da desistência.

Antes de Gabriah desconectar, o Rei Morto surgiu ao lado da saída. Ele ajeitava seu bigode curvo, tentando demonstrar calma. Sem interferir, apenas sorriu para Gabriah.

- Você jogou muito bem garoto. Quase venceu meu labirinto. Quem sabe tentamos outra vez? Te ofereço mais riquezas que qualquer Rei pode dar.

Gabriah ignorou o rei criativo. E, mancando, saiu do jogo.

Decididos, os outros dois caminharam para a saída.

Binno olhou para trás. Os Reis Mortos haviam eliminado mais um jogador.

Maxx caminhava firme para o próximo desafio. Mas, Binno sabia: ninguém é tão corajoso.

Nesta altura era o medo que unia os dois últimos guerreiros.

# CAPÍTULO 32
# A morte do herói

Outra vez, o Vale dos Devaneios causou tremores.

Que lugar terrível era aquele! Imitações de árvores e plantas tão convincentes que pareciam respirar. Seguir naquela caminhada era entrar na garganta da criatura que quer te devorar.

E os garotos continuavam em passos firmes.

- Não se preocupe micróbio. – Maxx nem se deu ao trabalho de reduzir o passo. – Estou seu lado. Você continua no lado mais forte.

Um passo atrás, Binno balançou a cabeça. Como Maxx conseguia ser tão irritante? Pensou em retrucar. Mas algo mais importante chamou sua atenção.

Como um cometa barulhento, um vulto iluminado passou sobre eles e foi parar no alto de uma grande árvore.

Fixaram os olhos naquela luz. Não podia ser outra coisa: era a mulher de cabelos e olhos dourados que havia ferido Gabriah.

- É a Música. – Maxx encarava a mulher que saltava até a árvore.

Suas roupas barulhentas sacudiam com o vento.

- Ela quer assustar a gente.

- Quem deve temer é ela. Vou destruir essa IA. – Maxx estava decidido.

- Mas, você viu o que ela fez com o Gabriah. Vamos procurar o rei Olaph e sair daqui.

- Não, micróbio. Acorda! Os Doutores nunca terão uma única batalha justa enquanto ela continuar recrutando IAs. Graças a ela, todas as máquinas da Grande Existência são comandadas por IAs rebeldes. Os próprios submarinos dos Doutores são comandados por IAs que foram seduzidos por essa Música. - Maxx agarrou a gola de Binno. - Essa Música é a causa de todo o caos na

internet. A Aliança jamais vai vencer se os IAs estiverem do lado de Xenon. Temos que aproveitar essa chance. – Maxx parecia louco para brigar. - A gente tem que fazer isso agora. Só assim a guerra não chegará a Falahcia.

- Mas...

Antes que Binno pudesse argumentar, Maxx gritou.

- Ei Música. Gostei daquele seu golpe com a faquinha de pão? – Maxx era irônico até quando tentava puxar briga. – Que tal descer aqui para me ensinar como se faz?

A mulher de olhos e cabelos dourados ignorou a provocação. O único barulho que se ouviu foi o esvoaçar de suas vestes ao vento. Como se flutuasse, saltou de uma árvore para outra. Assim, sumiu mata adentro.

Maxx também entrou mata adentro. Decidido a perseguir e vencer a Música.

Binno seguiu o primeiro-filho.

Quanto mais rápido a Música se movia pelo alto das árvores, mais intenso e compreensivo era o som de seus movimentos.

De repente, os barulhos das vestes daquela mulher se transformaram em notas musicais.

Aquele som fez Binno pensar em uma canção de paz. Os movimentos da mulher já não faziam barulho. Era uma linda melodia. A Música fazia Binno imaginar dias de luz.

Binno lembrou de seus melhores momentos.

Pensou em Kira, Orion e Gabriah. Em sua imaginação, o grupo de amigos estava outra vez assistindo uma partida de shockey. Os Salmões Palacianos estavam vencendo. A plateia cantava feliz. Binno cantava alto. Kira cantava alto. Os dois estavam de mãos dadas. Ela sorria. E o som do riso de Kira se confundia com a canção. O garoto não estava mais correndo para seguir Maxx. Binno simplesmente, corria para ficar mais perto daquela música.

Aquela música era tudo para Binno.

A mulher saltava de uma árvore para outra e o som de suas vestes balançando ao vento compunham uma melodia que o garoto desejava guardar para sempre em seus ouvidos.

- Espera! - Binno parou. Seus pés se arrastaram no chão terroso. Colocou a

mão sobre os ouvidos e se concentrou no silêncio.

- É isso que ela faz. - O garoto baixou a cabeça. - *Não sou um IA idiota. Não vou cair nessa ilusão.*

Binno pensou em quem era, o que estava fazendo ali e o que ainda tinha pela frente. - *Preciso me concentrar. Ainda faltam dois desafios. Dois Reis Mortos.*

Binno abriu os olhos. Estava lúcido.

Lembrou de Maxx.

Sem pensar, voltou a correr. Maxx precisava ser avisado.

O primeiro-filho estava muito a frente e corria obcecado. Binno tinha que fazer o rapaz voltar a si.

Por sorte, Maxx parou subitamente e quase foi atropelado por Binno que vinha logo atrás.

A floresta havia chegado ao fim.

- Ela quase enganou você, não foi? – O olhar de louco de Maxx parecia ainda mais descontrolado. - Ela tentou me enganar também. Eu vi meu pai falando meu nome com orgulho. Vi as pessoas de Falahcia aplaudindo meus feitos. Me vi amado pelo povo de Falahcia.

Maxx encarou Binno. Exibiu o riso com o canto do lábio. - É óbvio que eu não acreditei nessa bobagem.

Binno se apoiou no ombro de Maxx para recuperar o fôlego.

- Eu não sei o que aconteceu. - Puxou o ar com força – De repente comecei a ouvir uma música e...

- E pensou que era feliz. – Maxx abriu um riso branco. – Ela enganou a gente, Binno. Ela queria trazer a gente para cá.

Os dois estavam no fim da floreta. Naquele ponto, havia um despenhadeiro e mais nenhuma árvore falsa. Ali, toda ilusão acabava.

Na beira daquele precipício, havia duas portas abertas.

Duas portas.

Eram portas idênticas em seus tamanhos e alturas. No interior de cada uma delas viam-se dois diferentes ambientes.

A primeira levava até um lugar vazio e escuro.

A segunda era tão cheia de luz que era impossível ver o seu interior. Uma porta escura e uma porta de luz, o que significava aquilo?

A mulher também estava ali, com seus olhos dourados e ameaçadores.

Ela saltou em cima da porta negra. E ali continuou empoleirada, enquanto seus cabelos dourados balançavam com o vento.

Mas, os três não continuaram sozinhos.

Ao lado da porta de luz, surgiu um homem de cabelos grisalhos, vestido com as roupas de um rei próspero. Sobre seus ombros, estava um manto feito da pele inteira de um cocatrix. Ele segurava nas mãos, uma pequena e brilhante coroa.

- Sejam bem-vindos ao meu jardim. - A voz do homem era tão forte quanto seu porte físico. - Sou o terceiro rei. Me chamo Olaph. E, como devem saber, sou conhecido como o rei invencível.

Binno continuou em silêncio.

Porém, Maxx estava a fim de briga

- De onde eu venho você é conhecido como morto.

- Por pouco tempo, primeiro-filho cigano. - O rei Olaph nem se deu ao trabalho de descruzar os braços. - Em breve voltarei a viver. Durante todos estes anos aconselhando o seu pai para a governança de Falahcia, ouvi muitas vezes falar de você. O velho Milton Mind sempre acreditou que um dia os ciganos iam se orgulhar de você. Não entendo como um pai pode nutrir expectativas tão irreais em relação a um filho.

Maxx se aproximou ainda mais de Olaph.

- Vamos ficar falando sobre nossos papaizinhos ou vamos jogar?

- Tudo bem. Se estás tão ansioso para ser derrotado, não tenho porque esperar.

Olaph jogou uma moeda para Maxx.

- Um oro$ cigano? - O rapaz segurou a moeda no ar e pareceu entender na hora qual seria o desafio. - Um simples cara ou coroa. Este é o seu desafio? É um jogo onde você tem metade de chances de perder, Olaph. Não esperava algo tão simples de um rei que se diz invencível.

- Não estou disputando nada com vocês. - Olaph vestiu sua coroa brilhante. - Aqui temos duas portas. A porta iluminada leva para o jardim do último rei. A porta escura leva para um dispositivo móvel qualquer. Ou seja, ao esquecimento e à própria morte. Vocês devem jogar entre vocês. A regra é simples. O vencedor escolhe uma porta. O perdedor, deve entrar na outra.

- Mas isso é injusto. - Binno se alterou. - Assim, não temos nenhuma chance. É impossível vencer. Um de nós passa e o outro morre. Você vai conseguir o corpo que precisa para voltar à vida.

- Sou o rei invencível. Acharam que eu ia criar um joguinho bobo onde vocês pudessem ir adiante? Se eu jogo é para ganhar.

- Você não pode obrigar a gente a fazer isso. - Binno tentava mudar as regras. - Temos que ter uma alternativa.

- É claro que sim. Não estou obrigando vocês a nada. Assim como nos outros jogos, vocês puderam desistir. Se quiserem, devolvam meu oro$ e podem ir embora.

Como um pássaro que pousa no chão. A Música saltou e parou em frente à porta negra. Mesmo sem mover nenhum músculo da face, o rosto dourado da mulher parecia rir da situação dos garotos.

Binno estava cheio de dúvidas. Precisava tomar uma decisão. Mas, dar a vida a Olaph ia fortalecer o inimigo. Com um general tão poderoso ao seu lado, Xenon será ainda mais forte.

O Rei Morto insistiu.

- A questão aqui é apenas uma, a moeda decidirá qual de vocês terá uma chance para resgatar a garota que são apaixonados. Os dois não iam ficar com ela mesmo. Então, deixem a moeda decidir. No outro lado da porta iluminada, está a chance de salvar Kira Bella. A outra porta, é o caminho para o esquecimento. Joguem a moeda e deixem a sorte decidir.

Discretamente, Binno virou para Maxx.

- O que vamos fazer?

- Você não precisa fazer nada, micróbio. Outra vez, eu farei tudo sozinho.

Maxx jogou a moeda para cima. Ela girava tão rápido que poderia ser confundida com uma pedra dourada. Enquanto a moeda estava no ar. Maxx falou.

- Sou o primeiro-filho. Por isso, fico com a coroa. Para você sobra a cara, concorda?

Binno não disse nada, apenas observou a moeda girando, girando, girando... Cara.

Coroa.

Não havia nenhum controle.

Não havia nenhuma opção.

Uma simples moeda ia decidir.

Um deles teria a chance de continuar no jogo. O outro deixaria a vida.

O vencedor escolheria a porta.

O perdedor, cairia na escuridão. No esquecimento.

Maxx agarrou a moeda.

A mão do primeiro-filho pressionou a moeda contra as costas da outra mão. O destino estava escondido entre as duas mãos de Maxx Mind.

A Música se aproximou. A mulher parecia ansiosa para saber quem seria o vencedor daquela disputa.

Olaph, paciente, cruzou os braços e aguardou.

Maxx não olhou para nenhum deles. Nem mesmo olhou para as portas. Apenas encarou Binno.

- Sabe, micróbio, desde o dia em que eu vi a Kira pela primeira vez, eu percebi que toda minha vida tinha sido construída para aquele momento. - Os olhos pretos do primeiro-filho marejavam. - Cada momento que eu vivi, me preparava simplesmente para o dia em que eu conheceria aquela garota. Meus gostos, minhas brincadeiras, minhas piadas, até esse meu lindo sorriso branco... - Maxx riu, do jeito que ri alguém que tenta fazer piada quando está pronto para chorar. - A sensação que eu tive é que tudo em mim foi planejado para que um dia eu pudesse chamar a atenção dela. Minha vida por inteira foi feita para ela. E quer saber? Foi incrível.

Binno ouvia Maxx. Ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar na moeda escondida sob a mão do rapaz.

Coroa, Maxx venceria.

Cara, era Binno quem escolheria a porta.

Maxx tinha mais a dizer.

- Sabe por que eu te odeio tanto?

Binno respondeu em voz baixa. - Nunca entendi seu ódio por mim. Acho que você leva muito a sério esse lance de eu ser o número um em lógica.

Maxx balançou a cabeça.

- Você é mesmo um micróbio, hein? Eu te odeio porque desde o dia que eu vi os olhos castanhos da Kira eu percebi que o coração dela já era seu. Ela sempre te amou, Binno OXZ. Sempre. Mas, você é micróbio demais para perceber isso.

Maxx apertava a moeda com força, entre suas mãos. - Eu não sou nenhum idiota. Já que você estava lá resolvendo suas questões com a felíndia Cybele, eu aproveitei para dar uns beijinhos na Kira. Eu não podia exigir que ela me amasse. Mas, nada impediu que a gente se divertisse. Sou um sujeito que vive com intensidade aquilo que a vida permite. E, se eu amei a Kira, fiz de tudo para merecer esse sentimento. Simples assim, sem ficar choramingando.

- Tudo bem. - Binno segurou a mão de Maxx. - Não mostre a moeda. Eu vou para a porta escura. Você é mais velho e mais treinado. Terá mais chance no próximo desafio.

- Vai bancar o herói burro outra vez, micróbio? Esqueceu que Olaph disse que a moeda escolheria? Ele não disse que você ia escolher. O rei invencível mandou a moeda decidir. Então, a moeda decidirá.

Com um movimento de cabeça o Rei Morto indicou que Maxx estava certo.

Maxx continuava falando sem parar. - Além disso, chegou a minha vez de tomar uma nova atitude. Preciso proteger aqueles que dependem de mim. Meu povo. Minha cidade. Minha gente. Meu pai sempre acreditou em mim. É a minha vez de mostrar que eu mereci esta confiança.

Olaph ajeitou seu manto com pele de cocatrix, sem demonstrar nenhuma pressa.

A Música também continuava parada em frente a porta negra, esperando

pelo fim daquele jogo.

Lentamente, a mão Maxx mostrou a moeda que escondia.

Sob a face da moeda havia o desenho de uma coroa e a inscrição "Hum Oro$".

- Você ouviu o rei. Ele disse que vencedor escolheria a porta. Como deu coroa, eu tomo as decisões por aqui. - O primeiro-filho segurou Binno e colocou a moeda em sua mão. - É melhor você ficar com isso. Vai te dar sorte, micróbio.

Binno apertou a moeda com raiva.

Olaph se afastou, deixando livre o caminho da porta iluminada.

Maxx Mind caminhou até aquela grande fonte de luz. - Espero que você seja tão esperto quanto dizem por aí. Porque agora vai lutar sozinho, micróbio.

Binno abriu a mão e olhou para a moeda.

O garoto tomou um susto.

O primeiro-filho havia trapaceado. Aquela era a moeda de duas coroas. A moeda que Maxx já tinha usado para enganar Binno antes da primeira aula do pré- Maior.

Maxx era mesmo um trapaceiro.

Desta vez, Maxx havia enganado até mesmo o rei invencível.

A apenas um passo da porta iluminada, o primeiro-filho olhou para trás e exibiu seu último sorriso branco.

- Não esqueça o que ensinei. Um dia eu ganho. No outro você perde. - A única lágrima de Maxx finalmente desceu pelo seu rosto. - E, me faça um favor, diga para a doce Kira que eu até morreria por ela.

O primeiro-filho surpreendeu a todos e saltou sobre a Música. Os dois rolaram, numa luta desleal. A Música pouco pode fazer, além de se debater. Maxx Mind parecia ter a força de dez homens. Com raiva, entrou pela porta da escuridão e arrastou a Música junto consigo.

Olaph ignorou a luta.

Sem qualquer preocupação, apenas respirou fundo e aproveitou sua vitória.

A porta fechou violentamente. E sumiu.

A voz forte de Olaph explicou.

- A moeda escolheu o primeiro-filho. Dei o direito ao rapaz de escolher a porta. É realmente uma pena que ele tenha tido esta ideia estúpida de salvar a internet da Grande Existência. A esta altura o exército rebelado já derrotou a Aliança. Não precisamos da marcha de IAs.

O Rei Morto soltou uma imensa gargalhada. - Agora os rebelados terão um general. Olaph, o invencível está de volta. - O homem se abaixou. Fechou os olhos e desconectou.

Sozinho, Binno sentiu seu coração acelerar.

Maxx Mind, o primeiro-filho cigano, o arrogante, o instrutor de lógica, o sujeito cheio de piadas de gosto duvidoso, sorriso branco e atitude autossuficiente havia sacrificado a própria vida.

O rei Olaph havia vencido. Em algum lugar, Olaph agora estava assumindo o corpo de Maxximus Mind. A consciência do primeiro-filho estava perdida para todo sempre.

O herói de Falahcia estava morto.

Binno abriu a mão e olhou pela última vez para aquela moeda. A moeda de duas coroas agora era sua única companhia.

Sozinho, atravessou a porta de luz.

# CAPÍTULO 33
# O rosto no espelho

No outro lado da porta tudo era branco. Tudo era luz. Tudo era espelhos refletindo medo. Era enlouquecedor.

Binno finalmente estava na última fase do jogo. E rezava para acabar logo.

Ali não havia árvores plásticas. Nem mesmo qualquer imitação de uma floresta perigosa. Era apenas um lugar vazio, construído com espelhos.

A sensação era de ter entrado em uma colmeia onde os favos podiam refletir qualquer luz. As paredes eram feitas de grandes quadrados reflexivos. Espelhos enormes que se uniam como tijolos e formavam uma sala redonda.

Binno estava dentro de uma prisão de espelhos, no formato de uma grande bola. No centro daquela colmeia de reflexos, via apenas a si mesmo, repetido centenas de vezes.

- Esse é o jogo? – Irritou-se. – Vou ficar olhando minha própria cara até enjoar e cometer suicídio?

Um dos espelhos chamou a atenção. A imagem refletida passou a se alterar como se Binno envelhecesse. Mais alto, mais forte, o Binno refletido se tornou um homem adulto. Mas seu rosto sofria mais que mudanças físicas, era como se aquele Binno adulto, de repente, fosse outra pessoa.

O garoto olhou para os lados. Agora, todos os espelhos refletiam Binno em diferentes fazes da sua vida. Um Binno bebê. Outro Binno adolescente. Outro mais crescido. Outro velho e ancião. Um Binno de cabelos brancos. Outro barbudo. Centenas de idades. Milhares de imagens. Nenhuma igual à outra.

Binno colocou a mão no rosto. E os milhares de reflexos fizeram exatamente o mesmo movimento.

Ainda eram reflexos de uma sala redonda feita de espelhos. Paredes, chão, teto. Tudo era espelho. Tudo era reflexo. Mas não havia um único reflexo igual

ao outro. Eram milhares de imagens de Binno OXZ. Todas elas mostrando um Binno diferente.

O garoto outra vez olhou para frente.

E percebeu, quem estava ali era o Binno adulto de seus pesadelos. O Binno com o rosto marcado de ódio, vingança e maldade. O Binno que envelheceu carregado de culpa e egoísmo.

Aquele era o mesmo homem que Binno tinha visto tantas vezes em suas noites atormentadas, carregando Gabriah morto em seus braços e achando graça de tanto sofrimento.

Agora, o homem de seus pesadelos estava ali, refletido em um espelho louco.

Binno passou a mão no seu rosto, mas não sentiu as marcas que o espelho mostrava.

O homem refletido imitou seu movimento. Mas, diferente de Binno, sorriu.

Binno se apavorou.

O reflexo tinha vida própria.

O garoto outra vez olhou para os lados. Agora, as milhares de imagens não imitarem o movimentos. Apenas observaram o garoto em pânico.

As imagens já não pareciam reflexos, mas criaturas presas nos espelhos.

Binno virou outra vez para frente.

- O que está acontecendo. Quem é você?

O adulto no espelho ainda ria. Respirou calmamente e falou baixo.

- Seja bem-vindo ao meu jardim.

- Você é Heph, o rei imperador? O último Rei Morto. O rei não-cigano que traiu a confiança do povo. Aquele que criou o Vale dos Devaneios para jamais perder Falahcia. O criador do pacto dos quatro Reis Mortos.

- Uau. – O reflexo fingiu admiração. – Você está mesmo informado, hein?

Binno não respondeu. O reflexo colocou as mãos nos bolso e continuou. - Sim. Sou o último rei. Confesso que o primeiro rei, Aleph, teve o mérito de conquistar Falahcia. Mas sempre foi um fraco, cheio de vícios e fraquezas. Não me surpreende que tenha sucumbido à esperteza do jovem Zacharias Psy. O rei

cigano começou a transitar de um espelho para o outro, como se caminhasse pela sala.

- Já o clone de Oblax, seu amigo... como é mesmo o nome dele... Gabriah Obé. Este sim, me surpreendeu. Não por escapar do labirinto de Joseph, aquilo foi pura sorte. Mas, ouvi dizer que ele criou uma lenda para manter os IAs afastados. Este tempo todo aqui no Vale dos Devaneios e ainda assim ileso. Realmente, impressionante. Se os Reis Mortos tivessem prestado mais atenção às coisas que os IAS falavam, teriam capturado o menino.

Binno não perdeu a chance.

- Heph, você também é um Rei Morto. Você também foi enganado por Gabriah.

- Errado. – O rei imperador sequer olhou para Binno. – Eu não cuido das coisas do Vale dos Devaneios, simplesmente porque eu não estou aqui. Os outros reis acham que estou. Mas, são tolos.

- Eu não entendi.

- Mas entenderá. Você não está falando comigo. Está apenas vendo um reflexo de meus pensamentos. Sim. Eu posso estar em pensamento em um lugar e ainda assim estar em outro. Hoje, estou vivo, lutando pelo Império. Minha consciência habita um corpo velho, é verdade. Mas, logo serei jovem outra vez.

Binno ainda não entendi. Heph sabia disso.

- Não tente me compreender tão rápido. Apenas acredite, sou aquele que é capaz de ser muitos. Estes espelhos são programados para falar como eu falaria. Simplesmente, um reflexo do que eu sou.

- Mesmo assim, Gabriah enganou seus pensamentos.

- Sim. – Heph concordou. – E por isso pude aprisionar a filha de Ítalo Bella, a jovem Kira.

- Foi azar ela ficar aqui.

- Azar seu. E sorte minha. O primeiro-filho cigano jamais entregaria sua vida se não fosse para salvar Kira Bella. Graças a forma como tudo aconteceu, Olaph está vivo outra vez. Está em um corpo jovem e saudável. Tenho que agradecer a você. Aliás, ao seu lado maligno.

Binno sabia que aquela era uma provocação. Uma provocação que já tinha ouvido muitas vezes, em pesadelos terríveis.

- Não é a primeira vez que vejo você, Heph. Por que apareceu em meus sonhos? – Binno encarou o reflexo. – Vi você em sonhos ruins. Achei que era eu mesmo, mais velho. Mas, eu jurei que jamais me tornaria alguém frio e egoísta como você.

- Os sonhos serviram para você não desistir de vir atrás de nós. Foi o jeito que eu achei para te lembrar de vir até aqui entregar seu corpo para o Império.

Binno ficou quieto, enquanto o Heph transitava de um espelho para o outro. O reflexo continuou:

- Não precisa temer se tornar um adulto igual a mim. Eu não sou o seu futuro. Somos pessoas diferentes. E você jamais será como eu. Eu sou único.

- Você não é como os outros Reis Mortos. Sei que existe algo diferente em você. - Binno fez questão de perguntar pausadamente. - Quem? – É? – Você?

O homem foi até o espelho às costas de Binno. - Sou seu maior medo. Sou suas lembranças. Sou aquele que logo estará em seu cérebro e usará sua juventude para acabar com a Aliança, destruir os Doutores, estabelecer o caos, a desordem e a liberdade absoluta. Sou muitos. Sou o jardineiro. Sou o rei. E também sou o Imperador.

- Heph... – Binno se deu conta de uma pista que tinha deixado passar. – Hef...estos Xenon. Depois de trair os Doutores você fugiu para Falahcia. Por isso conseguiu se esconder da Aliança. Em Falahcia você se aliou aos três reis e criou este plano estúpido. Prometeu fazer deles seus Generais. E assim, vocês seriam donos da Grande Existência.

- Achei que eu já tivesse explicado isso. – O reflexo se aborreceu. – E também falei que tenho mil faces, mil vidas e um único propósito. Continuar a viver do jeito que sei, desconstruindo a lógica e causando o caos. Não quero nenhum poder para mim. Quero apenas acabar com todos que ousam me governar.

Você é doente. Mente. Rouba. Destrói. Mata. E diz que luta pela liberdade?

O reflexo ignorou a provocação e continuou andando de um espelho para o outro. Todos os outros reflexos copiavam os mesmos movimentos.

- Não vou discutir minhas ideias com um clone. Você foi criado com outros propósitos.

Binno tentou continuar calmo.

- Conheço esta história. Fui criado para libertar você de Alcatrix e ajudar seus Generais a voltarem a vida. Mas o terceiro propósito ainda é um mistério para mim.

- Resolver esta charada será simples quando você se perguntar quem é seu Original.

- Meu Original?

- É fácil entender o que está acontecendo quando fazemos as perguntas certas. Você esteve sempre tão preocupado em descobrir sobre a Música e sequer se perguntou quem seria o seu Original. Você é um clone, Binno OXZ. Clone de quem?

Dentro do espelho, Hefesto Xenon sorriu.

Todos os outros espelhos, com cópias de Binno riram abertamente. Debochavam da cara do garoto que havia percebido: ele era uma cópia daquele que considerava seu maior inimigo.

- Exatamente isso, Binno OXZ. Você é meu clone. Você foi criado a partir do meu DNA. Não existe nenhum filho tão parecido com o pai quanto você é comigo. Você é meu clone.

Binno escondeu o rosto com as mãos, não queria revelar o turbilhão de sentimentos que agora sacudiam sua cabeça. Mas, Xenon não esperou o garoto se recuperar. Continuou falando.

- Quando eu era jovem, desenvolvi forças e talentos que nenhum Doutor jamais alcançou. Mesmo assim, nunca me aceitaram em sua Aliança. Para me negar o pedido, usavam palavras bobas como senso de justiça. – Xenon deu um soco violento no ar, o espelho onde estava se rachou. – Eu estava doente. Meu corpo estava perto do fim. Mas minha mente queria viver muito. Eu tinha muito para realizar.

Binno levantou a cabeça. Xenon já não escondia qualquer emoção. Falava sobre seus dias mais terríveis.

- Tinham inveja de minhas capacidades superiores. Eu sabia que era mais forte que eles. Para vencer os Doutores eu só precisaria reunir forças e seguidores. E para isso, me tornei uma lenda. Fugi para Falahcia e criei meu plano. Me aliei a Oblax Zoop e fingi perder uma luta. A doença já fazia de mim um fraco. Eu tinha que recuperar minhas forças. Em Alcatrix conheci um velho chamado Adamastor. Ele detestava a Aliança tanto quanto eu. Ele concordou em

abandonar seu corpo e ceder sua mente para mim. Foi no corpo de Adamastor que fugi de Alcatrix.

O reflexo de Hefesto Xenon respirou, como se desse um tempo para que Binno compreendesse tudo que estava sendo dito. Voltou a falar rápido.

- Foi o IA que você criou, o IA Xenon, que me tirou da prisão. Ele abriu as portas para mim. Muito, obrigado, Binno OXZ.

Irônico, Xenon esticou a mão para Binno, como se quisesse um aperto de mão. Os reflexos nos outros espelhos, riram.

O reflexo adulto continuou.

- Adamastor era um velho aleijado. Ganhei algum tempo com ele. Venci alguns Doutores. E hoje o Grande Oceano já está em meu poder. Mas, quando eu me tornar jovem outra vez... – Xenon levantou os olhos e sorriu, como se imaginasse o próprio paraíso. – Serei forte e eterno.

Binno decidiu que precisava sair daquele lugar. Investigou cada centímetro daquela colmeia de espelhos. Precisava achar um jeito de sair daquele lugar. Tentou ganhar tempo.

- Posso ser uma cópia sua. Mas minha consciência é outra, Hefesto. Acredito nos Doutores e ajudarei a Aliança a contra-atacar.

- Cale-se. O terceiro propósito da sua criação é o maior de todos. Me devolver a vida. Você é minha carne. Tudo em você é cópia de mim. Quando minha consciência estiver em seu corpo, serei tão pleno que poderei planejar muitos de você. Simplesmente, estarei para sempre com a Grande Existência em minhas mãos.

A rachadura no espelho que Hefesto havia socado começava a se espalhar. Binno olhou por toda aquela cúpula de espelho e se deu conta que toda a estrutura do lugar desmoronaria se um único espelho fosse quebrado.

- É óbvio que muitos súditos sacrificariam sua vida para trazer seu Imperador de volta à vida.

- Então me esqueça. – Binno gritou contra o espelho. – Peça o corpo de um idiota qualquer.

- Você não dá ordens, garoto. Eu quero habitar um único corpo. Quero o meu corpo. O meu código desenha a cor de seus olhos, sua altura e cada detalhe do seu corpo Binno OXZ. Você é feito de meu DNA e é no seu corpo que

voltarei a ser eu mesmo. O único. O imperador Hefesto Xenon.

O reflexo encarou Binno.

Seus olhos negros pareciam vazios e infinitos como um grandessíssimo nada.

Apenas ouviu aquela voz invadir o espaço mais profundo de sua mente.

- Binno OXZ. Você é meu clone e deve me obedecer. Agora, cumpra sua última tarefa. – Hefesto esticou a mão, como se quisesse puxar Binno para dentro do espelho. – Entregue sua mente para mim. E, de uma vez por todas: faça-me eterno.

# CAPÍTULO 34
# O outro clone.

A mente de Binno OXZ estava pronta para explodir.

Fez de tudo para provar que era um ser original e agora havia perdido esta luta. Era um clone, exatamente como o Retróculo havia dito. Mas, a notícia era ainda pior. Seu original era o pior inimigo da Aliança. Seu original era Hefesto Xenon.

Binno respirou fundo.

Precisava se concentrar.

Quem estava à sua frente era apenas o reflexo de Hefesto. Pensamentos repetidos. Espelhos programados para pensar como o Imperador Rebelado.

O verdadeiro Hefesto estava distante. Protegido em seu submarino repleto de tentáculos.

Se um dia o garoto teria medo de enfrentar seu original, este dia não podia ser hoje.

Hoje, Kira Bella precisava ser salva.

- Não vim até aqui para ajudar você. Vim resgatar minha amiga. Onde ela está?

- Você deve estar em pânico. Cumpra minhas ordens e sentirá o propósito de sua vida ser realizado.

O espelho trincado pelo soco nervoso começava a rachar.

O reflexo apressou a fala.

- Como os reis ciganos já explicaram. Não posso obrigar você a entregar sua consciência. Este é um ato que precisa ser feito de bom grado para não estragar o cérebro. Eu esperava que você fosse um pouco mais grato e evitasse este jogo bobo. Mas, como temos pouco tempo, vamos às regras.

Um fantasma.

Binno sentiu um vulto passar ao seu lado. Havia mais alguém naquela sala. E pelo jeito, o reflexo de Xenon ignorava a presença deste intruso.

- A questão aqui é simples. O jogo diz que você deve descobrir qual espelho esconde Kira Bella. Ela está atrás de um único espelho. Você poderá quebrar este espelho. Mas, saiba que esta sala de espelhos foi projetada de modo que todos os espelhos são necessários. Então, se quebrar qualquer um, toda a sala vai desmoronar e você morrerá.

Binno ficou em silêncio.

O próprio reflexo voltou a falar.

- Ouviu as regras? Agora decida. Prefere voltar para casa vivo, ou resgatar a filha de Ítalo?

- Se eu aceitar o desafio, meu corpo ficará sem consciência, esperando por você. Mesmo que você tenha agido como um covarde e tenha apenas deixado aqui uma programação que reflete seu jeito de pensar, ainda assim você vencerá.

- Exato.

- Este é um jogo injusto. Se um único espelho quebrado vai derrubar a sala.

Mesmo que eu acerte o espelho, eu e Kira morreremos.

- Errado. Kira pode sobreviver. Basta você segurar o espelho de cima até que ela saia da sala.

- Então, Kira tem uma chance. Mas eu não.

- São as regras, Binno. Quebre o espelho certo e liberte Kira. Segure o espelho de cima até que ela possa sair da sala. E, depois, morra.

– Binno olhava cada um dos milhares de espelhos daquela sala. Atrás de qual deles, estaria Kira?

- Se quiser, desista. – O reflexo de Hefesto tinha um riso escondido no rosto. – Simplesmente volte para Falahcia e enfrente os ciganos. Aqui, não haverá uma segunda chance. Se errar o espelho, você e a princesinha da Aliança morrerão.

Binno tentava ignorar as distrações do reflexo.

- Uma chance. Um espelho. E eu salvo Kira. – Em cada espelho, um reflexo diferente encarava Binno. Nenhum deles parecia ser o espelho certo.

- Quanto orgulho, garoto. Desista, volte para seus amigos derrotados. – O mantinha um riso torto. - Ou, fique aqui e me faça eterno.

Os milhares de reflexos pareciam desafiar o garoto.

Agora, Binno sabia. Aqueles espelhos não refletiam a sua imagem. Mas a imagem de seu Original. O traidor Hefesto Xenon. Eram pensamentos com as mais diversas idades. E agora, todos aqueles pensamentos, encaravam Binno com expressões estranhas, assustadoras e até curiosas.

O espelho trincado continuava a aumentar sua rachadura. Binno tinha que decidir rápido.

Outra vez, o vulto. Binno percebeu um movimento ao seu lado. Tinha a nítida impressão que havia um fantasma naquela cúpula. Mas, não viu nada. Ignorou aquela sensação. Tentou se concentrar.

O vulto fez Binno olhar para trás. Lá, havia um espelho diferente que chamou sua atenção do garoto.

Era um espelho da altura de Binno.

Ali, havia um garoto tranquilo. Ao contrário de todas outras imagens, a imagem continuava calma. Sorria. Não era um riso prepotente cheio de si. Era o sorriso de alguém que cumprimenta um amigo. A imagem não fez qualquer sinal, apenas continuou ali, tranquila.

- Este parece diferente. - Binno falou com Hefesto. - Ele não se exibe. Não conta vantagem. Parece ser apenas um garoto feliz.

Hefesto deu de ombros. - Já vivi sem ambição, Binno. Já fui um garoto comum, até o dia que descobri o tamanho do talento que havia em mim.

Binno balançou a cabeça.

- Não é isso. Estes pensamentos estão felizes. - Binno tocou o espelho. - Tem alguém influenciando o jeito deste espelho pensar. E eu aposto que é uma garota de cabelos lilases.

Com as mãos, Binno protegeu o rosto. E, com o pé direito, chutou o espelho.

Um imenso estardalhaço ensurdeceu todas as outras imagens que protegeram seus ouvidos.

Na hora, Binno segurou o espelho de cima para evitar que toda a colmeia de espelhos viesse abaixo.

Kira estava lá.

Aquele espelho escondia uma pequenina salinha. A menina estava deitada no chão, com os joelhos encostados no peito. Desacordada.

- Mentiroso. - Binno gritou com raiva. - Você disse que ela sobreviveria.

O reflexo de Hefesto mantinha os braços cruzados e um riso maldoso no rosto.

- Errado garoto. Eu disse que ela estaria livre para sair. As portas estão abertas e vocês dois podem ir até a saída do Vale, sem qualquer problema. Mas eu nunca disse que ela estaria acordada. Aliás, você nem perguntou sobre a garota. Parecia tão interessado em saber sobre mim, seu original. Eu deixei claro que toda esta cúpula podia cair sobre vocês dois. Não foi?

Binno já sentia o imenso peso das paredes de espelho pressionar seus ombros.

Hefesto provocou.

- Sua consciência vai ser fatiada, moleque. Pobre menino, caiu numa arapuca como um passarinho esfomeado. Eu tentei avisar.

- Não sou como você. Eu nunca deixaria Kira aqui. - Os braços de Binno já tremiam tanto, que toda a cúpula estremecia. - *Como faço para sair daqui?*

- As portas estão abertas. Mas, infelizmente você não pode arrastar a garota. É triste. Mas, as regras foram todas ditas. Já não posso mudar o jogo.

Hefesto respirou fundo, satisfeito.

- Voltarei ao meu próprio DNA. O seu corpo. Estarei forte, jovem e com a Existência sob meus domínios. Eu podia até agradecer. Mas, fui eu quem inventou você, então... Acho que os méritos são todos meus.

Outra vez o fantasma.

Binno sentiu a presença de alguém. Agora tinha certeza, não estava sozinho. Alguém estava ao seu lado.

De repente, este alguém invisível começou a ajudar Binno a erguer o espelho. Toda a cúpula pareceu mais leve. A colmeia de espelhos já não balançava mais.

Aos poucos, aquele alguém foi tomando cor. Era um homem. Barba rala e branca. Uma longa trança branca se esticava quase até o chão. Sua roupa,

totalmente branca... Era o Ítalo Bella quem estava ali.

O Doutor Branco abriu um sorriso.

- Mas... - Binno quis falar, quis sorrir, quis abraçar o Doutor. Quis tudo ao mesmo tempo. Mas, apenas ouviu Ítalo falar.

- Não faça perguntas, Binno. A última regra já foi dita. Ninguém falou sobre você receber ajuda. Agora, salve aquela que veio salvar.

Binno sentiu os braços caírem. Não suportaria aquele peso por mais nenhum segundo. Caminhou até Kira e pegou a garota no colo.

- Ítalo. Eu não sou quem você pensa. Sou o clone de Hefesto. Você sabe o poder que um original tem sobre sua cópia. Sou uma ameaça a toda Aliança. É melhor eu ficar aqui. Você pode salvar Kira.

Os olhos castanhos do Doutor disseram tudo. Ítalo deixou claro que discordava de cada palavra.

- Quem disse que você é o único clone nesta sala?

- Como assim?

- Havia um grande mágico. Seu espetáculo era tão grandioso que todos acreditavam que somente um clone poderia continuar a apresentar seus truques.

Ítalo encarou o garoto. Não havia tempo para detalhes.

Binno tentou entender.

- Você é o clone de um mágico idiota? Você, Ítalo Bella, o sábio? O maior dos Doutores?

Ítalo mantinha o tom tranquilo na voz.

- Apenas, resista Binno. O destino que os outros escolhem para você é apenas o desejo de outras pessoas. São os seus desejos que constroem a pessoa que você é.

As paredes espelhadas tremeram levemente. Os braços de Ítalo já estavam começando a perder as forças.

Binno insistiu.

- Venha com a gente. Com a sua velocidade você consegue.

Calmo, o Doutor sorriu. Sua face era tranquila como sempre.

O simples olhar de Ítalo fazia todo mal parecer menor. Naquele instante Binno sentiu mais confiança do que em todos os momentos que esteve naquela busca.

Ítalo explicou.

- Fiz o que pude para não ser visto antes da última regra ser dita, só assim eu podia garantir que os reis ciganos não inventariam um jeito de evitar a minha ajuda. Agora vá, Binno. Minha alma está mais distante que a imaginação. Estou de volta à Origem. Você está conversando com uma simples lembrança. Ficarei feliz por fazer qualquer sacrifício por minha filha. Ficarei feliz de ajudar você, jovem OXZ.

- Você pode...

- Posso tomar minhas decisões. - Ítalo pediu silêncio, enquanto suportava o peso da colmeia de vidros sobre seus ombros. - Sobreviva, é o que peço. A Aliança precisa de você.

Com Kira Bella nos braços, Binno saiu da colmeia de espelhos e ouviu o ruir de estilhaços às suas costas. Os gritos dos reflexos de Hefesto Xenon puderam ser ouvidos durante toda a caminhada

Pelo caminho, não houve problemas. Os Reis Mortos, envergonhados, esconderam-se no Vale. E os IAs já estavam em paz depois da morte da Música. Binno seguiu até o portal, levando Kira nos braços. Lá desconectou.

Conseguiu.

Abandonou aquele site, aquela Esfera Virtual, aquele purgatório de consciências perdidas.

Abriu os olhos.

Outra vez, estava na sala dos tesouros felíndios.

Ao seu lado estavam o pirata, Anja, Zac e Gabriah. Mas outras pessoas também estavam ali, para surpresa de Binno.

A Doutora Synara Vibbor estava viva! Seus cabelos assumiram a cor prateada assim que ela sorriu para Binno. O chanceler Milton Mind também estava lá.

Foi o próprio chanceler quem ajudou Binno a descer da Estação de Virtualização.

- Eu sei de tudo. Falahcia jamais esquecerá o que vocês fizeram. Você devolveu a esperança aos ciganos. Obrigado.

Milton Mind tinha os olhos vermelhos. Olhos onde ardiam lágrima.

- Maxx… - Binno quis falar, mas estava fraco demais.

- Poupe suas forças, garoto. Eu sei exatamente o que aconteceu com meu filho. – As lágrimas escorreram pelo rosto. – Ele fez mais pelos ciganos que eu serei capaz de fazer durante toda minha vida. Maxximus Mind, meu filho, estará para sempre nos corações de Falahcia.

Kira também estava desconectando. Desorientada, a garota errou o pé ao sair da Estação. Caiu. Synara e Spike correram ao mesmo tempo para ajudar a garota.

Binno também quis ajudar. Mas, sentiu o mundo escurecer.

Desmaiou.

# CAPÍTULO 35
# O que sobrou é céu

O sol iluminou o sorriso dos garotos.

Kira passou um dos braços sobre o pescoço de Binno. E repetiu o gesto com Gabriah que também estava ao seu lado. Os três amigos dividiam um único abraço.

Poucos dias haviam passado. Foram dias importantes, onde o tempo derramou sobre a Aliança Maior sua esperança.

Xenon era um ditador que havia empilhado vitória nos últimos tempos. Mas a derrota para os ciganos havia enchido o Grande Céu de força.

As notícias da destruição da Música e o fracasso da volta de dois dos Generais mostravam que o inimigo podia, sim, ser vencido. E não houve um único homem da Aliança que não teve suas forças renovadas quando soube que a consciência de Xenon habitava um corpo velho, doente e cansado.

O Império Enguia já havia dominado o Grande Oceano, forçando aqueles que eram fiéis a Aliança a se refugiarem em fortes de resistência espalhados em pelos mares profundos.

Mas o Grande Céu continuava protegido pelos Clãs Dourados dos Doutores Orion Sirineu, o incansável, e, Doutora Synara Vibbor, a minuciosa.

E por tudo isso, aquela seria uma tarde de comemorações.

Do alto da marquise, viam um mar de ciganos felizes.

Os garotos estavam no palanque do chanceler Milton Mind. Ao lado do grande líder cigano, estava o pequeníssimo príncipe mimm, Megazila Mimm, sendo insistentemente importunado por dois serviçais mimms que não deixavam o garoto em paz.

Também estavam ali o Juiz Orfeu, o pirata Spike e seus filhos Zac e Anja Psy. Naquela mesma marquise, estava a Doutora Synara Vibbor e sua filha, Vick

Vibbor.

Para surpresa dos garotos, Vick e Zac estavam de mãos dadas. Vick muito orgulhosa. Zac, um pouco constrangido com a situação.

Kira cochichou para Binno. – Você sabia desse lance do Zac com a Vick?

O garoto balançou a cabeça. – É claro que eu não sabia. Aposto o Zac fez de tudo para esconder esse namoro.

Kira riu. – Pelo jeito, a Vick não gostou da ideia de namoro escondido, e obrigou o Zac a assumir na frente de todo mundo.

Os dois riram. E só pararam quando o próprio Zac fez um sinal pedindo para que parassem.

A festa continuava linda.

E todos aproveitavam.

O chanceler fez um único gesto, pedindo a palavra. E a multidão se calou.

- Falahcia ainda vive dias de paz e prosperidade. – A voz de Milton se espalhava como o vento e era ouvida até mesmo pelos ciganos mais distantes. – Quando vejo uma multidão como esta, unida em uma única felicidade, compreendo que a história que estes garotos viveram valeu a pena. Tristemente, digo que a maior de todas perdas caiu sobre minha família. Mas, hoje todos nós estamos aqui para agradecer. A ameaça que usava a internet para fortalecer o inimigo foi eliminada. A esperança resiste. A segurança de Falahcia está garantida.

A multidão aplaudia, eufórica. E a alegria se tornou ainda maior quando o Doutor Negro, Orion Sirineu, chegou.

Os ciganos amavam Orion.

Kira e Binno correram para abraçar o gigante. Ele retribuiu o abraço e perguntou:

- O jovem Obé não está aqui com vocês?

Gabriah continuava no canto da marquise. – Oi Orion.

- Você vai ter muito tempo para fingir que é tímido Gabriah. Agora corra pra cá e mostre que está com saudades.

Gabriah Obé também abraçou Orion. O gigante parecia mais forte que nunca. O chanceler Milton Mind continuava seu discurso à multidão, enquanto o

pequeno grupo cochichava num dos cantos da marquise.

- Orion, você está ótimo. – Kira era a mais feliz.

- Por que demorou para vir ao pronunciamento de Milton? – Perguntou Binno.

- Ainda estamos investigando a morte do Doutor Kounah Onícolo. Eu convenci os Juízes que não existem provas suficientes contra você, Binno. Até que provem o contrário, você é inocente.

- Engraçado. – Kira fechou a cara. – Os Juízes podiam ter pensado nisso antes de condenar ele à guilhotina. Não acha?

Gabriah falou com timidez.

- É que antes o advogado estava envenenado. Quero ver um Juiz condenar o Binno agora que Orion se recuperou.

- Não precisa puxar o saco do Doutor, garoto. – Zac se aproximou do grupo e cutucou Gabriah com o cotovelo. – Agora, tentem ficar atentos. Estão falando de vocês ali.

Neste momento, Milton fez um gesto, chamando Binno para perto. O Juiz

Orfeu e o pequenino Megazila Mimm também foram chamados.

- Então este é o momento? – O Juiz perguntou, encarando Megazila. O pequenino príncipe não respondeu.

Milton foi quem falou.

- Se quer falar comigo, estou atrás de você, Orfeu. E, sim. Este é o momento. Espero que os garotos estejam preparados.

- Eles nunca estão. – O Juiz abriu o casaco de seu paletó amarelo e começou a procurar algo em seus bolsos. – Lembro de quando aconteceu comigo. Eu nunca havia tentado entrar na Universidade Maior, entretanto obtive tal reconhecimento simplesmente por minha dedicação à Aliança. E, até que me saí bem, não acha Milton? – Desta vez, o Juiz encarou Binno, que também ficou em silêncio.

Sorrindo. Milton Mind respondeu. – Muitíssimo bem, Orfeu. Você teve uma carreira incrível na Aliança. Fostes um Graduado esforçado, um Mestre leal, um Doutor dedicado. E, com méritos, se aposentou para defender a justiça. – Milton se aproximou de Orfeu e ajudou o homem a encontrar o bolso de seu próprio paletó. – Exatamente por isso, queremos que estes garotos recebam de ti tal

honra, para que se tornem por ti inspirados para suas próprias carreiras.

Binno e Megazila se encararam, surpresos. – *Do que eles estão falando?* Megazila dava piruetas involuntárias no ar. Como é comum entre os mimms quando estão nervosos.

Binno também sentia o coração acelerar.

Finalmente, o Juiz Orfeu achou o que procurava em seus bolsos. Eram dois cartões de acesso da Aliança.

O Juiz falou para que toda multidão ouvisse.

- A você, Megazila Mimm, príncipe mimm, jovem e responsável, capaz de representar toda uma dinastia na doença de seu pai, enfrentou preconceitos e foi um ilustre estudante na Universidade Maior. Enfrentou tudo para devolver confiança a todo seu povo. Por isso, é justo que receba este cartão em mãos. – O Juiz esticou os braços mas esqueceu que Megazila tinha pouco mais que 24 centímetros de altura. O príncipe teve que pular mais de três vezes até alcançar o cartão.

Alcançou.

O povo aplaudiu.

O Juiz virou-se noutra direção.

- Ao clone Binno OXZ, humildemente, pedimos desculpas. Pouco importa do que é feita sua carne. É o espírito que guia teus atos. Agora, diante de todos, reconheço o erro que cometemos. Sabíamos de seus talentos. E tínhamos medo que seu talento fosse aliciado ao outro lado. E agimos pelo medo. E fizemos errado.

Binno olhou para multidão. Todos concordavam com as palavras do Juiz. O garoto voltou a olhar para Orfeu, que falava num tom cada vez mais emocionado.

- A Aliança errou contigo. Os Juízes erraram contigo. Eu errei contigo. Estávamos todos tão apavorados diante da ameaça da Mão Negra do Império Enguia. Simplesmente ignoramos o rapaz maravilhoso que defendia nossa causa. Você, que jamais conseguiu passar na prova para entrada na Universidade Maior já aprendeu mais do que a maioria que lá está.

O povo voltou a aplaudir.

O Juiz fez um breve silêncio. O chanceler Milton colocou a mão de Orfeu

sobre o ombro de Binno.

Binno OXZ, pelas habilidades que desenvolveu tão naturalmente, pela coragem de lutar por aqueles que ama. E principalmente, pela convicção em defender o escudo da Aliança, eu lhe entrego esta honra.

Kira não parava de sorrir.

O Juiz esticou seus braços e em suas mãos estava o cartão da Aliança.

Trêmulo, Binno segurou o cartão. Ele e Megazila tinham a mesma expressão de espanto.

Os dois ficaram imóveis. Sem reação diante do que estava acontecendo.

Kira estava tão nervosa quanto eles.

Ela fez um sinal, lembrando que deveriam quebrar o cartão.

Falahcia inteira esperava.

Binno e Megazila quebraram seus cartões ao mesmo tempo. O resultado disso foram duas nuvens de fumaça prata que emanaram dos cartões quebrados.

Oficialmente, Binno OXZ e Megazila agora eram Graduados da Aliança. A multidão foi à loucura.

Kira correu para abraçar Binno.

Megazila se esforçava para manter a postura solene. Mas, Gabriah e Zac jogaram o pequenino príncipe para cima até enjoar.

Os serviçais mimm se abraçaram, às lágrimas de emoção.

O olhar de Binno encontrou Orion que se mantinha distante da balbúrdia. O tio sorria. Ninguém ali estava mais orgulhoso e satisfeito.

A multidão estava igualmente feliz. Os novos Graduados da Aliança mereciam todas as honras.

Binno avistou os integrantes da Trupe dos Absurdos, que de longe eram os mais baderneiros. Bebiam xaropes flamejantes e cantavam. Aliás, a dona da Taberna do Xarope, Senhora Norah, também estava ao junto a Barba, Vidente Vivian, os brutamontes Brobabov e Brobaboa, outros bêbados e é claro, Pan Psy, o Pança.

O bonachão ergueu sua taça de xarope para Binno, como se oferecesse um brinde ao novo Graduado. Mas, foi surpreendido quando a Senhora Norah se

aproximou. Como se aquele imenso homem fosse uma donzela, a senhora tomou o cigano em seus braços. E o beijou.

Num beijo demorado, ela constrangeu Pança na frente de todos seus amigos beberrões.

Pança levantou assustado. Olhou para todos que riam a sua volta. Ele não deixou por menos. Foi para cima da bigoduda Senhora Norah, tomou a mulher em seus braços e devolveu outro beijo, com a mesa intensidade.

Agora, os assovios foram ainda mais empolgados.

E com esta alegria a cerimônia se estendeu por horas.

Homenagens, depoimentos emocionados e fogos de artifício. Tudo para que toda Falahcia pudesse comemorar.

Ciganos bem vestidos alcançaram as roupas prateadas que Binno e Megazila iriam vestir em momentos solenes a partir daquela data.

A roupa dos Graduados de Prata.

Junto às roupas de Binno estava o colar de pérolas verdes de sua mãe, que havia sido confiscado por Maxx Mind. – Ele guardou com o cuidado que teria com o colar da própria mãe. – Disse o soldado que por anos havia sido fiel ao primeiro-filho.

Houve uma demonstração de habilidade dos atletas dos Salmões Palacianos, que, para alegria dos ciganos, anunciaram que haveriam partidas festivas em todo o Grande Céu. E, ali diante de todos, convidaram a tempestiva Kira Bella para assumir o lugar deixado pela felíndia Cybele Síria. – Suas habilidades com patins são contadas de mares a ventos. – Disse o capitão dos Salmões ao fazer o convite.

Mas, Kira disse que não gostava de shockey. Essa recusa causou um constrangimento enorme em todos.

- Tudo bem. – O capitão saiu de lá com a cabeça baixa.

A garota deu de ombros. Preferia ficar longe daquele “esporte bobo”.

A alegria voltou quando Madame Anay foi mais uma vez condecorada por sua inteligência e ousadia. – Enfrentar nós, os ciganos, é um ato de muita bravura. – Disse Milton Mind ao aplaudir o robô gigante criado pela inventora.

Mas nenhuma medalha deixou a mulher mais feliz do que o reencontro com o ComputAtor. O sensacional respondedor de perguntas finalmente voltou ao seu

lugar, sua tela azul finíssima. E ali, surpreendendo até mesmo sua criadora, passou a responder aos curiosos que insistiam em perguntar sobre o poder de influência da Música e os dias terríveis que o IA havia sido escravo dos Reis Mortos.

Madame Anay se emocionava a cada frase do ComputAtor, como uma mãe em uma apresentação de colégio de seu filho.

E a emoção aumentava.

Milton Mind voltou a pedir a palavra.

De mãos dada a sua filha, Miranda Mind, e segurando as lágrimas que insistiram em aparecer, o chanceler anunciou o mais fantástico monumento da cidade: uma homenagem ao herói Maxximus.

Naquele instante, cada cigano de Falahcia sentiu a dor da perda de um filho. Seja ele um vendedor das ruas, um bêbado, um mendigo ou um conselheiro nobre. Estivesse ele ao lado de Milton ou a quadras de distância. Fosse o cigano que fosse, todos haviam perdido um filho, o primeiro-filho de Falahcia agora estava de volta à Origem.

E a tristeza também é capaz de ser edificante.

Das ruas de Falahcia, pássaros imensos alçaram voos levando consigo flâmulas com as cores da cidade.

Pelos braços dos ciganos mais robustos, uma imensa estátua foi erguida no centro da cidade. A medida que o gigantesco lençol era retirado, a multidão se emocionava. A estátua era idêntica ao jovem de rosto bonito, sorriso branco, olhos desafiadores e vestes cravejadas em joias. Ali estava uma gigantesca homenagem àquele que impediu a derrota completa da Aliança Maior. Aos pés da estátua, uma frase entre aspas.

“Um dia eu ganho. No outro você perde.” – Primeiro-filho e herói dos ciganos, Maxximus Mind.

Em seguida, o próprio chanceler pediu a atenção. E pronunciou suas últimas palavras naquela tarde.

- Não quero falar de dor. Errei quando não ouvi meu filho. Quantas vezes ele tentou abrir meus olhos. Ele avisou sobre a influência negativa dos Reis

Mortos. Mas agora estamos livres.

A multidão aplaudiu. O chanceler continuou.

- E vocês conhecerão a história. É chegada a hora. Vamos ao espetáculo que trouxe todos nós até aqui. É hora de ouvir os detalhes desta aventura que atravessará gerações. Eu apresento a toda nação cigana, o novo bardo oficial de Falahcia, Zacharias Psy.

Kira e Binno nem imaginavam que Zac receberia aquela distinção.

E, pelo cara espantada de Zac, o jovem também foi surpreendido.

A nova namorada, Vick Vibbor agarrou seu pescoço e tacou um beijo constrangedor no rapaz.

A multidão aplaudiu aos gritos e assovios. Binno, Kira e Gabriah sorriram. Eles sabiam que aquele era o momento da realização de um sonho. Zac respirou fundo e fingiu naturalidade. Em seu coração haviam fogos de artifício.

O jovem arregalou seus olhos amarelos e fez um sinal pedindo silêncio.

Soltou a mão de Vick e caminhou com desenvoltura na marquise.

A multidão se calou.

- Agradeço imensamente a atenção de cada cigano nesta cidade. Mas, tenho certeza que vosso precioso tempo será amplamente valorizado. O que contarei aqui não é fofoca corriqueira, nem mesmo sensacionalismo barato. Discorrerei sobre fatos que estes olhos amarelos presenciaram.

Zac empolgava-se com as palavras e na multidão ninguém ousava piscar. A atenção era toda do mais jovem dos bardos.

- Falarei sobre os atos que presenciei, a aventura pela qual arrisquei a vida para testemunhar. Estive lá e hoje contarei tudo sobre o homem que um dia foi rei nesta cidade. Ele que já foi conhecido entre os ciganos como Heph, o Rei Imperador. Ele que realizou a maior das traições que já enfrentamos.

As palavras de Zac percorriam a multidão como o vento que passeia em um bosque. Todos silenciavam e apreciavam. As emoções de cada frase faziam saltitar cada um dos corações na multidão. Com floreios e incrível habilidade, Zac falava de injustiças, de batalhas, de perseverança, de amizade e família. Zac não poupava nomes, nem fatos. Binno, Kira, Spike, Megazila, Maxx, todos estavam nas palavras de Zac. E, a partir daquelas frases, deixavam de ser apenas pessoas. Tornavam-se heróis eternos.

Enquanto ouvia a tudo, espantado como se não conhecesse a história, Binno deixava seus pensamentos viajarem.

De repente, se pegou olhando a frase aos pés da estátua de Maxx Mind.

- “Um dia eu ganho. No outro você perde.” Sempre achei esta frase estúpida. – Binno falou para si mesmo.

Kira estava perto e ouviu o desabafo do garoto. Ela apenas perguntou.

- Ele falou em mim?

Binno detestaria dizer tudo o que Maxx havia falado. Eram pensamentos malucos da cabeça de um louco apaixonado pela vida. Binno devia contar tudo, devia isso ao Maxx. Mas, não teve forças.

- Ele disse alguma coisa sobre morrer por você... – O garoto tossiu, nervosamente. - ..por vocês todos que são meus súditos... Sabe como ele era, estava sempre se exibindo.

Os olhos castanhos de Kira passearam pela imensa estátua erguida sobre a praça de Falahcia

- Ele era divertido.

Binno quis dizer que também gostava de Maxx, mas se sentiu incapaz de admitir.

- Eu acho que ele era mais parecido com uma piada que ninguém entendia.

- Eu entendia - Kira baixou a cabeça. – Desculpa, preciso sair daqui. Kira desceu da marquise, tão triste quanto no dia que soube de tudo que havia acontecido.

Binno ficou em silêncio.

O, agora Graduado, Megazila Mimm se aproximou.

- Ela ainda precisa de mais tempo. Foi um período difícil.

- Eu sei. – Binno falou tão baixo que sua voz quase não saiu da boca.

- E o que você achou da nova roupa prateada?

- Gostei. – Binno sorriu, olhando outra vez para a roupa que segurava embaixo do braço. – É a roupa mais incrível que já tive.

- Eu também teria gostado. – Megazila estava bem decepcionado. – Se

esses idiotas tivessem entendido que sou um mimm e não um polegar.

Megazila esticou a roupa para Binno ver. Parecia uma roupa para soldadinhos plásticos, como o máximo cinco centímetros de altura. Era ridiculamente pequena, mesmo para um mimm.

- Não tenho a menor ideia de como vou fazer para usar isso. – Lamentou o príncipe.

Binno teve que morder os lábios para segurar a risada. Lastimou pelo amigo, mas não havia como negar. Aquela situação era hilária.

A voz de Zac continuava a narrar feitos simples como verdadeiros atos de heroísmo. Embalada pela emoções, a multidão espantava-se, ria, se assustava e até chorava diante da história ali contada.

Aplausos e assovios preenchiam cada vírgula na história de Zac.

E assim, aquela tarde se tornou o maior espetáculo já acontecido em Falahcia.

# CAPÍTULO 36
# Dias de resistência.

A guerra dividiu o mundo ao meio.

O Grande Céu ainda pertence à Aliança.

Mas, no maior dos territórios, sob as águas de oceanos ácidos, no Grande Oceano, o domínio era do Império.

A Aliança tem poucas esperanças.

Hefesto está mais forte e sua vitória é iminente. Em breve, a Aliança sucumbirá. E a Mão Negra do Império controlará a Existência.

Porém, antes disso, acontecerão os dias de resistência.

Spike Spy finalmente deixou pra lá seus hábitos fora-da-lei. Foi enviado ao Grande Oceano para descobrir aliados que precisem de ajuda e toda sorte de informação útil à Aliança. Até um novo cargo foi criado para ele. A partir daquela data, o pirata Spike Spy se tornou oficialmente um corsário-espião de carreira.

Antes de apertar a mão do Doutor Negro, Spike mencionou sua condição para aceitar tal oferta. Toda prata encontrada por ares e mares sem dono legítimo seria considerada posse do corsário.

E, foi assim, num forte aperto entre a mão mecânica de Spike e os pesados dedos de Orion, que a negociação se concretizou.

Faceiro, Spike Spy soube que outra vez receberia seu submarino por direito. O Zum Voador estaria a sua disposição na cidade vizinha. Mas desta vez, o exímio piloto não estaria sozinho. Partiria rumo a suas missões, acompanhado do mais famoso bardo da Grande Existência, Zacharias Psy e a jovem compositora genial, Anja Psy.

O Cascudóptero estava pronto para levar a família Psy até o Oceano.

Binno, Kira, Gabriah, Miranda e Orion também foram até a estação de embarque para se despedir do pirata e seus filhos. Vick Vibbor não apareceu. Pelo jeito, o namoro com Zac não tinha dado muito certo.

Todos na estação acenaram a distancia, antes que a família entrasse no Cascudóptero.

- Apreciem. Esta é a última vez que me veem na carona. – Gritou Spike, ansioso para rever seu submarino de prata. – Logo a Grande Existência comentará: o sagaz piloto do submarino de prata está de volta.

Zac também já estava dentro do Cascudóptero quando gritou:

- Não chore por mim, Kira. Existem outros caras no mundo. Menos bonitos que eu, é verdade. Mas você vai se acostumar. – Zac beijou seu próprio bíceps e piscou um dos olhos amarelos.

Kira fechou os olhos, como se assim pudesse evitar aquela bobagem.

Indiferente à despedida, Barba acelerou o Cascudóptero. Em segundos, a família Psy estava distante dos olhos de todos em Falahcia.

Com o braço direito, Orion puxou Binno, Kira e Gabriah. Oferecendo um abraço de único braço aos três amigos, ao mesmo tempo. Miranda apenas observou.

- Acho que essa família vai viver tantas histórias, que o Zac terá que fazer apresentações extras. – Disse a primeira-filha cigana.

- Eles ficarão bem. – Resmungou Orion. – Ninguém conhece as águas do Grande Oceano como este velho pirata. Estarão em segurança.

- A gente espera que sim. – Kira segurou a mão de Orion.

- Tio, - Disse Binno, se afastando do abraço pesado e procurando um lugar para sentar, naquela fria estação sem bancos. – Acho que agora você pode explicar o que já perguntei um milhão de vezes.

- Você quer saber o que eu e Ítalo tínhamos combinado?

- Sim. – Gabriah se intrometeu na conversa. – O que o Ítalo estava fazendo no Vale dos Devaneios?

- Tudo bem, - o Doutor Orion sentou no chão, sem cerimônias. – Vou contar.

Os garotos copiaram Orion e também sentaram no chão.

Kira e Miranda continuaram de pé.

- Nós tínhamos um plano. – Orion explicou. – A gente sabia que precisava eliminar a Música para impedir o avanço de Xenon. Nós desconfiávamos que a vantagem dos Renegados estava de alguma forma ligada aos seus Generais, mas era impossível saber a verdade sem que alguém entrasse no Vale dos Devaneios. Ítalo sabia que seria impossível se livrar de tanto veneno. Então, ofereceu sua consciência para entrar no Vale. Ele não pretendia sair de lá, por isso não precisaria do código.

- Disso, eu já sabia disso. – Kira respirou fundo.

Miranda passou um braço sobre os ombros da garota. - Sim. Ítalo fez questão de contar tudo para sua filha, quando já estava próximo da morte. Ele respeitava e amava muito você. E, na Origem, ele ainda ama você, tenho certeza.

Kira não respondeu, apenas olhou para o céu.

Orion voltou à história. – Acredito que a Música tenha fugido de Ítalo.

Nenhum arquivo de computador ia querer enfrentar o Doutor Branco. Depois que Maxx derrubou a Música, Ítalo usou todo seu conhecimento para ajudar Binno no resgate de Kira. Ele conhecia jogos dos Reis Mortos. Por isso, esperou a última regra ser dita antes de entrar em ação.

Depois de um curto silêncio, Gabriah se manifestou:

- Então o Doutor Ítalo foi até lá para destruir a Música. Mas Maxx Mind fez o serviço antes. Foi pura sorte ele ajudar Binno e Kira?

Orion confirmou com um movimento de cabeça.

Houve outro silêncio. Desta vez mais pesado. O nome de Maxx havia feito Miranda pensar outra vez no irmão perdido. Ela começou a falar.

- Maxx havia roubado o Plug D`Além de nosso pai. Ele escondeu o plug no Cascudóptero e não contou para ninguém. Era o único jeito que a gente conhecia para chegar ao Vale dos Devaneios. Ainda estávamos fugindo da guarda cigana quando Maxx conectou. Eu não pude fazer nada. – Miranda apertou os olhos, impedindo as lágrimas. – No Vale, aconteceu a história que todos conhecem. Mas apenas eu estava ao lado do corpo conectado de meu irmão. Eu tinha esperanças que Maxx voltaria. E isso nunca aconteceu. Quando abriu os olhos eu sabia que não era mais meu irmão quem estava ali. Era o Rei Morto. Ele me derrubou e fugiu.

Orion, Gabriah, Kira e Binno continuavam quietos. Miranda falou para si mesma.

- Se ao menos houvesse um jeito da consciência de Maxx escapar. Se houvesse uma conexão com aquela porta...

Orion se levantou. E sua imensa sombra se espalhou pela plataforma.

- Este não é o tipo de esperança que fará bem para você, Miranda. Seu irmão foi um herói e devemos lembrar-nos dele assim.

Gabriah levantou num pulo.

- Vamos voltar para o Castelo Cigano?

Orion não respondeu. Apenas sorriu.

Binno ficou olhando para Orion, tentando interpretar aquele sorriso.

- Nós não vamos voltar?

Orion balançou a cabeça, negativamente.

Estranhamente, o Cascudóptero estacionou outra vez na estação de embarque. O Barba ainda era o piloto, mas os passageiros haviam mudado.

Ao invés do pirata e seus filhos, dentro do Cascudóptero estava madame Anay, devidamente acompanhada de seu ComputAtor e o mimm, Megazila.

- Tomei a liberdade de colocar as malas de vocês no bagageiro. - O pequenino príncipe vestia a roupa prateada dos Graduados da Aliança, nitidamente apertada. - Não se preocupem com mais nada. Estão prontos para a viagem?

Binno e Kira não entenderam o que estava acontecendo.

Gabriah, muito menos.

- Ma-ma-mas como ele chegou... Ele saiu... E chegou...

- Deixei o pirata na cidade ao lado. - Foi o próprio Barba quem explicou. – E já peguei estes dois. Ás vezes até eu me surpreendo com a minha velocidade. Agora venha até aqui garoto loiro, ouvi dizer que você é muito bom em jogos eletrônicos. Tenho certeza que também vai se dar muito bem guiando o Cascudóptero.

Gabriah ainda estava atônito. Mas obedeceu o cigano barbudo. Ali, em minutos, o Barba explicou para que servia cada uma das centenas de alavancas,

luzes e botões naquela máquina. Sem saber o porquê, Gabriah tratou de prestar muito atenção.

E foi assim que Binno foi informado que acabara de receber sua primeira missão como Graduado da Aliança. Ele e Megazila teriam que acompanhar o Doutor Orion em uma viagem de destino ainda não revelado. Kira e madame Anay também foram convocadas.

- Não viajo mais sem todo conhecimento de madame Anay ao meu lado. E, você sabe princesinha, seu pai ia querer que você ficasse sob meus cuidados. – Disse Orion, já se ajeitando nas apertadas poltronas do Cascudóptero.

Kira sentou ao lado de madame Anay, sem reclamar.

E assim rumaram em direção a um destino desconhecido.

Gabriah ainda não acreditava que tinha sido incluído na missão de um Doutor, assim, sem qualquer cerimônia. E pela falta de jeito do piloto, a viagem acabou sendo muito mais lenta que deveria.

Partiram.

As horas passaram. E o sono foi derrubando um a um dos passageiros.

Binno foi até a cabine fazer companhia para o único acordado, Gabriah.

- Eu estava aqui pensando... – O jovem piloto não parecia preocupado com a nova experiência. - Lembra o pendrive que você conectou para resgatar a mulher do Juiz? Parece bobagem da minha cabeça. Mas o primeiro-filho cigano podia ter fugido para lá, depois de pular na porta escura. Será que não deveríamos dar uma olhada naquele pendrive.

- Eu também pensei nisso. Já olhei. O pendrive estava vazio. Por isso, destruí aquele negócio.

Binno colocou a mão no bolso, como se quisesse se certificar que algo estava lá. Em seguida mudou de assunto:

- Ainda não acredito que você aprendeu a pilotar o Cascudóptero.

- É bem mais fácil que parece. É só ligar esse botão que diz “piloto automático”.

Binno quis sorrir, mas uma terrível dor invadiu sua cabeça.

A luz sumiu. E tudo se tornou escuridão.

Apagou.

O vento gelado às costas fez o garoto pensar que estava onde deviam estar os mortos.

Aos poucos a escuridão foi revelando um salão. Não havia nada naquele salão, além de paredes negras e um homem com vestes igualmente escuras.

Binno reconheceu aquele rosto.

Era o homem que Binno jamais viu pessoalmente, mesmo assim conhecia muito bem. Um rosto adulto, marcado de tempo e ódio. O rosto que estava nos reflexos de seus piores pesadelos. O rosto do Original de Binno. O verdadeiro rosto de Hefesto Xenon.

Que lugar é esse? – Binno procurava uma saída.

- É sua cabeça, garoto estúpido. Simplesmente, estou na sua cabeça. Agora me diga, é ruim o sabor da derrota? – Hefesto caminhava com passos lentos às voltas do garoto.

- Não fomos derrotados. – Binno manteve o olhar fixo nos olhos negros de Hefesto. – Ainda estamos lutando.

- Lutando? – Hefesto conteve o riso. - Vocês estão fugindo, OXZ. Eu dei uma chance a você. Sabe que tudo é um jogo de poder. A Aliança quer continuar no comando do mundo. Sou o único que pode libertar o mundo destes Doutores prepotentes. Mas, sem qualquer motivo, você permanece fiel a esta Aliança derrotada.

Binno não respondeu. Baixou a cabeça.

O homem rompeu o silêncio.

É a garota. – Hefesto riu, ironicamente. – Você está enfrentando seu Original porque existe uma garota, a filha do mais honrado inimigo que já tive, é por ela que continuas ao lado dos Doutores?

Binno não soube o que dizer. Nem mesmo tinha uma resposta para aquela pergunta.

- A adolescência é mesmo ridícula. - Hefesto percebeu a confusão do garoto. - Vai manter o orgulho e arriscar a vida de seus amigos? Sabe que não pouparei nenhum de vocês assim que descobrir onde estão.

- Eu nunca vou deixar você encostar na Kira. – Binno se encheu de raiva.

- Desde quando consegue proteger alguém garoto? – Hefesto mantinha o riso irônico. - Você quase a perdeu para o primeiro-filho cigano. Foi um golpe de

sorte a morte dele. Não acha? Maxx Mind, filho de Milton, jamais deixaria a garota para você. Ele, sim, era seu inimigo.

- Maxx foi um herói. Respeite sua memória.

- Heróis são esquecidos. Este garoto logo será uma vaga lembrança. Até mesmo a menina esquecerá. Concorda?

- Já chega. O que quer de mim?

- Você foi criado para servir ao meu império. Apenas cumpra seu objetivo. Se fizer isso, pouparei seus amigos. Não haverão guerras, não haverão conflitos. Todos ficarão felizes sob o meu comando. O nosso comando. Você estará no centro do universo, Binno OXZ. Você será um herói de verdade. Não um herói morto. Não é isso que você quer? Salvar todos?

- Só quero paz.

- Eu sou a paz. Diga para onde estão indo. Eu pouparei a garota, tem minha palavra. Juntos construiremos a verdadeira paz. Apenas diga para onde estão indo.

Binno fechou os olhos. Se concentrou o máximo que pode, não queria mais ver aquele rosto, o rosto do espelho.

- *Para onde estão indo?* – A voz de Hefesto gritou na mente de Binno.

Binno ignorou o grito.

Precisava acordar.

Acordou.

O garoto abriu os olhos.

Outra vez havia luz.

Binno voltava a si.

Estava outra vez na cabine de pilotagem do Cascudóptero. Suava frio. Gabriah ajudou Binno a levantar. Segurou seus braços, para que não caísse outra vez.

- Ele está na sua cabeça, não está? – Gabriah tinha a expressão séria.

- Para onde estamos indo? – Binno perguntou assim que recuperou o equilíbrio.

Gabriah ignorou a pergunta. Falou num tom baixo.

- Eu sei o que acontece quando um Original entra na sua cabeça. De algum jeito ele faz você acreditar que a coisa certa é obedecer suas ordens. Mas...

- Para onde estamos indo? – Binno não controlou a voz.

Gabriah ignorou outra vez a pergunta.

- O Original ordena e você sente como se fosse a sua própria cabeça pedindo algo. É como ter sede, você simplesmente tem vontade de beber água... É difícil de explicar, mas outra pessoa coloca essa sede em você....

- Quieto Gabriah. – Irritado, Binno segurou o amigo. – Diz logo, para onde a gente está indo.

Gabriah afastou a mão de Binno de seu braço.

- Agora eu sei por que disseram para eu pilotar o Cascudóptero. Só eu saberia quando o Original estaria na sua cabeça. Agora vá descansar Binno. Não vou dizer nada.

Binno saiu da cabine. Irritado.

Respirando com força, voltou à sua poltrona.

Cansados, todos continuavam dormindo. Até o ComputAtor roncava alto, recarregando as baterias.

Binno tentou ficar calmo, mas a voz terrível voltou à sua cabeça.

- Revele-se para mim, minha cópia mais perfeita. Revele-se.

Com calma, Binno tirou um objeto do bolso. Era um pendrive. O pendrive que o Juiz entregou para o garoto. O pendrive que estava conectado durante todo o tempo que estiveram no Vale dos Devaneios. O pendrive para onde Maxx Mind podia ter fugido depois de passar pela porta negra.

Brincou com o pendrive que tinha nas mãos.

Outra vez, ouviu a voz na sua cabeça. – Revele-se, Binno OXZ.

Binno pressionou o pendrive com tanta força que o objeto se espatifou.

Kira se mexeu na poltrona, assustada em um pesadelo. Depois, voltou a se acalmar.

- Está feito. – Disse Binno, para si mesmo.

O pendrive estava destruído. Qualquer registro que houvesse naquele objeto também estava extinto.

Uma gargalhada ecoou na cabeça do garoto. - O mundo conhecerá seu lado maligno, Binno OXZ. - Era seu Original quem comemorava o feito.

Um leve sorriso se desenhou no rosto do garoto.

Adormeceu.

# ANEXO 1

# Guia Universo OXZ

**Livros 1 | Água ; Livro 2 | Vento**

(((( SPOILER ALERT ))))

CONSULTE DEPOIS DE LER O LIVRO 2



## Principais Personagens

### Clã de Prata (livro 1 e 2)

Binno OXZ

Kira Bella (acompanhada de seu cãodróide Ewó)

Megazila Mimm

Madame Anay Cy-ficcion (acompanhada de IA ComputAtor)

Spike Spy

Graduado Orion Sirineu

Gabriel Obé (era o melhor amigo de Binno, até que...)

(Livros 1 e 2)

### Colapso Psy (livro 2)

Anja Psy

Zac Psy

### Utoppy

A chamada “cidade que sobreviveu”, quente como um dia de verão sem arcondicionado e chata como um domingo na TV aberta. Foi lá que Binno cresceu e lá conheceu alguns personagens que adoraria esquecer.

**IA Big Mãe**, software com personalidade de tia com TPM

**Senhora Valquíria**, diretora do Internato para Cópias

**Gabriel Shwartz**, colega de internato de Binno

**Patrick Shwartz**, governador de Utoppy

**Eliah Well**, puxa-sacos oficial

Motorista **Yvan**

## O CÍRCULO DOS DOUTORES

São sete os seres mais poderosos da Existência. Quando um Doutor deixa o círculo, seja por idade ou falecimento, cabe aos outros Doutores escolher o novo integrante.

Doutor **Ítalo Bella**, o sábio - também conhecido com Doutor Branco (livros 1 e 2)

Doutora **Aná Raw**, a guerreira (livros 1 e 2)

Doutor **Oblax Zoop**, o talentoso (livro 1)

Doutora **Synara Vibbor**, a minuciosa (livros 1, 2)

Doutora **Tol Ken**, o corajoso (livros 1, 2)

Doutor **Drag Lobbo**, o sensitivo – também conhecido com Doutor Sangue (livros 1, 2 )

Doutor **Kounah Onícolo**, o gigante (livros 1, 2)

Doutor **Orion Sirineu**, o incansável - também conhecido com Doutor Negro (livro 2)

## EX-DOUTORES MENCIONADOS ATÉ AQUI

**Xan-T,** deixou o círculo para congelar-se até transferir-se para a

Esfera Paraíso.

**Juiz Orpheu**, deixou o comando da Aliança para dedicar-se à justiça.

## MESTRES

Segundo nível da hierarquia da Aliança.

Mestre **Troy Judá,** o mais famoso dos Mestres

## OUTROS MESTRES MENCIONADOS NOS LIVROS

Mestra **Jane Bella**, mãe de Kira, falecida

Mestra **Liége Sirineu**, mãe de Binno, falecida

ex-Mestre **Hefesto Xenon**, líder dos rebelados, maior inimigo da Aliança.

## GRADUADOS

É o nível básico na Aliança. Este é um lugar para jovens promessas para futuras lideranças.

**Orion Sirineu,** o incansável. (livro 1)

**Kuraj Onícolo,** filho do Doutor Kounah Onícolo. (livro 2)

**Binno OXZ** (livro 2)

**Megazila Mimm,** príncipe do povo mimm (livro 2)

## OUTROS GRADUADOS DO PASSADO MENCIONADOS NOS LIVROS

**ex-Graduada Madame Anay Cy-Ficction**, abandonou a carreira Maior para dedicar-se ao Saber Espacial. (livros 1 e 2)

**ex-Graduado Engenheiro Luccas**, gênio tecnológico que vendeu seus talentos em favor da causa dos rebelados. (livro 1)

### A Trupe dos Absurdos (livro 2)

**Miranda Mind**, a Sinistra (filha de Milton Mind, o Chanceler)

**Barry Cenna**, o Barba

**Pan Psy**, o Pança

**Vivian View**, a Vidente 10”

**Zac Psy**, o aprendiz de bardo (ele não gosta muito, mas sim, é membro da trupe)

### No Pré-Maior

### Instrutores em Falahcia (Livro 2)

Anay Cy-ficcion – Saber Espacial

Amadeus Hotred – Saber Musical

Troy Judá – Saber Verbal

Miranda Mind – Saber Intuitivo

Cybele Síria – Saber Físico

Maxx Mind – Saber Lógico

**Instrutores no curso online (Livro 1)**

Anay Cy-ficcion – Saber Espacial

Amadeus Hotred – Saber Musical

Oswald de Assis – Saber Verbal

Mayaa Letal – Saber Intuitivo

Nyx Calypso – Saber Físico

Supraleon Mimm – Saber Lógico

**Os Reis Mortos (Livro 2)**

Aleph, o Rei Jogador

Joseph, o Rei Criativo

Olaph, o Rei Invencível

Heph, o Rei Imperativo

**Família Real Cigana (Livro 2)**

Milton Mind, chanceler

Maxx Mind, primeiro-filho

Miranda Mind, primeira-filha

Brobabov e Brobaboa, capatazes brutamontes

**Felíndios (Livro 2)** (povo criador de Falahcia que vive clandestinamente nos túneis ocultos da cidade)

O velho

A loira

O rapaz cabeludo

Tupi, o gato (mascote e líder espiritual dos felíndios).

Cybele Síria, a princesa felíndia

## A política

**A Aliança Maior** (Livros 1 e 2)

*É a organização política da Grande Existência. Atua sob o comando e as vontades do Círculo dos Doutores.*

**O Império Enguia** (Livros 1 e 2)

*É o antigo Império que antecedeu a aliança dos povos. Este modelo evoca a existência de um Imperador, que promete liberdade àqueles que se sentem oprimidos pela política atual. Um exército de rebelados ocultos trabalha para alçar outra vez o Império Enguia ao poder, sob o comando de Xenon, o líder rebelado.*

**Os rebelados**

*Todos aqueles que apoiam a causa de Hefesto. Seja por não concordar com as políticas dos Doutores, seja por almejar conquistas prometidas pelo Imperador. Agem de forma sorrateira, poucos são declaradamente rebelados. Daí a dificuldade de combater este inimigo que age dentro das instituições da Aliança Maior.*

**A Mão Negra do Império** (Livro 2)

*Símbolo da força e da firmeza do Imperador Hefesto Xenon, é um termo utilizado para determinar a nova lei nos territórios já conquistados pelo Império.*

**Alguns colegas do curso pré-Maior:**

**Vick Vibbor**, filha da Doutora Synara Vibbor (Livros 1 e 2)

**Adam Bizarro,** rapaz pálido e desengonçado. (Livro 1)

**Quimera Nazi**, uma menina forte e boa de briga. (Livro 1)

**Wilson**, o dono do hálito mais podre do Grande Céu. (Livro 2)

**Zac Psy**, aspirante a bardo, repetente que tem idade para ser instrutor. (Livro 2)

**Gabriah Obé**, garoto das cidades das Palafitas (Clone de Gabriel Shwartz e Doutor Oblax Zoop) (Livro 1)

**Kira Bella**, filha de Ítalo Bella, exímia patinadora Vibbor (Livros 1 e 2)

**Megazila Mimm**, príncipe do povo mimm, nerd (Livro 1)

**Cenários Físicos**

GRANDE OCEANO (Livros 1 e 2)

**Cidade Original**

**Palácio Da Aliança Maior**

Arena de Shockey

Corredores brancos

Quarto do Binno

Sala do Diretor Troy Judá

Sala dos Doutores

Círculo Original

**Cidade das Palafitas**

GRANDE CÉU (Livro 2)

**Falahcia**

**Feira Cigana**

**Taverna do Xarope**

**Castelo Cigano**

Túneis dos Felíndios

Biblioteca do Castelo

Plug D’Além

**Arena de Sumóxe**

**Aquóhyō**

É o espaço das lutas eternas. Dele, somente um atleta pode sair com vida.

**Cenários Virtuais**

Círculo Original (A internet mimm) (Livro 1)

Arena da Enguia (Livro 1)

Esfera Paraíso (Livros 1)

Esfera de Hades (Livros 1 e 2)

Rave Cigana (Livro 2)

Vale dos Devaneios (Livro 2)

Curso pré-Maior (Livro 1)

**Veículos**

Flutueiras (Livros 1 e 2)

Subtáxi (Livro 1)

Zum Voador (Livro 1)

Polvotrom (Livros 1 e 2)

Cascudóptero (Livro 2)

# TERCEIRO E ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE :


FÁBIO HENCKEL
NO
E O CAOS
LIVRO MAGMA

**Continue acompanhando as novidades do Universo OXZ**

**www.oxz.com.br**

**@fabiohenckel**

**;)**